

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA  
NÍVEL DOUTORADO**

**JÚLIA KLEIN CALDAS**

**DISCURSO GOVERNAMENTAL NO TWITTER/X:  
a instalação da polêmica sobre covid-19, Amazônia e povos indígenas durante  
o primeiro ano de pandemia no Brasil**

**São Leopoldo**

**2024**

JÚLIA KLEIN CALDAS

**DISCURSO GOVERNAMENTAL NO TWITTER/X:  
a instalação da polêmica sobre covid-19, Amazônia e povos indígenas durante  
o primeiro ano de pandemia no Brasil**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Eduarda Giering

São Leopoldo

2024

JÚLIA KLEIN CALDAS

**"DISCURSO GOVERNAMENTAL NO TWITTER/X: A INSTALAÇÃO DA  
POLÊMICA SOBRE COVID-19, AMAZÔNIA E POVOS INDÍGENAS DURANTE O  
PRIMEIRO ANO DE PANDEMIA NO BRASIL"**

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor, pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Linguística Aplicada da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

**APROVADA EM 28 DE OUTUBRO DE 2024**

**BANCA EXAMINADORA**

**PROF. DR. ROBERTO LEISER BARONAS - UFSCAR  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. CAIO CESAR COSTA RIBEIRO MIRA - UNICAMP  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. DOROTEA FRANK KERSCH - UNISINOS  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



Documento assinado digitalmente  
MARIA EDUARDA GIERING  
DATA: 28/10/2024 10:12:09-0300  
verifique em <https://validar.br.gov.br>

---

**PROFA. DRA. MARIA EDUARDA GIERING - UNISINOS  
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

C145d Caldas, Júlia Klein.  
Discurso governamental no Twitter/X : a instalação da polêmica sobre o covid-19, Amazônia e povos indígenas durante o primeiro ano de pandemia no Brasil / Júlia Klein Caldas. – 2024.  
219 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2024.  
“Orientadora: Profa. Dra. Maria Eduarda Giering”

1. Análise do discurso digital. 2. Pandemia. 3. Polêmica.  
4. Twitter/X. 5. Bolsonaro, Jair, 1955 -- Governo. I. Título.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

### **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## AGRADECIMENTOS

Difícil demonstrar em poucas linhas minha gratidão pelo encerramento deste ciclo. Ao todo, foram seis anos de pós-graduação na [#LinguísticaAplicada](#), desde meu ingresso no mestrado, em 2018. Para uma jornalista formada há mais de 10 anos e em plena atividade no mundo corporativo, retornar para a universidade foi um desafio e tanto. Serei sempre grata à LA por todo o conhecimento proporcionado pelos estudos de linguagem e por me tornar uma profissional mais crítica, qualificada e atenta. Especialmente à [#AnáliseDoDiscurso](#), minha eterna [#gratidão](#) por mudar meu olhar para questões diversas da vida.

Falando em discurso, preciso agradecer à querida professora [#MariaEduarda](#), por me receber no [#CCELD](#), pela simplicidade, profissionalismo, pelas orientações e dedicação, sempre trazendo novas leituras e autores para os estudos do grupo. Tenho muito [#orgulho](#) em ser orientada por ela e por compartilharmos dos mesmos ideais sobre o convívio com a natureza, a preservação do meio ambiente e o conhecimento ancestral.

Este doutorado não seria possível sem o apoio financeiro da [#Capes](#). Reforço aqui meu profundo agradecimento pela concessão de [#BolsaIntegral](#) durante toda a minha pós-graduação. O fomento à ciência e à pesquisa é fundamental para o desenvolvimento e soberania de qualquer país. Aproveito também para agradecer imensamente ao [#GovernoLula](#) por conceder a prorrogação da defesa e da bolsa pela calamidade pública das enchentes no Rio Grande do Sul.

À [#banca](#) de avaliação desta tese, representada pela professora Júlia Lourenço e pelos professores Caio Ribeiro Mira e Roberto Baronas, minha imensa [#gratidão](#) pelas importantes contribuições durante a qualificação da pesquisa, que possibilitaram o aprimoramento do trabalho. Também sou muito grata à professora Dorotea Kersch por aceitar o convite para participar deste momento tão significativo que é a defesa da tese.

Ao meu marido [#Bruno](#), meu [#ParceiroDeVida](#), pelo companheirismo, pelas inúmeras vezes em que leu as mesmas partes da tese só para ver se havia sentido, pelo estímulo e, claro, por fazer os maravilhosos [#sanduíches](#) que me acompanharam em frente à tela do computador por tantas noites de escrita.

Um outro agradecimento especial e muito importante nesta etapa é para alguém que nunca irá ler estas palavras, mas que pode sentir todo o meu amor,

carinho e reconhecimento por fazer parte da minha vida: minha cachorrinha [#Mafalda](#), o melhor “serumaninho” que já cruzou o meu caminho. Minha [#companheira](#) de escrita, de descanso, de incertezas e de alegrias. [#Parceirinha](#) de todos os momentos, obrigada por tanto.

À minha família, especialmente à minha [#mãe](#), obrigada por tudo, pela força que sempre representou, pelo suporte e compreensão pelas ausências. Agora, finalmente, chegou o momento em que o “[#FaltaMuitoPraTerminar?](#)” pode ser respondido. Ao meu pai de coração (em memória), por ter apostado em mim e ao meu pai que o universo escolheu, obrigada por acreditar e estar junto comigo nessa etapa.

Sou também eternamente agradecida pela amizade da querida [#Dieila](#), que de colega do CCELD se transformou em uma parceira para toda a vida. Acompanhar a CPI da covid pela TV e pelo Twitter não teria sido a mesma coisa sem ela. Além, é claro, das conversas depois das aulas e reuniões, almoços, cafés, viagens de pesquisa, desabafos virtuais... minha [#dupla](#) daqui pra sempre.

Um salve também às [#amigas](#) e [#amigos](#) que acompanharam essa jornada e que participaram, de uma forma ou de outra, desse processo – muitas vezes com palavras de incentivo e ânimo. À querida [#Priscila](#), por todo o apoio e pelas conversas que sempre me ajudaram muito!

Um agradecimento carinhoso também às professoras e colegas do [#GrupoLer](#), pelos aprendizados, pelo [#compromisso](#) e esforço coletivo pela popularização da ciência.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, ([#PPGLA](#)) da Unisinos, por acreditar nas minhas propostas de pesquisa e pela formação de altíssimo nível que as [#professoras](#) e os [#professores](#) sempre ofereceram. Aproveito para fazer um agradecimento especial à querida [#Mayara](#), da secretaria do curso, por sempre estar disponível e pelo apoio no que fosse preciso.

Aos colegas do grupo de pesquisa Comunicação da Ciência: Estudos Linguísticos e Discursivos ([#CCELD](#)), agradeço pela parceria e pelas trocas proporcionadas em nossos encontros.

À querida professora [#Eula](#) Cabral, por me receber no EPCC e me incluir nas atividades do grupo.

Esta seção também reverencia quem foi [#resistência](#) contra o [#DesgovernoGenocida](#) que comandou o país durante a pandemia. [#FORABOLSONARO](#) ontem, hoje e sempre.

Àquelas e aqueles que estiveram e aos que ainda seguem na linha de frente pela sobrevivência das [#florestas](#), dos [#PovosOriginários](#) e de seus [#Territórios](#). Todo o nosso reconhecimento a tantas e tantos que foram covardemente assassinados por quem sustenta o crime ambiental e indígena no Brasil.

À todas e todos que lutam pela [#democracia](#), pelos [#DireitosHumanos](#), pela preservação dos [#biomas](#) e dos [#PovosDaFloresta](#). Seguimos!

*“A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a covid-19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos”.*

*(Ailton Krenak, 2020a)*

## RESUMO

Desde o começo da pandemia de covid-19 no Brasil, maior crise sanitária deste século, nos deparamos com a divulgação de notícias falsas e polêmicas sobre a doença e outros temas sensíveis ao país naquele período, como medidas de combate ao vírus, proteção dos povos indígenas, vacinação, os altos níveis de desmatamento da Amazônia, entre outros. Em muitos casos, a produção de discursos polêmicos a respeito dessas temáticas partiu do próprio governo federal, sob o comando de Jair Messias Bolsonaro. As redes sociais desempenharam um papel de destaque na difusão desses conteúdos, sobretudo o Twitter/X, que possui forte presença de políticos e autoridades, sendo palco de debates públicos e confrontos virtuais. Ante essa realidade, é objetivo desta pesquisa investigar marcas da argumentação polêmica nos discursos governamentais de Jair Bolsonaro e do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, sobre covid-19, Amazônia e povos indígenas, publicados no Twitter/X durante o primeiro ano de pandemia do coronavírus no Brasil (de 11 de março de 2020 a 11 de março de 2021), bem como evidenciar os recursos tecnodiscursivos mobilizados por eles para se enunciar, enquanto personalidades políticas, nessa rede social. Também nos interessa identificar e analisar as características do tuíte político e a constituição do *ethos* tecnodiscursivo de ambos os representantes, além de investigar tuítes que marcam contraposição a uma das manifestações governistas, favorável ao desmonte da legislação ambiental. Para respondermos a esses objetivos, em uma perspectiva ecológica e pós-dualista, baseamo-nos na Análise do Discurso Digital, proposta pela linguista Marie-Anne Paveau (2013a; 2013b; 2021), na polêmica como modalidade argumentativa, a partir dos pressupostos desenvolvidos por Amossy (2017), e na ressignificação tecnodiscursiva (Paveau, 2019a; 2019b) e (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021) como ferramenta digital de contestação e resposta a um enunciado afrontoso. Considerando o tuíte político como estratégia para compor um *ethos* tecnodiscursivo (Longhi, 2013), também propomos um diálogo com o *ethos* testado pela internet (Maingueneau, 2020) para identificar como se constituem as imagens dos representantes políticos em questão. A metodologia empregada na pesquisa consiste em uma análise qualitativa com base na noção de pequeno *corpus*, preconizada por Moirand (2020). Diante do exposto, este estudo conclui que os discursos polêmicos promovidos por Bolsonaro e Salles no Twitter/X revelaram posicionamentos abertamente anticientíficos e

negacionistas sobre os temas covid-19, Amazônia e povos indígenas. Também identificamos a manifestação de um *ethos* tecnodiscursivo marcado ideologicamente pelo conservadorismo e pelo pouco apreço às instituições públicas, conforme os representantes se pronunciaram publicamente favoráveis à exploração econômica das florestas e, ao mesmo tempo, contrários à preservação dos biomas e à manutenção das vidas indígenas.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Digital; polêmica; pandemia; governo Bolsonaro; Twitter/X.

## RESUMEN

Desde el inicio de la pandemia de covid-19 en Brasil, la mayor crisis sanitaria de este siglo, nos enfrentamos a la difusión de noticias falsas y polémicas sobre la enfermedad y otros temas sensibles para el país en ese momento, como las medidas para combatir el virus, protección de los pueblos indígenas, vacunación, altos niveles de deforestación en la Amazonía, entre otros. En muchos casos, la producción de discursos polémicos sobre estos temas provino del propio gobierno federal, bajo el mando de Jair Messias Bolsonaro. Las redes sociales jugaron un papel destacado en la difusión de estos contenidos, especialmente Twitter/X, que cuenta con una fuerte presencia de políticos y autoridades, siendo escenario de debates públicos y enfrentamientos virtuales. Ante esta realidad, el objetivo de esta investigación es investigar las marcas de argumentos polémicos en los discursos de gobierno de Jair Bolsonaro y del entonces Ministro de Medio Ambiente, Ricardo Salles, sobre el covid-19, la Amazonía y los pueblos indígenas, publicados en Twitter/ X, durante el primer año de la pandemia de coronavirus en Brasil (del 11 de marzo de 2020 al 11 de marzo de 2021), además de resaltar los recursos tecnodiscursivos movilizadas por ellos para pronunciarse, como personalidades políticas, en esta red social. También nos interesa identificar y analizar las características de los tuits políticos y la constitución del ethos tecno-discursivo de ambos representantes, además de investigar tuits que marcan una oposición a una de las manifestaciones del gobierno, a favor del desmantelamiento de la legislación ambiental. Para responder a estos objetivos, desde una perspectiva ecológica y pos dualista, nos basamos en el Análisis del Discurso Digital, propuesto por la lingüista Marie-Anne Paveau (2013a; 2013b; 2021), sobre la polémica como modalidad argumentativa, a partir de los supuestos desarrollados de Amossy (2017) y en la resignificación tecnodiscursiva (Paveau, 2019a; 2019b) y (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021) como herramienta digital para cuestionar y responder a una afirmación ofensiva. Considerando el tweet político como una estrategia para componer un ethos tecno-discursivo (Longhi, 2013), también proponemos un diálogo con el ethos probado por Internet (Maingueneau, 2020) para identificar cómo se constituyen las imágenes de los representantes políticos en cuestión. La metodología utilizada en la investigación consiste en un análisis cualitativo basado en la noción de pequeño corpus, recomendada por Moirand (2020).

En vista de lo anterior, este estudio concluye que los polémicos discursos promovidos por Bolsonaro y Salles, en Twitter/X, revelaron posiciones abiertamente anticientíficas y negacionistas sobre los temas del covid-19, la Amazonia y los pueblos indígenas. También identificamos la manifestación de un ethos tecno-discursivo ideológicamente marcado por el conservadurismo y el poco aprecio por las instituciones públicas, ya que los representantes se pronunciaron públicamente a favor de la explotación económica de los bosques y, al mismo tiempo, en contra de la preservación de los biomas y el mantenimiento de la vida indígena.

**Palabras clave:** Análisis del Discurso Digital; polémica; pandemia; gobierno Bolsonaro; Twitter/X.

## ABSTRACT

Since the beginning of the COVID-19 pandemic in Brazil, the biggest health crisis of this century, we have seen the spread of fake news and controversies about the disease and other sensitive issues in the country at that time, such as measures to combat the virus, protection of indigenous peoples, vaccination, high levels of deforestation in the Amazon, among others. In many cases, the production of controversial speeches about these issues came from the federal government itself, under the leadership of Jair Messias Bolsonaro. Social media played a prominent role in the dissemination of this content, especially Twitter/X, which has a strong presence of politicians and authorities, and is the stage for public debates and virtual confrontations. Given this reality, the objective of this research is to investigate the signs of controversial arguments in the government speeches of Jair Bolsonaro and the then Minister of the Environment, Ricardo Salles, about COVID-19, the Amazon, and indigenous peoples, posted on Twitter/X, during the first year of the coronavirus pandemic in Brazil (from March 11, 2020 to March 11, 2021), as well as to highlight the technodiscursive resources mobilized by them to express themselves, as political figures, on this social network. We are also interested in identifying and analyzing the characteristics of the political tweet and the constitution of the technodiscursive ethos of both representatives, in addition to investigating tweets that mark a counterposition to one of the government statements, in favor of dismantling environmental legislation. To respond to these objectives, from an ecological and post-dualist perspective, we base ourselves on Digital Discourse Analysis, proposed by linguist Marie-Anne Paveau (2013a; 2013b; 2021), on controversy as an argumentative modality, based on the assumptions developed by Amossy (2017) and on techno-discursive resignification (Paveau, 2019a; 2019b and Paveau; Lourenço; Baronas, 2021) as a digital tool for contesting and responding to an offensive statement. Considering the political tweet as a strategy for composing a techno-discursive ethos (Longhi, 2013), we also propose a dialogue with the ethos tested by the internet (Maingueneau, 2020) to identify how the images of the political representatives in question are constituted. The methodology used in the research consists of a qualitative analysis based on the notion of small corpus, advocated by Moirand (2020). Given the above, this study concludes that the controversial speeches promoted by Bolsonaro and Salles, on Twitter/X, revealed openly anti-scientific and denialist positions on the topics of COVID-19, the

Amazon, and indigenous peoples. We also identified the manifestation of a techno-discursive ethos ideologically marked by conservatism and little appreciation for public institutions, as the representatives publicly declared themselves in favor of the economic exploitation of forests and, at the same time, against the preservation of biomes and the maintenance of indigenous lives.

**Keywords:** Digital Discourse Analysis; controversy; pandemic; Bolsonaro government; Twitter/X.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de botões de relacionalidade em um site .....	42
Figura 2 – Exemplo dos botões de relacionalidade no Twitter/X.....	43
Figura 3 – Exemplo de tecnodiscurso relatado no Twitter/X .....	44
Figura 4 – Exemplo de tecnografismo no Facebook .....	45
Figura 5 – Exemplo de tecnografismo no Twitter/X.....	46
Figura 6 – Exemplo de tuíte com <i>hashtag</i> .....	48
Figura 7 – Exemplo de ampliação em tuíte .....	50
Figura 8 – Exemplo de deslinearização enunciativa .....	56
Figura 9 – Tuíte do STF .....	63
Figura 10 – Tuíte de Elon Musk em resposta ao STF .....	64
Figura 11 – Twitter/X fora do ar.....	65
Figura 12 – Captura de tela do perfil da pesquisadora no Twitter/X .....	70
Figura 13 – Exemplo de botões em perfil no Twitter/X.....	71
Figura 14 – Exemplo de tuíte simples .....	73
Figura 15 – Exemplo de tuíte em fio .....	74
Figura 16 – Exemplo de tuíte com <i>hiperlink</i> .....	75
Figura 17 – Exemplo de tuíte simples em janela .....	76
Figura 18 – Exemplo de tuíte com <i>hashtag</i> .....	79
Figura 19 – Exemplo de tuíte com retomada enunciativa .....	108
Figura 20 – Exemplo de tuíte com retomada enunciativa .....	109
Figura 21 – Ferramenta Busca Avançada no Twitter/X.....	114
Figura 22 – Jair Bolsonaro em entrevista à revista Época .....	121
Figura 23 – Manifestação pública de Bolsonaro durante a pandemia .....	123
Figura 24 – A expressão “passar a boiada” como sinônimo da gestão Bolsonaro e Salles .....	127
Figura 25 – Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter/X .....	128
Figura 26 – Perfil de Ricardo Salles no Twitter/X.....	132
Figura 27 – Captura de tela do <i>site</i> de Ricardo Salles .....	133
Figura 28 – Captura de tela do perfil de Ricardo Salles no Instagram .....	134
Figura 29 – Tuíte 1 .....	136
Figura 30 – Tuíte 2 @rsallesmma .....	141
Figura 31 – Tuíte 3: ressignificação da expressão “passar a boiada” .....	147

Figura 32 – Tuíte 4: ressignificação da expressão “passar a boiada” .....	150
Figura 33 – Tuíte 5 @jairbolsonaro .....	153
Figura 34 – Captura de tela da <i>live</i> de Jair Bolsonaro.....	155
Figura 35 – Captura de tela da <i>live</i> de Jair Bolsonaro.....	157
Figura 36 – Tuíte 6 @rsallesmma .....	161
Figura 37 – Tuíte 7 @jairbolsonaro .....	166
Figura 38 – Tuíte 8 @rsallesmma .....	174

**LISTA DE SIGLAS**

ADD	Análise do Discurso Digital
APIB	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
EPI	Equipamentos de proteção individual
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPAM	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia
OMS	Organização Mundial da Saúde
PNI	Programa Nacional de Imunizações
RSD	Redes Sociais Digitais
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
TIs	Terras Indígenas
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>2 ALICERCES TEÓRICOS: PRINCÍPIOS E PERSPECTIVAS .....</b>	<b>36</b>
2.1 Análise do Discurso Digital.....	36
2.2 Fundamentos da rede social digital Twitter/X.....	61
2.3 Tuíte político e <i>ethos</i> tecnodiscursivo .....	82
2.4 A polêmica no espaço público.....	92
2.5 Ressignificação tecnodiscursiva.....	104
<b>3 DECISÕES METODOLÓGICAS .....</b>	<b>112</b>
<b>4 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS .....</b>	<b>119</b>
4.1 O político Jair Messias Bolsonaro: de militar da reserva à presidência do Brasil .....	119
4.2 O político Ricardo Salles: de advogado conservador a ministro da boiada .....	124
4.3 Análise do perfil @jairbolsonaro no Twitter/X.....	128
4.4 Análise do perfil @rsallesmma no Twitter/X.....	132
4.5 Análise do tuíte 1: Bolsonaro em defesa da hidroxiclороquina e da azitromicina no tratamento para a covid-19 .....	136
4.6 Análise do tuíte 02: Ricardo Salles e a famosa expressão “passar a boiada” .....	141
4.7 Análise dos tuítes 3 e 4: resignificação do termo “passar a boiada” .....	146
4.8 Análise do tuíte 5: Bolsonaro promove hidroxiclороquina e responsabiliza indígenas por queimadas na Amazônia .....	153
4.9 Análise do tuíte 6: Salles fala sobre Amazônia .....	160
4.10 Análise do tuíte 7: Bolsonaro promove campanha antivacina .....	165
4.11 Análise do tuíte 8: Salles apresenta conceito governista de bioeconomia para a Amazônia .....	173
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>182</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>204</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos”.*

*(Ailton Krenak, 2020b)*

Esta pesquisa começou a ser desenhada nos primeiros meses de 2020, com a chegada da pandemia de covid-19. Naquela época, enquanto o mundo tentava entender o que estava acontecendo, esta pesquisadora, como jornalista e linguista, buscava informações e notícias confiáveis sobre a doença, com especial atenção ao que circulava nas redes sociais. Foi também nesse período que defendi minha dissertação de mestrado, uma das primeiras no formato *online* da universidade. Mal sabíamos que a partir daquele 11 de março muita coisa iria se transformar, inclusive nossa noção de cotidiano, espaço de trabalho, pesquisa, estudo etc. Ainda antes de fazer a seleção para o doutorado, já pensava em um projeto que contemplasse a análise de discurso do governo Bolsonaro, não somente pela temática política, que delineou minha trajetória acadêmica, como pelo “sentido de urgência” em compreender o discurso da maior liderança conservadora do país em plena atividade.

A cada novo governo presenciamos (e participamos) de novos acontecimentos que aumentam ainda mais o interesse científico em analisar movimentos políticos e as tomadas de decisão do poder Executivo. No que diz respeito à Presidência de Bolsonaro, o notório destaque fica por conta de sua gestão da pandemia e de outras questões sensíveis àquela administração, como o autoritarismo, o aprofundamento da crise política brasileira, direitos humanos, Amazônia e povos indígenas. Essas temáticas também atraíram as atenções da mídia e do público em geral para a atuação de Ricardo Salles como ministro do Meio Ambiente, sobretudo por sua postura em relação aos povos originários e ao desmatamento dos biomas brasileiros, em particular naquele momento tão sensível para o país.

Ao eleger como tema de pesquisa um governo assumidamente conservador, negacionista, de extrema direita, sabíamos o trabalho que teríamos pela frente. Não é fácil lidar diariamente com temas dessa natureza, acompanhando discursos ultrajantes, vivendo no calor dos acontecimentos a face mais dura de uma democracia em crise. No entanto, esta é também uma oportunidade de fazer ciência e de evidenciar o potencial danoso que esses tipos de governo representam, de fato, para qualquer sociedade. “Um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la” (Burke, século XVIII). É preciso lembrar para nunca esquecer.

Além disso, a presença digital de Bolsonaro e Salles foi intensa durante a pandemia, particularmente no primeiro ano, marcada por *lives*<sup>1</sup> semanais compartilhadas em diferentes redes sociais, reprodução de entrevistas, recortes de pronunciamentos, divulgação de materiais oficiais, entre outros. As postagens de ambos os políticos, nesse período histórico específico, com especial atenção ao Twitter/X<sup>2</sup>, tratavam de expor o posicionamento institucional do governo frente à maior crise sanitária do século, sendo os tuítes utilizados como ferramentas oficiais de informação, conforme veremos nos próximos capítulos. Nesse sentido, investigar o discurso digital desses personagens políticos tem papel analítico e social, não somente pela relevância dos sujeitos enquanto representantes do poder, mas também pela legitimidade de seus discursos e pela influência que exerceram na população, ao repercutirem na vida cotidiana de milhões de brasileiras e brasileiros.

Cabe reforçar que este estudo foi desenvolvido, em grande parte, durante a pandemia de covid-19<sup>3</sup> e que, de acordo com dados do Ministério da Saúde<sup>4</sup>, de 27 de março de 2020 (quando iniciaram os registros oficiais do órgão) a 30 de dezembro de 2022 (último dia do governo Bolsonaro), o Brasil registrou mais de 36 milhões de casos, com a impressionante marca de 693.853 mortes causadas pelo coronavírus.

---

<sup>1</sup> Eventos transmitidos ao vivo em redes sociais, que podem ser gravados e compartilhados em diferentes ecossistemas.

<sup>2</sup> Optamos por utilizar o nome de origem da rede social Twitter, seguido de uma barra e o nome atual (Twitter/X), já que nosso corpus foi gerado em período anterior à mudança da marca. Entretanto, trata-se também de uma posição política, sobretudo considerando nossa oposição a Elon Musk (que, entre outras características, é um notório defensor da difusão de conteúdos sem nenhuma preocupação com critérios de veracidade, responsabilidade ética e social).

<sup>3</sup> O fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) por covid-19 foi decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 05 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 15 ago. 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 14 ago. 2024.

Diante disso, com o objetivo de recuperar alguns momentos importantes da pandemia no Brasil, faremos uma breve retomada de alguns acontecimentos que marcaram a aparição e o espalhamento da doença no país. Vemos como fundamental a exposição do que ocorreu naquele período, para o correto entendimento de nossas escolhas teóricas e metodológicas.

Em dezembro de 2019, vários casos de pneumonia surgiram na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, acendendo o alerta da Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>5</sup>. Um mês depois, o país confirmou a descoberta de um novo coronavírus, até então ainda não identificado em seres humanos. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)<sup>6</sup>, “os coronavírus são a segunda principal causa de resfriado comum e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum”. Entretanto, o órgão ressaltou que a descoberta dessa nova cepa (tipo) já alertava, desde o início, os sistemas de vigilância em saúde em todo o mundo. Também conhecido como SARS-CoV-2, o coronavírus causador da covid-19 despertou uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional pela OMS<sup>7</sup>, por ser um vírus ainda desconhecido e, portanto, sem medicação ou vacina para seu tratamento. Conforme foi se espalhando pelo mundo, a doença ganhou destaque na mídia e nas redes sociais. Em 11 de março de 2020, a OMS declarou a covid-19 como pandemia, isto é, daquele momento em diante, a doença deixou de ser localizada e passou a circular em forma de surto em diferentes países e regiões do mundo.

A primeira medida de restrição à doença adotada pelo Brasil<sup>8</sup>, ainda em fevereiro de 2020, foi isolar brasileiros recém-chegados da China, por 18 dias. Já a partir do reconhecimento da doença como pandemia, cada estado da federação passou a decretar o cancelamento de aulas e serviços<sup>9</sup>. Menos de uma semana depois, o país registrou a primeira morte causada pelo novo coronavírus. Ainda no mês de março, o então presidente Jair Bolsonaro pediu, em pronunciamento na

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 22 abr. 2022.

<sup>6</sup> Idem anterior.

<sup>7</sup> Idem anterior.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/04/coronavirus-brasileiros-na-china-devem-chegar-ao-pais-no-sabado-e-cumprir-quarentena-em-anapolis.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2022.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2022.

televisão aberta, que o país voltasse à “normalidade”, propondo o fim do “confinamento em massa”<sup>10</sup> e contrariando cientistas, especialistas e autoridades sanitárias, que ressaltavam a necessidade do distanciamento social e do isolamento como medidas de prevenção ao vírus. Tal discurso foi, inclusive, considerado como “criminoso” pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), que integra o Ministério da Saúde. De acordo com nota pública<sup>11</sup> divulgada pelo órgão na ocasião,

A paralisação de diversos serviços vai gerar um impacto negativo na economia, porém a economia se recupera se as vidas estiverem preservadas. Números não valem mais que vidas. Antes um país com potencial de retomada na economia após uma crise, que centenas ou milhares de pessoas mortas devido à irresponsabilidade de falas, posturas, posicionamentos e atitudes insensatas que atentam contra o bem-estar social. A postura do presidente é criminosa, nesse sentido, fazemos um apelo à população: fique em casa e não acredite em fake news contra as orientações do MS [Ministério da Saúde]. (Conselho Nacional de Saúde).

Apesar do pouco esforço do governo federal em promover ações que permitissem que brasileiras e brasileiros pudessem ficar em casa, uma pequena parcela privilegiada da população teve condições de seguir as restrições propostas pela OMS, como o distanciamento social e a utilização de equipamentos de proteção individual (EPI) adequados, além da higienização frequente das mãos. A pandemia de covid-19 escancarou as desigualdades sociais e econômicas do Brasil. Moradores de periferias e favelas, pessoas em situação de rua, a falta de saneamento básico, moradias precárias, comunidades indígenas: a pandemia evidenciou a vulnerabilidade de setores subalternizados da população brasileira. Segundo Brum (2021, p. 70):

Uma das maiores mentiras deste século é a afirmação corriqueira de que “na crise climática, estamos todos no mesmo barco”. Não estamos. Mas não estamos mesmo. Como também não estamos na eclosão da pandemia de covid-19, que desde o início matou mais negros e pobres. E como não estaremos nas próximas pandemias que ainda virão, consequência da destruição da natureza e do processo de circulação capitalista de pessoas e de mercadorias.

---

<sup>10</sup> Idem anterior.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1080-nota-publica-cns-considera-que-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-coronavirus-coloca-em-risco-a-vida-de-milhares-de-pessoas>. Acesso em: 23 abr. 2022.

A pandemia demonstrou que o diferencial de pobreza, o conflito distributivo e as desigualdades estruturais se aplicam em todos os níveis da vida em sociedade no Brasil. No caso específico dos povos indígenas e na agressão às Terras Indígenas (TIs), o descaso usual do Estado se somou à intenção de apoiar o crime ambiental como política de governo, manifestado em ações e discursos de Bolsonaro e do ex-ministro Ricardo Salles. As populações originárias sofreram com a pandemia, com a ausência de políticas de saúde e, sobretudo, com a devastação promovida pelo governo de turno, que permitiu a invasão de territórios ancestrais para a exploração econômica ilegal e criminosa.

Dessa maneira, as temáticas ambiental, povos indígenas e covid-19 estiveram muito presentes na pauta dos veículos de comunicação, das redes sociais e das agendas políticas durante o governo Bolsonaro, sobretudo as que tratam da Amazônia, que desperta o interesse não apenas da população brasileira, mas do mundo. Estamos tratando da maior floresta tropical do planeta<sup>12</sup> e do maior bioma do Brasil. Instituída pelo governo brasileiro como Amazônia Legal (Lei 1.806)<sup>13</sup>, em 1953, a região abrange os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Roraima, Rondônia, Tocantins e parte do Maranhão<sup>14</sup>. Seus limites foram assim estabelecidos como política de soberania territorial para desenvolver social e economicamente esse território. A Amazônia Legal corresponde a uma área de 5.015.067,749 km<sup>2</sup> e representa 58,9% do território brasileiro, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>15</sup>, divulgados em 2019. A floresta amazônica também abrange parte dos países vizinhos Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Equador, Suriname, Guiana e Guiana Francesa.

Segundo dados do Ministério do Meio Ambiente (MMA)<sup>16</sup>, a Amazônia resguarda um terço das espécies existentes em todo o mundo. A floresta possui cerca de 2.500 variedades de árvores e, aproximadamente, 30 mil tipos de plantas. Além disso, abriga a Bacia Amazônica, maior bacia hidrográfica do planeta, com 1.100 afluentes, e uma extensão que corresponde a, pelo menos, 6 milhões de km<sup>2</sup>. Esse

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biomas/amazonia>. Acesso em: 24 abr. 2022.

<sup>13</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5173.htm#art63](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5173.htm#art63). Acesso em: 24 abr. 2022.

<sup>14</sup> Disponível em:

<http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/geonetwork/srv/eng/catalog.search#/metadata/d6289e13-c6f3-4103-ba83-13a8452d46cb>. Acesso em: 24 abr. 2022.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonia-legal.html?=&t=o-que-e>.

<sup>16</sup> BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/biomas/amazonia>.

gigantesco ecossistema também detém a maior reserva de madeira tropical do mundo, e outros recursos naturais, como borracha, minérios e uma grande variedade de espécies animais. A riqueza cultural da região inclui o conhecimento tradicional sobre o uso da floresta e formas de explorá-la sem destruir ou esgotar seus recursos. De acordo com o MMA<sup>17</sup>, “a floresta vive a partir de seu próprio material orgânico, e seu delicado equilíbrio é extremamente sensível a quaisquer interferências. Os danos causados pela ação antrópica são muitas vezes irreversíveis”.

A Amazônia Legal também concentra a maior parte das Terras Indígenas (TIs) brasileiras. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA)<sup>18</sup>, 57% das TIs demarcadas no país estão concentradas nesse território, abrigando em torno de 276 povos e cerca de 154 línguas e dialetos. Dados divulgados pelo Censo Demográfico 2022<sup>19</sup> apontam que o Brasil possui 1.693.535 pessoas indígenas, o que representa 0,83% do total de habitantes do país. Mais da metade dessa população indígena (51,2%) está concentrada na Amazônia Legal.

Apesar de toda essa magnitude, há décadas, uma série de crimes ambientais são amplamente cometidos nos territórios amazônicos<sup>20</sup>. O agravante, no momento histórico da pandemia, se deu pela impunidade aos crimes contra o meio ambiente e pelo retrocesso nas políticas ambientais e sociais, que colocaram em risco a vida, a garantia aos direitos indígenas e à biodiversidade brasileira. Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)<sup>21</sup>, de agosto de 2018 a julho de 2019 (primeiro ano de governo Bolsonaro), a área de vegetação nativa desmatada na Amazônia Legal representou 10.129 km<sup>2</sup>.

No que diz respeito aos povos indígenas, nos primeiros quatro meses de 2020, de acordo com o Inpe<sup>22</sup>, houve um aumento de 64% no desmatamento de seus territórios, dentro da Amazônia Legal, se comparado com o mesmo período do ano anterior. O drama sobre a devastação das florestas e o efeito sobre as comunidades indígenas estiveram muito presentes nas mídias e redes sociais durante a pandemia

---

<sup>17</sup> Idem anterior.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/brasil>. Acesso em: 15 ago. 2024.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/08/brasil-tem-1-69-milhao-de-indigenas-aponta-censo-2022>. Acesso em: 21 maio 2022.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2019/08/os-interesses-economicos-por-tras-da-destruicao-da-amazonia/>. Acesso em: 21 maio 2022.

<sup>21</sup> Disponível em: [http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=5465](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=5465). Acesso em: 21 maio 2023.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/desmatamento-em-terras-indigenas-aumenta-64-nos-primeiros-meses-de-2020/>. Acesso em: 21 maio 2022.

do coronavírus, período em que os povos indígenas sofreram forte impacto. Dados divulgados pela Open Knowledge Brasil (OKBR)<sup>23</sup> revelaram que a vacinação contra a covid-19 nos povos indígenas residentes em territórios da Amazônia Legal foi mais lenta em relação a outros grupos prioritários e a outras localidades do país (inclusive, no dia 16 de março de 2021, o Supremo Tribunal Federal chegou a determinar que o governo federal priorizasse também a vacinação de indígenas residentes em áreas urbanas)<sup>24</sup>. O desmatamento, as desigualdades socioeconômicas e a ausência de atendimento médico e de campanhas efetivas de vacinação dos povos indígenas contra o coronavírus, aumentaram a mortalidade dessa população<sup>25</sup>. O descaso do governo federal em relação à imunização dos povos originários refletiu, até mesmo, na preservação de línguas indígenas<sup>26</sup>, já que a morte de anciãos (incluindo idosos com mais de 100 anos) e guardiões desses grupos promoveu a diminuição da memória coletiva, prejudicando a permanência da cultura ancestral e a capacidade de sobrevivência dos verdadeiros donos dessas terras.

As temáticas Amazônia, povos indígenas e covid-19 pautaram boa parte do governo Bolsonaro, mas foi no primeiro ano da pandemia que esses assuntos passaram a se entrecruzar, sobretudo nas redes sociais digitais (RSD). Tais temas suscitaram discursos antagônicos: os governamentais, que defendiam determinadas medidas; e, por outro lado, os discursos de contraposição a esses posicionamentos, resultando em um dissenso no espaço público, conforme Ruth Amossy (2017). Embora nesta pesquisa concentremos nossa análise nos discursos polêmicos produzidos por Bolsonaro e Salles no Twitter/X, bem como no uso da polêmica pública como estratégia de posicionamento político, também investigamos, em menor número, a possibilidade de resposta a um enunciado afrontoso, como propõem Paveau (2019a; 2019b) e Paveau, Lourenço e Baronas (2021), com a ressignificação em contexto digital. Por essa perspectiva, além de um choque entre posições conflitantes há a possibilidade de criar movimentos de contradiscurso, em que uma manifestação ofensiva dá lugar a uma resposta coletiva de luta e resistência,

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://ok.org.br/noticia/boletim-amazonia-itc-2-0-04-vacinacao-contra-covid-19-e-mais-lenta-para-indigenas-da-amazonia/>. Acesso em: 22 maio 2022.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/16/vacina-governo-nao-pode-excluir-indigenas-de-areas-urbanas-dos-grupos-prioritarios>. Acesso em: 22 maio 2023.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/saude-precario-e-postura-anti-indigena-exacerbaram-mortes-por-covid-19-na-amazonia-avaliam-cientistas/36634/>. Acesso em: 22 maio 2023.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/11/morte-de-ancios-por-covid-19-ameaca-linguas-indigenas-do-brasil>. Acesso em: 22 maio 2023.

especialmente no que diz respeito a grupos sociais minorizados e à defesa de direitos fundamentais.

De maneira geral, as redes sociais possibilitam o engajamento político de amplo espectro: tanto para reafirmações conservadoras como para contestações legítimas, a exemplo do que ocorreu nas eleições de 2018, com a *hashtag* “#ELENÃO”<sup>27</sup>, conforme abordaremos no decorrer do trabalho. As RSD constituem, portanto, um espaço único de interação e, principalmente, de mobilização. Dessa forma, as interações nas redes sociais colocam em ação o discurso digital, objeto de estudo desta investigação.

Por discurso digital, consideram-se as produções languageiras nativas da internet, isto é, aquelas produzidas no espaço da web 2.0, conforme preconizado pela linguista Marie-Anne Paveau (2013a, 2013b, 2017 e 2021). Esses discursos, por sua vez, possuem características próprias que envolvem elementos linguísticos e extralinguísticos, ou seja, informações humanas e tecnológicas que formam o ambiente “no interior do qual os discursos são elaborados” (Paveau, 2013b, p. 3). A Teoria da Análise do Discurso Digital (ADD), elaborada pela autora e à qual nos alinhamos, adota, portanto, uma posição epistemológica pós-dualista, na qual o objeto de análise é constituído não somente por elementos languageiros, mas também por componentes tecnológicos, tais como computadores, *smartphones*, programação de um site, aplicativo, programa de computador, rede social etc. Dessa forma, na ADD, os observáveis são tecnolinguageiros<sup>28</sup>.

Em relação ao Twitter/X, as postagens de autoridades, partidos e representantes públicos estão frequentemente vinculadas a polêmicas, especialmente no que diz respeito a questões sociais e ações de governo. Além disso, a rede social funciona como ferramenta de utilidade pública, já que é utilizada como meio oficial de declarações institucionais. Nesse sentido, é importante destacar que o uso político do Twitter/X começou durante a campanha presidencial de Barack Obama, em 2008. Por meio dessa rede social, o então candidato e agora ex-presidente dos Estados Unidos conseguiu estabelecer comunicação direta com os eleitores, gerando, assim, uma

---

<sup>27</sup> Iniciada no Facebook, em 2018, a manifestação “#ELENÃO” teve início na comunidade intitulada *Mulheres contra Bolsonaro*, e chegou a atingir dois milhões de participantes, dando origem a diversas manifestações populares lideradas por mulheres, que ocuparam fisicamente espaços públicos relevantes em todo o país. (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 68).

<sup>28</sup> Marie-Anne Paveau (2013a, 2013b, 2017 e 2021) incorpora o componente “tecno” aos elementos nativos digitais, como tecnodiscurso, tecnopalavra, tecnogênero etc. para marcar o posicionamento epistemológico pós-dualista, que prevê um compósito entre linguagem e tecnologia.

mobilização coletiva em torno de sua candidatura. Desde então, políticos de várias partes do mundo aderiram à plataforma, passando a utilizá-la também como meio de comunicação e informação. A escolha pelo Twitter/X ocorre em função de sua grande capacidade em fomentar discussões políticas e sociais, bem como pela escassez de pesquisas sobre essa rede social no que diz respeito aos mecanismos que esse ambiente digital oferece em suas formas tecnolinguageiras, sobretudo quanto ao discurso polêmico. Também nos interessa compreender como a imagem de si é retratada em tuítes políticos por meio de um *ethos* tecnodiscursivo (Longhi, 2013), propondo um diálogo com o *ethos* testado pela internet (Maingueneau, 2016 e 2020).

Recentemente, a rede social passou por várias mudanças, especialmente após sua aquisição pelo empresário e bilionário Elon Musk<sup>29</sup>, em outubro de 2022. Entre as principais, para além da troca do nome Twitter (usado por mais de 15 anos) para “X”, estão a reativação de contas banidas por compartilharem notícias falsas, discursos de ódio e ataques a instituições, o fim das políticas de moderação da rede (que passou a permitir a ampla circulação de conteúdos sem qualquer tipo de verificação), bloqueio a contas de jornalistas, novas métricas para mostrar a interação das postagens, alteração na ordem dos tuítes na linha do tempo dos usuários, demissões e reduções de salários de funcionários, entre outras.

Na fase final de escrita desta pesquisa, em agosto de 2024, o Twitter/X foi suspenso no Brasil<sup>30</sup> por decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). O bloqueio ocorreu após a empresa fechar seu escritório no país, resultando na ausência de representação legal em território brasileiro, o que vai contra a nossa legislação. Além disso, sob o comando do empresário, o Twitter/X também manteve no ar contas de tuiteiros que divulgavam conteúdo golpista ou de ataque às instituições, infringindo decisões judiciais.

Particularmente no campo político brasileiro, a plataforma possuía, até a sua suspensão, um grande potencial para fomentar polêmicas públicas, mobilizar apoiadores, responder e desafiar opositores. Do mesmo modo, o Twitter/X ainda era bastante utilizado para contrapor discursos opressores e ofensivos, apesar de Elon

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/25/alem-do-x-veja-10-mudancas-no-twitter-sob-o-comando-de-elon-musk.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2024.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/08/31/rede-social-x-suspensa-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2024.

Musk e do crescimento da extrema direita na rede social (nos próximos capítulos, trataremos com mais detalhes a situação do Twitter/X na atualidade).

Notadamente durante o primeiro ano de pandemia no Brasil (2020-2021), as redes sociais foram locais de compartilhamento de informações sobre a covid-19 e discussão sobre as ações de governo para o enfrentamento da doença. Nesse sentido, as RSD também foram espaço de desinformação e ampla circulação de notícias falsas sobre o vírus e supostos tratamentos, ainda sem comprovação científica<sup>31</sup>. Ao longo desses primeiros 12 meses, inúmeros acontecimentos marcaram o país, sendo pauta nos veículos de comunicação e nas redes sociais. A lentidão dos investimentos voltados a medidas de combate ao vírus, a falta de assistência às comunidades indígenas, a demora na aquisição de vacinas e a ausência de medidas efetivas contra o desmatamento foram alguns dos temas em discussão nesse período histórico específico. Entre os principais assuntos, destacam-se: i) registro da primeira infecção por covid-19 no Brasil<sup>32</sup>; ii) fala do então presidente Jair Bolsonaro, dizendo que com o seu “histórico de atleta” não precisaria se preocupar com a pandemia, pois se tratava “apenas” de “uma gripezinha ou resfriadinho<sup>33</sup>”; iii) confirmação da primeira morte causada pelo coronavírus no país<sup>34</sup>; iv) primeiro registro de óbito indígena em comunidade<sup>35</sup>; v) fala do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, sobre aproveitar o foco da mídia na pandemia para “passar a boiada” e afrouxar normas ambientais<sup>36</sup>; vi) mudanças na divulgação dos dados sobre a pandemia (incluindo número de mortes e novas infecções)<sup>37</sup>; vii) desmonte dos órgãos de proteção ambiental<sup>38</sup>; viii) pico da primeira onda de covid-19 no país<sup>39</sup>; ix); falha da Funai na

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-caminhos-da-desinformacao-nas-redes-sociais-na-pandemia/>. Acesso em: 22 maio 2023.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/02/26/empresario-de-61-anos-e-o-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil.htm>. Acesso em: 24 maio 2022.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 24 maio 2022.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2022.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2020/05/11/confirmada-a-primeira-morte-indigena-por-coronavirus-no-ceara>. Acesso em: 24 maio 2022.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-22/salles-ve-oportunidade-com-coronavirus-para-passar-de-boiada-desregulacao-da-protecao-ao-meio-ambiente.html>. Acesso em: 24 maio 2022.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-muda-divulgacao-de-dados-do-coronavirus-e-fala-em-numeros-fantasticos/>. Acesso em: 24 maio 2022.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/08/20/especialistas-apontam-desmonte-na-protecao-do-meio-ambiente>. Acesso em: 24 maio 2022.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2021/O-primeiro-ano-de-pandemia-no-Brasil-em-43-eventos>. Acesso em: 24 maio 2022.

execução de recursos para o combate ao coronavírus em comunidades indígenas<sup>40</sup>; x) desmatamento recorde na Amazônia e TIs<sup>41</sup>; xi) ausência de medidas no enfrentamento à covid-19<sup>42</sup>; xii) atraso na compra de vacinas por parte do governo federal<sup>43</sup>; xiii) aumento do desmatamento para garimpo em áreas protegidas e unidades de conservação<sup>44</sup>; xiv) segunda onda de contaminação por covid-19 no Brasil<sup>45</sup>; xv) divulgação do plano nacional de vacinação<sup>46</sup>; xvi) falta de oxigênio e colapso da saúde em Manaus<sup>47</sup>; xvii) atraso na chegada das vacinas<sup>48</sup>; xviii) início da vacinação no país<sup>49</sup>; xviii) falta de controle da pandemia transformou o Brasil em ameaça mundial<sup>50</sup>.

Conforme exposto, todos esses temas passaram pelas redes sociais, no Brasil, durante os primeiros meses de pandemia, principalmente em função dos discursos polêmicos promovidos pelos representantes governistas que, por reiteradas vezes, mantiveram uma postura negacionista e de descaso com a crise sanitária brasileira<sup>51</sup>. Inclusive, na fase mais aguda do distanciamento social, a luta política contra a execução de crimes sanitários e ambientais, tendo como alvo os povos indígenas e seus territórios, se nacionalizou com a divulgação de posicionamentos públicos, tanto de autoridades como da sociedade civil resistente. Nesse universo das RSD, o Twitter/X ainda se destaca como plataforma que fomenta o debate político, em um

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,funai-executa-menos-de-1-dos-recursos-de-combate-a-covid-19-entre-indigenas,70003784257>. Acesso em: 24 maio 2022.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/amazonia/noticia/2021/08/19/taxa-anual-de-desmatamento-na-amazonia-e-a-maior-do-ultimos-dez-anos-diz-imazon.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-17/covid-19-se-espalha-entre-indigenas-brasileiros-e-ja-ameaca-povos-isolados.html>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/22/relatorio-acusa-governo-federal-de-atraso-na-compra-de-vacinas-e-de-negociacoes-ilicitas-no-caso-covaxin>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/meio-ambiente/amazonia-73-do-desmatamento-para-garimpo-aconteceu-em-areas-protegidas/>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/doencas/segunda-onda-de-covid-19-no-brasil.htm>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/12/16/governo-lanca-o-plano-nacional-de-vacinacao-contra-a-covid.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/caos-na-pandemia-sem-oxigenio-pacientes-morrem-asfixiados-em-manauas/>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>49</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/01/19/vacinacao-contra-a-covid-comeca-em-todos-os-estados-brasileiros-e-no-distrito-federal.ghtml>. Acesso em: 25 maio 2022.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2021-03-25/sem-controle-da-pandemia-brasil-se-torna-ameaca-mundial.html>. Acesso em: 26 maio 2022.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/04/senadores-reprovam-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-medidas-para-combater-pandemia>. Acesso em: 26 maio 2022.

espaço limitado, em que os tuítes dão forma aos posicionamentos e à imagem dos sujeitos.

O recorte temporal deste trabalho foi realizado com ênfase no período de crise sanitária. Contudo, a luta política por meio das redes sociais já estava consolidada no país antes do início do governo Bolsonaro. Ao longo dos últimos anos, verdadeiras mobilizações populares têm sido organizadas nas RSD, ultrapassando, assim, limites tecnológicos e até mesmo geográficos em torno de demandas sociais e políticas. Pautas como defesa de direitos coletivos, invasão de terras indígenas, mudanças climáticas e aquecimento global estão presentes não somente nos noticiários, como também nessas plataformas digitais de interação. As temáticas proteção ambiental e indígena são concomitantes e, durante a pandemia, passaram a ocupar ainda mais espaços de discussão nas diversas RSD como uma causa coletiva, política e universal. Decisões e posicionamentos da gestão Bolsonaro, com destaque para os do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, foram amplamente divulgados na mídia e nas redes, particularmente no Twitter/X, tendo como resposta movimentos tecnodiscursivos coletivos, tais como batalhas de *hashtags* e “tuitaços”<sup>52</sup> contra o governo. Apoiadores tanto do bolsonarismo como dos povos indígenas se apropriaram dos diferentes ecossistemas digitais para se manifestar. No auge da crise e do emprego do crime sanitário e da desinformação como políticas de governo, a arena digital e as disputas dentro do Twitter/X atingiram seu clímax até então no país.

Destaca-se a emergência do tema frente ao universo das redes sociais, em que o governo Jair Bolsonaro, efusivamente no período do ex-ministro Ricardo Salles à frente da pasta, promoveu uma desconstrução dos sistemas de proteção da Amazônia, além de eleger os povos indígenas como “adversários do progresso”. Ademais, a plataforma pesquisada, o *microblog* Twitter/X, tem sido um instrumento determinante para a política do século XXI, a partir da primeira década.

Diante desse contexto, este estudo se baseia nas seguintes questões:

- a) Como ocorre a instalação da polêmica nos tuítes de Jair Bolsonaro e Ricardo Salles, no que diz respeito à covid-19, Amazônia e povos indígenas, durante os primeiros 12 meses de pandemia no Brasil?

---

<sup>52</sup> Manifestações virtuais, no Twitter/X, em que diversos usuários utilizam as mesmas *hashtags*.

- b) Quais marcas tecnodiscursivas foram mobilizadas pelos personagens políticos em questão no Twitter/X?
- c) Como Bolsonaro e Salles se mostram nos tuítes selecionados e em seus respectivos perfis nesse ecossistema?
- d) Como se desenvolve a resignificação em discursos contrários ao enunciado governista em favor do desmonte da legislação ambiental?

A partir desses questionamentos, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar marcas da argumentação polêmica nos discursos governamentais – do então Presidente da República, Jair Bolsonaro e do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles – relativos aos temas covid-19, Amazônia e povos indígenas, postados na rede social Twitter/X, durante o primeiro ano de pandemia do coronavírus no Brasil (11 de março de 2020<sup>53</sup> a 11 de março de 2021).

Para atingir o objetivo proposto, em termos mais específicos, pretende-se:

- i) evidenciar os recursos tecnodiscursivos mobilizados pelos sujeitos Jair Bolsonaro e Ricardo Salles para se enunciar, enquanto personalidades políticas, na rede social digital Twitter/X;
- ii) investigar como se instaura a polêmica enquanto modalidade argumentativa, a partir dos tuítes de Jair Bolsonaro e Ricardo Salles;
- iii) identificar e analisar as características do tuíte político e a constituição do *ethos* tecnodiscursivo de Jair Bolsonaro e Ricardo Salles, no Twitter/X;
- iv) analisar discursos de contra-argumentação ao tuíte governamental que se opunha à legislação de proteção dos biomas brasileiros e dos povos da floresta, bem como verificar como ocorre a recontextualização do enunciado primeiro por meio de uma resignificação tecnodiscursiva.

Quanto ao recorte do *corpus*, elegemos três tuítes do então presidente Jair Bolsonaro e três do ex-ministro Ricardo Salles, em um total de seis postagens (considerando as com mais interação de curtidas), por intermédio de pesquisa na ferramenta Busca Avançada, em que procuramos pelas palavras-chave “Amazônia”,

---

<sup>53</sup> Data em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a covid-19 como pandemia.

“covid”, “meio ambiente” e “povos indígenas”, relacionadas aos principais momentos discursivos (Moirand, 2020) do primeiro ano da pandemia no Brasil (entre 11 de março de 2020 a 11 de março de 2021). Para complementar a investigação, também analisamos os perfis dos respectivos representantes neste ecossistema. Como vivemos a pandemia também de maneira conectada, presenciamos o surgimento da *hashtag* #BoiadaNãoVaiPassar, no Twitter/X, como resposta à fala de Salles<sup>54</sup>, proferida durante reunião ministerial, sobre aproveitar a atenção da mídia na pandemia para “passar a boiada” e, assim, mudar regramentos e promover reformas para simplificar normas existentes. A expressão tornou-se um símbolo da gestão bolsonarista, sobretudo relacionada à desregulamentação de leis ambientais, sendo esse um dos momentos discursivos mais significativos desse governo. Assim, para fins de demonstração da ressignificação tecnodiscursiva, selecionamos dois tuítes de contraposição ao discurso governista, por meio de pesquisa pela *hashtag* #BoiadaNãoVaiPassar, na Busca Avançada (considerando as duas postagens mais curtidas no Twitter/X naquele mesmo período).

Tendo em vista o papel relevante das redes sociais no contexto político contemporâneo, partimos da hipótese de que o ex-presidente Jair Bolsonaro e o então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, constituíram suas imagens digitais com base no discurso polêmico, com o objetivo de promover, no Twitter/X, uma argumentação anticientífica em relação à covid-19, além de construir tecnodiscursos negacionistas de preservação dos biomas e de vidas indígenas, durante o primeiro ano de pandemia no país. Também observamos, enquanto usuárias da rede, que alguns desses posicionamentos foram confrontados por internautas e organizações por meio da ressignificação tecnodiscursiva, sendo o Twitter/X (ainda) um espaço de contestação e resistência diante de discursos afrontosos, como os que vêm sendo praticados pela direita brasileira nos últimos tempos.

O presente trabalho inscreve-se nos interesses de pesquisa do grupo Comunicação da Ciência – Estudos Linguísticos e Discursivos (CCELD), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Unisinos, ao complementar os estudos no âmbito da análise do discurso digital, desenvolvidos pelo grupo desde 2018. Também pretendemos contribuir com as pesquisas em desenvolvimento na

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

área, e com a formação de um público mais crítico diante do proselitismo digital da extrema direita brasileira, especialmente por meio da divulgação científica e da formação popular para observação e uso das redes sociais digitais como ferramenta de contestação política e defesa dos valores democráticos. Destacamos a necessidade de compreendermos o funcionamento dos discursos digitais na atualidade, especialmente no que diz respeito à relação entre indivíduos, linguagem e tecnologia, para uma correta interpretação da vida moderna em sociedade, cada vez mais atravessada pelo digital e pelas redes sociais.

Como jornalista e linguista reforço a relevância social desta pesquisa que, ao encontro da Linguística Aplicada, propõe o diálogo com diferentes áreas do conhecimento para solucionar problemas relacionados à linguagem, em diferentes contextos. Nosso propósito é contribuir com a transformação social e com a formação de uma reflexão crítica em relação aos conteúdos produzidos por agentes políticos nas redes sociais, particularmente em momentos de crise como o período da pandemia. Ademais, o momento ainda exige posicionamento solidário aos povos indígenas, diante das reais ameaças de genocídio que sofrem, considerando que os ataques iniciados sistematicamente durante o governo Bolsonaro permanecem e, por vezes, se intensificam. Também é urgente chamar a atenção para os altos índices de degradação da Amazônia, que está perto de atingir um estado de desequilíbrio irreversível (também denominado como ponto de não retorno). Em vista disso, esta pesquisa tenta aportar um grão de areia na luta contra o retrocesso político, pela valorização da vida e cultura dos povos originários e de seus territórios.

Esta tese está organizada em cinco capítulos, além desta Introdução, que apresenta a trajetória a ser seguida na organização do trabalho. O capítulo 2, intitulado Alicerces Teóricos: princípios e perspectivas, indica a fundamentação teórica utilizada neste estudo, no que diz respeito à Análise do Discurso Digital. São percorridos fundamentos sobre a rede social Twitter/X e o tuíte político, o *ethos* tecnodiscursivo, a polêmica no espaço público e a ressignificação tecnodiscursiva, assim como é realizada uma breve contextualização do recorte histórico da pandemia de covid-19. No capítulo 3, Decisões Metodológicas, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, dividido em quatro critérios para a seleção dos tuítes e cinco etapas analíticas. O capítulo 4 contém a análise qualitativa dos tuítes selecionados, com base nas categorias apontadas na metodologia. Por fim, o capítulo 5, das considerações finais, discute os resultados obtidos a partir das

análises, com base nos objetivos definidos na introdução, que visam a responder à pergunta de pesquisa.

## 2 ALICERCES TEÓRICOS: PRINCÍPIOS E PERSPECTIVAS

*"[...] respeitem a água e aprendam a sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos".*

*(Ailton Krenak, 2022)*

Neste capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa, estruturada a partir da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2013a; 2013b; 2021), os quais permitirão verificar os recursos tecnodiscursivos mobilizados pelo então presidente Jair Bolsonaro e seu ex-ministro, Ricardo Salles, para se enunciar, enquanto personalidades políticas no exercício do poder Executivo, na rede social digital Twitter/X (Paveau, 2017; 2021). Em seguida, serão demonstrados os fundamentos da referida plataforma (Paveau, 2013a; 2013b) e do tuíte político (Longhi, 2013), além de questões relacionadas ao *ethos* tecnodiscursivo (Longhi, 2013) e (Maingueneau, 2016; 2020). Na sequência, serão apresentadas as particularidades da polêmica enquanto modalidade argumentativa (Amossy, 2017) e, para completar a fundamentação teórica deste estudo, as características e os critérios da resignificação tecnodiscursiva (Paveau, 2020) e (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021).

### 2.1 Análise do Discurso Digital

Os processos tecnológicos e informativos da *web 2.0* e, especialmente, das redes sociais, nos provocam a refletir sobre as mudanças produzidas pelo digital, não apenas nas relações sociais, como também na maneira de se enunciar e produzir sentido. No campo midiático, por exemplo, os veículos tradicionais (TV, rádio e jornal impresso e *online*) não são mais os únicos detentores dos espaços de discussão, apesar de ainda seguirem fortes na construção e manutenção da opinião pública. É o que nos mostra a pesquisa Digital News Report 2023<sup>55</sup>, desenvolvida pelo Instituto

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/brazil>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Reuters de Estudos de Jornalismo. O estudo foi realizado em 46 países, incluindo o Brasil e mostra que 57% dos entrevistados brasileiros preferem consumir notícias via redes sociais, enquanto 51% mantêm o hábito de se informar pela TV. Em relação ao impresso, apenas 12% dos entrevistados dizem escolher jornais ou revistas como meio de informação. Logo, muitos debates sobre temas relevantes para a sociedade e até mesmo parte do agendamento da mídia ocorre, nos dias atuais, a partir da disseminação de determinados assuntos em plataformas digitais de interação, constituídas por uma enorme rede de dados e diferentes sistemas de inteligência.

Para Santaella (2021, p. 44):

Antes, a televisão levava a imagem do mundo para a sala de estar. Hoje, carregamos, na palma da mão, o cinema, o rádio, o livro, o teatro e até a televisão. Temos acesso, através das nossas pequenas caixas pretas, a quase todo o conteúdo disponível pela internet. Essas extensões e seus inúmeros acoplamentos e dispositivos de suportes midiáticos geram relações comportamentais, sociais, políticas e culturais distintas do passado. (Santaella, 2021, p. 44).

Tudo isso influencia, diretamente, na maneira como nos relacionamos e como nos constituímos enquanto indivíduos na rede e fora dela. Essas novas práticas discursivas nos desafiam, portanto, a investigar as especificidades das produções digitais nativas e nos levam a buscar bases teóricas que contemplem a relação entre indivíduo, linguagem e tecnologia.

Assim, para analisar um discurso nativamente digital, isto é, criado originalmente na internet, partimos de pressupostos epistemológicos que consideram não apenas o linguageiro, como também as ferramentas tecnológicas envolvidas na produção dos enunciados, uma vez que assumimos não ser possível isolar o linguístico-discursivo do ambiente informático em que foi produzido. Di Felice (2021, p. 27) reitera a necessidade de não dissociar o humano do não humano em nossa contemporaneidade, pois “o conjunto de mundos de dados que somos – orgânico, inorgânico, humano, animal, vegetal, racional, robótico, algorítmico etc. – tornou-se, hoje, uma arquitetura de redes informativas e comunicativas”, de tal modo que estamos todos interligados digitalmente. Ainda de acordo com o autor (2021, p. 27), vivemos em um infomundo que combina vários universos, compostos por informações e materialidades distintas.

Nessa perspectiva, a Análise do Discurso Digital (doravante ADD), desenvolvida pela linguista Marie-Anne Paveau (2013a, 2013b, 2021), propõe abandonar a concepção logocêntrica e dualista da linguagem, isto é, aquela que considera somente o linguístico, concebendo para o discurso nativo da internet uma perspectiva simétrica, qualificação baseada na teoria de Bruno Latour (1994)<sup>56</sup> que, ao invés de separar, preconiza uma equivalência entre natureza e sociedade, humanos e não humanos. De acordo com Paveau, usuários e máquinas agem em conjunto, em uma coconstrução que integra o languageiro e as determinações técnicas envolvidas na produção dos discursos digitais, como computadores, *tablets*, celulares, aplicativos, ferramentas de escrita etc. Segundo a autora (Paveau, 2013b, p. 3):

Os observáveis não são mais apenas materiais puramente linguísticos, mas materiais compostos, misturados com algo diferente da linguagem, ou seja, sociais, culturais, históricos, políticos, mas também objetos, materiais e, portanto, tecnológicos (Paveau, 2013b, p. 3, tradução nossa<sup>57</sup>).

Ao considerar elementos linguísticos e extralinguísticos, a ADD estabelece um contínuo entre as matérias languageiras e seus ambientes de produção, investigando, portanto, todo o sistema de elaboração do enunciado, o que Paveau (2021) denomina de ecologia do discurso. A partir desse pressuposto, a autora utiliza o termo “ambiente” para designar “o conjunto dos dados humanos e não humanos no âmbito dos quais os discursos são elaborados” (Paveau, 2021, p. 49), sendo essa abordagem ecológica fundamental para a ADD, por integrar o linguístico e o tecnológico, “e igualmente o cultural, o social, o político, o ético, etc.” (Paveau, 2021, p. 159). Consoante Dias (2018, p. 29), o digital vai além de uma simples produção tecnológica e se configura como “[...] uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas”. Assim, de acordo com a ADD, aspectos dominantes que formam as condições da sociedade concreta, como trajetória histórica, ideologia circulante, relações sociais, formas de produção do capitalismo contemporâneo etc. são parte constitutiva da análise tecnodiscursiva, em mesmo grau que os elementos

---

<sup>56</sup> Texto original: Nous n'avons jamais été modernes: Essai d'anthropologie symétrique.

<sup>57</sup> Texto original: “Les observables ne sont plus seulement des matières purement langagières, mais des matières composites, métissées d'autre chose que du langagier, c'est-à-dire du social, du culturel, de l'historique, du politique, mais aussi de l'objectal, du matériel, et donc du technologique”.

tecnológicos implicados nas produções digitais. Nessa abordagem ecológica, as produções discursivas estão imbricadas aos movimentos técnicos realizados em ambiente digital, o que reforça a dimensão compósita e relacional dos tecnodiscursos.

À vista disso, a Análise do Discurso Digital propõe-se a descrever e analisar o funcionamento das produções digitais nativas (Paveau, 2021, p. 57), especialmente na *web* social, dando igual importância para recursos languageiros e não languageiros. A autora postula, portanto, que os enunciados nativamente digitais estão sempre em relação com diferentes elementos, sejam eles outros discursos *online*, aparelhos tecnológicos ou internautas diversos. Essa relacionalidade é ao mesmo tempo material e subjetiva, já que depende da programação dos sites e aplicativos, das máquinas, e também dos próprios usuários, que configuram individualmente as interfaces de acesso à internet e às redes sociais em seus dispositivos informáticos, demonstrando diferentes padrões de preferência e comportamento. Estamos diante de outras formas de coexistência entre indivíduo, sociedade e tecnologia, de maneira que “nossas linguagens não são mais o que pensávamos que eram e, com elas, nós, humanos hiper-híbridos<sup>58</sup>, também não somos mais os mesmos” (Santaella, 2021, p. 45).

Ao reforçar a abordagem ecológica e integrativa preconizada pela ADD, Paveau (2021) utiliza o termo tecnodiscurso como um gesto epistemológico pós-dualista para designar as produções nativamente digitais, assim como incorpora o componente “tecno” a outros verbetes, como tecnopalavra, tecnogênero de discurso, tecnossigno, tecnografismo, tecnolinguagem e tecnolinguística (Paveau, 2021), justamente para asseverar essa coconstrução entre o linguístico e o técnico. Trata-se de um compósito que reconhece a articulação entre diferentes formas tecnolinguageiras, constituídas por uma mescla entre humano e não humano, linguagem e o tecnológico, que nos permite observar “realidades sociais verdadeiramente híbridas” (Paveau, 2021, p. 119). Di Felice, Torres e Yanaze (2012, p. 152) reiteram a necessidade de pressupor o aspecto relacional dos sujeitos imersos nas redes com os seus dispositivos técnicos, contemplando, assim, o que denominam como “formas simbióticas entre a técnica e o humano”, uma vez que estamos inseridos em uma realidade digital e social híbrida, interativa e colaborativa.

---

<sup>58</sup> Conceito proposto por Santaella (2021) para caracterizar a relação possibilitada pela web 2.0 entre tecnologia, algoritmos e sociedade, que possibilita aos usuários estarem sempre super conectados, com acesso à informação de qualquer lugar e a qualquer tempo.

Nesse compósito entram as variadas operações tecnolinguageiras representadas por elementos clicáveis, como ocorre com as *hashtags*, os *hiperlinks* e os botões das plataformas digitais de interação. A escrita tecnológica prevê “[...] uma produção escritural em um dispositivo de informática, em ambiente conectado ou não, que implica traços gráficos, languageiros e discursivos específicos” (Paveau, 2021, p. 179), que variam de acordo com o ecossistema de cada plataforma, isto é, com as configurações e possibilidades oferecidas por cada ambiente digital. Por isso, para compor um tecnodiscurso, é necessário que o usuário possua um conhecimento prévio das práticas de escrita dos programas informáticos, aplicativos e sites, como limite de caracteres, ferramentas e, no caso das redes sociais, possibilidade de marcação a outros usuários ou compartilhamento de conteúdo, por exemplo. De acordo com a ADD, a criação de enunciados digitais passa, inevitavelmente, pelas restrições tecnológicas de cada ecossistema.

Nessa direção, Paveau (2021) postula que, na internet, não existe fronteira entre usuário e produtor de conteúdo. Essa divisão é suprimida por um internauta que assume os dois papéis, revelando a presença de um sujeito híbrido, denominado pelo pesquisador australiano Axel Bruns (2008), citado por Paveau (2021), como *produsuário*. Essa composição forma um *produto*<sup>59</sup> (junção de produção e uso), que “permite a invenção de novos usos, e, ao mesmo tempo, uma melhora contínua dos conteúdos existentes, a partir das afordâncias técnicas da web” (Paveau, 2021, p. 289), ou seja, uma construção tecnodiscursiva constante, alicerçada nas possibilidades técnicas disponíveis nas diversas plataformas da *web* social. Assim, cada espaço de escrita *online* possui formas e gestos específicos, que vão sendo conhecidos e utilizados pelos internautas conforme experienciam cada ambiente digital. A *hashtag* e o fio<sup>60</sup> do Twitter/X são alguns dos exemplos de *produto* nas redes sociais, como veremos no item 2.2 desta pesquisa.

Outro elemento nativo digital é o tecnografismo, representado por um compósito multimidiático entre imagem e texto, que resulta em “uma única ordem verbo-icônica” (Paveau, 2021, p. 334), isto é, uma representação verbo-visual que é

---

<sup>59</sup> Termo também desenvolvido por Bruns (2008), citado por Paveau (2021, p. 289).

<sup>60</sup> Também conhecido como “*thread*” (em inglês), o fio possibilita criar uma sequência de tuítes, que aparecem conectados por uma linha, para que o internauta identifique a sequência como um conjunto. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/create-a-thread>. Acesso em: 03 jul. 2022.

indissociável, nativa da internet. Nesse caso, o sentido só existe a partir da heterogeneidade que combina texto e imagem. Alguns exemplos dessa produção semiótica são os memes, os cartazes digitais, algumas imagens de avatar, determinados filtros e botões das redes sociais. A autora postula que diversas mídias podem ser convocadas para a confecção de um tecnografismo, como ocorre com os memes, que podem ser produzidos em plataformas virtuais, em que o usuário determina a imagem e digita o texto de acordo com sua intencionalidade, ou mesmo em programas *offline* de edição de imagens. Independentemente do processo, a natureza do tecnografismo é tecnológica, uma vez que “já faz parte da expressão digital corrente e aparece em um grande número de publicações de internautas no espaço de escrita da web 2.0” (Paveau, 2021, p. 334).

Em períodos eleitorais, por exemplo, os memes ganham destaque nas redes sociais, especialmente via compartilhamento ou retuíte, e são produzidos, muitas vezes, para ironizar, ridicularizar discursos de candidatos, propostas de governo, ou mesmo para ferir reputações. Esses tecnografismos também podem ser utilizados pelos internautas como ferramenta de confrontação a posições extremadas, ofensivas, discriminatórias, negacionistas etc. De acordo com Baronas, Costa e Ponsoni (2019, p. 521), “o tecnografismo faz parte, então, da argumentação do militantismo digital, criado pelos próprios usuários e amplamente utilizado como forma de manifestação e expressão nos dispositivos de internet”.

Já os tecnografismos representados pelos botões sociais ou de relacionalidade (Paveau, 2021, p. 347), presentes em distintos espaços da internet, existem para convocar os usuários a uma ação, conforme o exemplo que segue:

Figura 1 – Exemplo de botões de relacionalidade em um site

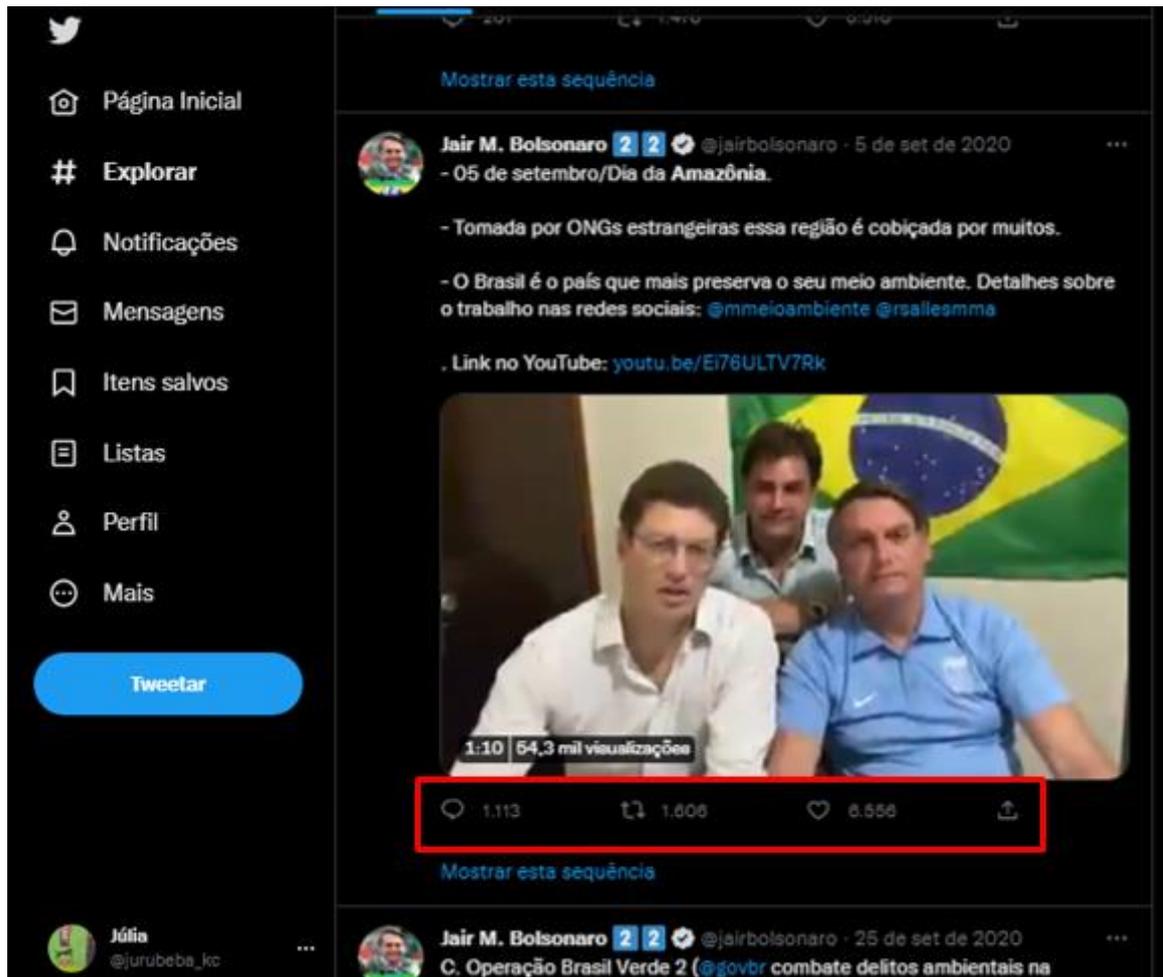


Fonte: Aos Fatos<sup>61</sup>.

Como elementos clicáveis, essas afordâncias servem para convidar o usuário a realizar outras operações. Esses botões, também conhecidos como *widgets* na linguagem computacional, são elementos de interface gráfica e, assim como os menus, representam uma interação do usuário com os sites e dispositivos digitais. De acordo com Paveau (2021, p. 348), a função dos botões é “permitir a navegação de uma página, de uma plataforma ou de uma rede a outra e, conseqüentemente, de ligar os discursos e os enunciadores uns aos outros”. No exemplo demonstrado na Figura anterior, o portal disponibilizou ícones de diferentes plataformas para o compartilhamento da notícia, além da possibilidade de copiar e colar o *link* da matéria em outros espaços. Já quando o conteúdo é publicado originalmente em redes sociais é possível, ainda, reagir às publicações, conforme mostra a Figura 2:

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-chega-1000-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-com-492-dias-de-mandato/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Figura 2 – Exemplo dos botões de relacionalidade no Twitter/X



Fonte: @jairbolsonaro (2020)<sup>62</sup>.

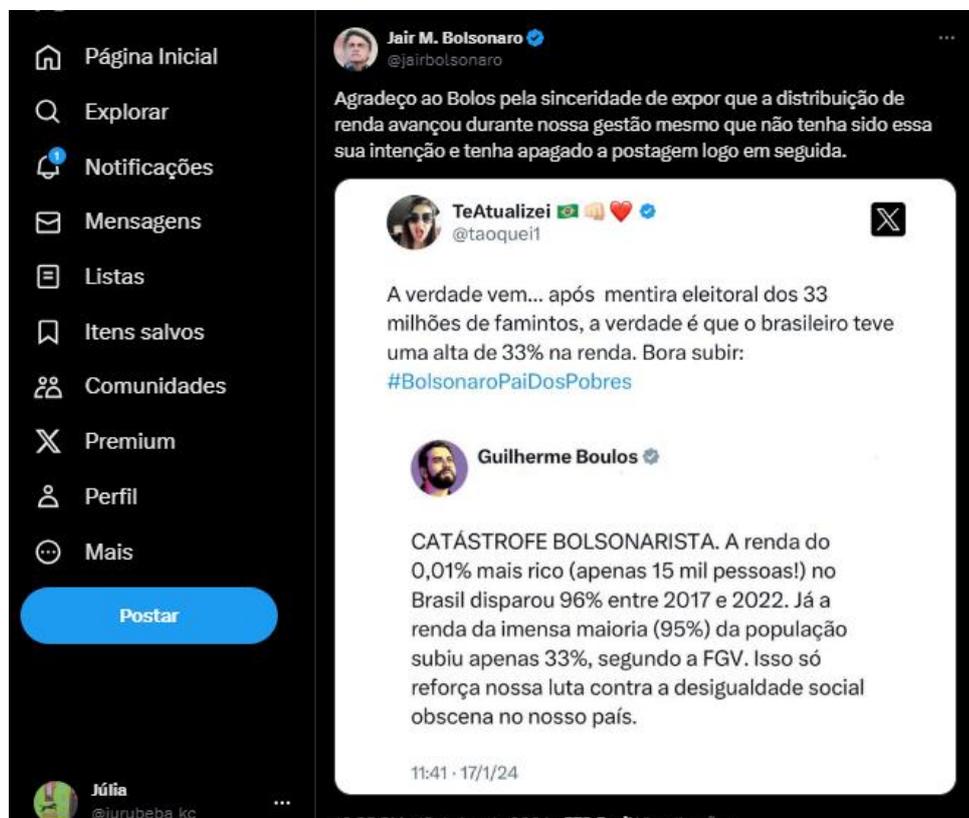
Gestos a exemplo do clicar, teclar, e outras ações mais específicas das redes sociais, como curtir, tuitar ou compartilhar, são alguns dos movimentos tecnosenunciativos observáveis no âmbito da ADD. À medida que o internauta se familiariza com as plataformas, vai assimilando o significado desses botões sociais e suas representações icônicas. Um exemplo disso é o que ocorre com o tecnossigno do coração nas redes sociais: se o usuário mudar de ecossistema, saberá reconhecer que o gesto tecnosenunciativo de clicar nessa imagem representa estar de acordo com o conteúdo visualizado ou com o autor da postagem. Segundo Paveau (2021), esse movimento de “curtir” algo nas redes é sempre polissêmico, pois também pode representar ações implícitas, como um simples cumprimento, um apoio a uma ideia

<sup>62</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1748157151782099467>. Acesso em: 11 set. 2022.

ou pessoa, além de demonstrar aprovação ao conteúdo em si. Em contrapartida, o botão compartilhar indica uma ação explícita que, por sua vez, envolve um tecnodiscurso relatado, que é quando um internauta utiliza a postagem de um terceiro em sua própria rede, seja para apoiar-se nela ou para contestá-la.

Outra forma de apropriação de um tecnodiscurso é via iconização do texto (Paveau, 2021, p. 337), operação que ocorre por meio de capturas de tela, em que o usuário faz um recorte daquilo que deseja publicar. A atividade de fotografar um texto “constitui uma nova prática de citação, sendo tanto a extração quanto a inserção em outro contexto asseguradas por procedimentos tecnológicos” (Paveau, 2021, p. 339), em que normalmente se preserva as informações que identificam a autoria, como nome e imagem de avatar (ícone que caracteriza o internauta), não apenas para reconhecer o responsável pela postagem original, mas também para legitimar o discurso ali partilhado e até mesmo confrontar o autor da postagem original, conforme demonstrado na Figura 3:

Figura 3 – Exemplo de tecnodiscurso relatado no Twitter/X



Fonte: @jairbolsonaro (2024)<sup>63</sup>.

<sup>63</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1748157151762088376>. Acesso em: 18 jan. 2024.

De um modo geral, a internet possibilitou desenvolvermos uma percepção visual do texto, em que a imagem se sobrepõe à linguagem e a enunciação é atravessada pela máquina. Para Paveau (2021, p. 337), “produz-se então na internet uma verdadeira iconização do texto, que toma formas variadas, dentre elas a captura de tela de texto, que se tornou uma prática corrente nos últimos anos”, especialmente a partir de redes sociais como o Twitter/X.

Outra possibilidade de tecnografismo é o avatar, imagem que representa os usuários, sobretudo nas redes sociais, e que é fundamental para designar a identidade social dos indivíduos na rede. Sua natureza é polissêmica, já que, além de constituir uma parte importante do perfil, varia de acordo com a interpretação dos demais usuários e do ecossistema de cada plataforma (dependendo da interface do site é possível visualizar essa imagem em tamanho ampliado). Essa representação visual pode ser composta por uma imagem apenas ou, ainda, por elementos textuais como um logotipo, uma palavra, frase ou mesmo um filtro de apoio a uma causa ou ideia, disponibilizado por algumas redes sociais, como ocorre com frequência no Facebook, por exemplo (ver Figura 4):

Figura 4 – Exemplo de tecnografismo no Facebook



Fonte: Jair Messias Bolsonaro (2022)<sup>64</sup>.

<sup>64</sup> Disponível em:

[https://www.facebook.com/photo/?fbid=649886109822147&set=a.522422399235186&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/photo/?fbid=649886109822147&set=a.522422399235186&locale=pt_BR). Acesso em: 22 fev. 2024.

No exemplo da Figura 4, o filtro com os dizeres “BOLSONARO PRESIDENTE, VICE BRAGA NETTO” (escrito em caixa alta) aparece em verde, junto ao número 22, que faz referência à numeração da candidatura de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, em um fundo azul e amarelo, em alusão às cores e formas geométricas que compõem a bandeira do Brasil. Tal filtro foi disponibilizado gratuitamente para quem quisesse utilizá-lo em sua própria imagem de perfil, durante a campanha eleitoral, conforme comentário escrito pelo próprio Bolsonaro (Figura 4). Esta mesma imagem de avatar também foi utilizada no perfil do ex-mandatário no Twitter/X, durante a referida campanha, de acordo com a Figura 5:

Figura 5 – Exemplo de tecnografismo no Twitter/X



Fonte: @jairbolsonaro (2022)<sup>65</sup>.

Com a *web 2.0*, a escrita digital alcança uma multiplicidade de formas, principalmente no que concerne aos ambientes nativamente digitais, como as redes sociais. Cada ecossistema possui regras próprias de funcionamento e uso,

<sup>65</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 09 set. 2022.

particularidades e possibilidades técnicas, que vão moldando a cultura discursiva digital. Em vista disso, para identificar e categorizar essas produções, Paveau (2021<sup>3</sup> e 2021) propõe o conceito de tecnôgenero de discurso, “para tentar apreender os gêneros de discurso digitais tais como eles se desenvolvem em seus ambientes discursivos e textuais” (Paveau, 2021, p. 328). Para tal, a autora classifica os tecnôgeneros em três categorias: prescrito, negociado e produsado. O primeiro depende fortemente das restrições tecnológicas do site ou plataforma e para ser elaborado é necessário que o usuário esteja conectado: é o caso do tuíte que, entre outras particularidades, apresenta uma limitação de caracteres. Ainda assim, ele pode sair do digital, por meio da captura de tela, para ser divulgado em outras mídias, como a TV ou mesmo a impressa. Nesse caso, quando um tuíte ou outro tecnôgenero prescrito migra da internet para o *offline*, perde seus traços digitais. Já o tecnôgenero negociado não depende exclusivamente de ferramentas tecnológicas para existir, podendo circular tanto na internet quanto fora dela: é o caso dos *trolls*<sup>66</sup> e das listas de melhores ou piores (também conhecidas como “*top*”). No entanto, para atingir características tecnodiscursivas, é necessário que essas produções estejam em ambiente conectado. Por último, a autora apresenta o tecnôgenero produsado, representado por uma elaboração que não se encaixa em nenhum dos tecnôgeneros anteriores: nesse caso ele é produzido fora da *internet* e alcança a esfera digital quando é transferido para a *web*, como ocorre com os cartazes digitais.

Ao analisar um discurso digital nativo, partimos, portanto, de uma tecnologia discursiva que integra linguagem a ferramentas informáticas e possibilita a produção de enunciados compósitos, deslinearizados, relacionáveis, investigáveis, ampliáveis e imprevisíveis (Paveau, 2021). Essas características são, de acordo com a autora, elementos fundamentais para investigar a produção e a circulação dos tecnodiscursos, como mostraremos a seguir.

Nesse compósito entre o languageiro e o tecnológico, há uma série de possibilidades que permitem compor enunciados tecnodiscursivos. Segundo Paveau (2021, p. 119), “essa abordagem supõe vínculos entre o humano e o não humano que vão além do simples uso de objetos para levar em conta realidades sociais verdadeiramente híbridas [...]”, que podem assumir traços plurissemióticos,

---

<sup>66</sup> De acordo com Paveau (2021, p. 170), os *trolls* são locutores *on-line* que têm como objetivo minar as conversas intervindo nas discussões, seja dos fóruns, das redes sociais, dos *blogs* ou de outra plataforma conversacional. São vistos como um “mau” locutor.

mobilizando, ao mesmo tempo, texto, hipertexto, tecnopalavras, tecnossignos, áudio, imagens estáticas, animações, compondo um verdadeiro hibridismo semiótico. A *hashtag*, no Twitter/X, é um exemplo desse comportamento compósito, pois une o linguageiro ao informático por meio do símbolo cerquilha (#), transformando uma ou mais palavras em um segmento clicável, conforme vemos na Figura 6:

Figura 6 – Exemplo de tuíte<sup>67</sup> com *hashtag*



Fonte: @anistiabrasil (2020)<sup>68</sup>.

No tuíte da Figura 6, as *tags* destacadas são #BoiadaNaoVaiPassar e #PL2633Nao, que integram o *corpus* de análise desta pesquisa. As *hashtags*

<sup>67</sup> Manteremos as imagens de avatar e os nomes de usuário dos tuítes selecionados sem identificação, cobertos por uma tarja vermelha, para preservar a identidade digital dos internautas, conforme previsto na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), nº. 13.709/2018. Ao longo desta pesquisa, divulgaremos o nome identificador e o avatar somente quando se tratar de organizações ou figuras públicas.

<sup>68</sup> Disponível em: <https://twitter.com/anistiabrasil/status/1265039213147361280>. Acesso em: 19 maio 2022.

funcionam como palavras-chave em diferentes redes sociais de interação, como ocorre no Twitter/X, e possibilitam o agrupamento de tecnopalavras nesses ecossistemas, o que permite a investigabilidade dos enunciados nativos digitais. De acordo com Paveau (2021, p. 223), “é uma forma tecnolinguageira cuja função é essencialmente social, permitindo a afiliação difusa dos usuários, a tecnoconversacionalidade e a investigabilidade do discurso”. O uso de *tags* como prática tecnodiscursiva em tuítes indica tanto uma afiliação à atividade tecnolinguageira da própria rede, como pode representar emoções, expressões individuais, manifestações lúdicas, posicionamentos coletivos e até mesmo argumentos militantes. Segundo Husson (2016, p. 118), “as hashtags permitem, portanto, que os usuários formem comunidades de interesse mais ou menos soltas que estão em constante reconfiguração”<sup>69</sup>. Já para Recuero (2016, p. 161), “as hashtags tendem a funcionar também como modos de propaganda política para ativistas”, e podem ser utilizadas para influenciar o debate, especialmente no Twitter/X. No item 2.2 desta pesquisa, abordaremos com mais detalhes as *hashtags* e suas funcionalidades nos tuítes, bem como distintas operações *online* praticadas nesta rede social específica.

Outra característica do discurso nativo digital é a possibilidade de ampliação dos enunciados primeiros, seja por meio de comentários, compartilhamentos, *links* hipertextuais (representados por um segmento discursivo clicável, que leva o usuário a outros espaços da internet) ou mesmo por meio de ferramentas de escrita colaborativa, em que diversos indivíduos produzem um texto ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Essa prática mostra que “o computador e os ecossistemas da escrita digital ampliam as capacidades de escrita dos humanos permitindo-lhes realizações que a mão e a caneta não permitem, e abrindo-lhes novas possibilidades de expressão e de comunicação” (Paveau, 2021, p. 53).

Nas redes sociais, os enunciados podem ser ampliados por adição, que é o caso dos comentários em postagens (no Twitter/X são chamados de respostas) ou pela circulação facilitada, representada pelos compartilhamentos (denominadas de retuíte ou *repost* no Twitter/X). Já nas ferramentas de escrita coletiva, como ocorre com o Google Documentos, por exemplo, a ampliação se manifesta quando diferentes escritores produzem simultaneamente (sendo possível identificar as alterações

---

<sup>69</sup> Texto original: “Les hashtags permettent donc aux utilisateurs/trices de former des communautés d'intérêt plus ou moins lâches et en reconfiguration permanente”.

efetuadas por cada participante). Em relação aos *hiperlinks*, a ampliação se dá quando o enunciador primeiro utiliza um *link* para direcionar o usuário a um texto-alvo, que está fora daquele espaço digital. Independentemente do tipo de ampliação escritural, Paveau (2021) postula que tanto a ordem da enunciação quanto a da leitura são alteradas, já que os internautas não dependem mais somente do enunciado primeiro para compreenderem um conteúdo. Assim, a ampliação opera como um prolongamento do discurso primeiro e passa a integrar os diferentes enunciadores participantes dessa construção, conforme os exemplos das Figuras 7 e 8:

Figura 7 – Exemplo de ampliação em tuíte



Fonte: @rsallesmma (2022)<sup>70</sup>.

<sup>70</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1496442448112984070>. Acesso em: 23 fev. 2022.

No tuíte da Figura 7, produzido por Ricardo Salles (@rsallesmma), a ampliação se dá por meio da divulgação de um *hiperlink* do portal Metrôpoles (neste caso, o internauta deve clicar na imagem para ser redirecionado ao endereço de destino) e, posteriormente, pelos comentários efetuados à postagem original. Em destaque, a artista Anitta (representada pelo @Anitta) publicou uma resposta a Salles, relacionada ao conteúdo do tuíte, ação denominada por Paveau (2021, p. 107) como ampliação por comentário relacional, isto é, existe uma conexão entre o comentário e o enunciado primeiro. Já na sequência, a ampliação é promovida pelo próprio ex-ministro, mas de forma diferente: nesse caso, não há relação com o conteúdo do tuíte ou com a resposta de Anitta. Nessa circunstância, Paveau considera o comentário como discursivo (2021, p. 108), elaborado para “[...] produzir o acordo e o desacordo, o consenso e a polêmica, para trazer complementos e prolongamentos, bem como para efetuar digressões”, a fim de desviar o assunto sobre o qual se fala ou escreve. Em quaisquer desses casos, a leitura dos internautas também é ampliada, já que os comentários (respostas, no caso do Twitter/X) formam as enunciações segundas e, assim, prolongam a produção tecnodiscursiva.

Ainda em relação aos *hiperlinks*, tem-se a dupla função de deslinearizar o enunciado de origem e permitir ao internauta alcançar um outro conteúdo (um segundo enunciado). Cabe ressaltar que, nesse movimento, o leitor cumpre um papel de destaque, segundo Paveau (2021): uma vez inserido em um ambiente digital, ele pode escrever em plataformas de texto, comentar notícias em *blogs* ou sites, fazer postagens nas redes sociais ou mesmo eleger a ordem de leitura dos conteúdos que acessa. Por isso, a autora considera esse internauta como um escreiteiro, isto é, um sujeito que lê, tecla e que também cria outros textos, a partir da sua prática digital.

Desse modo, para a ADD, o trajeto de leitura e escrita é, portanto, conduzido pelo próprio usuário (Paveau, 2021). Já Santaella (2021) utiliza a nomenclatura “leitor-produtor” para designar esse indivíduo híbrido que lê e escreve nas redes, e destaca que as inúmeras possibilidades presentes nos processos de navegação permitem a interação com produções plurissemióticas que, por sua vez, podem levar os usuários a outros caminhos. A autora explica:

O funcionamento da máquina hipertextual (conexão entre vários fragmentos de textos) e hipermidiática (convivências de textos escritos com sinais indicadores, ícones, cascatas, janelas que surgem e se dissipam, imagens, vídeos, sons, vozes, música), nos processos de

navegação nas redes, coloca em ação, por meio das conexões, um contexto dinâmico de leitura comutável entre vários níveis midiáticos. (Santaella, 2021, p. 70).

Nessa perspectiva, Santaella (2021) avalia que com o crescente uso dos dispositivos móveis conectados (essencialmente *smartphones* e *tablets*), os usuários passam a ter novas experiências de navegação, interação e “escritura”, experienciando o que ela nomeia como hipermobilidade. Trata-se de “um processo criado pela conexão de mobilidade/comunicação e materializado por redes sociais desenvolvidas simultaneamente em espaços in/off” (Santaella, 2021, p. 84). Para a autora, a hipermobilidade fez emergir o que ela classifica como leitor ubíquo (2021, p. 71), isto é, um sujeito conectado às redes por dispositivos portáteis, com presença simultânea no espaço físico e no informacional. “O leitor é ubíquo porque as mídias móveis propiciam que a informação e a comunicação sejam agenciadas de qualquer lugar para qualquer outro lugar e em quaisquer momentos” (Santaella, 2021, p. 72), de modo que o internauta aparece ao mesmo tempo física e virtualmente presente.

Aproveitando a exposição de conceitos sobre o comportamento do usuário que é também leitor e escritor digital, trazemos o ponto de vista de Di Felice (2021), que apresenta a concepção de infovíduo ou “pessoa digital” para caracterizar o que chama de “entidade plural e complexa, composta por redes de diversos tipos” (2021, p. 85), que vai desde a parte biológica do ser humano (redes de células, tecidos, neurônios), até as redes relacionais construídas no físico e no virtual, passando também pelas redes de dados digitais. De acordo com o postulado do autor, o sujeito biológico é inseparável do indivíduo digital. Ainda segundo ele:

O cidadão digital não é, portanto, a sombra aumentada do sujeito político moderno e do ator social, cujas atividades são gerenciadas e reguladas pela lei vigente. As arquiteturas digitais das redes nos levam a experimentar novas práticas e novas formas de participação, conectadas e onipresentes, individuais e coletivas, autônomas e colaborativas, públicas e privadas, materiais e informativas, ao mesmo tempo. (Di Felice, p. 88).

Este sujeito digital é, portanto, apresentado pelo autor como um indivíduo híbrido, integrante de uma complexa rede de informações e dados, que está em constante transformação.

Já Paveau (2021, p. 163) utiliza o termo enunciador digital para referir-se aos locutores “nascidos na internet”. Segundo a autora, esses indivíduos “não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais, mesmo se suas produções discursivas ecoem evidentemente discursos sociais já conhecidos”. Para ela, o tecnodiscurso produzido pelos enunciadores digitais nativos é representado apenas pelo comportamento linguageiro expresso na *web*, ignorando, assim, os discursos anteriores ao que foi produzido na rede. No entanto, ao tratar de personalidades políticas, compreendemos ser fundamental considerar também as manifestações *offline* de cada representante, bem como o seu histórico profissional e social.

Em nosso ponto de vista, é difícil separar o enunciador político da internet do enunciador político *offline*, pois consideramos que os discursos praticados em diferentes espaços (sejam eles entrevistas, pronunciamentos, comícios ou postagens em ecossistemas da *web* relacional) compõem a integralidade das produções linguageiras do político. Nesse sentido, a intensa cobertura midiática em torno da rotina destes representantes, sobretudo os que estão no exercício de cargo eletivo, e de suas manifestações públicas em redes sociais (em particular no Twitter/X), reforça a necessidade de uma integração entre o discurso digital do político e seus comportamentos linguageiros fora da rede. Vamos a um exemplo: o ex-presidente Jair Bolsonaro assumiu, durante a pandemia, a defesa de medicamentos contra a covid-19 mesmo sem comprovação científica, contrariando recomendações de especialistas, médicos e organizações de saúde. Tal postura foi acompanhada pela população tanto pela TV, rádio e jornal, como por meio da internet. No caso de uma postagem em rede social, favorável ao uso desses fármacos, seria difícil compreender a totalidade da produção tecnodiscursiva isoladamente, sem averiguar as produções linguageiras anteriores ao referido enunciado digital e os discursos prévios praticados pelo político (inclusive em outras mídias). Normalmente, os representantes públicos possuem um planejamento de comunicação com diferentes estratégias, em que a linguagem é adaptada para cada situação e ecossistema (de acordo com as possibilidades de cada plataforma), levando em conta também discursos anteriores praticados por este locutor, como forma de validar e legitimar a sua identidade. Assim, a reputação de uma liderança política, embora possa ser amplamente projetada pelas redes sociais, também é constituída por sua trajetória prévia ao digital, o que torna a presença *online* e *offline* de operadores políticos indissociáveis.

Contudo, compreendemos que a definição empregada por Paveau (2021, p. 163) é baseada nos exemplos do “*Grammar Nazi*” e do *troll*. Enquanto o primeiro representa uma gíria inglesa utilizada para fazer referência a “um internauta excessivamente normativo em relação às regras da língua e intolerante em relação aos erros de ortografia em particular” (Paveau, 2021, p. 163), o segundo está relacionado a uma classe de locutor *online* “cujo objetivo é minar as conversas intervindo nas discussões, seja dos fóruns, das redes sociais, dos blogs ou de outra plataforma conversacional” (Paveau, 2021, p. 170). Em ambos os casos, é comum o uso de pseudônimos para esconder a verdadeira identidade do autor, ou mesmo a criação de perfis falsos, em que um usuário se faz passar por outra pessoa. Nesses casos, é admissível pensar em uma dissociação entre o virtual e a vida fora da rede.

Contudo, a partir do exposto, propomos uma reflexão para ampliar o conceito de enunciador digital desenvolvido por Paveau (2021), inicialmente distinguindo o político de outros enunciadores, considerando a figura do que chamamos de “enunciador digital político” como uma combinação entre as produções languageiras praticadas na *web* e fora dela. Assim, concebemos este indivíduo não como um usuário comum, mas como um representante público, que utiliza a internet e as redes sociais de interação (sobretudo o Twitter/X) para expandir suas manifestações discursivas e, assim, fortalecer sua identidade política, tanto no digital como no *offline*. Desse modo, compreendemos que o enunciador digital político constitui sua personalidade pública nas RSD com base em valores, práticas sociais e discursos externos ao digital, já que disso depende sua credibilidade (diferentemente de um anônimo ou mesmo de outras figuras públicas, como atletas ou artistas, por exemplo, que não têm compromisso com o exercício do poder).

Retomando o conceito preconizado por Paveau (2021), esse enunciador digital é também um escrileitor, na medida em que lê, escreve e navega pela *web*, sempre tendo em conta as possibilidades e restrições de cada plataforma. Ao longo desse processo tecnodiscursivo, a escrita digital e a maneira como cada usuário se comporta na rede são únicas e dependem de uma série de elementos disponibilizados pelos ecossistemas. Um exemplo disso é o que ocorre com os *hiperlinks* e as *hashtags*: todos esses elementos podem ser clicados e permitem ao usuário acessar conteúdos diversos, a partir de um enunciado fonte. Essa prática específica dos discursos digitais nativos, que afeta a ordem de leitura e escrita do usuário, é denominada por Paveau (2021) de deslinearização, e possibilita uma mudança na ordem de navegação, que

pode ser visual (1), sintagmática (2), enunciativa (3), discursiva (4) ou semiótica (5), conforme propõe a autora.

Na deslinearização visual (1), a cor indica ao internauta a clicabilidade do conteúdo (o mesmo vale para o sublinhado em alguns casos). As principais plataformas digitais de interação, por exemplo, utilizam o azul como padrão para destacar os elementos clicáveis (como a menção a um nome de usuário, os *hiperlinks* e as tecnopalavras). No caso do Twitter/X, é possível escolher entre as cores, azul, amarela, rosa, lilás, laranja e verde (alteração disponível nas configurações da conta).

Na deslinearização sintagmática (2), o destaque se dá por meio de *links* textualizados, isto é, aqueles exibidos no formato de segmento textual, como ocorre com nomes, palavras e frases sublinhadas ao longo de um texto (recurso muito utilizado pela imprensa, para fazer referência a explicações ou a temas anteriormente tratados).

A deslinearização enunciativa (3) está relacionada à sintagmática (2), pois possibilita sair de um discurso fonte em direção a um discurso-alvo. Um exemplo disso é o que ocorre com o compartilhamento de *hiperlinks*, conforme o exemplo da Figura 8:

Figura 8 – Exemplo de deslinearização enunciativa



Fonte: @rsallesmma (2021)<sup>71</sup>.

Neste exemplo (que integra nosso *corpus* de análise), o à época ministro do Meio Ambiente de Bolsonaro, Ricardo Salles, possibilita uma dupla deslinearização: o *link* de uma entrevista que concedera ao programa Pânico, da emissora Jovem Pan, e a marcação do perfil oficial do YouTube, ambos destacados em azul pela plataforma. O uso de *links* na escrita digital é uma das principais marcas de deslinearização dos enunciados digitais nativos, já que pode alterar a sequência de escrita dos usuários. Isso também ocorre com a menção a outros perfis e com algumas tecnopalavras, como as *hashtags*. O *hiperlink*, como forma particular do texto digital, “constitui na verdade uma dimensão fundamental da escrita hipertextual, contribuindo para a forma dos enunciados, para a elaboração de seu sentido e de seu modo de circulação” (Paveau, 2021, p. 241). Contudo, cabe ao usuário decidir se irá acessar

<sup>71</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1365679633279107075>. Acesso em: 28 fev. 2023.

esses elementos compósitos, o que inclui, neste exemplo, ter acesso à fala de Salles para tomar conhecimento do teor da entrevista; se irá apenas reagir ao tuíte (considerando as possibilidades do ecossistema, responder, retuitar, curtir, salvar ou compartilhar); ou se irá seguir pela sua linha do tempo. Conforme Santaella (2021, p.22), o universo digital permite ao usuário uma leitura interativa e imensamente flexível, que nos convida a repensar práticas antigas:

[...] o ambiente digital é altamente flexível, com múltiplas camadas, variantes n-dimensionais de leitura e habilidades polivalentes para entrar, alterar, emendar e sair de um texto de modo não linear, saltar para um gráfico, um mapa, uma animação, um vídeo, tudo isso acompanhado de som, enfim, uma atividade que demanda mudanças drásticas nos hábitos de leitura.

Ainda no que diz respeito aos hipertextos, são diversas as possibilidades de redirecionamento que podem ocorrer: pode ser para uma página da internet, um vídeo, documento, contas em redes sociais ou mesmo para outros *hiperlinks*. Eles também podem variar de tamanho, de acordo com o ecossistema em que foram inseridos (existem ferramentas específicas para deixá-los mais curtos).

A deslinearização discursiva (4) é expressa, nas redes sociais, por gestos tecnodiscursivos, a exemplo dos “pedidos de amizade” ou do “seguir” e “deixar de seguir”, conforme ocorre no Twitter/X. São “fenômenos de equivalência entre um gesto tecnodiscursivo e um enunciado linear” (Paveau, 2021, p. 148).

Já a deslinearização semiótica (5) remete a elementos não verbais, como imagens (estáticas ou em movimento), sons e gráficos. No caso do Twitter/X, fotos, memes, vídeos, *gifs* etc. Essas representações também podem estar relacionadas a textos verbais, tornando “o verbal e o não verbal constitutivos” (Paveau, 2021, p. 148), como ocorre, por exemplo, com o tecnodiscurso relatado, quando alguém compartilha uma postagem em rede social (ou mesmo com a captura de tela de um tuíte).

Considerando a natureza compósita dos discursos digitais nativos e as diversas possibilidades de leitura, escrita e elaboração tecnodiscursivas, Paveau (2021) evidencia uma das principais características destas produções: a relacionalidade. Por se tratar de uma coconstrução entre linguagem e tecnologia, todo e qualquer enunciado digital está relacionado a outros discursos, aos aparelhos informáticos utilizados pelos usuários, e aos demais escritores da rede. Trata-se, portanto, de uma relação constitutivamente humana e maquínica. Por conseguinte, é justamente

em função dessa relacionalidade tecnodiscursiva que é possível investigar e coletar os traços de escrita, já que “a investigabilidade repousa no caráter relacional dos tecnodiscursos: se eles estão ligados, então podem ser buscados, encontrados e redocumentarizados a partir da exploração dos links” (Paveau, 2021, p. 312). Para Di Felice, Torres e Yanaze (2012, p. 151), “as redes digitais instauram uma forma comunicativa feita de fluxos e de troca de informações ‘de todos para todos’”, especialmente a partir da *web 2.0*, marcada pelas plataformas de interação. A partir de uma “concepção simbiótica das redes tecno-humanas” (Di Felice; Torres; Yanaze, p. 152), é possível considerar a relacionalidade como constitutiva de qualquer tecnodiscurso. Já Malini (2016) apresenta uma outra mirada para pensar as relações e interações dos indivíduos em redes sociais e utiliza o termo “cooperação associativa” para caracterizar “os rastros que retratam visualmente, através dos desenhos de redes, relações de múltiplas entidades entre si”, como ocorre, por exemplo, com os ecossistemas digitais de interação. Ainda segundo o autor (2016, p. 9):

No caso de redes sociais, a relação pode ser entre perfis, traçada a partir do compartilhamento, do comentário (ou reply) e das curtidas em postagens públicas; entre perfis e objetos interativos, traçada entre perfis e hashtags, perfis e imagens compartilhadas, perfis e links, perfis e posts curtidos; e entre objetos ou entidades digitais, traçada em redes de hashtags, de palavras, de links, de imagens, enfim de entidades textuais ou imagéticas que conformam a linguagem das redes sociais.

Somada à relacionalidade e à investigabilidade dos discursos digitais está a imprevisibilidade: os tecnodiscursos não dependem apenas de seus criadores, pois são também moldados pelos programas, plataformas e algoritmos. Por isso, com as diversas possibilidades tecnológicas de escrita, não é possível “prever nem controlar a forma e a circulação dos tecnodiscursos (Paveau, 2021, p. 312). Ao se enunciar na rede, o usuário não tem nenhum controle sobre o alcance de suas postagens ou comentários. Qualquer tuíte, mesmo de um usuário desconhecido, pode viralizar na internet em minutos, espalhando-se rapidamente, assim como é possível que nem apareça para todos os seguidores ou “amigos” do internauta. Acerca disso, é justamente a dimensão técnica da escrita digital (Paveau, 2021) que torna os tecnodiscursos imprevisíveis. Entretanto, ressaltamos que a programação dos algoritmos é também muito responsável pela imprevisibilidade dos discursos digitais

(Paveau, 2021), assim como os robôs, que são planejados para replicar notícias falsas em grande escala (Pasquale, 2017). Em uma sociedade em que parcelas da população estão conectadas, as redes sociais atuam de modo a quantificar e monetizar nossas produções tecnodiscursivas, o que reflete diretamente no conteúdo que alcança cada usuário.

Desse modo, a partir dos rastros deixados pelos internautas, os conglomerados de tecnologia armazenam e analisam esses registros, passando a influenciar diretamente o comportamento humano digital. Assim, a disseminação de conteúdos *online* passa pelo filtro de grandes corporações, que atuam como agentes intermediários entre a população conectada e detentores de parcelas do poder, tanto em nível econômico privado quanto estatal (Pasquale, 2017). Nessa perspectiva, a rápida circulação de conteúdos, impulsionada pela programação dos algoritmos e pela ausência de responsabilização das grandes empresas de tecnologia, pode contribuir, por exemplo, com a desinformação e a disseminação de notícias falsas, uma vez que não há primor nem pela qualidade, nem pela veracidade dos conteúdos divulgados na internet. No que tange às redes sociais digitais, a produção tecnodiscursiva passa a ser contextual, já que não depende apenas do usuário, mas de um ambiente que carrega especificações de funcionamento e uso. Segundo Paveau (2021, p. 43), “os algoritmos falam no lugar dos internautas a partir de um conjunto de cálculos que se assemelha muito a um determinismo, e que torna, do ponto de vista do locutor, seu discurso imprevisível”. Pode-se dizer que se trata de uma espécie de manipulação coletiva que, especialmente no campo político, pode causar danos a longo prazo para sociedades e democracias.

Conforme explicitado ao longo do capítulo, são diversas as possibilidades tecnodiscursivas que se podem experimentar *online*, sempre considerando as restrições e possibilidades impostas pelas plataformas digitais. Por isso, consoante Paveau (2021), conhecer o ecossistema no qual o usuário está inserido e as práticas tecnodiscursivas de cada ambiente é determinante para nossas interações, produções e análises dos discursos digitais. Para tanto, recordamos que a autora se baseia em uma noção simétrica<sup>72</sup>, que integra o languageiro ao tecnológico, estabelecendo um contínuo entre linguagem e seus ambientes de produção. A autora também mostra que a escrita digital possui características específicas, que orientam

---

<sup>72</sup> Com base na Teoria do Ator-Rede, de Bruno Latour (1994), que não faz distinção entre atores humanos e não humanos, e trata de maneira simétrica o social, a natureza e o discurso.

metodologicamente a investigação dos tecnodiscursos, bem como apresenta novas formas de enunciação tecnolinguageiras, especialmente relacionadas às redes sociais.

No entanto, apesar de tanto discutirmos sobre o discurso digital e as diversas possibilidades e práticas tecnodiscursivas disponíveis na internet e, mais intensamente, nas redes sociais, fazemos uma ressalva: é sabido que tais experiências, infelizmente, não são acessíveis a uma parcela significativa da população brasileira<sup>73</sup>. Mesmo sendo essencial para a vida contemporânea em sociedade (e base para o comércio, serviços e instituições públicas), o acesso à internet em nosso país ainda não é universalizado. Dessa forma, o pleno uso das possibilidades da rede mundial de computadores fica limitado não apenas em relação a conexões de velocidade, como também pela qualidade e desempenho dos aparelhos tecnológicos utilizados pela população. Contudo, embora passe por políticas públicas e decisões governamentais, é importante que diferentes segmentos da sociedade civil se engajem por um acesso público e universal da internet como um direito para o exercício da cidadania brasileira.

Ao longo das exposições teóricas aqui apresentadas, vimos que nosso agir nas redes foi mudando com o passar do tempo, especialmente pelo acesso a aparatos tecnológicos como *smartphones*, *tablets* e computadores, de modo que nos tornamos sujeitos híbridos, com presença em diversos espaços simultâneos, em que o físico e o virtual aparecem continuamente imbricados. Para exemplificar como o discurso digital vem sendo construído na contemporaneidade, trouxemos diferentes autores, com abordagens e perspectivas distintas sobre as práticas discursivas em ambientes digitais, com o objetivo de contribuir para a compreensão de tais fenômenos e de seus desafios para os estudos de linguagem.

No que tange à tese, ressaltamos que a base teórica da Análise do Discurso Digital é utilizada para compreender o ecossistema tecnodiscursivo do Twitter/X, assim como algumas de suas particularidades, sobretudo em relação ao tuíte político. As postagens desse ecossistema, além de servirem como ferramenta e estratégia de comunicação para representantes públicos, possibilitam uma rápida disseminação e grande capacidade de mobilização social, elementos essenciais para o debate

---

<sup>73</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/brasil/noticia/2023/05/exclusao-digital-brasil-ainda-tem-36-milhoes-de-pessoas-sem-acesso-a-internet-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 02 mar. 2023.

democrático da atualidade. Diante disso, consideramos como indispensável investigar as particularidades do Twitter/X enquanto plataforma digital de interação, especificamente no que diz respeito à construção do *ethos* tecnodiscursivo, conforme será abordado no capítulo a seguir.

## 2.2 Fundamentos da rede social digital Twitter/X

Desde sua criação, em 2006, a rede de *microblog* Twitter/X<sup>74</sup> já passou por diversas mudanças: de um tuíte simples, composto somente por texto, com limite de 140 caracteres, passou a permitir a incorporação de imagens fixas e também em movimento (foto, vídeo, *gif*), aumentou o número de caracteres de cada postagem para 280, possibilitou a criação de fios etc., resultando em uma produção complexa e plurissemiótica (Paveau, 2021, p. 369). No entanto, nenhuma transformação foi tão significativa para a plataforma e seus usuários quanto a sua aquisição pelo empresário e bilionário Elon Musk<sup>75</sup>, em outubro de 2022.

A partir de então, o controlador do Twitter/X vem provocando conflitos com autoridades de diversos países, como Brasil, Austrália, Turquia, Índia, Inglaterra, União Europeia, entre outros<sup>76</sup>. Dentre os principais motivos estão a falta de regulação de conteúdo pela plataforma, que passou a permitir a divulgação de postagens mentirosas, violentas, preconceituosas, sem impor limites a essa difusão, alegando “uma liberdade de expressão absoluta”<sup>77</sup>. Importante ressaltar que, no Brasil, há limites para a liberdade de expressão. Nossa legislação proíbe, por exemplo, a defesa de ideologias nazistas ou racistas, a incitação a golpes de Estado, a promoção de animosidade entre as Forças Armadas e outras instituições, a apologia a crimes ou a ameaça a pessoas, preconceitos de raça ou classe etc.

---

<sup>74</sup> Reforçamos nossa escolha em seguir utilizando o nome de origem da rede social, Twitter, seguido de uma barra e o nome atual (Twitter/X), já que nosso corpus foi gerado em período anterior à mudança da marca. Entretanto, trata-se também de uma posição política, sobretudo considerando nossa oposição a Elon Musk (que, entre outras características, é um notório defensor da difusão de conteúdos sem nenhuma preocupação com critérios de veracidade, responsabilidade ética e social).

<sup>75</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/09/demissoes-em-massa-verificado-pago-limite-de-leitura-e-mais-tudo-que-elon-musk-fez-no-twitter-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

<sup>76</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-08/alem-do-brasil-musk-tem-atritos-com-europeus-australia-e-inglaterra#:~:text=Controlada%20pelo%20multibilion%C3%A1rio%20Elon%20Musk,%2C%20a%20Venezuela%2C%20entre%20outros>. Acesso em: 01 set. 2024.

<sup>77</sup> Idem anterior.

Além disso, Musk já suspendeu a conta de jornalistas por decisão própria, assim como deixou de cumprir determinações judiciais para retirar conteúdos indevidos do ar. Contudo, antes mesmo de efetivar a compra da plataforma, o empresário já se posicionava contra algumas decisões da empresa, como os banimentos permanentes, a exemplo do que ocorreu com o ex-presidente estadunidense, Donald Trump<sup>78</sup>. Ele teve sua conta suspensa pelo, à época, Twitter, em janeiro de 2021, por representar risco de incitação à violência, especialmente após a invasão ao Capitólio, sede do Congresso norte-americano. Apesar disso, Musk reativou a conta de Trump dias depois de concluir a aquisição da plataforma.

No Brasil, os problemas entre Musk e a Justiça tiveram início após os atos golpistas de 08 de janeiro de 2023<sup>79</sup>, quando bolsonaristas invadiram prédios dos Três Poderes, em Brasília. A partir disso, o Supremo Tribunal Federal (STF) ampliou investigações sobre a articulação de grupos criminosos de atuação *online* na disseminação de conteúdos falsos e discursos de ódio contra a democracia e as instituições brasileiras. O ministro Alexandre de Moraes é relator dos inquéritos das *fake news*, das milícias digitais e dos atos golpistas e já determinou o bloqueio de vários perfis em redes sociais, entre elas, o Twitter/X, de usuários acusados de disseminar informações falsas e produzir ataques contra instituições democráticas. Porém, enquanto as outras plataformas acataram a decisão da Justiça brasileira, Elon Musk optou por manter esses perfis ativos, alegando o direito à “liberdade de expressão” dos usuários.

Com isso, Moraes estipulou multa diária à empresa, até que as referidas contas fossem desativadas, além de indiciar o próprio empresário para averiguar possíveis delitos, como organização criminosa, incitação ao crime e obstrução à justiça<sup>80</sup>. Desde 2019, inúmeras contas do Twitter/X foram bloqueadas no Brasil por compartilharem informações falsas<sup>81</sup>. Na lista de investigados estão Jair Bolsonaro, apoiadores do ex-presidente e parlamentares.

Na etapa final de escrita desta tese (em agosto de 2024), surgiu um novo embate entre Elon Musk e Alexandre de Moraes. Tudo começou quando o empresário

---

<sup>78</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/01/08/twitter-tira-conta-de-trump-do-ar.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2024.

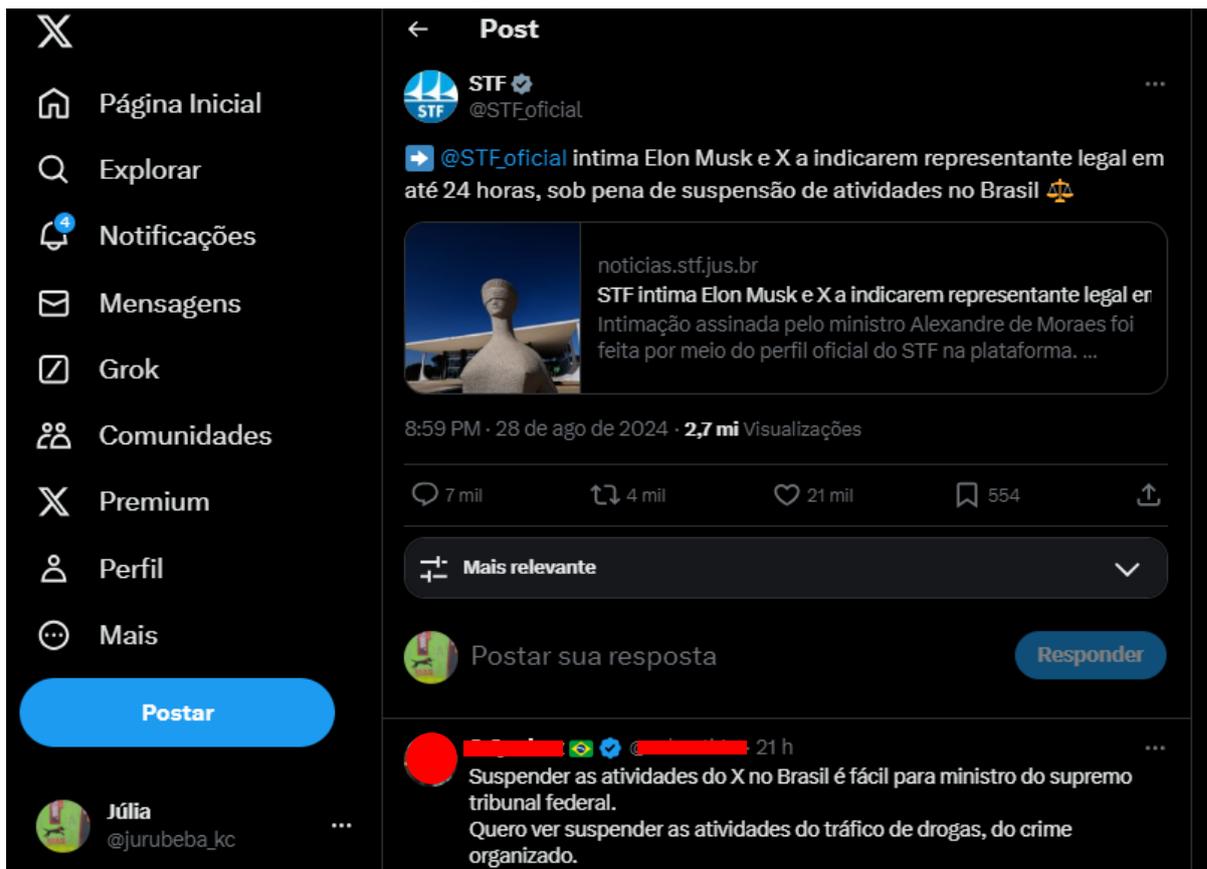
<sup>79</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/04/29/8-de-janeiro-stf-ja-condenou-mais-de-200-executores-dos-atos-golpistas-penas-chegam-a-17-anos.ghtml>. Acesso em: 24 ago. 2024.

<sup>80</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cvgev1295j7o>. Acesso em: 17 ago. 2024.

<sup>81</sup> Idem anterior.

determinou o encerramento das operações do Twitter/X no Brasil<sup>82</sup>. Com isso, funcionários foram demitidos e a representação da empresa deixou de existir no país (apesar disso, a plataforma continuou disponível para os usuários brasileiros por mais algum tempo). Na sequência, o ministro determinou a Musk e ao Twitter/X que indicassem um representante legal no país, sob pena de suspensão das atividades da rede social, no Brasil, conforme preveem o Código Civil do país e o Marco Civil da Internet, que determinam a qualquer empresa estrangeira a obrigatoriedade de uma representação oficial que responda judicialmente pela organização. O prazo estipulado pela Justiça brasileira para o cumprimento da ação foi de 24 horas, conforme postagem produzida pelo perfil do STF no Twitter/X, como mostra a Figura 9:

Figura 9 – Tuíte do STF



Fonte: @STF\_oficial (2024)<sup>83</sup>.

<sup>82</sup> Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/elon-musk-encerra-operacoes-do-x-twitter-no-brasil-e-demite-funcionarios/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

<sup>83</sup> Disponível em: [https://x.com/STF\\_oficial/status/1828945594963873896](https://x.com/STF_oficial/status/1828945594963873896). Acesso em: 29 ago. 2024.

A resposta de Elon Musk foi tuitada no dia seguinte, junto de uma imagem que seria uma representação do ministro brasileiro, produzida por inteligência artificial. No texto verbal do tuíte, o empresário comparou Alexandre de Moraes a vilões de Star Wars e Harry Potter, conforme exposto na Figura 10:

Figura 10 – Tuíte de Elon Musk em resposta ao STF

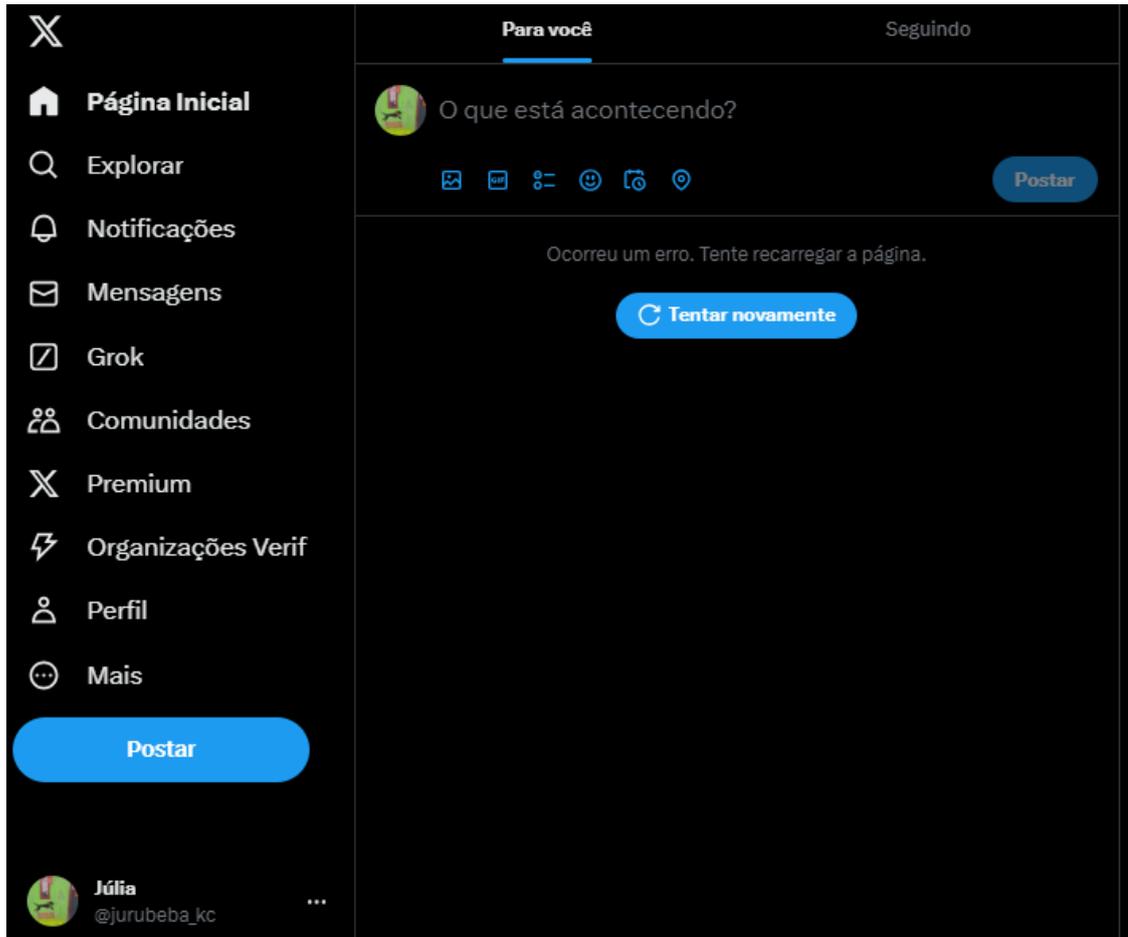


Fonte: @elonmusk (2024)<sup>84</sup>.

O Twitter/X informou que não cumpriria as decisões da Justiça brasileira por considerá-las inconstitucionais e que aguardava a suspensão dos serviços no país. Até o presente momento (setembro de 2024), a plataforma continua fora do ar para os usuários brasileiros (que só poderão acessar suas contas se estiverem em outros países), conforme vemos na Figura 11:

<sup>84</sup> Disponível em: <https://x.com/elonmusk/status/1829016043018190962>. Acesso em: 29 ago. 2024.

Figura 11 – Twitter/X fora do ar



Fonte: linha do tempo da pesquisadora no dia seguinte ao bloqueio da rede social no país (2024).

Desde que adquiriu o Twitter/X, Elon Musk promoveu diversas transformações na plataforma. Uma das principais foi permitir o retorno de diversas contas banidas por incitação à violência ou desinformação. Na sequência, a plataforma acabou com a moderação de conteúdo, extinguindo normas já estabelecidas (também por outras redes sociais) para evitar a circulação de discursos de ódio, notícias falsas e conteúdos extremistas. Um exemplo disso foi ainda em 2022, com o encerramento da política contra a desinformação sobre a covid-19, que culminou em um grande engajamento na plataforma com postagens de conteúdos enganosos sobre a doença<sup>85</sup>. Já em 2023, no Brasil, a rede social foi utilizada por grupos criminosos para desinformar sobre os atos golpistas de 08 de janeiro<sup>86</sup>. Em pouco tempo, o Twitter/X

<sup>85</sup> Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/em-nova-polemica-musk-reverte-moderacao-de-conteudo-e-gera-reacoes-no-governo-americano/>. Acesso em: 02 set. 2024.

<sup>86</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/musk-twitter-violencia-brasil/>. Acesso em: 02 set. 2024.

virou cenário para o crescimento de grupos extremistas, com a ampla circulação de postagens preconceituosas e de conteúdo enganoso. Ainda assim, autoridades, políticos, jornalistas e pessoas públicas de um modo geral seguiam utilizando a rede social como um espaço para a divulgação de informações e interação com os internautas, bem como para promover o debate público acerca de temas importantes para a sociedade.

Em relação ao *corpus* desta pesquisa, ressaltamos que a geração de dados ocorreu em 2021, quando a plataforma ainda se chamava somente Twitter (um dos motivos pelos quais seguimos utilizando a nomenclatura original da rede, além da nossa oposição a Elon Musk). Nesse caso, as mudanças causadas pelo empresário no ecossistema não alteraram nossa coleta e análise. Já para fins de apresentação da rede social, faremos uma breve revisão das possibilidades e restrições técnicas do Twitter/X no tempo presente – disponíveis para usuários dos países em que o acesso à rede social não foi bloqueado.

Em 2023, Musk anunciou a mudança de nome e logotipo da plataforma<sup>87</sup>, que passou a se chamar “X” e substituiu o conhecido ícone do pássaro azul por uma letra “X” estilizada. De igual modo, o empresário alterou a nomenclatura das postagens “tuíte” e “retuíte” para “*post*” e “*repost*”, respectivamente, provocando uma alteração no próprio léxico do ecossistema. Por último, já em 2024, houve alteração no endereço eletrônico que dá cesso a qualquer perfil ou postagem do ecossistema (também conhecido tecnicamente como URL), substituindo o tão conhecido “[www.twitter.com/](http://www.twitter.com/)” pelo novo “[www.x.com/](http://www.x.com/)”. Ainda assim, mesmo que o usuário acesse um tuíte antigo ou busque por “[twitter.com](http://twitter.com)” em seu navegador, é direcionado automaticamente para o novo domínio.

Em relação às primeiras mudanças operacionais do ecossistema<sup>88</sup> após a aquisição de Elon Musk, estão a cobrança mensal de oito dólares pelo selo de conta verificada – conhecida até a mudança de nome da plataforma como “Twitter Blue” e agora batizada como “X Premium”, serviço que antes era gratuito para perfis públicos, como celebridades, políticos, atletas, jornalistas, empresas, veículos de comunicação etc., e que permitia ao internauta diferenciar um perfil oficial de um perfil falso; ações

---

<sup>87</sup> Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2023/07/24/twitter-morre-mas-passa-bem-rede-social- agora-se-chama-x-e-muda-identidade-visual/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>88</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/09/demissoes-em-massa-verificado- pago-limite-de-leitura-e-mais-tudo-que-elon-musk-fez-no-twitter-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

exclusivas para usuários pagantes, como tuítes maiores e editáveis, com até 25 mil caracteres, em vez dos 280 da versão gratuita; a possibilidade de editar os tuítes nos primeiros 30 minutos de publicação, entre outras. O limite de leitura de postagens também foi alterado, sendo limitado a mil tuítes diários para contas não verificadas. Além disso, Musk promoveu demissões em massa<sup>89</sup>, suspendeu e reativou contas de jornalistas, alterou a ordem de exibição dos tuítes na linha do tempo dos usuários – incluindo postagens de contas que não são seguidas pelos tuiteiros, estabeleceu novas métricas de engajamento para os tuítes etc.

Apesar das modificações provocadas por Musk na plataforma, sobretudo por fortalecer a presença da extrema direita no Twitter/X com a liberação de conteúdos de qualquer espécie, a rede social ainda se mostra como um poderoso agente tecnodiscursivo, com presença em diversos países. Mesmo sem figurar no topo das redes sociais mais populares entre os internautas, representa cerca de 600 milhões de usuários ativos em todo o mundo<sup>90</sup>. Dados divulgados pela própria empresa<sup>91</sup>, em 2022, indicavam que 85 por cento dos que utilizavam a rede consumiam notícias pelo menos uma vez ao dia. Ainda de acordo com a plataforma, “seja política, notícias mundiais e locais, entretenimento, esportes, tecnologia ou saúde e bem-estar, o Twitter se tornou o lar de algumas das conversas mais relevantes sobre notícias e eventos atuais que acontecem em todo o mundo” (desde a aquisição do Twitter/X por Elon Musk, a rede social não divulgou novas informações sobre perfil dos usuários, números de contas ativas ou acessos diários por localidade).

No Brasil, até a suspensão da plataforma, em agosto de 2024, a rede social era muito utilizada para consumir e divulgar informações sobre política. De acordo com a pesquisa “A cara da democracia”, realizada em 2020 pelo Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação (INCT)<sup>92</sup>, o Facebook aparecia, naquele ano, como a rede social líder no consumo de notícias relacionadas à política no país. O Twitter/X ocupava a quinta posição, atrás do Instagram, YouTube e WhatsApp (esta edição de 2020 foi a última realizada pelo instituto). Já em uma recente pesquisa

---

<sup>89</sup> Idem anterior.

<sup>90</sup> Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

<sup>91</sup> Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/topics/insights/2022/how-many-people-come-twitter-for-news](https://blog.twitter.com/en_us/topics/insights/2022/how-many-people-come-twitter-for-news). Acesso em: 03 jul. 2024.

<sup>92</sup> Disponível em: <https://www.institutodademocracia.org/a-cara-da-democracia>. Acesso em: 03 jul. 2024.

realizada pelo Data Reportal (Data Report 2024 Brasil)<sup>93</sup>, o WhatsApp é a rede social mais utilizada no Brasil, por cerca de 93% da população entre 16 e 64 anos, seguida pelo Instagram, Facebook, TikTok, Facebook Messenger, Pinterest e Kwai. O Twitter/X aparece apenas na nona colocação, sendo utilizado por cerca de 21 milhões de usuários.

Embora não apareça entre as redes sociais mais acessadas pelos brasileiros, o Twitter/X é muito utilizado por veículos de comunicação, jornalistas e políticos. No caso de representantes públicos, a plataforma serve não apenas para informar sobre ações ou propostas de governo, mas também para a comunicação direta com eleitores e cidadãos de forma geral. A rede social, inclusive, possui grande potencial de agendamento midiático, sendo comum que temas e tuítes com grande repercussão nesse ecossistema virem notícia na mídia, de modo que “a opinião pública também é construída e compartilhada na mídia social” (Recuero, 2016, p. 162).

Além disso, ferramentas do próprio ecossistema instigam o debate e a polêmica pública, como ocorre, por exemplo, com a lista de “tendências do momento” (*trending topics* em inglês), que exhibe os assuntos mais tuitados, comentados e compartilhados pelos usuários da rede naquele instante. Existe, inclusive, um tópico específico para os temas mais comentados relacionados à política. Assim, basta que os internautas cliquem no tópico em destaque para ter acesso às postagens sobre tal assunto. Contudo, para além de reforçar a bolha de usuários que compartilham as mesmas opiniões, esse agrupamento de tuítes serve também para provocar os indivíduos com pensamento divergente a participarem das discussões. De um modo geral, o Twitter/X se mostra como um espaço de interação e debate, que possibilita o contato e a troca com usuários de diferentes esferas, conforme assevera Arugete (2019, p. 22, tradução nossa):

No Twitter, em particular, a troca de informações aumenta a polarização política existente no mundo virtual, consolida as hierarquias midiáticas e incentiva a concentração de conteúdos gerados por utilizadores de alto escalão e, como resultado, estrutura um diálogo único entre as agendas política, midiática e pública<sup>94</sup>.

<sup>93</sup> Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 03 jul. 2024.

<sup>94</sup> Texto original: “En Twitter, en particular, el intercambio de información acrecienta la polarización política existente en el mundo no virtual, consolida las jerarquías mediáticas al fomentar la concentración de contenidos generados por usuarios de alto rango y, como consecuencia, estructura un diálogo singular entre las agendas política, mediática y pública”.

O Twitter/X permite que os usuários construam um perfil público e se comuniquem com outras contas da rede – sendo seus seguidores ou não – por meio de uma postagem conhecida como tuíte<sup>95</sup> (denominação das publicações à época em que se chamava somente Twitter, já que agora o ecossistema utiliza o termo “*post*”), uma resposta a outro internauta, um retuíte (quando o tuíte de um terceiro é compartilhado por um usuário, denominado atualmente como “*repost*”) ou por mensagem direta (privada). Cada tuiteiro pode personalizar o seu perfil com os elementos imagem de avatar, banner de capa, nome de exibição (nome do responsável pela conta), nome de usuário (sempre precedido pelo símbolo arroba, é a identificação do tuiteiro na rede, e pode ser, inclusive, um pseudônimo), uma breve biografia (denominada pela rede como “*bio*”), indicação de localização e site. Os perfis criados na plataforma funcionam como uma identidade digital para os usuários, na qual cada internauta irá compor uma representação da imagem de si com a divulgação de alguns traços de sua personalidade, gostos pessoais, afinidades etc., com a possibilidade de interagir com outros perfis da RSD. Segundo Recuero (2014, p. 140),

Perfis, assim, seriam representações conversacionais, na medida em que são constituídos pelas negociações indiretas que permeiam a rede como um todo, pelas interpretações coletivas dos signos apresentados nesses perfis e pela interação com outros atores.

Ainda em relação às possibilidades técnicas do ecossistema, cada conta do Twitter/X exibe também a data de ingresso na rede, o número de perfis seguidos e a quantidade de seguidores de cada usuário. Nas abas “Tuítes” (*posts*), “Tuítes e respostas” (atualmente aparece somente como “respostas”), “Mídia” e “Curtidas” é possível acompanhar a interação de cada tuiteiro na plataforma, exceto se a conta for privada (por padrão, os tuítes são públicos, embora seja possível restringir as publicações apenas para os seguidores, bem como as informações de perfil). Em qualquer momento, o usuário pode deixar de seguir uma conta e pode, inclusive, bloquear outros tuiteiros. Desse modo, as postagens podem ser de livre acesso ou restritas aos seguidores. Na Figura 12, apresentamos um exemplo de perfil do Twitter/X:

---

<sup>95</sup> Meses após a mudança do nome Twitter para X, a plataforma adotou o termo “*post*” e “*repost*” para referir-se ao tuíte e retuíte. No entanto, nesta pesquisa, manteremos a nomenclatura original e mais conhecida da rede social, lembrando que nosso corpus foi gerado antes de Elon Musk efetivar a compra da empresa.

Figura 12 – Captura de tela do perfil da pesquisadora no Twitter/X



Fonte: Twitter @jurubeba\_kc (2024)<sup>96</sup>.

Quando o usuário visualiza o seu próprio perfil (como na Figura 12), aparece ainda a opção “Editar perfil”, que permite alterar as informações e imagens que compõem a descrição da conta (além disso, o ecossistema atual do Twitter/X possibilita ao usuário adquirir o selo de conta verificada, conforme aparece na imagem). Já quando se acessa o perfil de outro indivíduo ou organização (que não seja a do próprio usuário), é possível observar uma página um pouco diferente, com a presença de alguns botões, conforme a Figura 13:

<sup>96</sup> Disponível em: [https://twitter.com/jurubeba\\_kc](https://twitter.com/jurubeba_kc). Acesso em: 12 ago. 2024.

Figura 13 – Exemplo de botões em perfil no Twitter/X



Fonte: Twitter/X @jairbolsonaro<sup>97</sup>.

Ao acessar o perfil de um terceiro, é possível visualizar os ícones “Mais”, “Mensagem”, “Notificar” e “Seguir/Seguindo/Deixar de seguir” (no entanto, dependendo das configurações de cada conta, alguns destes botões poderá ficar oculto, exceto o “Mais”, que aparece obrigatoriamente em qualquer perfil). Inclusive, este último item abre tecnossignos de relacionalidade que levam a diversas operações, tais como desativar retuítes, visualizar tópicos, adicionar/remover usuário das listas, ver listas, visualizar momentos, compartilhar perfil, copiar *link* para o perfil, silenciar usuário, remover este seguidor, bloquear usuário e denunciar usuário. Todos esses tecnografismos são clicáveis e indicam uma possibilidade de ação. Ainda no perfil, o Twitter/X também mostra os seguidores em comum entre o tuiteiro que está logado e a conta visitada. O ecossistema permite seguir qualquer usuário sem o envio de convite (ao contrário do que ocorre no Facebook, por exemplo), assim como não existe obrigatoriedade de que o outro tuiteiro o siga de volta. Outra característica do

<sup>97</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 13 jul. 2022.

ecossistema é permitir que as postagens sejam visíveis a não usuários do Twitter/X (contudo, nesse caso, é necessário que a conta seja aberta ao público).

Por ser nativo digital, o tuíte é um tecnogênero de discurso prescrito e, portanto, é moldado pelas restrições técnicas do ecossistema. Os tuítes aparecem tanto na linha do tempo do tuíteiro quanto dos usuários que o seguem, em tempo real. No entanto, esse fluxo de conteúdo é único, personalizado de acordo com as relações que o internauta conserva na plataforma. Ao fazer login na rede, os tuíteiros são automaticamente direcionados a sua linha do tempo, que apresenta, à esquerda, um menu padrão, com diversas opções, como “Página inicial”, “Explorar”, “Notificações” etc.

Como regra, qualquer tuíte exibe os elementos imagem de avatar, nome de exibição, nome do usuário, data de publicação, além do limite atual de 280 caracteres para contas gratuitas, e dos botões sociais “Responder”, “Retuitar”, “Curtir” e “Compartilhar”, que possibilitam a interação com a postagem e demais usuários da rede. Quando o *post* é visualizado fora da linha do tempo do tuíteiro, aparece também a opção “Seguir”. Outro recurso da rede é o “Ver estatísticas”, visível somente para o proprietário da conta, que mostra impressões (número de visualizações), engajamento da publicação (número de interações, quantidade de cliques, retuítes, respostas e curtidas), expansão de detalhes (vezes que as pessoas visualizaram os detalhes sobre o tuíte), novos seguidores e visitas ao perfil. Os tuítes também acompanham o ícone “Mais” que, ao ser clicado, exibe as funções “excluir”, “fixar no seu perfil”, “adicionar/remover usuário das listas”, “altere quem pode responder”, “incorporar tuíte” e “ver estatísticas do tuíte”, assim como a opção “promover seu tuíte” (possibilidade exclusiva para contas profissionais<sup>98</sup>). Na Figura 14, apresenta-se um modelo de tuíte simples:

---

<sup>98</sup> Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/professional-account-policy>. Acesso em: 21 set. 2022.

Figura 14 – Exemplo de tuíte simples



Fonte: @rsallesmma (2022)<sup>99</sup>.

Os tuítes simples possuem apenas texto e podem conter formas tecnolinguageiras clicáveis e relacionáveis, conforme o exemplo da Figura 6 (marcação do perfil @Anitta e da tag #teletubbies). Ao digitar uma tecnopalavra como a *hashtag* (marcada com a cerquilha) ou fazer menção a outras contas (por meio do símbolo arroba junto ao nome de usuário), o ecossistema do Twitter/X automaticamente mostra o texto em azul, o que determina, portanto, nesse ambiente, que os elementos podem ser clicados (o mesmo ocorre com os *hiperlinks*). Entretanto, nesse ecossistema, ainda é possível alterar a cor padrão dos segmentos clicáveis por outras opções, como amarela, rosa, lilás, laranja e verde, ação disponível nas configurações de cada conta.

Ademais, para além de um recurso tecnodiscursivo, a menção a outro usuário mostra que o enunciador primeiro quer chamar a atenção do sujeito referido no tuíte. Tal operação pode simplesmente indicar que o tuiteiro convidou alguém para a conversa, bem como tem potencial para ser caracterizada como uma forma proposital de interação polêmica, em que o perfil mencionado é provocado para uma discussão.

<sup>99</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1496582265299681281>. Acesso em: 24 fev. 2022.

Nesse caso, especialmente quando os perfis envolvidos contam com certa reputação nas redes, a repercussão do tuíte pode ser muito mais expressiva do que a de uma postagem sem menção a outra conta.

Ainda no que diz respeito ao formato simples, ele é o mais reproduzido fora da rede social, tanto na mídia *offline* como em outros espaços virtuais. Com frequência, encontram-se tuítes sendo compartilhados em outras plataformas digitais de interação, *sites*, *blogs*, ou mesmo em programas de TV e até na mídia impressa. Esse movimento de exportar o tuíte para fora do seu ecossistema de origem é, segundo Paveau (2021), uma forma estereotipada de uso, que só mantém a clicabilidade das tecnopalavras estando em ambiente virtual.

Também é possível criar um enunciado com vários tuítes, por meio da funcionalidade “fio” (*thread*, em inglês), que liga uma postagem à outra. Essa sequência aparecerá na linha do tempo dos internautas conectada por uma linha, para mostrar que se trata de um conjunto de tuítes, conforme caracterizado pela Figura 15:

Figura 15 – Exemplo de tuíte em fio



Fonte: @jairbolsonaro (2022)<sup>100</sup>.

<sup>100</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1581495797828681728>. Acesso em: 20 out. 2022.

Os tuítes também podem conter imagens fixas ou em movimento, assim como exibir *hiperlinks*, para que o internauta acesse outro conteúdo, em uma nova janela. Esse *link* cumpre a função de deslinearizar o enunciado, já que pode descontinuar a ordem em que os conteúdos são consumidos. O uso desse recurso tecnodiscursivo serve tanto para informar sobre um determinado assunto, como também para reforçar a posição do tuiteiro, como uma espécie de validação do que ele diz. Por ser um elemento clicável, aparece como padrão na cor azul<sup>101</sup> (deslinearização visual) e pode ser reduzido para ocupar menos espaço no tuíte, por meio de ferramentas ou *sites* específicos, de acordo com o exemplo da Figura 16:

Figura 16 – Exemplo de tuíte com *hiperlink*



Fonte: @jairbolsonaro (2021)<sup>102</sup>.

Para visualizar um tuíte, o internauta pode manter-se em sua linha do tempo ou então abri-lo em uma janela, clicando uma vez na postagem, de acordo com a Figura 17:

<sup>101</sup> Reforçamos que as cores dos elementos clicáveis podem ser alteradas nas configurações do Twitter/X.

<sup>102</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1375524476448825346>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Figura 17 – Exemplo de tuíte simples em janela



Fonte: @rsallesmma (2022)<sup>103</sup>.

Essa outra possibilidade de visualização do tuíte é classificada por Paveau (2021) como uma forma ecológica que, segundo a linguista, funciona como um resumo da publicação, especialmente pela possibilidade de verificar as respostas e os retuítes da publicação. Segundo a autora, existe uma outra forma de visualização de tuítes, muito utilizada por pesquisadores em estudos de linguagem, que ela classifica como logocentrada, por se voltar para as formas lexicais da postagem. No entanto, esse formato (capturado por meio de ferramentas de extração) não atende à perspectiva tecnodiscursiva ecológica preconizada pela ADD, que considera “a natureza contextual do tuíte em seu ambiente” (Paveau, 2021, p. 375).

São diversas as categorias tecnolinguageiras que podem ser exploradas nos tuítes, tais como a postagem linear, composta apenas por texto simples, sem elementos clicáveis; a possibilidade de utilizar símbolos, *emojis* e outras formas icônicas também não clicáveis; uso de fotos, capturas de tela, *gifs* ou vídeos; o

<sup>103</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1572194032973152257>. Acesso em: 20 set. 2022.

emprego de *hiperlinks* (elementos clicáveis que possibilitam o acesso a outros ecossistemas fora do Twitter/X); menção a outros usuários (para convidá-los a participar da discussão); tuítes com tecnopalavras como a *hashtag* (forma de escrita clicável que une o símbolo cerquilha ao vocábulo ou frase); pseudônimo (nome de usuário que acompanha a arroba) utilizado para camuflar a verdadeira identidade do perfil; e a presença de palavras-consignas, representadas nos menus de rolagem. Todos esses elementos podem ser combinados em um único tuíte e variam de acordo com a escolha de cada autor.

Segundo Paveau (2021, p. 376), o Twitter/X possui um conjunto de práticas tecnolinguageiras próprias, “de natureza evolutiva, uma vez que novas possibilidades escriturais aparecem regularmente, enquanto outras desaparecem”. É o caso do que ocorreu com o limite de caracteres, que foi uma reclamação constante entre os usuários da rede. Em 2017, a plataforma deu início a testes com alguns tuiteiros, liberando postagens com os atuais 280 (antes eram 140), atendendo a pedidos de internautas que reiteravam a dificuldade de expressar pensamentos em tuítes tão curtos<sup>104</sup>. Pouco tempo depois, a nova prática foi ampliada a todos os utilizadores da rede social.

A *hashtag* é outro exemplo de atividade tecnodiscursiva que foi incorporada ao ecossistema pelos desenvolvedores da plataforma, após a manifestação de um usuário, em 2007. Na ocasião, o tuiteiro Chris Messina propôs o uso do símbolo cerquilha (#) na rede para a formação de grupos (até então o sinal era utilizado somente em linguagem de programação). No entanto, técnicos e executivos da empresa identificaram na *hashtag* (associação do símbolo “#” a uma palavra ou frase, o que torna o segmento clicável) a possibilidade não apenas de criar grupos, mas, principalmente, de formar canais de comunicação entre tuiteiros. “A hashtag propõe, então, uma afordância comunicacional específica na rede Twitter, que implica formas endêmicas de participação discursiva” (Paveau, 2021, p. 224). Inclusive, outras redes sociais, como o Facebook e Instagram, passaram a incorporar *hashtags* em seus ecossistemas. Com a disseminação dessa prática, foi cada vez mais comum encontrá-las em outros contextos, inclusive fora da rede, como ocorre, por vezes, na mídia

---

<sup>104</sup> Disponível em: [https://blog.twitter.com/pt\\_br/topics/product/2017/Twitter-testa-aumento-do-limite-de-caracteres-para-280#:~:text=O%20Twitter%20inicia%20nesta%20ter%C3%A7a,Tweets%20de%20at%C3%A9%20280%20caracteres](https://blog.twitter.com/pt_br/topics/product/2017/Twitter-testa-aumento-do-limite-de-caracteres-para-280#:~:text=O%20Twitter%20inicia%20nesta%20ter%C3%A7a,Tweets%20de%20at%C3%A9%20280%20caracteres). Acesso em: 20 set. 2022.

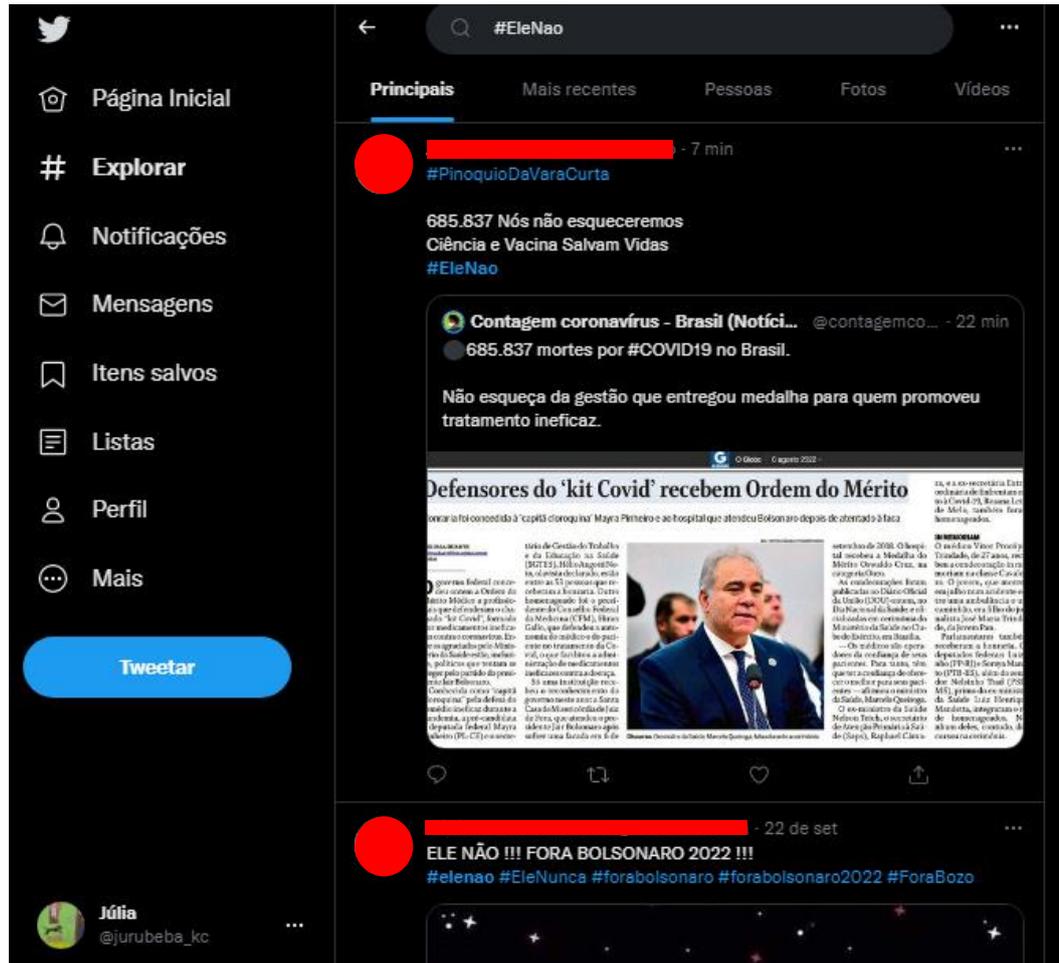
impressa, em cartazes de rua ou mesmo na publicidade. Sua ocorrência também se dá em ambientes digitais, porém, sem a função hipertextual que possui no Twitter/X, sendo apenas incorporada linguisticamente aos textos (Paveau, 2021, p. 225).

De natureza compósita, já que combina o linguageiro (palavras, siglas, termos ou frases) ao tecnológico (tecnopalavra clicável em função da associação com o símbolo cerquilha), a *hashtag* permite agrupar um conjunto de enunciados, possibilitando a redocumentação dos tuítes envolvidos. Trata-se de “uma forma linguística cuja função é essencialmente social, permitindo a filiação difusa dos usuários, a technoconversacionalidade e a investigabilidade do discurso<sup>105</sup>” (Paveau, 2013b, p. 11). A ordem das *hashtags* em um tuíte é determinada pelo usuário, assim como a quantidade de tecnopalavras utilizadas em uma mesma postagem.

No que diz respeito à investigabilidade e rastreabilidade das *hashtags*, no Twitter/X, é possível acessá-las por uma simples pesquisa no campo “#Explorar” que permite, ainda, filtrar a busca pelas categorias “Principais”, “Mais recentes”, “Pessoas”, “Fotos” ou “Vídeos”. Na Figura 18, apresenta-se um exemplo de consulta pela *hashtag* “#EleNao”, na opção “Principais”, conforme segue:

---

<sup>105</sup> Texto original: “C’est une forme langagière dont la fonction est essentiellement sociale, permettant l’affiliation diffuse des usagers, la technoconversationalité et l’investigabilité du discours”.

Figura 18 – Exemplo de tuíte com *hashtag*

Fonte: Linha do tempo da pesquisadora.

O movimento digital #EleNÃO (ou #EleNao), liderado por mulheres brasileiras, teve origem no Facebook, em 2018, no período anterior às eleições presidenciais, para mostrar oposição ao então candidato Jair Bolsonaro. A *hashtag* marcou o militantismo digital feminista no Brasil, sendo exportada para outras redes sociais, como o Twitter/X, e passou a ocupar também espaços *offline*, a exemplo de adesivos, cartazes, jornais impressos, e manifestações presenciais públicas, em diversas cidades pelo país. De acordo com Paveau, Lourenço e Baronas (2021, p. 59), “a *hashtag* #EleNÃO surge no Brasil imbuída em um contexto histórico, social e político conflituoso, que não pode ser apreendido somente na sincronia”. Esse período foi marcado pela oposição de milhares de indivíduos a propostas e manifestações públicas de Bolsonaro, servindo também como instrumento de resistência frente a ameaças conservadoras proferidas pelo, à época, candidato à Presidência.

A prática do militantismo digital por meio do ativismo de *hashtags* encontra, nas redes sociais, espaço para reivindicação e luta contra injustiças sociais e políticas. Para Husson (2016), as *hashtags* operam como palavras-argumento, que ultrapassam o posicionamento enunciativo, e permitem “a produção e reconfiguração permanente da identidade associada”<sup>106</sup>. Retomaremos essa questão no item 2.5 desta pesquisa, que irá tratar da ressignificação em contexto digital.

Paveau (2021) postula que algumas práticas tecnodiscursivas típicas da *hashtag* são a marcação, a rastreabilidade e a redocumentação, já que é possível acessar um conjunto de tuítes relacionados com a mesma *tag*. Segundo a autora (2021, p. 229), “a *hashtag* torna o discurso rastreável”, o que garante a investigabilidade dessa afordância. A lista de tendências do momento (*trending topics*) também faz a indexação das *tags* mais utilizadas na rede, permitindo ao usuário acessar a coleção de tuítes do momento. Outra prática comum da plataforma é a filiação difusa, representada pelas práticas tecnolinguageiras que ocorrem a partir dos usuários. Um exemplo é a famosa *hashtag* “#tbt” (em inglês, *throwback Thursday*), que pode ser traduzida como “quinta-feira das lembranças”. Nesse dia, os internautas publicam fotos de lugares visitados ou situações que já ocorreram. Também é possível expressar emoções e modalizar um tuíte por meio de *hashtags*. Nesse caso, a tecnopalavra assume “o papel de uma informação complementar, entre expressão da emoção e modalização enunciativa” (Paveau, 2021, p. 231), como por exemplo “#feliz” ou “#euapoio”.

No Twitter/X, existem também as batalhas de *hashtags* e as *tags* polêmicas, muito utilizadas em contexto político. Essa prática evoca reações da *web* social e participativa e pode gerar movimentos que ultrapassam o virtual, como ocorreu com o já citado caso brasileiro do “#EleNão”. Especialmente no campo político, o Twitter/X ainda funciona como um espaço tecnodiscursivo que permite o enfrentamento ideológico e político direto, engajando os protagonistas, seus principais intérpretes e os públicos seguidores, com relevante capacidade de adesão e mobilização. No entanto, a rede social passa por uma crise de reputação, diante das recentes mudanças na gestão, funcionamento, estética e aberturas à monetização.

Conforme vimos no decorrer do capítulo, para políticos e autoridades, a presença ativa no Twitter/X é sinônimo de participação no debate público da

---

<sup>106</sup> Texto original: “[...] permet la production et la reconfiguration permanente de l’identité associée”.

atualidade. Da mesma forma, veículos de comunicação e jornalistas utilizam a rede para acompanhar agendas oficiais e notícias de governo. Assim, os perfis políticos no Twitter/X possibilitam, em seu conjunto (imagem de capa, avatar, nome de usuário e os próprios tuítes), gerar visibilidade, reconhecimento e influência junto àquela comunidade e também à opinião pública, refletindo em outras esferas para além do mundo conectado. Segundo Recuero (2016, p. 161):

“[...] a esfera pública constituída no Twitter também tem relações de poder que influenciam a propagação de determinadas mensagens em detrimento de outras. Essas relações de poder também estão relacionadas com as disputas do espaço offline.

O Twitter/X representa, portanto, um espaço digital em que os enunciadores digitais políticos moldam seus discursos conforme os acontecimentos do momento, compartilhando elementos ideológicos e valores que reverberam também fora do digital.

Por fim, apesar de Elon Musk e da promoção de mudanças negativas nesse ecossistema, o tuíte segue como um tecnogênero de discurso que possibilita não apenas a interação com outros usuários, como também o debate público e a mobilização social. Ainda que seja um espaço em que a violência verbal também esteja presente, principalmente por meio de usuários que se camuflam atrás de falsos perfis ou mesmo pela contratação de robôs, o Twitter/X segue como uma rede social favorável à discussão cidadã e à interpelação de autoridades. Ademais, a plataforma permanece, até o presente momento, como uma rede de referência para o posicionamento público de políticos e lideranças, bem como para a comunicação política em geral. Nesse sentido, ressaltamos a importância de investigar a construção de perfis políticos nesta rede social específica, prioritariamente no que diz respeito aos elementos que revelam traços de uma personalidade digital que, não somente se enuncia por meio de tuítes, mas que também influencia e reverbera em diferentes camadas da sociedade conectada, conforme abordaremos no seguinte capítulo.

### 2.3 Tuíte político e *ethos* tecnodiscursivo

No campo político, o Twitter/X ganhou notoriedade a partir das eleições presidenciais norte-americanas de 2008, especificamente com o perfil do então

candidato e, atualmente, ex-presidente, Barack Obama<sup>107</sup> (2009-2017). A conta @BarackObama<sup>108</sup> passou a ser utilizada, ainda durante a campanha à Presidência, para compartilhar propostas de governo, além de divulgar programas de TV, eventos e agendas com a presença do candidato democrata. De acordo com Gomes *et al.* (2009), a equipe de Obama usou muito bem as redes sociais no período eleitoral da época, com destaque para a interação do perfil, no Twitter/X, com cidadãos comuns. A conta respondia a comentários e perguntas de eleitores, além de seguir de volta vários perfis, práticas que não foram executadas pela opositora de Obama nas prévias do partido, Hillary Clinton, por exemplo (Gomes *et al.*, 2009). Desse modo, ao interagir com diferentes usuários da rede social, o Twitter/X do ex-presidente estadunidense foi utilizado para deixá-lo mais próximo destas pessoas, já que demonstrou interesse em ouvir e responder às dúvidas dos internautas, não se limitando a um espaço apenas para a divulgação de compromissos. Ainda de acordo com Gomes *et al.* (2009, p. 40), “ele [Obama] aproximou-se das pessoas produzindo a ideia de que era alguém à distância apenas de um clique do seu eleitor”. Após a exitosa experiência de Obama nas eleições de 2008, o Twitter/X passou a ser amplamente utilizado por políticos em todo o mundo<sup>109</sup>, servindo como um espaço de extensão das suas identidades públicas.

No que diz respeito a temas sensíveis à população, como políticas públicas e direitos sociais, o Twitter/X potencializa debates e provoca grande mobilização social. Um exemplo disso são alguns tuítes produzidos pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, seus filhos e ministros, especialmente durante o primeiro ano de pandemia da covid-19, período marcado por inúmeras divulgações confusas e até mesmo inverídicas por parte do governo federal<sup>110</sup>. Além de Bolsonaro, seu ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles<sup>111</sup>, também provocou muita discussão pela plataforma.

---

<sup>71</sup> O perfil de Barack Obama no, à época, Twitter, foi criado em 2007, enquanto ainda era senador. Entretanto, somente no ano seguinte, durante as prévias do partido Democrata, a equipe de campanha do ex-presidente norte-americano investiu nas redes sociais como estratégia de marketing político (GOMES, *et al.*, 2009).

<sup>108</sup> Disponível em: <https://twitter.com/barackobama>. Acesso em: 20 set. 2022.

<sup>109</sup> Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/por-que-o-twitter-e-tao-popular-entre-os-politicos/>. Acesso em: 20 set. 2022.

<sup>110</sup> Disponível em: <https://twitter.com/aosfatos/status/1242616620486471685>. Acesso em: 20 set. 2022.

<sup>111</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/06/23/ricardo-salles-10-canetadas-e-polemicas-que-marcaram-sua-gestao-no-meio-ambiente.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2022.

Por meio dos perfis @jairbolsonaro<sup>112</sup>, com 12,9 milhões<sup>113</sup> de seguidores, e @rsallesmma<sup>114</sup>, seguido por 1,7 milhão<sup>115</sup>, os representantes políticos publicaram agendas, divulgaram ações de governo e responderam a acusações contra a gestão bolsonarista.

De acordo com Longhi (2013, p. 11), o tuíte político “[...] revela-se como uma forma original de discurso político”<sup>116</sup>, que permite a encenação de uma identidade digital. O autor considera que o tamanho reduzido dos tuítes (com limite de 280 caracteres na versão gratuita) favorece certos formatos do discurso político tradicional, de modo que os enunciadores sejam mais concisos e ao mesmo tempo explícitos. Assim, o uso de frases de efeito ou mesmo de uma espécie de “fórmula” para discorrer de maneira breve e objetiva sobre determinados temas passa a ser recorrente neste ecossistema, especialmente tratando de perfis políticos.

Nesta perspectiva, Longhi (2013) propõe a noção de *ethos* tecnodiscursivo, isto é, a construção de uma imagem de si no ambiente digital do Twitter/X, que permite utilizar meios tecnológicos não só para se enunciar, como também para interagir e se constituir na rede. Contudo, o autor utiliza o termo *ethos* tecnodiscursivo para designar uma representação de si apenas por meio de tuítes, não contemplando outras RSD. Já Vicari (2022, p. 90) compreende o *ethos* tecnodiscursivo como uma identidade digital construída por um “conjunto de traços que permitem identificar a atividade de um indivíduo em qualquer dispositivo on-line”, o que contempla a divulgação de informações pessoais e os rastros deixados pelo usuário em diferentes espaços virtuais. Desse modo, nos alinhamos à proposta de Longhi (2013), por considerarmos o Twitter/X como uma plataforma diferenciada para a comunicação política, bem como para o debate público, compreendendo o *ethos* tecnodiscursivo como resultado da totalidade da produção tecnolinguageira, o que inclui todos os elementos disponibilizados pelo ecossistema, como imagem de avatar, imagem de capa, descrição, “bio” etc.

A *web* modificou a maneira como pensamos o *ethos* discursivo, já que “[...] a análise do discurso se vê confrontada com as novas tecnologias da comunicação, especialmente com a internet, cujo funcionamento não resulta do regime tradicional

<sup>112</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 12 ago. 2024.

<sup>113</sup> Números atualizados em 12 ago. 2024.

<sup>114</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma>. Acesso em: 12 ago. 2024.

<sup>115</sup> Números atualizados em 12 ago. 2024.

<sup>116</sup> Texto original: “Le tweet politique [...] s’avère être une forme originale du discours politique [...]”.

de textos” (Maingueneau, 2020, p. 155). Por consequência, Maingueneau (2016 e 2020) propõe as noções de cenografia digital e hipergênero para abarcar o *ethos* produzido na internet, uma vez que, essa nova configuração de cenografia, própria dos ambientes digitais, difere dos conceitos desenvolvidos anteriormente pelo próprio autor. No entanto, para compreender a proposta mais recente de Maingueneau (2020) no que diz respeito ao *ethos* produzido *online*, é necessário retomar algumas questões relacionadas à enunciação e à cenografia no pré-digital; embora diversos autores trabalhem com a concepção clássica de *ethos* discursivo, que vem desde a Retórica de Aristóteles, a abordagem aqui exposta basear-se-á na noção de *ethos* discursivo desenvolvida por Maingueneau.

De acordo com o autor (Maingueneau, 2019, p. 18), o *ethos* discursivo revela como o sujeito enunciador se constrói no discurso. Essa imagem é produzida por meio de uma “multiplicidade de tons” que evidenciam um “caráter”, isto é, um conjunto de condutas morais e traços de personalidade que, somados a uma “corporalidade” específica (características físicas e de vestuário), revelam “uma maneira de se mover no espaço social”. A partir disso, o destinatário absorve e materializa esse discurso, podendo aderir ou não a ele. Segundo Maingueneau (2020, p. 10):

Na elaboração do *ethos*, interagem ainda elementos de naturezas muito diversas: da escolha do registro linguístico e vocabular ao planejamento textual, passando pelo ritmo e pelo figurino... Não se trata de uma representação estática, mas de alguma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor.

Trata-se, portanto, de um projeto de influência sobre o outro, em que o enunciador se apresenta como um “fiador” daquilo que é dito, isto é, alguém legitimado, “uma voz indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado” (Maingueneau, 2019, p. 17), que compartilha com a audiência o seu ponto de vista sobre determinados temas – seu “mundo ético”, com o objetivo de persuadir o destinatário.

O coenunciador, por sua vez, apropria-se desse *ethos* e constrói “[...] de maneira mais ou menos fluida, mais ou menos consciente, a figura desse fiador apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais estereotipadas” (Maingueneau, 2020, p. 14), que variam de acordo com suas próprias crenças e visões de mundo, resultando em um processo denominado por Maingueneau (2020) como

“incorporação”. Desse modo, a partir dessa “corporalidade” do fiador, o destinatário pode se identificar com as representações e os valores referidos pelo *ethos*, já que “[...] as ‘ideias’ suscitam a adesão do leitor porque a maneira de dizer implica uma maneira de ser” (Maingueneau, 2020, p. 14). Assim, cria-se uma coletividade em torno do enunciador e de seu comportamento social, de modo que os indivíduos que validam esse discurso também se identificam com ele. No caso de um político, por exemplo, um representante progressista irá defender pautas como justiça social, igualdade de oportunidades e direitos sociais, enquanto um representante conservador construirá seu *ethos* em torno de questões como defesa do direito de propriedade, mérito individual e modelo de família heteronormativa. Ao tratar de questões coletivas e importantes para as sociedades modernas, o político precisa estabelecer um alinhamento com as categorias sociais que defende para produzir um discurso condizente com o estereótipo que o sustenta: “escolher o *ethos* conveniente, aliás, é decisivo nos gêneros de discurso em que os locutores têm de conquistar um público ainda não ganho para sua causa” (Maingueneau, 2020, p. 14). Nessa perspectiva, o enunciador determina o *ethos* mais adequado à situação e ao público visado, evocando atributos que sejam facilmente aceitos pelo destinatário. O político progressista, que é favorável ao aborto e ao casamento homoafetivo, pode optar por não tratar desses temas durante uma campanha eleitoral em um reduto religioso, por exemplo, bem como pode reforçar seu posicionamento em ambientes de comportamento liberal.

O *ethos* do enunciador expressa, portanto, um *ethos* mostrado, resultado de como o sujeito fala e, por vezes, um *ethos* dito, que representa aquilo que o locutor diz sobre si mesmo (Maingueneau, 2020). Somado a isso há também um *ethos* pré-discursivo, composto por representações anteriores que o público possui sobre o locutor. Desse modo, segundo Maingueneau (2020, p. 12): “o *ethos* efetivo de um enunciador resulta, então, da interação entre seu *ethos* pré-discursivo, seu *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), os fragmentos do texto no qual ele evoca sua própria personalidade (*ethos* dito)”. A partir disso, compreendemos o *ethos* como uma construção discursiva que revela um comportamento social e historicamente determinado, em um processo de interação e busca de influência ante um público específico. Sob esse ponto de vista, Charaudeau (2016) concorda que a imagem de si não depende necessariamente do locutor. Para o autor, “desde o instante em que se fala, aparece, transparece, emerge de si, uma parte do que se é através do que se

diz. Isso pode ser calculado, mas pode acontecer sem nosso consentimento [...]”, já que esta imagem depende também da interpretação, percepção e da própria memória dos demais sobre determinada identidade.

Por estar relacionado à enunciação, o *ethos* discursivo preconizado por Maingueneau (2020) se manifesta entre três cenas: englobante, genérica e cenografia. A cena englobante corresponde aos discursos relacionados à determinada atividade ou área, como, a exemplo desta pesquisa, a esfera política. A cena genérica concerne a um gênero ou subgênero de discurso, como o pronunciamento, a entrevista ou, conforme nosso foco de análise, os tuítes. Já a cenografia é determinada pelo próprio texto e evidencia uma encenação particular da enunciação, isto é, ela só existe em uma situação específica, de maneira que “[...] a cenografia deve ser legitimada ou relegitimada pela própria enunciação que sobre ela se apoia [...]” (Maingueneau, 2020, p. 19). Contudo, enquanto no pré-digital as cenografias estavam associadas somente às enunciações verbais, no contexto da *web* elas ganham novas características e passam a apresentar uma dimensão verbal e outra digital.

Dessa forma, Maingueneau (2020, p. 156) propõe dois componentes para a cenografia digital:

- (i) o iconotextual: refere-se a um conjunto de imagens prototípicas, a exemplo de um site, com fotos e vídeos, bem como a representações imagéticas diversas, tal qual um gráfico, um pequeno texto, um destaque a algum título, comentários ao final de um artigo, enfim, deve-se considerar todo tipo de imagem que possa ser percebida pelas diferentes miradas do internauta;
- (ii) o reticular: divide-se em interno e externo. O reticular interno corresponde às inúmeras páginas dentro de um site, enquanto o reticular externo representa os diversos caminhos para fora da página inicialmente acessada, que podem ser seguidos pelo internauta durante sua navegação, como, por exemplo, a opção de clicar em um *hiperlink*. Para o autor (2020, p. 156), “um site é, realmente, um conjunto de ações possíveis que todo internauta pode ou não realizar, e isso na ordem que lhe convier. Trata-se de uma propriedade sem equivalente no oral e no impresso tradicional”.

Assim, os diversos recursos multimodais que podem ser utilizados em páginas da *web*, como som, imagens estáticas ou em movimento, permitem criar cenografias digitais variadas, em que a construção do *ethos* passa pelo ecossistema de cada site, considerando as opções que cada plataforma oferece. Entretanto, ressaltamos que apesar de Maingueneau (2020) concentrar sua revisão teórica sobre o *ethos* em páginas da internet, ele pouco contempla as redes sociais digitais e suas inúmeras possibilidades de ação e interação.

Em relação à construção de si no Twitter/X, Longhi (2013) postula que o *ethos* tecnodiscursivo se apropria de uma “nova gramática”, possibilitada pela heterogeneidade da escrita digital do tuíte, em que é possível escolher, por exemplo, se uma menção a outro usuário será feita somente com o símbolo da arroba antes do nome ou se a marcação será antecedida por um ponto (.@), para que o tuíte seja visualizado por mais internautas e não apenas pelos seguidores das contas. Para o autor, a apropriação desses elementos de linguagem do Twitter/X permite criar identidades digitais representadas por tuítes planejados, ou seja, não espontâneos, que respondem a uma finalidade específica. Desse modo, “[...] os tuítes políticos permitem que figuras políticas constituam um *ethos* discursivo, como é o caso do discurso político tradicional, mas também permitem a constituição do que chamamos de *ethos* tecnodiscursivo [...]”<sup>117</sup> (Longhi, 2013, p. 9) em função das variadas possibilidades de interação permitidas por esse ecossistema. O próprio ato de marcar um usuário em um tuíte indica que o enunciador dá a palavra a esse outro perfil, em uma tentativa de provocá-lo a se manifestar diante daquela menção. Especialmente em se tratando de perfis políticos, tal ação pode voltar-se tanto para convocar apoiadores, como pode também ser vista como uma interação polêmica, em que a provocação se dá por meio desse recurso tecnoenunciativo.

O formato do tuíte, com o já consagrado limite de 280 caracteres (na versão gratuita), possibilita a “produção de ‘pequenas frases’ ou fórmulas”<sup>118</sup> (Longhi, 2013, p. 2) que marcam, na brevidade, a força do discurso. Assim, mesmo considerando um tuíte constituído por um fio (em que é possível somar uma postagem a outras), o tamanho reduzido destas produções tecnolinguageiras exige critérios semânticos

---

<sup>117</sup> Texto original: “Les tweets politiques permettent aux personnalités politiques de se constituer un *ethos* discursif, comme c’est le cas dans le discours politique traditionnel, mais ils permettent aussi la constitution de ce que nous avons appelé un *ethos* technodiscursif [...]”.

<sup>118</sup> Texto original: “[...] production de «petites phrases» ou formules [...]”.

ainda mais apurados, em que a escolha das palavras e dos recursos tecnodiscursivos disponibilizados pelo ecossistema é determinante para alcançar o público visado.

Para caracterizar um *ethos*, de acordo com Maingueneau (2020), é possível utilizar inúmeros atributos, a depender do que o indivíduo deseja mostrar. No caso de um político, a ênfase se dá no posicionamento ideológico, na sua condição familiar, nas características psicológicas, entre outras. Ao ganhar corpo, essa personificação produzida revela algumas particularidades que passam a representar traços do indivíduo, de modo que ele “assume um certo número de situações estereotipadas associadas a componentes verbais e não verbais” (Maingueneau, 2016, p. 14), para incentivar o público a aderir ao seu discurso. Nessa perspectiva, o autor propõe três dimensões para o *ethos*: categorial, experiencial e ideológica. A categorial contempla tanto os papéis discursivos, isto é, aquilo relacionado à fala, quanto os estatutos extradiscursivos, que podem ser representados por categorias sociais, como estado civil, profissão etc. Na experiencial, entram as características sociopsicológicas, muitas vezes ligadas à condição emocional do indivíduo. Já a dimensão ideológica refere-se a posicionamentos em determinadas esferas, como no campo político, por exemplo, em que é possível ser de esquerda, de direita, liberal, conservador, entre outros.

Ao longo da construção da imagem de si, na *web*, os internautas podem encobrir traços de personalidade, valores, preferências, bem como acentuá-los. Nesse sentido, o *ethos* pode variar, de acordo com Maingueneau (2020), entre duas categorias enunciativas: a saliência e o apagamento. O primeiro caso, em que se ressalta o *ethos*, é mais comum em grande parte das redes sociais ou *blogs* pessoais, em que o usuário representa “um indivíduo portador de um nome próprio” (Maingueneau, 2020, p. 159). Nessa categoria entram pessoas comuns, celebridades, políticos, enfim, todos aqueles que representam uma pessoa física. Todavia, a saliência do *ethos* não é exclusividade de perfis individuais, podendo se mostrar também no coletivo, como no caso de partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, associações etc. O autor também cita o *ethos* de marca como possibilidade de incorporar atributos pessoais a uma publicidade para, assim, construir um posicionamento social junto ao público.

No caso de personalidades públicas, quase sempre existe um profissional (ou mesmo uma equipe) de comunicação responsável pela administração da imagem nas redes sociais, “que desempenha um papel destacado na construção de seu *ethos*”

(Maingueneau, 2020, p. 159). Em vista disso, Longhi (2013) salienta que em perfis políticos ou de partidos, é comum que os responsáveis pelas postagens não sejam os próprios representantes. Assim, “[...] em um enunciado, é o locutor (aquele que emite o enunciado) que se apresenta como o responsável pelo enunciado, ou seja, como alguém a quem devemos atribuir a responsabilidade”<sup>119</sup> (Longhi, 2013, p. 9). No caso de um assessor ou de uma equipe de comunicação, todos os envolvidos na construção dessa imagem devem seguir uma espécie de protocolo de postagens, em que obedecem a um padrão de fala, mantendo determinadas expressões e até mesmo alguns jargões, próprios do político ou da figura pública, para que os conteúdos divulgados pareçam ter sido produzidos pela própria pessoa. Independentemente de quantos profissionais possuam acesso à administração das redes sociais de um político, por exemplo, todos devem saber se enunciar como ele, de modo a não provocar dúvidas sobre a autoria das postagens ou manifestações. Em suma, o responsável pelo que for divulgado será sempre aquele que ocupa o papel de locutor, ou seja, o “proprietário” do perfil.

Porém, nem sempre a produção do *ethos* será o foco das contas em redes sociais. Enquanto grande parte das pessoas revela, nas redes, informações da vida privada, intercalando com acontecimentos públicos, outras constituem perfis mais discretos, expondo pouco o que são ou o que fazem. Em se tratando de empresas e instituições (públicas e privadas), por exemplo, ressaltar ou suprimir traços da imagem de si em um site ou rede social são escolhas estratégicas, mais relacionadas com o nicho do negócio e com a navegabilidade dos internautas naquele espaço. Em relação ao apagamento do *ethos*, os sites institucionais e comerciais são, para Maingueneau (2020), exemplos característicos de um *ethos* encoberto por questões ligadas à funcionalidade e legibilidade, com o objetivo de tornar o acesso ao conteúdo mais fácil para o usuário. De acordo com o autor (2020, p. 159), “o apagamento do *ethos* não significa que o site não produza *ethos*, pois toda produção semiótica relacionada a uma fonte implica um *ethos*”. Desse modo, é possível identificar vestígios da imagem de instituições, mesmo que de maneira discreta, seja pelo logotipo, estilo de texto, cores, uso de imagens, etc. Um exemplo disso é o que ainda ocorre com a bandeira do Brasil e suas cores, notadamente a partir dos protestos contra a presidenta

---

<sup>119</sup> Texto original: “En effet, dans une énonciation, c’est le locuteur (celui qui profère l’énoncé) qui est présenté comme le responsable de l’énoncé, c’est-à-dire comme quelqu’un à qui l’on doit imputer la responsabilité”.

democraticamente eleita, Dilma Rousseff, em 2016 e, mais ainda, após as eleições de 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro à presidência. A nova direita brasileira apossou-se da bandeira nacional e passou a utilizá-la como representação do conservadorismo no país<sup>120</sup>. Assim, quando vemos uma empresa, instituição ou personalidade pública utilizando as cores da nossa bandeira (seja no digital ou fora dele), de imediato é possível associar o indivíduo ou organização com o bolsonarismo<sup>121</sup>.

Na constituição da representação de si em ambiente digital, Maingueneau (2020) também diferencia o *ethos* em forte e fraco. Para o autor, as restrições impostas pelas plataformas interferem na consistência desse perfil. No entanto, o linguista vê, no Twitter/X, o cenário ideal para a manifestação concreta do *ethos*:

No Twitter é diferente, porque ali o enunciador é constantemente tentado a produzir enunciados destacáveis, memoráveis, aptos a circular o mais amplamente possível, o que faz emergir um *ethos* ideológico identificável: diante de um acontecimento, é preciso mostrar quem se é, onde se está situado (Maingueneau, 2020, p. 164).

No tuíte político, não é somente o tecnodiscurso que está em jogo: o *ethos* é construído em associação com alguns pré-discursos, conforme assevera Longhi (2013), para mostrar quem é o indivíduo ou organização e o que eles já representavam fora daquele espaço virtual. A encontro disso, Maingueneau (2020, p. 12) explica que, mesmo vinculado à enunciação, o *ethos* depende também das representações que os destinatários têm do locutor “antes mesmo de ele vir a falar”. Desse modo, conforme ressalta o autor, indivíduos com presença midiática constante, como certos políticos e personalidades, tendem a ter um *ethos* prévio já constituído pelos interlocutores. Assim, saberes e conhecimentos de mundo prévios ao próprio discurso acabam sendo incorporados à imagem digital de si, sendo utilizada, muitas vezes, para reforçar um mundo ético ou determinados pontos de vista do locutor.

No caso do *ethos* político, a constituição dessa imagem passa por uma espécie de costura entre os pré-discursos mobilizados pelo indivíduo (principalmente em relação a seu histórico cidadão, profissional, partidário, ideológico), e os discursos mais recentes sobre as temáticas em discussão na sociedade. Para Haddad (2016, p.

<sup>120</sup> Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9651>. Acesso em: 24 out. 2023.

<sup>121</sup> De acordo com Marcos Nobre (2020), o bolsonarismo é um projeto autoritário, sustentado por um grupo político que investe contra a democracia.

148), o *ethos* prévio é determinante para a construção da imagem de si e pode exigir do indivíduo uma “reelaboração dos estereótipos desfavoráveis que podem diminuir a eficácia do argumento”. Assim, o sujeito enunciador deve desenvolver um discurso próximo com seus objetivos argumentativos, tendo em consideração a ideia de imaginário que o público possui sobre ele.

Em vista disso, especificamente sobre o *ethos* político, Charaudeau (2017) concorda que essa construção de uma imagem de si contempla tanto o discurso promovido por esse ser social (o político) na atualidade, como os pré-construídos, que carregam informações e características anteriores ao discurso. Mas não só isso: para o autor, o *ethos* político deriva de uma combinação entre o olhar externo, que representa uma identidade social que lhe é atribuída por alguém de fora, com a identidade discursiva produzida pelo próprio sujeito que se enuncia, de maneira que:

O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para constituir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ela sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem. (Charaudeau, 2017, p. 115).

Desse modo, evocar pré-discursos em tuítes políticos pode servir para, inclusive, reforçar o caráter dessa identidade digital, na medida em que esses elementos anteriores à postagem podem trazer força à imagem do enunciador.

Considerando a construção da imagem de si na atualidade, todo o percurso de produção do *ethos* político passa pelas redes sociais. A massiva participação de representantes eleitos ou aspirantes a cargos eletivos nesses ambientes digitais nos mostra que o discurso político tem circulado em novos espaços, saindo das esferas institucionais (como dos *sites* dos partidos, por exemplo) para ocupar perfis públicos constituídos em plataformas de interação, especialmente o Twitter/X. Segundo Longhi (2013, p. 11), “o tuíte político é, portanto, um lugar de renovação do discurso político e um quadro interessante para observar certas mudanças nas formas textuais, semânticas e discursivas que são produzidas”<sup>122</sup>.

---

<sup>122</sup> Texto original. “Le tweet politique est donc un lieu de renouvellement du discours politique, et un cadre intéressant pour observer certaines mutations des formes textuelles, sémantiques et discursives qui sont produites”.

A partir do exposto, interessa-nos investigar como a produção da imagem de si é forjada no campo político, sobretudo no ecossistema do Twitter/X, bem como de que maneira algumas estratégias próprias do *ethos* político tradicional são aplicadas para compor o *ethos* tecnodiscursivo em um ambiente não apenas de difusão, mas também de disputa política. Ademais, também nos ocupamos em compreender como essa construção de imagem passa pela polêmica, assim como as possibilidades de resposta a partir de sua ocorrência, conforme apresentaremos nos capítulos seguintes.

#### 2.4 A polêmica no espaço público

Assim como ocorre com os veículos de comunicação, as redes sociais digitais (RSD) possibilitam uma grande repercussão dos temas que pautam a sociedade, dando espaço a polêmicas públicas. Com o pluralismo próprio das sociedades democráticas, a exposição de argumentos e pontos de vista na internet ganhou velocidade e alcance. Dessa forma, as redes sociais funcionam como espaços públicos de discussão e debate, em que a expressão de opiniões pode provocar acaloradas disputas pessoais entre os usuários.

O desacordo gerado pela exposição de posições contrárias é frequente também no campo político. Inclusive, a divergência de opiniões é parte fundamental da democracia. Entretanto, ao tratar de algumas questões específicas, o dissenso pode manifestar-se como ameaça à sociedade, principalmente quanto a temas que afetam as garantias aos direitos fundamentais dos cidadãos e do Estado Democrático de Direito. Nesse sentido, Amossy (2017, p. 17) atribui ao dissenso o mesmo sentido de dissensão, isto é, uma “falta de concordância a respeito de algo”, com uma intensa - e por vezes até violenta - diferença de opiniões. O termo<sup>123</sup> também representa discórdia e condição de disputa. Já a polêmica, para a autora, corresponde a desacordo, um conflito entre opiniões antagônicas. Segundo o Dicionário Online de Português<sup>124</sup>, o termo está relacionado à debate e “discussão em torno de um assunto que traz muitas opiniões divergentes”. Para Charaudeau e Maingueneau (2016), a definição de polêmica depende do uso: pode ser utilizada como substantivo, para

---

<sup>123</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dissenso/>. Acesso em: 03 set. 2022.

<sup>124</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/polemica-2/>. Acesso em: 03 set. 2022.

referir-se à oposição sobre uma questão ou a um debate, enquanto o uso como adjetivo tem o propósito de refutar a fala do outro. “A polêmica pode servir para caracterizar a discursividade. Nesse sentido, uma certa interpretação da pragmática instala o confronto no centro da atividade languageira” (Charaudeau; Mangueneau, 2016, p. 380). Já Angenot (2019) considera que a polêmica não tem outro sentido senão “o da pretensão de classificar de uma forma ou de outra e de nomear sem que haja aparentemente outra questão concreta e prática”, limitando a polêmica a uma mera qualificação de algo ou alguém. No entanto, nesta pesquisa, assume-se a polêmica como uma demanda social constituinte das democracias, necessária para ampliar a legitimação de diferentes questões no espaço público.

Em vista disso, a discussão e a contestação sobre temas públicos e de interesse da sociedade se mostram fundamentais. Embora alguns grupos e agentes políticos defendam o consenso em detrimento do embate argumentativo, é no espaço do debate plural que a opinião pública é construída coletivamente, ainda que de forma assimétrica. É preciso, portanto, assumir que o conflito é parte integrante da política.

Segundo Amossy (2017, p. 34),

Os conflitos realistas fazem parte de todos os sistemas sociais, na medida em que os grupos sociais aderem a valores antagônicos e na medida em que há necessariamente luta para a apropriação de recursos limitados e luta pelo poder. Nesse sentido, o conflito é necessário às mudanças sociais.

A cientista política Chantal Mouffe (2005) traz à discussão a importância do dissenso para as sociedades modernas, com o propósito de valorizar o conflito verbal e as divergências. A partir do conceito de “pluralismo agonístico”, que trata o desacordo como um princípio fundamental de tolerância liberal-democrática, a autora considera que as discordâncias políticas devem coexistir. No entanto, de acordo com esta perspectiva, indivíduos com posicionamentos contrários não devem se enfrentar como inimigos (antagonismo), mas como adversários com ideias a serem combatidas (agonismo). Segundo Mouffe (2005, p. 20),

Introduzir a categoria do “adversário” requer tornar complexa a noção de antagonismo e a distinção de duas formas diferentes mediante as quais ela pode emergir: o antagonismo propriamente dito e o agonismo. O antagonismo é a luta entre inimigos, enquanto o agonismo representa a luta entre adversários. Podemos, portanto, reformular nosso problema dizendo que, desde a perspectiva do

“pluralismo agonístico”, o propósito da política democrática é transformar antagonismo em agonismo.

Assim, a autora defende um modelo de legitimação do conflito em que a figura do inimigo deve ser substituída pela de um adversário, de modo que o dissenso, substancial para a política democrática, possa figurar no centro do debate por meio da fala e não pela violência ou por um projeto de extinção do outro.

Em uma esfera (a da política em alto nível decisório) em que a deliberação e o consenso são super estimulados, é de fundamental importância reconhecer o dissenso como prática social necessária para assegurar o debate público, de modo a possibilitar mudanças sociais e garantir a soberania popular. Nessa perspectiva, Amossy (2017, p. 205-205) defende que a polêmica possibilita “modalizar um pouco as relações de poder, dando voz àqueles que, numa certa hegemonia consensual, nunca têm o direito de se pronunciar”. Dessa forma, o dissenso pode ser o ponto de partida para mudanças fundamentais, considerando que muitos “consensos” forçados na vida em sociedade terminam por estratificar relações de dominação ou ainda invisibilizam o direito de setores excluídos, explorados economicamente, ou mesmo de relações sociais subalternizadas.

Assim, a polêmica pública pode manifestar-se em diferentes setores sociais, sempre relacionada a questões de interesse coletivo. Os temas em debate na sociedade se tornam públicos e conquistam o engajamento de segmentos da população na medida em que são, além de difundidos, compreendidos em seus fundamentos. Para tanto, a circulação e a discussão de valores e visões antagônicas é indispensável: “é na circulação dos discursos que se constrói a polêmica como conjunto de confrontos verbais sobre uma questão social” (Amossy, 2017, p. 100). Contudo, ressalta-se que a polêmica no espaço público não se dá de maneira simétrica, isto é, não obedece a um plano enunciativo de réplica e tréplica sobre determinada temática, e tampouco ocorre como um diálogo. Ela vai sendo construída por meio de discursos variados, na medida em que argumentos distintos circulam nos espaços do mundo, da vida e das relações sociais concretas, e que se dividem no confronto de posições antagônicas. Segundo Baronas e Costa (2019, p. 57), “trata-se de uma atividade enunciativa que consiste em trazer argumentos em favor de uma tese e no mesmo processo arregimentar argumentos contra a tese adversa”, tendo como elemento norteador a oposição de discursos.

Ao representar um conflito entre argumentos distintos (um contrário e outro a favor), a polêmica pode assumir-se de duas formas: como discurso polêmico ou como interação polêmica. Na primeira, “apenas um locutor toma a palavra para atacar um alvo” (Amossy, 2017, p. 199) de maneira monogerida, isto é, quando apenas o locutor se manifesta, sem a intervenção de outro indivíduo. Segundo a autora, o discurso polêmico “é, por definição, dialógico, no sentido de que dialoga com os discursos antecedentes, aos quais se opõe; mas ele não é dialogal, já que não há interação direta com o adversário” (Amossy, 2017, p. 72). Nesse caso, os discursos não circulam no espaço público na forma de diálogos, já que se trata de uma manifestação individual. Enquanto, na segunda, pode ocorrer um debate em uma interação face a face ou em uma discussão assíncrona, em que dois ou mais indivíduos com pensamentos antagônicos irão disputar a argumentação, seja falada ou escrita, para ver quem vence o embate. “O discurso é aqui inteiramente dialogal” (Amossy, 2017, p. 72).

Diante da polêmica como atividade argumentativa, partimos de “um *continuum* que vai da coconstrução das respostas ao choque de teses antagônicas” (Amossy, 2017, p. 52), que exige dos indivíduos implicados no debate a exposição e a defesa de uma tese, e não uma simples afiliação a uma das propostas. “Argumentamos quando surge um desacordo sobre uma determinada questão e quando duas respostas opostas são dadas sobre um mesmo assunto, obrigando cada uma das partes a justificar os fundamentos da sua posição” (Amossy, 2017, p. 49). Seguindo essa concepção argumentativa da polêmica, as partes envolvidas devem, portanto, legitimar o seu posicionamento e refutar o do adversário, atentando sempre para o indispensável desenvolvimento de argumentos para demonstrar o seu ponto de vista. Para evidenciar as especificidades da polêmica, Amossy (2017) apresenta três marcas fundamentais que ancoram o conflito: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro.

Segundo a autora, a dicotomização indica um embate entre pensamentos contrários, marcado pela impossibilidade de se chegar a um acordo, de maneira que “se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é o objeto de uma clara dicotomização na qual duas opções antitéticas se excluem mutuamente” (Amossy, 2017, p. 53). Essa batalha de argumentos opostos pode, inclusive, provocar confrontos mais agressivos, em que posições adversas são rechaçadas pelas partes envolvidas, bloqueando qualquer chance de conciliação com

o lado adversário. Trata-se, portanto, de “uma divisão abstrata em teses antagônicas e inconciliáveis” (Amossy, 2017, p. 57), que bloqueiam qualquer perspectiva de solução.

Já a polarização é representada pela autora como um fenômeno social que contrapõe grupos antagônicos. Aqui não se trata de pessoas, mas de papéis enunciativos assumidos pelos integrantes de cada lado: um Proponente *versus* um Oponente que tentam convencer a um Terceiro. Assim, esses grupos se dividem entre os que aderem à posição proposta e os que se colocam contrários a ela. “A polarização não apresenta apenas uma divisão em branco/preto, direita/esquerda – ela põe também um ‘nós’ diante de um ‘eles’” (Amossy, 2017, p. 56), de maneira que estabelece uma divisão social entre grupos que se opõem, e não somente um conflito sem possibilidade de acordo. Nesse caso é possível, inclusive, unir integrantes de ideologias distintas, pertencentes a diferentes agrupamentos sociais, em favor ou contra determinado grupo, como ocorre, por exemplo, entre defensores da Amazônia, dos povos indígenas e dos biomas brasileiros (filiados a distintos partidos e entidades), contra grupos conservadores que apoiam a exploração econômica das florestas e a entrega dos recursos naturais ao agronegócio<sup>125</sup>. Essa divisão social entre “nós” e “eles” permite, portanto, a união solidária de diferentes forças em favor de uma causa em comum, o que fortalece o embate contra o campo adversário. Outro exemplo recente foram as eleições presidenciais de 2022, no Brasil, em que se formou uma “frente ampla”<sup>126</sup> a favor da democracia e, conseqüentemente, contra Bolsonaro, composta por variados setores e partidos políticos unidos à candidatura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ainda de acordo com Amossy (2017, p. 58), a defesa de uma posição está “intimamente integrada à visão de mundo do locutor, do seu sistema de valores, do seu pertencimento ao grupo, do seu estatuto social [...]”, de modo que passa a representar traços da identidade dos sujeitos.

É também na polarização que, muitas vezes, encontra-se a desqualificação do adversário, estratégia utilizada para deslegitimar a fala do outro. Nessa disputa entre a representação do bem contra o mal, do certo e do errado, elege-se um alvo para

---

<sup>125</sup> Disponível em: <https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/rastreabilidade-da-producao-agricola/#page5>. Acesso em: 04 jan. 2024.

<sup>126</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/10/30/com-frente-ampla-lula-freia-a-extrema-direita.htm>. Acesso em: 04 jan. 2024.

atacar e, assim, há uma tentativa de fazer com que o discurso do Oponente caia em descrédito. Segundo Amossy (2017, p. 59),

O Oponente refuta, assim, as razões do adversário, mostrando que seu discurso é indigno de confiança e não merece que o apoie. A polêmica responde, então, ao discurso adverso, enfraquecendo-lhe os argumentos por todos os meios possíveis, seja pela negação, seja pela reformulação orientada, seja pela ironia, seja pela modificação dos propósitos [...].

Nesse sentido, além de desqualificar a tese defendida pelo Oponente, a polêmica também pode ser instaurada por meio de argumentos *ad hominem*, em que “o adversário é considerado à parte a fim de que seja privado de toda possibilidade de exercer legitimamente, e eficazmente, sua influência” (Amossy, 2017, p. 59). Segundo Fiorin (2017), esse argumento dirigido à pessoa (tradução do *ad hominem*) é, na verdade, apontado para o público (audiência) e não para o Oponente, em uma tentativa de atingir a moral e a ética daquele que é visto como “inimigo”. Ainda de acordo com o autor, esse ataque pessoal pode ser direto, indireto, ou pode ser provocado com a exposição de possíveis contradições entre os pontos de vista atuais do adversário, em comparação com seus próprios discursos e ações passadas. Para Amossy (2017, p. 59), nos argumentos *ad hominem*, “os ataques podem ser mais ou menos pronunciados, e a relação com o outro pode variar”, no entanto, com maior ou menor grau de agressividade, o Oponente será sempre visto como um alvo a ser combatido.

Especialmente no campo político, esses argumentos ultrapassam com frequência a deslegitimação de um indivíduo ou grupo, atingindo níveis extremos, como a tentativa de silenciamento do Oponente, ou a demonização do outro, isto é, a construção de uma representação do adversário como um mal absoluto. Esse processo extrapola a polarização, podendo, inclusive, instigar o público a condenar aquele que é visto como inimigo. Por isso, conforme aponta Amossy (2017), é de fundamental importância que as partes envolvidas em um embate polêmico estejam de acordo sobre o universo da disputa, mantendo uma preocupação constante com limites, excessos e possíveis violências. De acordo com a autora,

É preciso que as duas partes estejam de acordo sobre o que constitui um assunto de interesse público, sobre a natureza da disputa que os opõe, sobre a necessidade de debater o tema (o que já supõe, desde

logo, valores e hierarquias comuns) e, enfim sobre as regras de troca. Sem essa base comum, a polêmica não pode emergir nem se desenvolver. (Amossy, 2017, p. 65).

Desse modo, para garantir uma discussão cidadã e reflexiva, as tensões devem ser administradas pelos envolvidos. Ao mesmo tempo em que é necessário garantir a livre circulação de discursos e a legitimação de conflitos, existem regras e valores comuns, que permitem a coexistência e a troca de argumentos antagônicos. “A polêmica, não se deve confundir, não é uma fala selvagem. Ela toma corpo num espaço democrático que a autoriza e a regula ao mesmo tempo” (Amossy, 2017, p. 65). No entanto, salienta-se que, mesmo partindo do direito básico da livre manifestação do pensamento, garantido pela Constituição Brasileira<sup>127</sup> (em seu Art. 5º), e da necessária pluralidade de pensamento para as democracias, é preciso resguardar o posicionamento crítico e inflexível com relação a argumentos supremacistas ou que desqualifiquem segmentos da sociedade, bem como com discursos intolerantes e de ódio. Segundo Mouffe (2005, p. 17), “[...] alguns limites precisam ser estabelecidos com relação ao tipo de confrontação que será vista como legítima na esfera pública”. Nessa perspectiva, a liberdade de expressão não deve, em hipótese alguma, ser utilizada como autorização para disseminar informações falsas, relativizar o genocídio ou o desprezo por outras formas de vida e expressões sociais.

Tanto a tentativa de diabolização do outro quanto a expulsão do adversário para fora do embate são, para Amossy (2017), abordagens que visam não só atacar o oponente, como também reprová-lo moralmente perante a sociedade. No entanto, mesmo nesse jogo de forças entre o representante do bem contra o mal, existe espaço e alguma regulação para a agressividade no confronto de teses antagônicas.

É preciso ver, de fato, que a polêmica é considerada entre dois polos. Há de um lado, a violência autorizada pela polarização social e pela confrontação de posições dicotômicas de contextos sociodiscursivos, institucionais e culturais: ela autoriza o desenrolar da confrontação no espaço público. (Amossy, 2017, p. 61).

Contudo, a confrontação de argumentos contrários pode evoluir para um debate virulento, especialmente se uma das partes evocar a passionalidade, seja pela

---

<sup>127</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 jan. 2024.

emoção (*pathos*) ou por meio da violência verbal. Embora presentes em diversas situações de confronto argumentativo, nem toda troca polêmica passa pela emoção ou pela manifestação de insultos, conforme propõe Amossy (2017, p. 61) ao afirmar que “[...] a violência e a paixão não são os fundamentos da polêmica, a qual se define, antes de tudo, por sua ancoragem no conflito [...]”. Assim, deve-se partir da máxima de que nem toda violência verbal resultará em polêmica, bem como nem todo o confronto polêmico terá traços violentos ou provocatórios. Para Seara (2021, p. 389), o insulto pode assumir diferentes funções, tais como: “de confrontação, de refutação e, sobretudo, a função de denegrir a imagem do outro, estando ao serviço da construção de um *ethos* de arrogância e de agressividade por parte do seu emissor”. Com efeito, seja para atacar um opositor ou para responder a alguma acusação, a agressividade verbal é um recurso que por vezes é utilizado pelo polemista, mas que, apesar disso, não representa uma regra nos confrontos argumentativos.

Tal como a dicotomização, a polarização e a desqualificação do adversário (eventualmente complementadas com paixão e violência) se apresentam como estratégias argumentativas, em que a polêmica se constitui por meio de manifestações públicas sobre determinada temática social, reveladas pela disseminação dos discursos na sociedade. Nesse sentido, o dissenso pode impulsionar, sobretudo nas redes sociais, a produção de contradiscursos para refutar uma manifestação ou mesmo para responder (inclusive coletivamente) a determinados enunciados ou agressões languageiras, conforme possibilitado pela ressignificação tecnodiscursiva (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021), que será apresentada no próximo capítulo. Trata-se de um processo que permite ao sujeito agredido apropriar-se de uma manifestação insultuosa para, em seu lugar, produzir um novo enunciado, alterando o sentido original do termo. De fato, as RSD facilitam esse processo de resposta a argumentos divergentes, na medida em que possibilitam o contato direto com diferentes internautas, instituições e figuras públicas, tanto por meio de uma mensagem privada, menção a outro usuário ou mesmo pela interação nas postagens de terceiros, o que aumenta o alcance das produções tecnolinguageiras. De acordo com Souza e Baronas (2020, p. 1802-1803),

A polêmica não expõe tão somente o acontecimento a que se refere, mas demarca posicionamentos, delimita trajetórias de sentidos, modela a comunicação e sobretudo, insta os sujeitos ofendidos a resistir. Trata-se de mobilizar discursos que (re)organizam a realidade,

isto é, as interpretações do “real”, produzidas por enunciador(es) inserido(s) em determinada(s) formação(ões) discursiva(s)/ideológica(s).

Contudo, mesmo com a facilidade da produção e circulação de contradiscursos na internet, a finalidade da polêmica pública não é o diálogo ou a resolução de divergências, mas dar espaço ao pensamento crítico por meio da refutação de argumentos (Amossy, 2017), em que diferentes perspectivas são colocadas em conflito perante a opinião pública, seja pela contraposição, descrédito ou por ataques ao adversário e às suas ideias. Segundo Amossy (2017, p. 198),

Ela [a polêmica] não se define como um diálogo de surdos, na medida em que seu formato não é o do diálogo; conseqüentemente, seu objetivo não é o consenso. A polêmica pública advém da circulação dos discursos e é como tal que ela constitui um modo de gestão das disputas.

Assim, no campo argumentativo, a polêmica pública constrói-se a partir de múltiplos discursos, que nem sempre estarão estruturados no formato de mesa redonda, em que diversos locutores podem expor seus posicionamentos simultaneamente. São vozes antagônicas que se atravessam sem ordenamento prévio, e o público (um Terceiro elemento) é convidado a aderir ao discurso do polemista. Nessa perspectiva, a autora ressalta que “os discursos não se estruturam necessariamente em interações simétricas nas quais cada intervenção reage à anterior. Elas circulam de forma paralela; só se confrontam indiretamente ou se cruzam ocasionalmente” (Amossy, 2017, p. 101), como ocorre, por exemplo, com a manifestação de um político na mídia, situação essa em que não necessariamente o representante público será convocado para um debate. Nesse caso, é comum que o tema abordado por ele ganhe destaque em outros espaços, como ocorre nas páginas de notícias na internet e nas redes sociais.

Já entre as principais funções sociodiscursivas da polêmica, a autora destaca a persuasão, em que o propósito é influenciar um público para uma tomada de decisão, principalmente no que concerne a questões sociais, pois também é vista como um instrumento de luta para se opor a projetos antagônicos; a confrontação, que coloca grupos contrários em contato, seja no mundo real ou virtual, tecendo um elo social de relação entre adversários – nesse caso, agrupamentos diversos podem vir a

estabelecer alguma unidade em função de uma causa em comum; e o protesto, muito utilizado como ferramenta de denúncia, pode estar inscrito como um ato de resistência, que emprega o discurso polêmico para promover uma ação coletiva.

Levando em conta o uso da polêmica como estratégia de posicionamento, é comum testemunhar no meio político a promoção de embates que focam na exaltação de indivíduos, entidades ou partidos, em detrimento dos conflitos sociais, o que acaba por despolitizar o debate em torno das questões envolvidas. De acordo com Amossy (2017, p. 216),

O fato de que, no campo político, a polêmica se traduza em termos de construção de *ethos* e de poder, tornando-se, assim, um ritual de posicionamento, chama a atenção para o fato de que a polêmica põe sempre em jogo imagens de si, que se inserem nas estratégias de promoção da sua própria pessoa.

Apesar da prática comum entre ocupantes de cargos eletivos em promover, por meio da polêmica, uma divulgação pessoal, a autora destaca que, ainda assim, o papel central do confronto entre teses antagônicas está no debate de questões essencialmente sociais.

Sem adentrar nos jogos de poder da política institucional, Amossy (2017) realça a necessidade própria do meio político em assumir proposições que irão traduzir ideologicamente as concepções de representantes, partidos e grupos organizados. Assim, expressar a polêmica como um posicionamento político é parte do processo de discussão e, principalmente, de oposição a ideias contrárias. Para a autora, “[...] a polêmica pública, em sua virulência e em seus excessos, não é um lugar de negociações de diferenças, mas é, em vez disso, o sustentáculo de uma fala em combate” (Amossy, 2017, p. 118). Trata-se, aqui, portanto, de manifestar posições e colocá-las diante de argumentos antagônicos, não para buscar uma solução entre as partes, mas para promover um debate pleno, em que o livre exercício democrático do confronto entre vozes divergentes seja garantido.

Diante disso, a internet e, em especial, as redes sociais, são espaços virtuais bastante utilizados no campo político, não só para compartilhar valores, ideologias, preferências etc., mas também para suscitar debates sobre diferentes temas. De acordo com Cabral e Lima (2017, p. 88), “a emergência dos espaços digitais proporcionou amplas possibilidades de divulgação de informações e de proliferação de tomadas de posição”. Especialmente no Twitter/X, a polêmica pública toma conta

das postagens, sobretudo no que concerne a políticas sociais e ações de governo. Nesse ecossistema, políticos propagam suas agendas oficiais, comícios e campanhas com suas respectivas bandeiras, além de utilizarem seus perfis para manifestar oposição ou até mesmo responder diretamente a falas e ações de adversários.

Desse modo, as redes sociais servem também para engajar usuários às teses defendidas ou refutadas por essas figuras públicas, mostrando-se, assim, como locais em que os debates políticos ganham força e alcance. Segundo Seara (2021, p. 389), “as redes sociais são como espaços virtuais ou praças virtuais (no sentido do fórum romano) onde as relações são desenvolvidas, compartilhadas e modificadas numa infinidade de conexões”. Por consequência, os usuários possuem o importante papel de ampliadores das discussões públicas nas redes digitais, já que a cada comentário, compartilhamento ou resposta a determinada postagem, o conteúdo passa a circular entre mais pessoas.

A esse respeito, o engajamento promovido nas redes sociais também pode ampliar o debate acerca de temas que não necessariamente estão ligados a questões centrais destacadas pela mídia e pela agenda política do momento. Dessa forma, são as discussões promovidas nas plataformas digitais de interação que irão pautar a opinião pública, conforme aponta Amossy (2017, p. 116):

[...] a polêmica pública na rede provoca ou faz reverberar debates que ultrapassam o tema de origem e não fazem parte da ordem do dia dos políticos e dos meios de comunicação. Ela propõe uma agenda alternativa, destacando problemas que continuam, até o momento, sem solução.

Trata-se da união de diferentes vozes para colocar determinado tema em pauta, na ordem do dia, organizando, assim, o debate público.

No entanto, as RSD também são locais em que a produção e o compartilhamento de interações e discursos violentos ganham fôlego, de modo que “vão se constituindo como palco de interações que, por vezes, se fazem mais conflituosas do que harmônicas” (Cabral e Lima, 2017, p. 87). Para Amossy (2017), a violência verbal não é parte constitutiva da polêmica, apesar de elas coexistirem em algumas situações. De acordo com a autora, para evitar que o dissenso seja ameaçado, é necessário equilíbrio e um esforço coletivo que garantam a coexistência de argumentos contrários na sociedade, obedecendo às regras e limites institucionais. Nesse caso, é de fundamental importância que os internautas denunciem perfis e

postagens que violem as práticas de civilidade social na rede. Também é urgente a aprovação de leis que responsabilizem autores de postagens que promovam ilegalidades (como mensagens de ódio, ataque a instituições democráticas, conteúdos preconceituosos etc.), assim como a criação de um marco regulatório que exija a identificação e responsabilização dos internautas pelas informações que compartilham nos ecossistemas digitais. Tal legislação também deve responsabilizar as plataformas de interação, no sentido de preservar a democracia, o Estado de Direito e a convivência em sociedade.

A presença de opiniões antagônicas em espaços diversos demonstra que somente com a pluralidade de um regime democrático é possível permitir que todas as expressões da população sejam ouvidas, já que “uma democracia em bom funcionamento demanda um embate intenso de posições políticas” (Mouffe, 2005, p. 21). Diferenças e tensões podem coabitar distintos projetos de sociedade, desde que a legitimidade desse antagonismo seja reconhecida. Se, por um lado, o debate de posições contrárias pode provocar consequências negativas nas relações interpessoais, por outro serve como ferramenta de luta social, para confrontar um discurso dominante, principalmente no que diz respeito a grupos minorizados. Nesse sentido, “[...] a polêmica é, portanto, essencialmente, um modo de coexistência no dissenso” (Amossy, 2017, p. 206), de maneira a possibilitar a presença de vozes subalternizadas para disputar demandas sociais e reivindicações legítimas. De fato, só em uma democracia existe a garantia da livre circulação de discursos e da legitimação de conflitos. O debate político é não apenas sinal de tolerância a posições contrárias, como também indica que o regime democrático está vivo. Porém, para além de um embate entre posições contrárias, a polêmica pública também possibilita criar um movimento de contrarresposta a enunciados ofensivos, conforme apresentaremos no capítulo a seguir.

## 2.5 Resignificação tecnodiscursiva

A *web 2.0* permite diferentes modos de interação entre os internautas, especialmente quando se trata das redes sociais. Nesses espaços virtuais, os indivíduos transitam por variados ecossistemas, compondo uma nova forma de existência, “que redefine cada entidade não mais como uma realidade autônoma, mas

como parte de uma forma relacional que adquire sua condição específica somente a partir das diferentes interações e conexões” (Di Felice, 2021, p. 44). Assim, as práticas tecnodiscursivas da *web* social possibilitam que os indivíduos, cada vez mais conectados, habitem diferentes territórios informatizados, propiciando uma troca contínua de informações entre usuários, máquinas, *softwares* e grandes empresas de tecnologia, em uma relação direta e constante entre humanos e não humanos.

Nesse processo das interações digitais, os internautas sentem-se livres para escrever e opinar sobre temas diversos, promovendo uma infinidade de manifestações na rede. Com isso, os debates virtuais ganham fôlego, não só pela garantia da coexistência de opiniões antagônicas, própria das democracias, como também pelo fato de que na internet e, notadamente nas RSD, é possível fazer uso de outras identidades, sem utilizar as informações do registro civil, por exemplo. Inclusive, em distintos ecossistemas, muitos usuários camuflam informações de si, valendo-se do anonimato para promover discursos de ódio e preconceituosos. Ataques ao pensamento divergente e até mesmo à existência de diferentes grupos sociais e organizações foram agravados no período da pandemia, em particular, pelo avanço de discursos e políticas conservadoras promovidas pela extrema direita no país. No entanto, para garantir plenamente o direito fundamental da livre manifestação, é necessário considerar a resposta às agressões languageiras não apenas como um procedimento de contraposição, mas, principalmente, como um movimento tecnodiscursivo de empoderamento, que se coloca contra processos de dominação.

Para responder a enunciados insultuosos, Paveau (2019a; 2019b) e Paveau, Lourenço e Baronas (2021) destacam, na dimensão discursiva, a possibilidade de recontextualizar uma agressão, revertendo o seu significado e, ao mesmo tempo, projetando em seu lugar uma resposta política. Desse modo, a partir de uma manifestação ofensiva, a ressignificação dá origem a um contradiscurso, com a finalidade de promover uma reparação ao sujeito agredido.

O conceito de ressignificação discursiva desenvolvido por Paveau (2019a; 2019b) tem origem nos estudos da bióloga Donna Haraway<sup>128</sup>, que desenvolveu um pensamento crítico sobre a influência da ciência e da tecnologia sobre as relações sociais, no trabalho *Manifesto Ciborgue*, publicado originalmente em 1985. Nesse

---

<sup>128</sup> Título original: *A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*.

texto, a autora propõe que a linguagem política acabe com as “metáforas de renascimento”, dando lugar a um discurso de regeneração. Para exemplificar, Haraway (2009) utiliza a metáfora da salamandra e faz uma analogia com o animal, evidenciando sua capacidade de se regenerar após sofrer um ferimento. Outro postulado utilizado por Paveau (2019a; 2019b) tem origem nos estudos da filósofa Judith Butler<sup>129</sup>, que aborda a ressignificação como um processo linguístico dinâmico, capaz de transmutar uma “ferida linguística” em um discurso reparador, ação essa com caráter significativamente político (Butler, 1997). Para caracterizar uma ferida linguística, a autora propõe uma analogia entre “ferimento” e “lesão” / “dor física”, para demonstrar que determinadas palavras ofensivas ou violentas podem também ameaçar o bem-estar físico. Esses danos podem ser causados por discursos de ódio e opressores, insultos, pela forma como se nomeia algo ou alguém ou, ainda, por uma fala que seja considerada como prejudicial a uma pessoa ou grupo.

Enquanto a concepção utilizada pela análise do discurso tradicional considera a ressignificação como um processo semântico-pragmático, com foco apenas na mudança de significado (Paveau, 2019b), Butler (1997) compreende o fenômeno como uma possibilidade de produzir um contradiscurso, uma resposta ou uma recontextualização, que utiliza a agressão linguística como fonte de renovação. Nesse sentido, Paveau, Lourenço e Baronas (2021, p. 26) assumem a ressignificação como “um processo tanto linguístico e discursivo quanto político”, que permite ao sujeito agredido engendrar no lugar do enunciado insultuoso uma resposta revolucionária. Segundo os autores (2021, p. 33), trata-se de “uma atividade languageira que se origina no sujeito agredido, e não no ofensor”. A ressignificação mostra-se, portanto, como “um processo de quatro etapas: ferida linguística, reapropriação, inversão e produção da ação” (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 25), com o objetivo de produzir uma resposta, ou mesmo um movimento de reparação, a agressões provocadas pela linguagem.

No que tange ao universo digital nativo, a ressignificação contempla diferentes formas discursivas plurissemióticas, abarcando o significado contextual, o enunciado insultuoso (uma ferida primeira) e a possibilidade de uma resposta coletiva, com capacidade de produzir uma reparação ou um movimento de resistência. De acordo com Lourenço (2021, p. 14), a ressignificação se propõe a “pensar as relações de

---

<sup>129</sup> Título original: *Excitable Speech: A Politics of the Performative* (1997).

poder a partir exclusivamente da perspectiva das coletividades minorizadas, refletindo sobre a capacidade delas de também reivindicar a linguagem como poderoso recurso de defesa”, ou mesmo como um instrumento para mobilização social. Trata-se não apenas de categorias lexicais ou uma simples mudança de denominação. Pela definição de Paveau, Lourenço e Baronas (2021, p. 38):

Ela [a ressignificação] se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A ressignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas.

A partir disso, Paveau (2019b, p. 8) propõe sete critérios linguístico-tecnodiscursivos que asseveram a ressignificação como processo discursivo:

1. Critério pragmático: há uma ferida linguageira provocada por insulto, estigmatização, ataque etc. à identidade de um indivíduo ou grupo;
2. Critério interacional: é produzida uma resposta ao enunciado ofensivo;
3. Critério enunciativo: o sujeito ofendido é a origem enunciativa da resposta, seja por conta própria como autocategorização ou provocando uma recontextualização simples;
4. Critério semântico-axiológico: o enunciado contém uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
5. Critério discursivo: o enunciado de resposta é produzido em um contexto diferente do enunciado ofensivo;
6. Critério sócio-semântico: a recontextualização é aceita e reconhecida como tal pelos indivíduos implicados, formando um sujeito coletivo;
7. Critério político-pragmático: a ressignificação tem efeito revolucionário, pois produz reparação e resistência, além de ampliar a força militante.

Em resumo, Paveau (2019b, p. 8) define a ressignificação como:

Uma prática linguageira, linguística e material de resposta (2) a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela autocategorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6) e produzindo uma reparação e uma resistência (7).

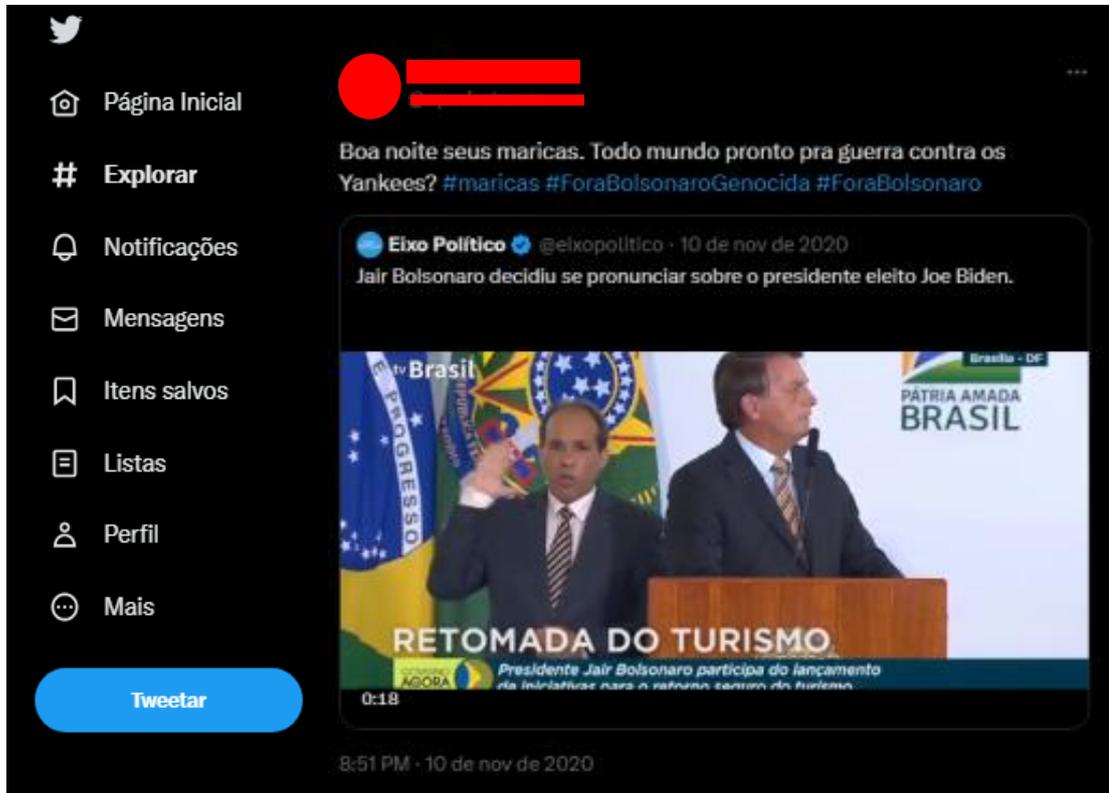
Isto posto, a autora reforça o caráter linguístico, discursivo e político da ressignificação, particularmente por possibilitar que indivíduos invisibilizados sejam não apenas ouvidos, como também possam manifestar o desejo por reparação, transformando uma ferida linguageira em instrumento de luta e contestação.

Em ambiente digital, o processo de contradiscurso fica ainda mais evidente: a ressignificação surge a partir da ampliação de um enunciado primeiro; está relacionada a um outro discurso, aos usuários e à própria máquina; pode apresentar composição diversa e deslinearizadora (com texto, foto, vídeo, *hiperlink* etc.); além de ser rastreável e imprevisível. Desse modo, as funções técnicas da máquina propiciam aos usuários “maior possibilidade de agir e dar visibilidade ao poder de resposta coletivo a determinado insulto” (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 20), especialmente nos ecossistemas das redes sociais. Por isso, Paveau (2019b) apresenta uma tipologia para a ressignificação em contexto digital, baseando-se em três categorias: (i) a recontextualização enunciativa, quando retoma-se o enunciado insultante, produzindo em seu lugar uma ressignificação; (ii) a publicação analógica, quando além de produzir uma ressignificação, o novo enunciado passa a circular em contextos diferentes do original; (iii) a produção de um dispositivo cultural ou intelectual, situação em que a ressignificação se transforma em um dispositivo cultural ou intelectual de resistência. Consoante Paveau, Lourenço e Baronas (2021, p. 45), “é a colocação em circulação discursiva que produz a ressignificação”.

Na recontextualização enunciativa, o indivíduo ferido utiliza o insulto ou o termo afrontoso para produzir um novo discurso, alterando o sentido do enunciado original. Segundo os autores, esse movimento pode ocorrer a partir de produções plurissemióticas textuais, orais, sonoras ou imagéticas. Desse modo, a recontextualização enunciativa em contexto digital pode ocorrer por meio da dominante icônica, como por exemplo com a publicação de *selfies* que incluem os agressores (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 49), ou mesmo por meio de representações plurissemióticas na dominante oral, em que é feita a leitura ou cantoria dos comentários ofensivos (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 50-51). Nas situações em que o escrito é o código dominante, seja por meio de tuítes, respostas ou mesmo por capturas de tela que iconizam o conteúdo textual, Paveau (2019b) especifica três possibilidades: a republicação simples, a republicação com comentário ressignificante e a retomada enunciativa, um dos focos desta pesquisa. Nesta última,

o usuário resgata o termo ofensivo para então colocá-lo em circulação em um novo contexto, conforme demonstrado na Figura 19:

Figura 19 – Exemplo de tuíte com retomada enunciativa

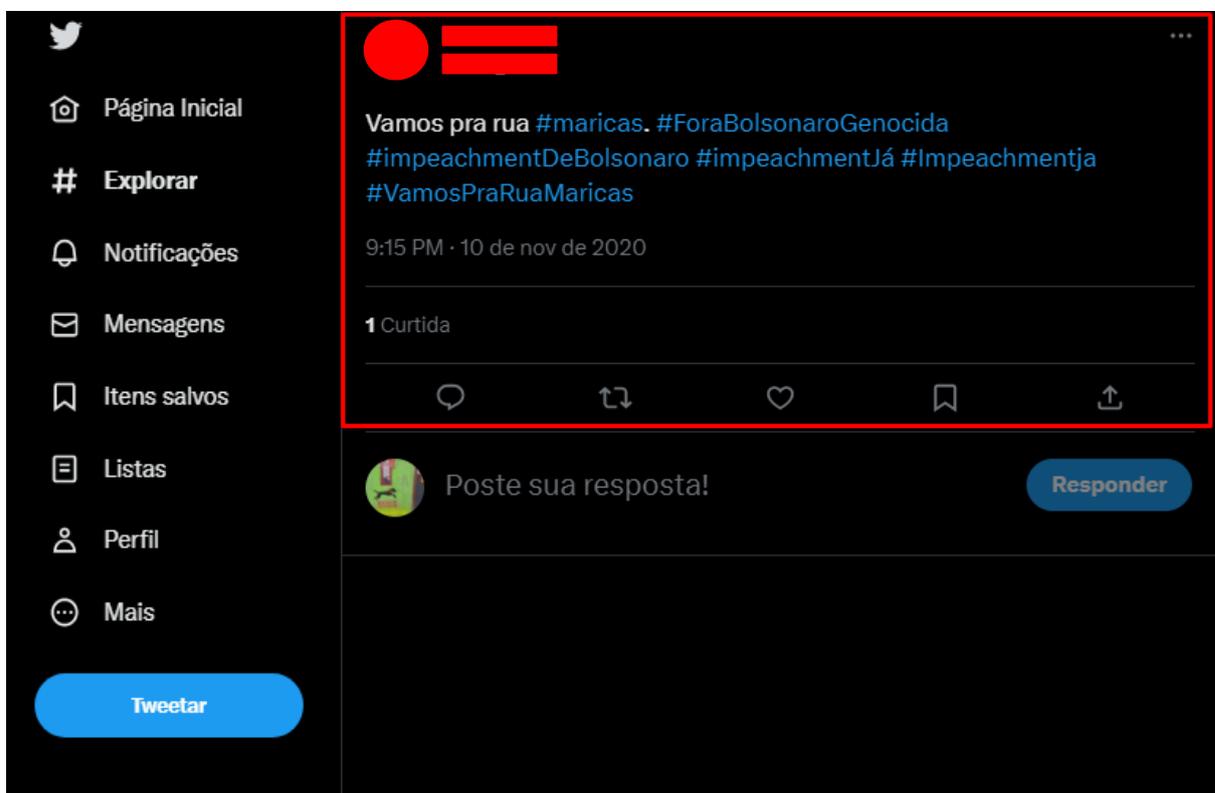


Fonte: Linha do tempo da pesquisadora.

A postagem em questão caracteriza um retuíte pluri-semiótico do perfil Eixo Político, ampliado por texto verbal, tecnopalavras e um vídeo (com duração de 30 segundos, intitulado como “retomada do turismo”). Com o texto “Boa noite seus maricas. Todo mundo pronto pra guerra contra os Yankees?” e as *hashtags* “#maricas, #ForaBolsonaroGenocida e #ForaBolsonaro”, o tuíteiro faz menção ao discurso do então presidente Jair Bolsonaro, realizado em cerimônia no Palácio do Planalto (no dia 10 de novembro de 2020), em que o ex-mandatário comenta uma fala de John Biden, à época recém-eleito presidente dos Estados Unidos. O representante estadunidense teria anunciado uma possível sanção comercial ao Brasil, caso o governo não tomasse medidas contra as queimadas na Amazônia. Retomando a fala de Bolsonaro, ele diz que para “fazer frente a tudo isso apenas com diplomacia não dá”, e completou: “quando acaba a saliva tem que ter pólvora, senão não funciona”. Nesse mesmo discurso, o ex-presidente diz ainda: “tem que deixar de ser um país de

maricas”<sup>130</sup> (em função das reclamações e cobranças da população e de grande parte dos veículos de imprensa sobre a ausência de ações concretas contra a covid-19), “tudo agora é pandemia”, e que lamentava os mortos, “[...] mas todos nós vamos morrer um dia”. No texto verbal do tuíte, o termo “maricas” foi ressignificado a partir do sentido ofensivo e pejorativo do enunciado primeiro (quem reclama ou tem medo da pandemia é “maricas”, ou seja, é covarde ou tem comportamentos tidos como femininos<sup>131</sup>), passando a circular em um novo contexto. Na Figura 20, também é possível observar a ressignificação desse mesmo termo, agora em outro tuíte:

Figura 20 – Exemplo de tuíte com retomada enunciativa



Fonte: Linha do tempo da pesquisadora (2024).

No tuíte em questão, a expressão “maricas”, somada ao texto “Vamos pra rua” e às *hashtags* “#ForaBolsonaroGenocida, #impeachmentDeBolsonaro, #impeachmentJá, #Impeachmentja e #VamosPraRuaMaricas” também foi ressignificada: de um insulto a um grupo de pessoas, passou a difundir-se com um

<sup>130</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>. 04 set. 2023.

<sup>131</sup> Disponível em: <https://www.dicio.com.br/maricas/>. Acesso em: 04 set. 2023.

novo sentido, que incluiu todos os indivíduos insatisfeitos com a postura do governo brasileiro em relação à pandemia (somos todos maricas, vamos para a rua).

Outra categoria da ressignificação é a publicação analógica, situação em que ocorre “a colocação em rede de uma produção tecnodiscursiva análoga a do ataque” (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 51). Nesse caso, além de ocorrer a recontextualização do enunciado primeiro, há também a produção de um novo material semelhante, tanto por meio de imagens fixas (fotos) como por imagens em movimento (vídeos).

A ressignificação também se dá pela produção de um dispositivo cultural ou intelectual, em que “os sujeitos agredidos produzem enunciados ressignificantes a partir de suas competências técnicas, relacionadas ao seu campo profissional, mídias e ciências humanas” (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 53). Nessa circunstância, a ressignificação pode ocorrer por meio da criação midiática, do dispositivo icônico-discursivo-financeiro, e pela produção do saber científico. Aqui, o sujeito agredido vale-se das afordâncias da internet (especialmente os vídeos) para responder aos enunciados ofensivos.

Segundo Paveau, Lourenço e Baronas (2021), outra forma de ressignificar um enunciado é por meio da *hashtag*, forma tecnolinguageira clicável que amplia a participação discursiva dos usuários nas redes sociais. Por intermédio dela, é possível agrupar um conjunto de enunciados digitais, relacionados entre si por meio de um fio, que liga uma *tag* clicável à outra, formando o que Husson (2016, p. 118) chama de “comunidades de interesse”. Muito utilizadas como prática para o militantismo digital contemporâneo, as *hashtags* também marcam a posição enunciativa dos usuários e mobilizam as redes sociais em “uma linha ao mesmo tempo discursiva e argumentativa” (Husson, 2016, p. 118), determinando, assim, o posicionamento político e ideológico dos internautas.

No Twitter/X, batalhas de *hashtags* são habituais, em especial no que diz respeito a temas polêmicos e de interesse público. Em contexto brasileiro, um dos casos mais conhecidos foi o já citado exemplo #EleNão, em que mulheres passaram a utilizar a *tag* como ferramenta de contestação à candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência, nas eleições de 2018, em função dos “posicionamentos preconceituosos e profascistas apresentados pelo então candidato” (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 60). Outras *hashtags* surgiram a partir dessa primeira, como #EleNunca e #EleJamais, além de contra-*hashtags* utilizadas por apoiadores de Bolsonaro para

contrapor essa massiva campanha feminista digital. A batalha ou guerra de *hashtags* é “um gênero do discurso nativo do Twitter/X e da *web* participativa em geral” (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 232), em que determinadas *tags* passam a ser utilizadas de maneira coletiva pelos internautas, operando como um mecanismo tecnolinguageiro de ação e de resposta. Seja pela prática da filiação difusa (Paveau, 2021), em que usuários utilizam *tags* aleatórias para expressar emoções diversas (como o já mencionado exemplo do #tbt), ou por seu uso intencional como instrumento de reivindicação e resposta a discursos ofensivos (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021), as *hashtags* demonstram grande capacidade de mobilização social, especificamente pela função argumentativa que assumem nos discursos digitais militantes.

Desse modo, a ressignificação em contexto digital apresenta características específicas, em que “a *web* aparece então, por um lado, como lugar privilegiado da reinvenção da relação social nos dispositivos tecnodiscursivos e, por outro, como lugar de memória e de resistência” (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021, p. 112). Por fim, observa-se que a movimentação tecnodiscursiva da ressignificação se encaixa plenamente no contexto político brasileiro contemporâneo, em que intensas disputas são travadas também no virtual, tanto por meio do ativismo digital como pelo investimento massivo em robôs. A proximidade dos usuários com personalidades públicas e políticos, além do engajamento de parte da população nas redes sociais, particularmente no Twitter/X, fazem da ressignificação uma poderosa ferramenta de resposta, luta e defesa dos direitos coletivos, sobretudo diante da ofensiva conservadora baseada em discursos de ódio, notícias falsas, desinformação e pensamento anticientífico, que inundam cada vez mais os espaços digitais de interação, em particular da *web* social.

### 3 DECISÕES METODOLÓGICAS

*“A pele da floresta é bela e cheirosa, mas se suas árvores forem queimadas ela resseca. Então, a terra se desfaz aos pedaços e as minhocas desaparecem. Os brancos sabem disso? Os espíritos das grandes minhocas são os donos do chão da floresta. Se forem destruídos, ele fica árido. Por baixo dele, aparece então uma terra vermelha, da qual só podem sair brotos de plantas ruins e capim ralo. Nós não arrancamos a pele da terra. Cultivamos apenas sua superfície, pois é nela que está a sua riqueza. Seguimos nisso as palavras dos nossos ancestrais”.*

*(Davi Kopenawa e Bruce Albert, 2015)*

Esta pesquisa ancora-se nos estudos da Análise do Discurso Digital (ADD), de Marie-Anne Paveau (2013a; 2013b; 2021), na abordagem da polêmica como modalidade argumentativa, de Ruth Amossy (2017) e na construção do *ethos* tecnodiscursivo a partir dos preceitos desenvolvidos por Longhi (2013), propondo um diálogo com o *ethos* testado pela internet, de acordo com Maingueneau (2020). Além disso, aborda a ressignificação em contexto digital, baseada em Paveau (2019a; 2019b) e nos estudos de Paveau, Lourenço e Baronas (2021), como uma prática tecnodiscursiva legítima de resposta a enunciados ofensivos. Diante disso, no que diz respeito à seleção do *corpus* analisado neste estudo, baseamo-nos na noção de “pequeno *corpus*” preconizada por Moirand (2020). Nossa proposta alinha-se à perspectiva ecológica e pós-dualista da ADD para os estudos linguístico-discursivos, na qual a análise não se limita ao discurso, mas amplia-se, considerando uma coconstrução entre elementos linguageiros e tecnológicos de caráter informático.

Trata-se de uma pesquisa empírica e exploratória, que se propõe a estudar um objeto contemporâneo do século XXI: postagens políticas em rede social. Baseando-se em uma perspectiva qualitativa crítica, o presente estudo assume que “o pesquisador não está localizado fora do processo sócio-histórico, mas é necessariamente parte dele e moldado por ele”<sup>132</sup> (Hammersley, 2013, p. 32), de modo a propor uma reflexão sobre questões sociais e coletivas, especialmente no que

---

<sup>132</sup> Texto original: “[...] the researcher is not located outside of the socio-historical process but is necessarily part of, and shaped by, it”.

tange ao uso discursivo da *web* relacional por sujeitos políticos, e como esse agir reflete em toda a sociedade. Nesse sentido, a contribuição epistêmica deste trabalho está, justamente, na combinação de distintas abordagens teóricas, até então ainda não relacionadas entre si, com o intuito de expandir os estudos sobre o discurso digital em contexto brasileiro.

A escolha pelo referencial teórico aqui exposto atenta para a necessária mobilização de um conjunto de instrumentos que permita uma análise, em profundidade, de um objeto muito recente: a pandemia de covid-19 e o discurso governamental no ecossistema Twitter/X. Na parte normativa, tal complexidade se dá também pela busca de procedimentos eficientes para, a partir do rigor científico, nos posicionarmos de forma intransigente em defesa da democracia e do espaço público em suas mais distintas esferas, incluindo a tecnodiscursividade.

Para compor o *corpus* desta pesquisa, partiu-se inicialmente da observação de tuítes nos perfis de Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro) e Ricardo Salles (@rsallesmma), relativos aos temas covid-19, Amazônia e povos indígenas. Como jornalista, linguista e usuária de redes sociais, a pesquisadora acompanhou diariamente os perfis de Bolsonaro e Salles, no Twitter/X, durante a emergência sanitária no Brasil. Contudo, o *corpus* selecionado foi gerado no final de 2021, quando foi decidido o período histórico a ser analisado: os primeiros 12 meses de pandemia no país.

Dada a relacionalidade e investigabilidade dos tecnodiscursos, foi possível buscar, encontrar e redocumentar (Paveau, 2021) tuítes anteriormente publicados, por meio da ferramenta Busca Avançada<sup>133</sup> (acesso via Twitter/X Web App), disponibilizada pela própria plataforma (uma espécie de “curadoria” do conteúdo produzido pelos tuiteiros), que permite personalizar a pesquisa por palavras, expressões, frases, *hashtags*, idioma e data, seja em contas específicas, tuítes de resposta ou menção a determinado perfil, conforme exposto na Figura 21:

---

<sup>133</sup> Disponível em: <https://twitter.com/search-advanced>. Acesso em: 11 set. 2023.

Figura 21 – Ferramenta Busca Avançada no Twitter/X

The image displays two side-by-side screenshots of the Twitter/X advanced search interface. The left screenshot shows the 'Palavras' (Words) filter section, where the search terms 'Amazônia', 'covid', 'meio ambiente', and 'povos indígenas' are entered. The right screenshot shows the 'Contas' (Accounts) filter section with '@jairbolsonaro' and '@rsallesmma' entered, and the 'Datas' (Dates) filter section with the date range from March 11, 2020, to March 11, 2021.

Fonte: Twitter/X Web App.

Para esta pesquisa, utilizamos os filtros “Palavras”, “Contas” e “Data”. As palavras pesquisadas foram “Amazônia”, “covid”, “meio ambiente” e “povos indígenas”, nas contas @jairbolsonaro e @rsallesmma, no período entre 11 de março de 2020<sup>134</sup> a 11 de março de 2021. No que tange à polêmica, a primeira verificação foi a observação empírica dos tuítes para, assim, identificar a sua ocorrência. A Busca Avançada exibe, por meio da aba “Principais”, os tuítes com maior engajamento em cada perfil. A partir disso fizemos o registro dos tuítes por meio de capturas de tela<sup>135</sup> (via ferramenta *Lightshot*) de todas as postagens com os referidos filtros, totalizando 141 tuítes.

Entretanto, diante de um grande número de postagens, não seria possível analisar o conjunto de categorias propostas nesta pesquisa. Dessa forma, para garantir o aprofundamento necessário, optamos por um *corpus* reduzido, baseando-nos na concepção de “pequeno *corpus*” desenvolvida por Moirand (2020, p. 20), que

<sup>134</sup> Dia em que a Organização Mundial da Saúde declara pandemia de covid-19.

<sup>135</sup> Em relação aos tuítes com vídeo, além das capturas de tela, fizemos também o armazenamento das mídias no computador e a respectiva transcrição dos áudios diretamente no Microsoft Word.

se propõe a refletir a realidade na “instância do acontecimento”, isto é, nos permite investigar os fatos da atualidade no momento em que eles surgem, a partir de três premissas: um acontecimento discursivo, um momento discursivo, e instantes discursivos. O primeiro está relacionado a um episódio histórico retratado pelos meios de comunicação e redes sociais, que mobiliza determinada comunidade em todas as suas dimensões (cultural, religiosa, econômica, política, jurídica etc.); o segundo diz respeito a uma intensa repercussão sobre um mesmo fato – tanto na mídia quanto nos ecossistemas digitais – e que, com o passar do tempo, se tornará um acontecimento integrante de uma memória coletiva; já o terceiro representa instantes intermitentes que aparecem, desaparecem e voltam a circular nos meios de comunicação e na *web* social.

Nesta pesquisa, partimos, portanto, do acontecimento discursivo “pandemia de covid-19”, maior crise sanitária mundial deste século, e de alguns momentos discursivos significativos para a sociedade brasileira durante o primeiro ano da pandemia no país, conforme exposto no Quadro 01:

Quadro 1 – Momentos discursivos significativos do primeiro ano de pandemia no Brasil

<p><b>Momento discursivo 1</b> Campanha promovida por Bolsonaro pelo uso da hidroxicloroquina e da azitromicina como tratamento para a covid-19.</p>
<p><b>Momento discursivo 2</b> Reunião da cúpula do governo em que o então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, diz ser importante aproveitar o foco da mídia na pandemia para “passar a boiada” e afrouxar normas ambientais.</p>
<p><b>Momento discursivo 3</b> Campanha antivacina encabeçada por Bolsonaro.</p>
<p><b>Momento discursivo 4</b> Recordes de desmatamento em territórios da Amazônia Legal.</p>
<p><b>Momento discursivo 5</b> Ausência de medidas e políticas sanitárias no enfrentamento à covid-19 em comunidades indígenas.</p>

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Para tanto, elegemos três tuítes de cada representante político – em um total de seis, considerando as postagens com maior engajamento na rede, relacionados a algum dos momentos discursivos acima referidos, além dos respectivos perfis e “bios” de Bolsonaro e Salles. Também selecionamos dois tuítes de contraposição às falas governamentais, mediante ocorrência da ressignificação tecnodiscursiva, levando em conta as duas primeiras produções que aparecem na aba “Principais” do campo “Explorar” (em publicações produzidas entre 11 de março de 2020 e 11 de março de 2021), considerando o “momento discursivo 02” acima mencionado e a *hashtag* “BoiadaNãoVaiPassar”. Elegemos essa tecnopalavra, contemplando também suas variações, tais como “#BoiadaNaoVaiPassar”, “aboiadanãovaipassar”, “essaboiadanãovaipassar” etc., pois vivenciamos sua aparição no Twitter/X, após a divulgação da famosa fala proferida pelo então ministro Ricardo Salles, sobre aproveitar a atenção da mídia na pandemia para “passar a boiada” na alteração e flexibilização de leis. Nossa prática digital nos possibilitou, portanto, acompanharmos “ao vivo” e “*in loco*” o uso da referida *hashtag* para contrapor o discurso praticado pelo governo de turno, conforme será demonstrado no capítulo da análise qualitativa dos dados.

Para fins de apresentação dos tuítes selecionados para esta pesquisa (em ordem cronológica de publicação), exibimos o Quadro 2:

Quadro 2 – Relação dos tuítes analisados na pesquisa

<b>Numeração do tuíte com seu respectivo nome de usuário</b>	<b>Data de publicação</b>
Tuíte 1: @jairbolsonaro	25 mar. 2020
Tuíte 2: @rsallesmma	25 maio 2020
Tuíte 3: @GuajajaraSonia (ressignificação tecnodiscursiva)	25 maio 2020
Tuíte 4: @MidiaNINJA (ressignificação tecnodiscursiva)	25 maio 2020
Tuíte 5: @jairbolsonaro	23 jul. 2020
Tuíte 6: @rsallesmma	26 set. 2020
Tuíte 7: @jairbolsonaro	21 out. 2020
Tuíte 8: @rsallesmma	27 fev. 2021

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A escolha pelo Twitter/X se deu em função de sua importância para as trocas tecnolinguageiras contemporâneas, em que posicionamentos públicos são

amplamente compartilhados, sobretudo no campo político atual. Além do *microblog* ser muito utilizado por personalidades públicas e autoridades, o ecossistema ainda se mostra como um importante espaço para o debate público digital e a mobilização social (pelo menos até o seu bloqueio no Brasil), incluindo desde ações de resposta coletiva e contestação de decisões políticas, até o reconhecimento de processos eleitorais e luta contra a negação de realidades evidentes no país. Reiteramos também a relevância da plataforma como meio de informação, especialmente no primeiro ano de pandemia, em que opiniões anticientíficas sobre o vírus da covid-19 foram amplamente divulgadas na internet, sobretudo pelo governo Bolsonaro.

Desse modo, o percurso metodológico desta pesquisa está dividido em quatro critérios para a seleção dos tuítes, e cinco etapas analíticas, conforme segue:

Critérios para a seleção dos tuítes:

- i) conteúdo: identificação de uma ou mais temáticas “Amazônia”, “povos indígenas” e “covid-19” nos tuítes de Jair Bolsonaro e Ricardo Salles;
- ii) período de publicação: entre 11 de março de 2020, quando a OMS declara a pandemia de coronavírus, e 11 de março de 2021, quando completamos um ano de crise sanitária;
- iii) discurso polêmico: constatação da presença da polêmica nos referidos tuítes;
- iv) interatividade: seleção dos três tuítes de cada representante político analisado com maior engajamento de curtidas na rede social, de acordo com a aba “Principais” dos campos “explorar” e “Busca Avançada”.

Já as etapas metodológicas de análise estão divididas em cinco passos:

- i) descrição e contextualização dos tuítes selecionados;
- ii) observância de recursos tecnodiscursivos mobilizados pelos sujeitos Jair Bolsonaro e Ricardo Salles para se enunciar nos tuítes em questão;
- iii) caracterização das marcas de argumentação polêmica nos referidos tuítes;
- iv) descrição das categorias que moldam o *ethos* tecnodiscursivo de Jair Bolsonaro e Ricardo Salles nas postagens selecionadas;
- v) materialização da contraposição à fala governista em favor do desmonte da legislação ambiental, a partir de um ou mais critérios linguístico-tecnodiscursivos que constituem a ressignificação (pragmático, interacional,

enunciativo, semântico-axiológico, discursivo, socio-semântico, pragmático-político).

De acordo com Paveau (2013a; 2013b; 2021), as pesquisas em redes sociais devem preferencialmente ser realizadas por usuários inseridos no ambiente estudado, o que possibilita maior profundidade sobre o uso e o funcionamento de cada ecossistema. Assim, a coleta dos dados desta pesquisa é feita a partir do perfil pessoal da autora (@jurubeba\_kc), por meio das capturas de tela de cada tuíte. Destaca-se que, como usuária do Twitter/X e de outros aplicativos semelhantes, foi possível vivenciar o contexto pandêmico da covid-19 também no âmbito digital, assim como a negação à ciência por parte do Governo Federal à época e, ao mesmo tempo, observar os movimentos de contraposição às falas de Bolsonaro e Salles nas redes sociais.

## 4 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

*“Como os humanos, a “terra-floresta” sofre e sente dor quando derrubam suas árvores. Ela morre quando é incendiada, dando lugar a uma terra seca e quente, onde vai se instalar Ohinari a, o espírito da fome. Diz-se então que “a floresta tem valor de fome”, urihi a nê ohi, e que essa entidade maléfica sopra, dia após dia, seu pó xamânico nas narinas dos humanos a fim de enfraquecê-los para deles se alimentar”.*

*(Bruce Albert e Davi Kopenawa, 2022)*

Este capítulo dará início à análise dos dados gerados para esta pesquisa, apoiando-nos nas referências teóricas e no percurso metodológico apresentados nos capítulos anteriores. Serão investigados um total de oito tuítes, sendo três de Jair Bolsonaro e três de Ricardo Salles, relacionados a distintos momentos discursivos representativos durante o primeiro ano de pandemia, além dos respectivos perfis de cada um deles no Twitter/X (e suas “bios”) e, ainda, dois tuítes relacionados à ressignificação tecnodiscursiva, que representam uma contraposição a um discurso governamental daquele período.

Entretanto, para uma melhor compreensão da construção tecnodiscursiva de Bolsonaro e Salles, no Twitter/X, nos parece necessário apresentar também um breve histórico de cada um deles, com um resumo da participação de ambos na história política recente do país.

### 4.1 O político Jair Messias Bolsonaro: de militar da reserva à Presidência do Brasil

Jair Messias Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, é também capitão da reserva do Exército, ex-vereador e ex-deputado federal. Nascido em 1955, no interior de São Paulo, ingressou na Escola Preparatória de Cadetes do Exército no começo da década de 1970, onde ficou até entrar na Academia Militar das Agulhas Negras (ambas formações ocorreram no estado do Rio de Janeiro). Em 1977, graduou-se em Educação Física pelo Exército, tendo concluído também os cursos de preparação de

oficiais e paraquedismo. Após atuar como paraquedista nas Forças Armadas, alcançou a patente de capitão<sup>136</sup>.

Em 1986, Bolsonaro foi preso por 15 dias<sup>137</sup>, sob alegação de indisciplina, após publicar um artigo na revista *Veja* em que reivindicava aumento de salário para os militares. Após alguns meses, o ex-mandatário também foi acusado de ser mentor de um plano para explodir bombas em quartéis do Rio de Janeiro. Bolsonaro foi julgado por uma comissão do Exército que, por unanimidade, votou por sua expulsão das Forças Armadas. Porém, o Superior Tribunal Militar o absolveu das acusações, por considerar as provas apresentadas como insuficientes.

Após a projeção conquistada com a repercussão das polêmicas envolvendo seu nome e a remuneração dos militares, Bolsonaro conseguiu ser eleito vereador, em 1988, pela cidade do Rio de Janeiro, pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Ao assumir a nova posição no legislativo, foi deslocado para a reserva do Exército, conforme o regimento da própria instituição, que prevê o afastamento de integrantes das Forças Armadas quando eleitos para cargos públicos. Bolsonaro permaneceu no posto por somente dois anos, já que em 1990 foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro (também pelo PDC).

A partir de então, o militar da reserva deu início à carreira política como parlamentar na Câmara dos Deputados, sendo eleito pelo Rio de Janeiro por sete mandatos consecutivos<sup>138</sup>: 1991-1995 (PDC); 1995-1999, pelo Partido Progressista Reformador (PPR); 1999-2003, pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB); 2003-2007 (PPB); 2007-2011, pelo Partido Progressista (PP); 2011-2015 (PP); 2015-2019 (PP), sendo que no último mandato migrou para o Partido Social Cristão (PSC). Em 27 anos de atuação como congressista, Bolsonaro apresentou 171 projetos, tendo aprovado apenas dois<sup>139</sup>. Em seus primeiros mandatos, na década de 1990, dedicou-se a servir

---

<sup>136</sup> Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/jair-bolsonaro.htm#Resumo+sobre+Jair+Messias+Bolsonaro>. Acesso em: 01 mar. 2023.

<sup>137</sup> Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/09/02/por-que-bolsonaro-foi-preso-e-por-que-ele-saiu-do-exercito.ghtml>. Acesso em: 01 mar. 2023.

<sup>138</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>139</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/buscaProposicoesWeb/resultadoPesquisa?numero=&ano=&autor=Jair+Bolsonaro&inteiroTeor=&emtramitacao=Todas&tipoproposicao=%5BPEC++Proposta+de+Emenda+%C3%A0+Constitui%C3%A7%C3%A3o,+PLP++Projeto+de+Lei+Complementar,+PL++Projeto+de+Lei%5D&data=31/07/2018&page=false>. Acesso em: 22 fev. 2024.

aos interesses militares<sup>140</sup>, sua primeira base eleitoral. Já a partir dos anos 2000 migrou o foco para temas voltados à segurança pública<sup>141</sup>.

Ao longo da carreira como parlamentar, Bolsonaro envolveu-se em diversas polêmicas,<sup>142</sup> que vão desde manifestações racistas, machistas, misóginas e homofóbicas, até discursos públicos favoráveis à tortura e à defesa de regimes totalitários, conforme ilustra a Figura 22:

Figura 22 – Jair Bolsonaro em entrevista à revista Época

Faça seu comentário | Leia os comentários | Compartilhe | Imprimir | RSS | Celular

02/07/2011 - 08:50 - ATUALIZADO EM 02/07/2011 - 16:39

## Jair Bolsonaro: "Sou preconceituoso, com muito orgulho"

TweetCompartilhe

Os leitores de ÉPOCA entrevistam o deputado que combate as leis para proteger homossexuais

REDAÇÃO ÉPOCA

A maioria dos parlamentares foge de discussões sobre temas polêmicos. O deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) faz questão de correr ao encontro de alguns deles. Ex-capitão do Exército, Bolsonaro sustenta posturas radicais, como a defesa do período da ditadura militar (1964-85). Em defesa de suas opiniões, Bolsonaro comete erros históricos, por exemplo, ao dizer que durante os vinte anos do governo militar havia liberdade e pleno emprego no Brasil. Recentemente, Bolsonaro assumiu o protagonismo na oposição ao projeto que torna crime ataques a homossexuais e ajudou a derrubar a distribuição de kits contra homofobia nas escolas. Na semana passada, após ser absolvido em um processo disciplinar no Conselho de Ética, Bolsonaro respondeu às perguntas dos leitores de ÉPOCA.

**ENTREVISTA - JAIR BOLSONARO**



**QUEM É**  
Paulista, militar da reserva, 56 anos, casado, pai de cinco filhos

Fonte: Revista Época<sup>143</sup> (2011).

<sup>140</sup> Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/07/em-26-anos-bolsonaro-apresentou-171-projetos-foam-aprovados-9850750.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>141</sup> Idem anterior.

<sup>142</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/brasil-esta-em-negacionismo-com-carater-racista-misogino-homofobico-deste-governo-analisa-ricardo-lisias-24502748>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>143</sup> Disponível em: <https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI245890-15223,00.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

O ex-presidente também é recordista em denúncias<sup>144</sup> no Conselho de Ética da Câmara, com quatro processos (além de pelo menos seis punições por conta de discursos agressivos). Uma das polêmicas mais conhecidas envolvendo o seu nome diz respeito a um material educativo produzido pelo governo federal, em 2004 (durante a primeira gestão de Lula), que abordava a temática homossexual<sup>145</sup>. A iniciativa, elaborada por professores, gestores escolares e representantes da sociedade civil integrava o projeto Escola Sem Homofobia, voltado à formação de educadores (a distribuição do material chegou a ser suspensa em 2011 pela presidenta Dilma Rousseff). Durante a campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro rememora a questão apelidando o programa como “kit gay”, promovendo uma série de notícias falsas sobre a cartilha (inclusive, neste período, Bolsonaro precisou retirar de suas redes sociais vídeos que promoviam desinformação sobre o tema, de acordo com determinação do Tribunal Superior Eleitoral)<sup>146</sup>.

Em outra ocasião (em 2014), Bolsonaro chegou a ser condenado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) por apologia ao estupro<sup>147</sup>, ao proferir à colega de Parlamento Maria do Rosário (deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores) a repugnante colocação, de que ele jamais a estupraria por ela não merecer. Ao longo da carreira política, o ex-deputado também se manifestou contra homossexuais, negros e quilombolas<sup>148</sup>.

Polêmicas envolvendo o militar da reserva também fizeram parte do período em que foi presidente do país (2019-2022), especialmente durante a gestão da pandemia de covid-19. Entre as situações mais conhecidas<sup>149</sup> desse período estão a relativização do vírus, chamado por ele de “gripezinha”, a promoção de tratamentos sem comprovação científica para a doença (o chamado “kit covid”), além de manifestações mórbidas como “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre” e “Vamos todos morrer um dia”, conforme exhibe a Figura 23:

---

<sup>144</sup> Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/pre-candidato-a-presidencia-bolsonaro-e-recordista-de-denuncias-na-camara/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>145</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>146</sup> Idem anterior.

<sup>147</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-trajetoria-politica-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>148</sup> Idem anterior.

<sup>149</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Figura 23 – Manifestação pública de Bolsonaro durante a pandemia

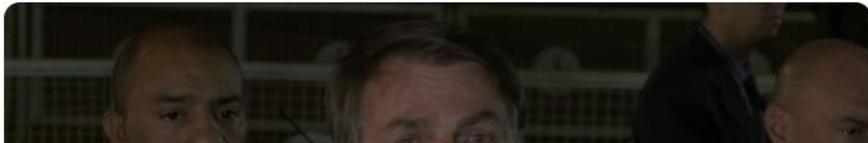
**POLÍTICA**

## **'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'**

Nesta terça-feira, Brasil somou 5.017 mortes por Covid-19, segundo os números oficiais, e superou o total de mortos da China, país de origem da pandemia de coronavírus.

Por Gustavo Garcia, Pedro Henrique Gomes e Hamanda Viana, G1 — Brasília  
28/04/2020 20h31 · Atualizado há 3 anos





Fonte: G1<sup>150</sup> (2020).

Ainda enquanto presidente, Bolsonaro foi acusado pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) de cometer crime contra a humanidade<sup>151</sup>. O relatório da CPI chegou a ser enviado para o Tribunal Penal Internacional de Haia, que julga crimes dessa natureza. Além disso foram registrados ao menos 150 pedidos de *impeachment* contra o ex-mandatário<sup>152</sup>, sendo pelo menos 75 denúncias envolvendo a gestão da pandemia.

Ainda antes da crise sanitária da covid-19, Lísias (2020) fez apontamentos do que chamou de “catástrofe brasileira” com a eleição de Jair Bolsonaro. Ao comentar os primeiros três meses de governo, o autor afirma que:

<sup>150</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>151</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/10/cpi-da-covid-entrega-ao-tribunal-penal-internacional-denuncia-que-acusa-bolsonaro-de-crime-contra-a-humanidade.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>152</sup> Disponível em: <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/#:~:text=144%20aguardam%20an%C3%A1lise.-,Ao%20todo%2C%20mais%20de%201550%20pessoas%20e%20mais%20de%20550,pedidos%20foram%20arquivados%20ou%20desconsiderados>. Acesso em: 22 fev. 2024.

O Brasil irá mergulhar em um pesadelo, em que cada nova presepada oficial irá suplantar a anterior e desafiar nossa capacidade de absorção. Nunca, em momento algum da nossa história, um grupo de gente tão descompensada esteve no poder e fez tanta questão de propagar o próprio desequilíbrio. Vamos assistir ao governo da morte na porta. (Lísias, 2020, p. 75).

Desde 2015, quando completou 60 anos, Bolsonaro está na condição de militar reformado, já que atingiu a idade máxima para ocupar o posto de capitão. Atualmente, ele não ocupa cargo público. Em 2023, foi condenado pelo Superior Tribunal Eleitoral (TSE) por abuso de poder político e econômico nas comemorações do Bicentenário da Independência<sup>153</sup>, durante a campanha presidencial de 2022. Com a decisão, o ex-mandatário tornou-se inelegível por oito anos. Bolsonaro também é investigado<sup>154</sup> por outras ações cometidas enquanto era presidente, como interferência na Polícia Federal (no caso Marielle Franco), vazamento de inquérito, incitação ao crime durante a pandemia, envolvimento com os atos golpistas de 08 de janeiro de 2023, comércio de joias (oferecidas como presente de outros países à Presidência) e fraude nos certificados de vacina da covid-19.

#### 4.2 O político Ricardo Salles: de advogado conservador a ministro da boiada

Ricardo de Aquino Salles, ex-ministro do Meio Ambiente do governo Bolsonaro (2019-2021), é advogado e administrador. Nascido em 1975, em São Paulo, tornou-se conhecido publicamente em 2006, ao participar da fundação do Movimento Endireita Brasil (MEB)<sup>155</sup>, que se diz responsável por desenvolver “uma Direita democrática, ética, liberal e participativa”<sup>156</sup>. Entre os princípios da organização estão a diminuição do Estado, a livre economia de mercado e o “fim de todos os mecanismos que limitam ou ferem a liberdade do cidadão”<sup>157</sup>, reconhecidas práticas do neoliberalismo moderno. Na mesma época, tentou ingressar na carreira política, mas não obteve êxito: em 2006 candidatou-se a deputado federal pelo então Partido da

---

<sup>153</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Outubro/tse-declara-inelegiveis-bolsonaro-e-braga-netto-por-abuso-de-poder-no-bicentenario-da-independencia>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>154</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/03/20/alem-da-fraude-em-cartao-de-vacina-bolsonaro-e-alvo-de-outras-seis-investigacoes-no-stf-veja-quais.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2024.

<sup>155</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1403201109.htm>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>156</sup> Disponível em: <https://twitter.com/endireitabrasil>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>157</sup> Idem anterior.

Frente Liberal (PFL) e, mais tarde, em 2010, tentou o cargo de deputado estadual pelo Democratas (DEM).

Em 2013, Salles atuou na Secretaria Particular do governo de São Paulo, à época governado por Geraldo Alckmin e, em 2016, assumiu a Secretaria Estadual do Meio Ambiente. No entanto, após pouco mais de um ano no cargo, o advogado foi afastado da pasta a pedido do Ministério Público de São Paulo (MPE), após responder a dezenas de inquéritos civis e criminais<sup>158</sup> por improbidade administrativa.

Em 2018, Salles foi novamente candidato a deputado federal, agora pelo Partido Novo e, mais uma vez, não conseguiu ser eleito. Nesse mesmo ano, após a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro na campanha presidencial, Salles foi nomeado oficialmente como ministro do Meio Ambiente. Na ocasião, a Associação dos Pesquisadores Científicos do Estado de São Paulo (APqC)<sup>159</sup> emitiu nota lamentando a indicação, em função de sua gestão na secretaria estadual ter sido “marcada por equívocos administrativos e denúncias de improbidade”, o que lhe rendeu o “título de secretário com o pior desempenho nos últimos trinta anos”. A entidade também destacou, entre outras ações, que houve uma “tentativa de alterar ilegalmente o zoneamento da proposta de plano de manejo da Área de Proteção Ambiental da Várzea do Rio Tietê” no período em que Salles ocupou a pasta do Meio Ambiente. Ainda de acordo com a APqC:

A nomeação de Ricardo Salles para o Ministério do Meio Ambiente constitui um ataque do futuro governo federal às políticas ambientais no Brasil, uma vez que o gestor já provou ser incapaz de entender a importância da ciência para o desenvolvimento nacional e demonstrou ter ligações estreitas com representantes de setores que não têm qualquer compromisso com a educação ambiental, a bioecologia e a conservação da natureza. (Associação dos Pesquisadores Científicos do Estado de São Paulo, 2018)<sup>160</sup>.

Em 2018, antes de assumir como ministro, Salles foi condenado pelo MPE<sup>161</sup> de São Paulo por improbidade administrativa, tendo como pena o pagamento de R\$50 milhões de reais em multa e a suspensão de seus direitos políticos por três anos. No

---

<sup>158</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/06/01/mp-pede-afastamento-de-secretario-do-meio-ambiente-de-alckmin-e-indenizacao-de-50-mi>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>159</sup> Disponível em: <https://www.apqc.org.br/nota-oficial-da-apqc-sobre-a-indicacao-de-ricardo-salles-para-o-cargo-do-ministro-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>160</sup> Idem anterior.

<sup>161</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/04/justica-de-sp-absolve-ricardo-salles-de-condenacao-por-improbidade-administrativa.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

entanto, ele recorreu da decisão e, em 2021, foi absolvido pelo Tribunal de Justiça de São Paulo<sup>162</sup>.

Já no comando do Ministério do Meio Ambiente (2019-2021), Salles alcançou recordes de desmatamento na Amazônia, enfraqueceu leis ambientais, desestruturou órgãos de fiscalização e proteção, entre outros feitos, promovendo a maior desregulamentação ambiental da história do país<sup>163</sup>. Avançando na revisão dos acontecimentos significativos da gestão Salles na pasta, retomamos uma das frases mais icônicas deste governo: ainda no começo da pandemia, o ex-ministro expôs que o governo deveria aproveitar o foco da cobertura midiática no coronavírus e “passar a boiada” para mudar regramentos de diversas áreas, entre elas a ambiental<sup>164</sup>. A fala proferida pelo então ministro repercutiu instantaneamente na mídia, gerando uma intensa polêmica em torno do tema.

A expressão “passar a boiada” virou uma das principais marcas da gestão Bolsonaro e Salles, sendo utilizada como sinônimo para o enfraquecimento de leis e projetos de preservação ambiental, conforme exposto na Figura 24:

---

<sup>162</sup> Idem anterior.

<sup>163</sup> Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/os-30-meses-de-ricardo-salles-a-frente-do-ministerio-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>164</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Figura 24 – A expressão “passar a boiada” como sinônimo da gestão Bolsonaro e Salles

## Passando a boiada: 5 momentos nos quais Ricardo Salles afrouxou regras ambientais

André Shalders - @andreshalders  
Da BBC News Brasil em Brasília

1 outubro 2020



Fonte: BBC Brasil<sup>165</sup>.

O desmonte das leis de proteção ambiental promovido por Salles, no governo Bolsonaro, culminou em seu indiciamento e pedido de afastamento pelo Ministério Público Federal (MPF)<sup>166</sup> por ação de improbidade administrativa, com acusações de “desestruturação normativa, desestruturação de órgãos de transparência, desestruturação orçamentária e desestruturação fiscalizatória (pelo desmonte de órgãos como o Ibama e o ICMBio)”. De acordo com os procuradores responsáveis pela ação, a permanência de Salles na pasta do Meio Ambiente traria “consequências trágicas à proteção ambiental, especialmente pelo alarmante aumento do desmatamento, sobretudo na Floresta Amazônica”<sup>167</sup>.

Ricardo Salles ainda é réu em outra ação promovida pelo MPF, acusado de facilitar a exportação ilegal de toneladas de madeira entre 2019 e 2020<sup>168</sup>. O ex-

<sup>165</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>166</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53315681>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>167</sup> Idem anterior.

<sup>168</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/28/ricardo-salles-reu.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

ministro do meio ambiente de Bolsonaro foi exonerado do cargo em junho de 2021 e, atualmente, é deputado federal por São Paulo, pelo Partido Liberal (PL).

#### 4.3 Análise do perfil @jairbolsonaro no Twitter/X

Na sequência, apresentaremos as marcas tecnodiscursivas do perfil de Jair Bolsonaro (@jairbolsonaro) no Twitter/X, junto de sua respectiva “bio”, conforme apareciam à época em que coletamos o corpus, de acordo com o que mostra a Figura 25:

Figura 25 – Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter/X



Fonte: @jairbolsonaro<sup>169</sup> (2020).

De acordo com a Figura 25, a conta @jairbolsonaro apresenta-se como um perfil verificado (possui a representação icônica do sinal de visto ao lado do nome Jair M. Bolsonaro), com ingresso no Twitter/X em março de 2010. À época da coleta dos dados<sup>170</sup>, o referido perfil contava com pouco mais de oito milhões de seguidores e

<sup>169</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 08 dez. 2021.

<sup>170</sup> Captura de tela realizada em 08 dez. 2021.

seguia outros 548. Em seu avatar, Bolsonaro utilizava uma foto colorida em que aparecia sorrindo, olhando para a frente, com o fundo desfocado (o que deixa o seu rosto em destaque). Já na imagem de capa utilizou a representação de parte da bandeira do Brasil (ao fundo), junto de uma foto sua, em plano médio, em que mais uma vez aparece sorrindo, olhando para o horizonte, ao lado dos dizeres “BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS” escritos em caixa alta, com destaque para o primeiro trecho, marcado em amarelo. A composição dessa imagem representa os valores defendidos pelo ex-presidente e a intenção de instalar o discurso religioso acima inclusive, da Constituição Brasileira<sup>171</sup>, que nos assegura o direito de viver em um Estado laico.

Tal enunciado foi utilizado por Bolsonaro desde sua campanha presidencial, em 2018, e seguiu sendo aplicado em suas redes sociais por, pelo menos, dois anos<sup>172</sup>, como vimos na Figura 23, com captura de tela realizada em dezembro de 2021. Em termos discursivos, o lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” pode ser relacionado à frase nazista “*Deutschland über alles*”, que na tradução para o português significa “Alemanha acima de tudo”. O trecho faz parte do primeiro verso da canção nacionalista “*Das Lied der Deutschen*” (A canção dos alemães), composta em 1841, mas que ganhou alcance somente em 1890, com a organização de uma agrupação nacionalista extremista e, posteriormente, a partir dos anos 1930 com o movimento nazista e, mais especificamente, por meio da figura de Hitler, conhecido adorador da canção<sup>173</sup>. Além disso, o trecho original “acima de tudo” foi utilizado à época como um chamado à unidade alemã, em defesa de um nacionalismo extremo<sup>174</sup>. Segundo Cavalcanti e Azevedo (2022, p. 63), nos dois *slogans* – de Bolsonaro e do canto nazista, é possível encontrar “a inscrição de fatores da ordem do ideológico e do histórico, que apontam para um período da ultradireita nazista, sendo retomados e atrelados à imagem do presidente do Brasil (com o complemento do discurso religioso)”. Assim, ao utilizar um lema marcadamente atrelado a uma memória coletiva que remete ao nazismo, Bolsonaro evoca toda a lembrança social e

---

<sup>171</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 fev. 2023.

<sup>172</sup> Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/07/26/interna\\_politica,1072615/trf4-bolsonaro-pode-manter-slogan-deus-acima-de-todos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/07/26/interna_politica,1072615/trf4-bolsonaro-pode-manter-slogan-deus-acima-de-todos.shtml). Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>173</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/alemanha-acima-de-tudo-um-verso-e-um-passado-sombrio/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>174</sup> Idem anterior.

histórica daquele período, posicionando-se ideologicamente como um representante da extrema direita contemporânea.

Além disso, verificamos no trecho “Brasil acima de tudo” a construção de um nacionalismo exacerbado, ufanista<sup>175</sup>, em que o país é colocado em posição superior a qualquer outra coisa, semelhante ao que ocorreu com a Alemanha nazista<sup>176</sup>, em que “ideais nacionalistas” eram pregados em nome de uma suposta supremacia. Outra possível relação do *slogan* utilizado pelo governo Bolsonaro é com a Brigada de Infantaria Paraquedista<sup>177</sup> do Exército Brasileiro, que também utiliza a frase como lema, acrescida de uma exclamação (“Brasil acima de tudo!”). Entre as missões destacadas pela instituição no site oficial<sup>178</sup> estão a de “executar operações de combate para destruir e vencer forças inimigas” e “conduzir operações de garantia da lei e da ordem”.

O enunciado seguinte traz um apelo ao discurso religioso, que aponta para uma mudança de sentido: o acréscimo de “Deus acima de todos” na sentença manifesta uma contraposição à locução anterior, de modo que posiciona a figura de Deus no mais elevado nível, acima de toda a humanidade, transcendendo, inclusive, o próprio Brasil e a já mencionada separação entre religião e aparelho estatal, direito assegurado pela nossa legislação.

Ainda no que se refere à imagem de capa, tem-se o texto “Presidente JAIR BOLSONARO”, com ênfase no nome do ex-mandatário, escrito em caixa alta. Sabemos que as letras maiúsculas representam um recurso para chamar a atenção dos usuários. Contudo, enfatizamos que a prática de escrita digital neste formato, em caixa alta, é conhecida pelos internautas como uma espécie de “grito da língua falada” (Silva, 2017), sendo sinônimo de deselegância ou falta de educação.

Já na descrição da biografia de Bolsonaro constam os dizeres “Capitão do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da República Federativa do Brasil”, junto ao ícone da bandeira do país. Aqui, Bolsonaro força um vínculo com as Forças Armadas, colocando-se como um militar da ativa, sem mencionar sua posição como capitão da reserva (nível que passou a ocupar em 1989 quando assumiu como vereador pelo Rio

---

<sup>175</sup> Disponível em: <https://www.politize.com.br/nacionalismo/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

<sup>176</sup> Idem anterior.

<sup>177</sup> Disponível em: <https://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/missao-visao-e-valores>. Disponível em: <https://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/missao-visao-e-valores>. Acesso em: 22 fev. 2023.

<sup>178</sup> Idem anterior.

de Janeiro). Além disso, desde 2015 também está na condição de militar reformado, situação em que os servidores são aposentados ou afastados definitivamente.

Ainda no que diz respeito aos elementos da “bio”, estão a marcação de localidade Brasília e um *hiperlink* que dá acesso a outras redes sociais de Bolsonaro, além de seu canal no Telegram e contato de WhatsApp. Nesse caso, por meio de um gesto tecnoenunciativo, o usuário pode clicar em alguma dessas opções e, assim, deslinearizar a visualização do perfil, sendo levado a esses outros espaços e ecossistemas digitais.

Em relação aos botões de relacionalidade disponíveis no perfil @jairbolsonaro estão as opções “Mais” (representada por três pontos enfileirados), em que o usuário pode desativar retuítes, visualizar tópicos, adicionar ou remover o perfil de Bolsonaro das listas, ver listas, compartilhar perfil, copiar *link*, silenciar, bloquear ou denunciar a conta, e também a afordância “Notificação” (sinalizada pelo ícone em formato de sino e um sinal de mais), que permite habilitar notificações de novas postagens, além da opção seguir/deixar de seguir.

O perfil de Bolsonaro no Twitter/X, à época em que os dados desta pesquisa foram gerados, manifesta uma construção de imagem conservadora, que parece promover uma propaganda corporativa de forças bélicas, tanto pelo emprego da patente “Capitão do Exército” na “bio” – em vez do posto atual, de militar da reserva reformado, quanto pelo lema de governo com inspiração militar, seja de ordem nazista ou ufanista das Forças Armadas brasileiras. Somado a isso, o apelo ao discurso religioso utilizado como complemento do *slogan* do ex-presidente evidencia uma personalidade política incompatível com os princípios de independência, liberdade e soberania popular garantidos pela Constituição Federal. Consideramos, portanto, a análise tecnodiscursiva da “bio” como elemento essencial para demonstrar como Jair Bolsonaro construiu sua identidade enquanto enunciador digital político, no Twitter/X, naquele período específico. Contudo, para uma verificação completa do discurso praticado pelo ex-presidente durante o primeiro ano de pandemia, é necessário analisarmos em profundidade os tuítos que serão exibidos em breve.

#### 4.4 Análise do perfil @rsallesmma no Twitter/X

Na sequência, apresentaremos as marcas tecnodiscursivas do perfil de Ricardo Salles (@rsallesmma) no Twitter/X, junto de sua respectiva “bio”, conforme apareciam à época em que coletamos o corpus, de acordo com o que mostra a Figura 26:

Figura 26 – Perfil de Ricardo Salles no Twitter/X



Fonte: @rsallesmma<sup>179</sup> (2020).

De acordo com a Figura 26, a conta @rsallesmma também possui o selo de verificação do Twitter/X e teve início em março de 2018. Quando geramos os dados da pesquisa<sup>180</sup>, o referido perfil contava com 492,3 mil seguidores e seguia outros 171. O nome da conta aparecia como Ricardo Salles MMA, uma referência ao Ministério do Meio Ambiente, pasta que ocupava na ocasião. Em sua imagem de avatar, Salles utilizava uma foto colorida de seu rosto, em que aparece sorrindo e olhando para o

<sup>179</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma>. Acesso em: 08 dez. 2021.

<sup>180</sup> Captura de tela realizada dia 08 dez. 2021.

lado. Na imagem de capa, o ex-ministro exibe a foto de uma floresta com extensa vegetação, sem nenhum texto verbal. Já na descrição de sua biografia aparece a denominação “Ministro do Meio Ambiente”, posição que ocupava na época em que registramos a captura de tela. Na localização constava “São Paulo, Brasil”, ao lado de um *hiperlink* com uma URL levando o seu nome. Assim, é possível deslinearizar a leitura do perfil, conduzindo o usuário ao *site* pessoal de Salles, como demonstra a Figura 27:

Figura 27 – Captura de tela do *site* de Ricardo Salles



Fonte: Site pessoal de Salles<sup>181</sup>.

Ao realizar o gesto tecnounciativo de clicar no *link* de acesso ao *site* oficial do ex-ministro, o internauta passa a esta outra janela, que exibe uma página inicial com a foto de Salles, vestido formalmente, em primeiro plano, junto à frase “Estamos em reestruturação”. Já na parte inferior da tela constam os ícones das redes sociais (na ordem em que aparecem) Facebook, Twitter/X, Instagram, LinkedIn e YouTube, além das representações icônicas de um envelope, que possibilita a ação de enviar um email, e do Telegram. Assim, caso o internauta queira acessar algum desses perfis será novamente redirecionado para outros ecossistemas virtuais, deslinearizando mais uma vez o fio do discurso.

Apesar de Salles se constituir tecnodiscursivamente na “bio” do Twitter/X apenas como “Ministro do Meio Ambiente”, é possível obter outras informações a seu

---

<sup>181</sup> Disponível em: <https://ricardosalles.com.br>. Acesso em: 08 dez. 2021.

respeito por meio da deslinearização, ao acessar os perfis do representante em distintas plataformas digitais. Nas demais redes sociais de Salles, a “bio” é composta pelos dizeres: “Ministro do Meio Ambiente, Advogado, Fundador do Movimento Endireita Brasil e Ex-Secretário de Estado”, conforme exemplo do Instagram exibido na Figura 28:

Figura 28 – Captura de tela do perfil de Ricardo Salles no Instagram



Fonte: Perfil de Salles no Instagram<sup>182</sup>.

De acordo com a Figura 28, o Instagram de Salles apresenta uma descrição mais completa, com informações relevantes sobre a profissão e o perfil do político. Em uma rápida procura em sites de busca por “Movimento Endireita Brasil”, por exemplo, aparecem os perfis da organização nas redes sociais, além de matérias veiculadas na mídia sobre a entidade, especialmente no período do golpe parlamentar contra a presidenta democraticamente eleita, Dilma Rousseff. O movimento foi um dos três principais impulsionadores<sup>183</sup> das manifestações contrárias ao governo naquele período (junto ao “Movimento Brasil Livre” e “Vem pra Rua”), com discursos em defesa da Operação Lava Jato, do patriotismo e das pautas anticorrupção<sup>184</sup> (o Endireita Brasil chegou a divulgar uma oferta, em seu perfil no Twitter/X, anunciando o pagamento de R\$1.000,00 a quem gravasse um vídeo hostilizando Ciro Gomes,

<sup>182</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/ricardosallesmma/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

<sup>183</sup> Disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Desktop/admagpol,+10.Livres+287-312.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

<sup>184</sup> Idem anterior.

quando estava em um restaurante, em São Paulo)<sup>185</sup>. Nas redes sociais<sup>186</sup>, a organização se descreve da seguinte maneira: “desde 2006 desenvolvendo uma Direita democrática, ética, liberal e participativa”. Diante do exposto, mesmo sem uma ampla investigação sobre o movimento, é possível constatar que se trata de um grupo de pessoas ideologicamente situadas à direita política, logo, representantes de uma ala conservadora que promove preceitos neoliberais.

Ao compartilhar com os internautas seu histórico profissional (quando menciona o antigo cargo de secretário de Estado em seus perfis nas plataformas digitais), Salles possibilita que busquem informações a respeito de sua atuação à época, ou mesmo que recorram discursos prévios do ex-mandatário, durante aquele período. O acesso a essas informações é oportunizado pelo próprio ex-ministro em seu perfil do Twitter/X, ao oferecer aos usuários a possibilidade de acessarem outras páginas a partir do *hiperlink* de seu *site* pessoal. Todo esse movimento de deslinearização enunciativa é possibilitado pelos ecossistemas digitais como o Twitter/X, que permite ao internauta desdobrar o fio do discurso, oferecendo-lhe a opção de visitar outros espaços digitais, para além do discurso fonte.

Na conta de Salles no Twitter/X, estão visíveis também os botões de relacionalidade “Mais” (para desativar retuítes, visualizar tópicos, adicionar ou remover o perfil das listas), ver listas, compartilhar perfil, copiar *link*, silenciar, bloquear ou denunciar a conta, junto à possibilidade de habilitar notificações de novas postagens, além da opção seguir/deixar de seguir.

Ao visualizarmos o perfil de Ricardo Salles no Twitter/X, considerando a época em que realizamos a captura de tela, é visível o alinhamento do ex-mandatário com o conservadorismo político, uma vez que ocupou uma posição de confiança no governo Bolsonaro. Entretanto, o recurso da deslinearização mostra-se como um fator determinante para a caracterização da imagem tecnodiscursiva de Salles: é por meio deste recurso que ocorre o direcionamento do discurso fonte (perfil no Twitter/X) para o discurso alvo (aqui representado pelo *site* pessoal do ex-ministro). Desse modo, ao acessar outras páginas e ecossistemas digitais disponibilizados pelo representante, o internauta tem acesso a diversas informações a respeito de seu histórico profissional, que o qualificam como um representante do liberalismo e da extrema direita política.

---

<sup>185</sup> Disponível em: <https://exame.com/brasil/grupo-oferece-r-1-000-por-hostilidade-contra-ciro-gomes/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

<sup>186</sup> Disponível em: <https://twitter.com/endereitabrasil>. Acesso em: 22 fev. 2023.

Ainda assim, ressaltamos que é necessária uma análise aprofundada dos tuítes de Salles para apurarmos o discurso praticado por ele no primeiro ano de pandemia no país, conforme apresentaremos nos próximos capítulos.

#### 4.5 Análise do tuíte 1: Bolsonaro em defesa da hidroxicloroquina e da azitromicina no tratamento para a covid-19

Apresentamos, a seguir, o primeiro tuíte selecionado para nossa análise, produzido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, por meio da conta @jairbolsonaro, publicado dia 25 de março de 2020, às 15h31min, conforme demonstrado na Figura 29:

Figura 29 – Tuíte 1



Fonte: @jairbolsonaro (2020)<sup>187</sup>.

O tuíte 1 foi produzido em formato simples, somente com texto verbal – sem menção a nenhuma outra conta ou *hashtag*, por exemplo, e contou com uma interação de 10 mil comentários, 12 mil retuítes, 65 mil curtidas, sendo salvo por 126 contas. A

<sup>187</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242881753162940419>. Acesso em: 22 jan. 2024.

postagem diz respeito à divulgação, por parte do ex-presidente da República, de medicamentos para o tratamento da covid-19. Para contextualizar a produção tecnodiscursiva, relembramos que dias após a OMS decretar a pandemia do coronavírus, Bolsonaro iniciou uma campanha pelo uso da hidroxicloroquina e da azitromicina<sup>188</sup>, inspirado no ex-presidente estadunidense Donald Trump, que havia divulgado os remédios como solução para a doença, com base em um único estudo francês, classificado pela comunidade científica como sendo de "má qualidade"<sup>189</sup>. O tuíte em questão foi publicado um dia após o pronunciamento oficial de Bolsonaro<sup>190</sup>, veiculado em cadeia nacional de rádio e televisão, em que promoveu uma série de colocações enganosas, conforme o trecho a seguir:

Mas o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, contra tudo e contra todos.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com o clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país.

O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar, empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado, devemos, sim, voltar à normalidade.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho.

Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite. (Canal GOV. Pronunciamento Oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro. YouTube, 24 mar. 2020).

---

<sup>188</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52067244>. Acesso em: 22 jan. 2024.

<sup>189</sup> Idem anterior.

<sup>190</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>. Acesso em: 08 dez. 2021.

Recordamos que durante este pronunciamento oficial, realizado em 24 de março de 2020, o ex-presidente foi alvo de panelaços<sup>191</sup> em diversas cidades do país, sendo uma forma de protesto voluntário, convocado por usuários nas redes sociais, em que se utilizam panelas e outros utensílios de cozinha para fazer barulho e, assim, demonstrar a insatisfação da população brasileira com a gestão política daquele período, como meio de evidenciar a contrariedade às medidas tomadas pelo governo bolsonarista durante a pandemia.

Foram diversas as manifestações do ex-presidente da República<sup>192</sup> promovendo a hidroxicloroquina e a azitromicina como tratamento para acometidos pela covid-19. Por outro lado, pesquisadores de diferentes partes do mundo, médicos e especialistas ressaltavam a ausência de estudos clínicos qualificados que apontassem a efetividade dos referidos fármacos como tratamento para a doença<sup>193</sup>. Vários profissionais também alertaram que o uso das substâncias sugeridas por Bolsonaro poderia acarretar efeitos colaterais graves, gerando impacto na saúde pública do país<sup>194</sup>. Já a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) emitiu uma nota técnica<sup>195</sup> confirmando que tais drogas eram prescritas para o tratamento de doenças como malária, artrite reumatoide e lúpus, e que para novas indicações de uso eram necessários “estudos clínicos em uma amostra representativa de seres humanos, demonstrando a segurança e a eficácia para o uso pretendido”.

O tuíte representado pela Figura 29 configura um discurso polêmico, já que o então presidente da República seguiu insistindo na promoção de medicamentos sem a devida comprovação científica para tratar a covid-19, mesmo com todos os apelos contrários, inclusive da própria OMS<sup>196</sup>. Ao tuitar que a hidroxicloroquina e a azitromicina “tem se mostrado eficaz nos pacientes ora em tratamento” e que “nos próximos dias tais resultados poderão ser apresentados ao público”, Bolsonaro

---

<sup>191</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/bolsonaro-e-alvo-de-panelaco-durante-pronunciamento-sobre-o-coronavirus.htm>. Acesso em: 23 jan. 2024.

<sup>192</sup> Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/05/24/qual-a-cronologia-cientifica-da-cloroquina-na-pandemia>. Acesso em: 23 jan. 2024.

<sup>193</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/12/estudos-mostram-que-cloroquina-nao-tem-eficacia-no-tratamento-do-coronavirus-entenda-as-pesquisas.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2024.

<sup>194</sup> Idem anterior.

<sup>195</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/arquivos-noticias-anvisa/830json-file-1>. Acesso em: 22 jan. 2024.

<sup>196</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/20/oms-recomenda-que-cloroquina-e-hidroxicloroquina-so-sejam-usadas-contra-a-covid-19-em-ensaios-clinicos.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ignorou as manifestações de pesquisadores, médicos e entidades de saúde reconhecidas, apresentando a suposta eficácia dos medicamentos como uma verdade prestes a ser confirmada.

A polêmica<sup>197</sup> promovida pelo enunciador digital político @jairbolsonaro dividiu internautas e a população em geral em campos antagônicos: de um lado, a comunidade científica e aqueles que confiavam na ciência; de outro, uma parcela da população que tutelava o discurso promovido pelo governo de turno e fortalecia o discurso negacionista em relação à pesquisa e à própria pandemia. O fato representou um importante momento discursivo relacionado ao primeiro ano da emergência sanitária no país e reforçou ainda mais as divergências políticas já existentes<sup>198</sup>, resultando no fenômeno da polarização (Amossy, 2017). Nesse caso, além de provocar um conflito entre posições distintas, o então presidente também se assumiu como Proponente do negacionismo científico, ao propagar informações enganosas a respeito de medicamentos sem a devida comprovação para tratar a covid-19.

Ademais, em relação à função sociodiscursiva da polêmica, identificamos a persuasão como estratégia argumentativa utilizada por Bolsonaro para influenciar os internautas, de modo que a população apoiasse o posicionamento governista, já que, de acordo com o tuíte 1, em pouco tempo testes confirmariam a hidroxiquina e a azitromicina como remédios eficazes contra a doença (se existe um medicamento para combater o vírus, logo o país pode retornar à “normalidade”).

No excerto “trazendo o necessário ambiente de tranquilidade e serenidade ao Brasil e ao mundo”, Bolsonaro novamente expressa uma postura anticientífica, mais preocupado em retomar a rotina anterior à pandemia do que com a gravidade da doença e com a saúde do povo. Recordamos que, nesse período, o ex-presidente também se manifestou contra outras medidas, como o distanciamento social, o uso de máscaras de proteção e o fechamento temporário de serviços não essenciais, conforme orientou a Organização Pan-Americana da Saúde<sup>199</sup> (com o objetivo de diminuir a circulação do vírus). Além disso, ao defender a volta à “normalidade”,

---

<sup>197</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 22 jan. 2024.

<sup>198</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/07/20/cena-de-culto-a-cloroquina-mostra-que-ela-se-tornou-simbolo-do-bolsonarismo.htm>. Acesso em: 22 jan. 2024.

<sup>199</sup> Disponível em: [https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjw48-vBhBbEiwAzqrZVHab\\_d8waquBKZd\\_hyBjqvaXdhbhZES9HQS-15MxHfVz3Z8xCKZ-tBoC7kcQAvD\\_BwE](https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gad_source=1&gclid=CjwKCAjw48-vBhBbEiwAzqrZVHab_d8waquBKZd_hyBjqvaXdhbhZES9HQS-15MxHfVz3Z8xCKZ-tBoC7kcQAvD_BwE). Acesso em: 08 dez. 2021.

Bolsonaro também se mostrou contrário a projetos de proteção social que visavam resguardar a população para que pudessem ficar em quarentena<sup>200</sup> por mais tempo.

Em relação ao *ethos* tecnodiscursivo, o tuíte 1 apresenta uma cenografia digital (Maingueneau, 2020) de Bolsonaro como porta-voz da pseudociência, responsável por propagar hipotéticos estudos como sendo promissores, sem mencionar nenhuma investigação específica ou apresentar evidências contundentes. Desse modo, o ex-mandatário apelou para sua posição de autoridade como presidente da República a fim de legitimar uma posição anticientífica e, assim, tornar o seu discurso credível. Em um nível iconotextual da cenografia digital (Maingueneau, 2020), o tuíte está em formato simples e por isso não apresenta imagens nem elementos clicáveis em sua composição. Já na dimensão reticular, a postagem possui apenas elementos internos (imagem de avatar, nome de usuário, texto verbal e botões de relacionabilidade), próprios do ecossistema do Twitter/X. No tuíte em questão, Bolsonaro também apontou para a construção de um *ethos* forte e saliente (Maingueneau, 2020), revelando um posicionamento explícito: convencer pelo discurso a favor de medicamentos sem comprovação científica.

Para completar o *ethos* tecnodiscursivo do ex-presidente, manifestado pelo tuíte 1, é importante evocarmos os pré-discursos (Maingueneau, 2020) de Bolsonaro, como representante da extrema direita política brasileira, recordando que ele já havia assumido posturas negacionistas<sup>201</sup> antes mesmo de assumir a presidência, como ocorreu em relação às mudanças climáticas, quando negou o aquecimento global, por exemplo. Desse modo, asseveramos que o ex-presidente evidenciou, no tuíte em questão, um *ethos* ideológico identificável (Maingueneau, 2016), assumindo o papel de fiador do negacionismo científico, colocando outros interesses acima da vida de milhões de brasileiros e brasileiras.

---

<sup>200</sup> De acordo com Silva e Almeida (2022), o termo quarentena, muito utilizado durante a pandemia, representa o isolamento de indivíduos saudáveis que tiveram contato com pessoas doentes ou que estejam expostos a doenças infectocontagiosas (não necessariamente por 40 dias).

<sup>201</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/30/internacional/1543584550\\_559566.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/30/internacional/1543584550_559566.html). Acesso em: 23 jan. 2024.

#### 4.6 Análise do tuíte 2: Ricardo Salles e a famosa expressão “passar a boiada”

Na sequência, apresentamos o tuíte 2, produzido por Ricardo Salles, então ministro do Meio Ambiente do governo Bolsonaro, por meio da conta @rsallesmma, publicado dia 25 de maio de 2020, às 19h54min, conforme exposto na Figura 30:

Figura 30 – Tuíte 02 @rsallesmma



Fonte: @rsallesmma<sup>202</sup> (2020).

O tuíte da Figura 30 é composto por texto verbal e um *hiperlink*, que possibilita ao usuário deslinearizar o discurso fonte e, assim, acessar outro conteúdo, em uma nova janela. A postagem contou com uma interação de 132 respostas, 323 retuítos, duas mil curtidas, sendo salvo por 13 contas, e está relacionada a uma fala de Salles, proferida durante reunião ministerial, no começo da pandemia. Para contextualizar a temática do tuíte, retomaremos algumas informações importantes a respeito do evento que deu origem ao *post*.

<sup>202</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1265053570715574272>. Acesso em: 08 dez. 2021.

Dia 22 de abril de 2020, Bolsonaro reuniu-se com o então vice-presidente Hamilton Mourão e equipe ministerial para tratar da covid-19 e outros temas. No encontro, Salles externou que era necessário aproveitar a atenção da mídia na covid-19 para “ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo”<sup>203</sup>. A partir disso, relembramos alguns trechos da participação do ex-ministro no referido encontro oficial:

A oportunidade que nós temos, que a imprensa está nos dando um pouco de alívio nos outros temas, é passar as reformas infralegais de desregulamentação, simplificação, todas as reformas que o mundo inteiro nessas viagens que se referiu o Onyx certamente cobrou dele, cobrou do Paulo, cobrou da Teresa, cobrou do Tarcísio, cobrou de todo mundo.

A segurança jurídica, da previsibilidade, da simplificação, essa grande parte dessa matéria ela se dá em portarias e norma dos ministérios que aqui estão, inclusive o de Meio Ambiente. E que são muito difíceis, e nesse aspecto eu acho que o Meio Ambiente é o mais difícil de passar qualquer mudança infralegal em termos de infraestrutura, é instrução normativa e portaria, porque tudo que a gente faz é pau no judiciário, no dia seguinte.

Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de covid e **ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas**<sup>204</sup>. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada à simplificação, é de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos.

Mas tem uma lista enorme, em todos os ministérios que têm papel regulatório aqui, para simplificar. Não precisamos de Congresso. Porque coisa que precisa de Congresso também, nesse fuzuê que está aí, nós não vamos conseguir aprovar.

Agora tem um monte de coisa que é só, parecer, caneta, parecer, caneta. Sem parecer também não tem caneta, porque dar uma canetada sem parecer é cana. Então, isso aí vale muito a pena. A gente tem um espaço enorme pra fazer)<sup>205</sup>.

---

<sup>203</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2024.

<sup>204</sup> Grifo nosso.

<sup>205</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2024.

A reunião foi gravada e divulgada na mídia um mês depois, ganhando grande repercussão também nas redes sociais, já que além da polêmica manifestação de Salles, diversas outras autoridades, entre elas o próprio presidente, se pronunciaram de maneira desrespeitosa em relação à pandemia e a outros políticos<sup>206</sup>.

No que concerne aos recursos tecnodiscursivos utilizados pelo enunciador digital político @rsallesmma, no tuíte 2, identificamos a ampliação do discurso fonte (Paveau, 2021) por meio de um *hiperlink* (que aparece no formato miniatura de vídeo do YouTube), inserido na postagem para que os internautas tenham acesso a uma entrevista concedida pelo ex-ministro ao portal UOL, intitulada “Ricardo Salles explica o significado da expressão ‘passar a boiada’; veja entrevista”. Esse *hiperlink* também representa uma deslinearização enunciativa (Paveau, 2021), já que possibilita ao usuário deixar o discurso de origem no Twitter/X e partir em direção ao fio-alvo, que foi o vídeo da entrevista disponibilizada no YouTube. Esse movimento tecnodiscursivo foi suscitado pelo próprio ex-ministro, que optou por apresentar suas explicações em um outro enunciado, fora do ecossistema da postagem original. Isso representa uma mudança na leitura do tuíte, uma vez que a ordem da enunciação foi modificada e ampliada pelo *hiperlink* (Paveau, 2021). Assim, para averiguar as justificativas de Salles sobre a expressão “passar a boiada” e sua participação no encontro governista, os internautas precisam assistir ao vídeo, em uma outra plataforma, para então verificar que o ex-ministro manteve o ponto de vista exposto em reunião, mostrando-se, mais uma vez, favorável ao afrouxamento de regras, sobretudo no âmbito ambiental.

Primordialmente, ao observar o tuíte sem acessar o *hiperlink* disponibilizado pelo enunciador digital político, poderíamos indicar evidências a respeito da imagem do ex-ministro relacionadas a discursos prévios (Maingueneau, 2020) dele sobre questões ambientais, que evocam posicionamentos conservadores e revelam um político com pouca alteridade e que, inclusive, por diversas vezes, polarizou o tecido social a partir de interesses particulares. Contudo, essa representação de imagem foi reforçada pelos elementos tecnolinguageiros da deslinearização enunciativa e, por consequência, da ampliação (Paveau, 2021), que possibilitaram ao internauta verificar por si mesmo o posicionamento de Salles favorável à concepção de “passar a boiada”

---

<sup>206</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/veja-os-principais-pontos-da-reuniao-ministerial-que-teve-gravacao-divulgada-pelo-stf.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2024.

em leis vigentes. Além disso, como se tratava de um ministro da gestão Bolsonaro, partimos do princípio de que o ex-mandatário compartilhava das políticas econômicas e sociais daquele governo, a favor da devastação dos biomas brasileiros e do enfraquecimento de instituições estatais. O agravante, nesse caso, foi justamente o fato de o ex-ministro defender, na ampliação do discurso apresentado por meio da deslinearização enunciativa (vídeo da entrevista), a polêmica fala manifestada em reunião, mantendo argumentos favoráveis a mudanças na legislação. Diante disso, em vez de se retratar frente às inúmeras críticas que recebeu, Salles preferiu apelar para justificativas, mantendo o posicionamento de quem se colocou contra leis e órgãos de fiscalização ambientais já instituídos.

Considerando a polêmica em torno do tema e a repercussão da expressão “passar a boiada” como sinônimo do desmantelamento de leis, destacamos o tuíte 2 como um dos momentos discursivos mais significativos de todo o governo Bolsonaro. Inclusive, nesse sentido, o termo transformou-se em ícone da gestão bolsonarista, sendo utilizado pela mídia e por internautas em diversas situações<sup>207</sup> (mesmo anos após o ocorrido) para fazer referência a políticas promovidas pelo referido governo, principalmente no que diz respeito ao enfraquecimento do arcabouço legal e à capacidade de fiscalização dos órgãos de proteção.

Em vista disso, identificamos que o tuíte 2 foi caracterizado pela marca de argumentação polêmica da polarização (Amossy, 2017), em que o enunciador digital político @rsallesmma assumiu o papel de Proponente do afrouxamento de leis ambientais junto a um grupo que o amparava e, assim, passou a disputar espaço com quem se opunha a sua fala, em um jogo de “nós” contra “eles”. No Twitter/X, o confronto virtual foi entre os usuários que apoiavam o governo de turno a qualquer custo, independente da postura assumida pela gestão bolsonarista, *versus* os que se mostravam contrários ao discurso governista de “passar a boiada” na legislação brasileira. Em relação à função sociodiscursiva da polêmica, observamos que Salles tentou persuadir e influenciar (Amossy, 2017) o público tuiteiro para que aderissem às tomadas de decisão da gestão bolsonarista, além de provocar uma confrontação entre grupos divergentes. O tuíte 2 revelou o enunciador digital político @rsallesmma como um legítimo representante do discurso antiambiental, que utilizou a polêmica como

---

<sup>207</sup> Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/meio-ambiente-o-que-bolsonaro-fez-para-passar-a-boiada/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

estratégia de posicionamento político para defender abertamente o afrouxamento de leis e normas.

Sobre o *ethos* tecnodiscursivo, a cenografia digital de Salles (Maingueneau, 2020) é representada pelo conjunto do tuíte: texto verbal, *hiperlink* que leva à entrevista, miniatura do vídeo e, conseqüentemente, pelo conteúdo da gravação escolhida pelo ex-ministro como meio para esclarecer a polêmica sobre o termo “passar a boiada”. Nesse caso, o componente iconotextual (Maingueneau, 2020) do tuíte foi expresso pelo próprio texto e pelos botões de relacionalidade, que possibilitam ao tuíteiro reagir à postagem (curtir, comentar, retuitar ou ainda marcar o *post* como favorito). Já a dimensão reticular externa (Maingueneau, 2020) da cenografia digital foi representada pelo *hiperlink* da entrevista que, como elemento clicável, permite ao usuário mudar a ordem de navegação, conduzindo o internauta a uma página fora do espaço de origem, em outro ecossistema.

O tuíte 2 também revela um *ethos* tecnodiscursivo representado por uma força de espírito provocadora e polêmica, já que Salles poderia ter aproveitado o espaço de manifestação do Twitter/X para se desculpar pelo discurso proferido em reunião. No entanto, mesmo com contundentes manifestações da opinião pública<sup>208</sup> e de reconhecidas entidades<sup>209</sup> contrárias àquela fala, o ex-ministro optou por sustentar de maneira convicta a postura apresentada no evento, expondo um mundo ético favorável ao desmonte de normas e órgãos de Estado. Ao mesmo tempo, identificamos uma tentativa do enunciador digital político de evocar no público um *ethos* de combatente, isto é, aquele que enfrenta os seus adversários em defesa de uma posição política (neste caso, “passar a boiada” na legislação). Também verificamos a presença de um *ethos* ideológico identificável (Maingueneau, 2020), de um representante conservador, assumidamente pertencente à direita política, que evidenciou a intencionalidade de tornar a sociedade brasileira mais vulnerável, sobretudo naquele momento da pandemia, em que presenciamos a ausência de um Estado de bem-estar e proteção social, o que inclui o abandono aos povos originários e suas comunidades.

---

<sup>208</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/05/passar-a-boiada.shtml>. Acesso em: 02 mar. 2024.

<sup>209</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/05/22/entidades-repudiam-declaracoes-de-salles-sobre-passar-a-boiada.htm>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Diante do exposto, identificamos que o enunciador digital político @rsallesmma manifestou-se, no tuíte 2, como fiador do desmonte de normas ambientais, colocando-se como um legítimo representante de um projeto antiambiental, disposto a promover o desmantelamento da legislação brasileira para alcançar objetivos outros. Compreendemos, portanto, que nessa postagem Salles invocou a polêmica para reforçar pensamentos neoliberais e conservadores, manifestando-se contra a manutenção dos biomas brasileiros, especialmente a Amazônia e os Territórios Indígenas.

#### 4.7 Análise dos tuítes 3 e 4: ressignificação do termo “passar a boiada”

A partir da divulgação da reunião ministerial que reuniu a cúpula do governo Bolsonaro, em maio de 2020, observamos nas redes sociais, sobretudo no Twitter/X, uma série de postagens contrárias à manifestação “passar a boiada”, proferida pelo então ministro do Meio Ambiente. A partir de então, como usuárias desse ecossistema, presenciamos um movimento tecnodiscursivo de contestação e resistência frente ao posicionamento governista, especialmente por meio das *hashtags* “#BoiadaNãoVaiPassar”, “#BoiadaNaoVaiPassar”, “#aboiadanaovaipassar” e “essaboiadanãovaipassar”, entre outras variações da *tag*.

Entidades de proteção ambiental, meios de comunicação, políticos, personalidades e usuários comuns manifestaram-se nas redes contra o projeto bolsonarista de desregulamentação das leis vigentes. Em parte das postagens observadas, os tuiteiros utilizaram apenas a expressão “passar a boiada”, escrita entre aspas, sem transformá-la em tecnopalavra, para assim fazer referência ao discurso de Salles. Ao mesmo tempo, uma outra parcela dos tuiteiros – talvez por possuírem mais conhecimento do funcionamento e das opções tecnodiscursivas disponibilizadas pela plataforma – utilizou as *hashtags* mencionadas acima, tornando esse tecnodiscurso rastreável (Paveau, 2021). De todo modo, mesmo sem figurar na lista de tendências daquele período (*trending topics*) no Twitter/X, as *tags* associadas a esse momento discursivo integraram inúmeros tuítes – pelo menos, conforme a linha do tempo das pesquisadoras, sendo utilizadas tecnodiscursivamente como ferramenta de oposição ao discurso praticado pelo governo de turno, conforme mostra a Figura 31:

Figura 31 – Tuíte 3: ressignificação da expressão “passar a boiada”



Fonte: @GuajajaraSonia (2020)<sup>210</sup>.

O tuíte da Figura 3 foi produzido por Sonia Guajajara<sup>211</sup>, líder indígena e representante das pautas ambientais e dos povos originários. Ela tornou-se conhecida nacionalmente após participar da corrida eleitoral à Presidência da República, em 2018, como vice de Guilherme Boulos, pela chapa do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Apesar disso, Guajajara já possuía uma importante atuação na defesa dos direitos dos povos tradicionais e do meio ambiente antes das eleições daquele ano.

<sup>210</sup> Disponível em: <https://twitter.com/GuajajaraSonia/status/1265021260989333507>. Acesso em: 08 jan. 2023.

<sup>211</sup> Primeira indígena a ser eleita como deputada federal pelo estado de São Paulo (PSOL), em 2022, Guajajara é atualmente ministra dos Povos Indígenas (de 2022 até o momento).

A enunciadora digital política @GuajajaraSonia fez a publicação um dia após a reunião ministerial ser divulgada pela mídia, e iniciou seu tuíte com duas *hashtags* de contestação à fala de Salles: “#BoiadaNãoVaiPassar” e “#PL2633Não”, acompanhadas de um texto verbal e de uma imagem estática, que convocava os usuários a um movimento tecnodiscursivo conhecido como “tuitaço” (uma manifestação virtual em que diversos usuários utilizam as mesmas *tags*) marcado para aquele mesmo dia. Além de posicionar-se como Oponente (Amossy, 2017) a Salles, manifestando-se explicitamente contra o discurso do ex-ministro, a representante ainda acrescentou uma referência ao Projeto Lei 2633<sup>212</sup> (também conhecido como “PL da Grilagem”, proposto pela bancada bolsonarista e aprovado posteriormente, em agosto de 2021) que, entre outros itens, tratava da legalização de ocupações irregulares em áreas da União. Ao citar a proposição normativa na postagem, Guajajara aproveitou o espaço de manifestação contra o governo, no ecossistema Twitter/X, para alertar os internautas sobre a gravidade da aprovação desse Projeto, que incentivava o aumento de invasões em Terras Indígenas e do desmatamento na Amazônia, além de legalizar áreas ocupadas irregularmente por grileiros (muitas delas dentro das TIs). A *hashtag* “#PL2633Não” estava diretamente ligada à “#BoiadaNãoVaiPassar”, uma vez que a aprovação do referido Projeto Lei também representava uma maneira de “passar a boiada” na legislação que estava em vigor naquele período.

Já no segmento de texto “não aceitaremos as tentativas do ministro Ricardo Salles em tentar “passar a boiada”[...]”, escrito na terceira pessoa do plural, a líder indígena assumiu uma posição de sujeito coletivo, colocando-se como representante de diversos indivíduos e grupos que se opunham ao ex-ministro e ao governo Bolsonaro. A confrontação (Amossy, 2017) aqui exposta pela anunciadora digital política @GuajajaraSonia uniu distintos perfis digitais, com filiações ideológicas diversas, em torno de uma causa em comum: a união e mobilização pelo meio ambiente e pelas leis de proteção ambiental. Além disso, a imagem icônica utilizada por ela no tuíte é bastante chamativa, tanto pelo contraste entre as cores utilizadas na arte, como pela representação de um *smartphone* em uma mão humana com as já

---

<sup>212</sup> Disponível em:  
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2252589>. Acesso em: 08 jan. 2023.

mencionadas *hashtags*, como uma convocação aos usuários para que aderissem ao “tuitaço” que ocorreria logo depois.

As tecnopalavras utilizadas por Guajajara marcaram não apenas uma postura de oposição ao ex-ministro, como também ultrapassaram a simples polêmica, transformando-se em ferramenta de protesto e resistência (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021) frente às mudanças propostas pelo governo de turno. Dessa forma, em meio a uma disputa digital no Twitter/X entre usuários que se opunham ao discurso de Salles e apoiadores do bolsonarismo, a resignificação tecnodiscursiva permitiu que os indivíduos agredidos transformassem o enunciado insultuoso associado à expressão "passar a boiada" em uma resposta coletiva e militante de contestação ao discurso governamental, por meio da *hashtag* “#BoiadaNãoVaiPassar”. O tuíte de Guajajara contou com uma interação de 79 retuítes, oito tuítes com resposta e 194 curtidas.

Nessa direção, o tuíte 4 reforça a oposição à manifestação de Salles, conforme mostra a Figura 32:

Figura 32 – Tuíte 4: ressignificação da expressão “passar a boiada”



Fonte: @MidiaNINJA<sup>213</sup> (2020).

O tuíte 4 foi produzido pelo grupo de comunicação independente Mídia Ninja, bastante conhecido nas redes sociais, principalmente por realizar coberturas jornalísticas de protestos e outras manifestações públicas. De acordo com o site da organização, eles formam “uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir da tecnologia e de uma lógica colaborativa de trabalho”<sup>214</sup>. Dessa forma, reconhecemos o perfil @MidiaNINJA como um enunciador digital coletivo, que produz e difunde conteúdos em uma perspectiva alternativa aos grandes meios de comunicação.

O tuíte 4 foi publicado pelo grupo no dia seguinte à divulgação da reunião ministerial. A postagem é plurissemiótica, já que combina texto verbal com um vídeo de 12 segundos de duração, que mostrava uma manifestação presencial contra Salles, promovida por ativistas ambientais, em frente ao Ministério do Meio Ambiente,

<sup>213</sup> Disponível em: <https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1265031231282044928>. Acesso em: 11 jan. 2023.

<sup>214</sup> Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

em Brasília (pela captura de tela é possível visualizar que algumas pessoas seguram uma faixa com os dizeres “*impeachment* Salles”). Além de comunicar que o ato reivindicava a demissão do então ministro, a postagem também utilizou as *hashtags* “#ForaSalles” e “#BoiadaNaoVaiPassar” para demonstrar oposição à fala manifestada por Salles. A *tag* “#ForaSalles” também pode ser relacionada com o já mencionado movimento tecnodiscursivo do “#EleNão”, de modo a representar um enunciador social (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021), isto é, um conjunto de internautas que compartilha do mesmo posicionamento contrário ao ex-mandatário e a tudo o que representava o “passar a boiada”.

Os tuítes 3 e 4, produzidos por Sonia Guajajara e Mídia Ninja, respectivamente, estão relacionados entre si (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021) pela *hashtag* “#BoiadaNãoVaiPassar” (e suas variações, que incluem a escrita digital com e sem acento), não apenas por se tratar de um elemento clicável, que permite rastrear e redocumentar as postagens que utilizaram a tecnopalavra, como também pela própria relação dos ecossistemas digitais com os internautas e seus discursos. Tudo isso ainda é possibilitado pelo ecossistema Twitter/X, que permite ao usuário pesquisar por *hashtags* a qualquer momento (pela aba “explorar”), de modo a visualizar a ocorrência destas *tags* em diferentes postagens.

Como usuárias do Twitter/X e investigadoras do discurso digital, observamos que, mesmo com a imprevisibilidade dos tecnodiscursos (Paveau, 2021), a *hashtag* “#BoiadaNãoVaiPassar” operou, nesse ecossistema, como ferramenta de resposta coletiva à proposta governista de dismantelar leis de proteção ambiental, ressignificando o sentido original manifestado pelo discurso primeiro promovido pelo então ministro. O tuíte do Mídia Ninja contou com uma interação de três respostas, 48 retuítes e 301 curtidas.

A partir disso, demonstraremos os critérios linguístico-tecnodiscursivos identificados no processo de ressignificação (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021) dos tuítes 3 e 4:

**1. Critério pragmático:** há uma ferida languageira provocada pelo ex-ministro Ricardo Salles ao proferir, em reunião oficial, que era necessário aproveitar a atenção da mídia na covid-19 para “passar a boiada” e alterar regramentos e simplificar normas de diversas áreas, entre elas a ambiental. A fala de Salles repercutiu no Twitter/X, com

manifestações contrárias ao governo, tanto de autoridades e entidades reconhecidas, como de usuários comuns com conta ativa na plataforma.

**2. Critério interacional:** respostas ao enunciado ofensivo são produzidas no Twitter/X, sobretudo por meio da *hashtag* “#BoiadaNãoVaiPassar” e suas variações.

**3. Critério enunciativo:** o contradiscurso dos sujeitos agredidos, aqui representados pelos enunciadores digitais @GuajajaraSonia e @MidiaNINJA, opera como origem enunciativa de resposta ao agressor Ricardo Salles.

**4. Critério semântico-axiológico:** a *hashtag* “#BoiadaNãoVaiPassar” apresenta uma mudança semântica e axiológica, na medida em que altera não apenas o significado do termo, como também os valores éticos defendidos pelos sujeitos agredidos, em comparação com o enunciado primeiro.

**5. Critério discursivo:** o enunciado de origem – fala de Salles sobre “passar a boiada” nas leis de diversos ministérios – ocorreu fora do espaço digital, em reunião ministerial em Brasília, com a presença de Bolsonaro e demais representantes do governo, em um contexto diferente dos enunciados-resposta, que foram produzidos tecnodiscursivamente no ecossistema do Twitter/X.

**6. Critério sociossemântico:** a recontextualização foi reconhecida por diversos usuários do Twitter/X que, por meio da *hashtag* “#BoiadaNãoVaiPassar”, formaram um sujeito coletivo de luta e resistência contra o discurso ofensivo de Salles.

**7. Critério político-pragmático:** a resignificação teve efeito militante, pois produziu um movimento digital de contraposição e resistência frente às políticas ecodidas de Ricardo Salles e do governo Bolsonaro.

O processo de resignificação tecnodiscursiva possibilita transformar uma agressão linguageira em uma resposta política e coletiva (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021), permitindo, assim, a união de diferentes enunciadores digitais em benefício de uma causa em comum. Os tuítes 3 e 4 representam, portanto, uma resposta de parte da sociedade conectada, no ecossistema Twitter/X, contra o discurso de “passar a boiada” na legislação. Dessa forma, o enunciado insultuoso foi recontextualizado e operou como ferramenta de contestação e resistência a Ricardo Salles e ao governo Bolsonaro, sobretudo por meio da *hashtag* “#BoiadaNãoVaiPassar”, fortalecendo a luta pelos direitos ancestrais, o respeito à Constituição Brasileira e à própria democracia.

#### 4.8 Análise do tuíte 5: Bolsonaro promove hidroxicloroquina e responsabiliza indígenas por queimadas na Amazônia

O tuíte 5, publicado dia 23 de julho de 2020, representa uma produção em fio, condição possibilitada pelo ecossistema Twitter/X, em que uma postagem é conectada a outra por meio de uma sequência desenvolvida pelo próprio enunciador digital. Nesse tipo de postagem, é possível visualizar um fio entre os tuítes, conforme demonstrado na Figura 33:

Figura 33 – Tuíte 5 @jairbolsonaro



Fonte: @jairbolsonaro<sup>215</sup> (2020).

Este fio é formado por dois tuítes, sendo o primeiro composto por texto verbal e um *hiperlink*, em que o enunciador digital político @jairbolsonaro divulga uma *live*

<sup>215</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1286494268509556736>. Acesso em: 12 jan. 2024.

sua, disponível na plataforma YouTube – com 38 minutos e 19 segundos de duração, enquanto o segundo foi produzido somente com texto verbal e faz menção a outras duas contas do Twitter/X (@Mapa\_Brasil e @PRFBrasil). Na primeira parte da sequência, o ex-presidente cita os temas que foram tratados na *live*, entre os quais estão “COVID” e “Amazônia”, junto ao *link* que aparece nos formatos tecnopalavra e miniatura de vídeo. Ao ser redirecionado a esse outro conteúdo, em um ecossistema diferente do enunciado de origem, o usuário parte de um texto fonte, nesse caso, o próprio tuíte em direção a um discurso-alvo, manifestado pelo *hiperlink* do YouTube. Com isso, mesmo que Bolsonaro tenha mencionado as temáticas que foram abordadas na *live* semanal, a deslinearização do tuíte se faz necessária para que o escritor tenha conhecimento sobre os argumentos apresentados pelo ex-presidente na ocasião. Dessa forma, o próprio enunciador digital político @jairbolsonaro promoveu a ampliação do discurso de origem, possibilitando ao usuário o acesso a uma nova produção, relacionada ao texto-fonte. O primeiro *post* contou com uma interação de mil respostas, mil retuítes e 12 mil curtidas, enquanto o segundo possui 445 respostas, mil retuítes e nove mil curtidas. Para fins analíticos, ressaltamos que, mesmo se tratando de uma produção em fio, nosso foco de análise se concentra no primeiro tuíte da sequência, identificado pelo próprio enunciador digital político como postagem “1”, que retrata temáticas relacionadas a outro importante momento discursivo ocorrido durante a pandemia.

Julho de 2020 era, até aquele momento, o mês mais letal da pandemia no país<sup>216</sup>, com quase 33 mil vítimas. Nesse período, o Brasil alcançou o número de 2.707.877 contagiados pela doença, além da soma de 93.563 óbitos, no total. Inclusive, na última semana daquele mês, o país atingiu o pico da primeira onda<sup>217</sup> de contaminação por covid-19. Também, nessa época, Bolsonaro vetou uma lei aprovada pelo Congresso Nacional que determinava o uso de máscaras de proteção em locais públicos, além de retirar a obrigatoriedade de sua distribuição gratuita pelo Estado para famílias de baixa renda<sup>218</sup>. Além disso, relembramos que, em julho de 2020, o

---

<sup>216</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/08/01/julho-foi-mes-mais-fatal-da-pandemia-de-covid-19-no-brasil.htm>. Acesso em: 30 mar. 2024.

<sup>217</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/linha-do-tempo-mostra-os-principais-fatos-da-pandemia-no-brasil-24897725>. Acesso em: 30 mar. 2024.

<sup>218</sup> Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2021/O-primeiro-ano-de-pandemia-no-Brasil-em-43-eventos>. Acesso em: 25 abr. 2022.

governo Bolsonaro promoveu a terceira troca<sup>219</sup> de ministro da Saúde desde o começo da pandemia, sendo o general da ativa do Exército, Eduardo Pazuello, o responsável pela pasta na época em que a postagem da Figura 33 foi produzida. De acordo com notícias veiculadas<sup>220</sup> pela imprensa naquele período, a troca de ministros ocorreu por discordâncias entre eles e o então presidente, a respeito das medidas de combate à pandemia.

Retomando a *live* presidencial divulgada no tuíte 5, por meio do recurso da deslinearização enunciativa (Paveau, 2021), salientamos a promoção da hidroxicloroquina em duas situações: na forma verbal, em algumas falas de Bolsonaro a favor do medicamento, e no apelo visual, com a divulgação de uma caixa do produto em frente ao monitor da intérprete de libras, conforme mostra a Figura 34:

Figura 34 – Captura de tela da *live* de Jair Bolsonaro



**Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro - 23/07/2020. Temas na descrição:**

Fonte: Jair Bolsonaro<sup>221</sup> (2020).

<sup>219</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/brasil-completa-tres-meses-sem-ministro-da-saude-definitivo/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

<sup>220</sup> Idem anterior.

<sup>221</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD\\_tuRPY](https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD_tuRPY). Acesso em: 02 abr. 2024.

Além do destaque para a caixa do produto, que aparece em primeiro plano no começo do vídeo, o ex-presidente diz “não tô recomendando pra ninguém, não, eu tomei, 12 horas depois estava me sentindo muito bem, como estou muito bem, graças a Deus, até hoje”<sup>222</sup>. Ele também citou que os então ministros Onix Lorenzoni e Milton Ribeiro contraíram o vírus e que ambos estavam curados em função do remédio. O ex-presidente chegou a dizer que acreditava na ciência, mas que o medicamento “não é recomendado e nem não é, tá em estudo ainda, mais cedo ou mais tarde vai se chegar à conclusão no tocante a isso”<sup>223</sup>, afirmando que a falta de comprovação científica não seria razão para não utilizar o fármaco como tratamento para a doença. Bolsonaro expressou ainda que:

[...] Enquanto não tem um remédio pra atacar esse problema, é válido esse aqui [mostrando a caixa da hidroxiclороquina], porque se não me engano chama de off label, fora da bula, então o médico é que tem que ter essa liberdade. Não tá na bula, mas ele vai lá e prescreve. Quer prescrever hidroxiclороquina? Prescreve. Quer oferecer outra coisa qualquer? Isso depende do médico, off label, né, e do paciente<sup>224</sup>.

Contudo, mesmo antes dessa *live* de Bolsonaro, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) já havia emitido um comunicado<sup>225</sup> que pedia a suspensão imediata da hidroxiclороquina no tratamento da covid-19, ressaltando que “as orientações do Ministério da Saúde favorecem o uso ‘off label’, quando o fármaco é utilizado para uma indicação diferente daquela que foi autorizada pela Anvisa”, e que “Milhares de vidas estão em risco. Os efeitos colaterais podem ser severos. A ciência não pode ser negligenciada. São instituições renomadas que estão alertando, mas o governo parece não se importar”. É de conhecimento público, portanto, que no tuíte 5, o ex-presidente se baseou em experiências pessoais para promover a hidroxiclороquina como tratamento para a covid-19, ignorando manifestações de entidades e instituições de pesquisa sobre os riscos da utilização de remédios sem eficácia comprovada para tratar a doença.

Já em relação à Amazônia e aos povos indígenas, em outro momento da *live*, Bolsonaro exhibe uma folha com uma representação cartográfica que, segundo ele,

---

<sup>222</sup> Idem anterior, a partir do 5 min 48 s.

<sup>223</sup> Idem anterior, a partir do 6 min 8 s.

<sup>224</sup> Idem anterior.

<sup>225</sup> Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1274-cns-reforca-posicao-da-fiocruz-sobre-uso-da-cloroquina-em-casos-leves-de-covid-19>. Acesso em: 02 abr. 2024.

teria sido gerada pela Nasa<sup>226</sup> para demonstrar focos de incêndio em diferentes regiões do mundo, conforme exposto na Figura 35:

Figura 35 – Captura de tela da *live* de Jair Bolsonaro



**Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro - 23/07/2020. Temas na descrição:**

Fonte: Jair Bolsonaro<sup>227</sup> (2020).

Na ocasião, o ex-presidente afirmou que, de acordo com o mapa “se vocês olharem bem, na região amazônica não tem nada vermelho, não pega fogo, a floresta não pega fogo”<sup>228</sup>, e disse ainda que as queimadas e a devastação da Amazônia seriam parte de uma campanha midiática maldosa “para derrubar o governo e falar mentiras”. Ainda de acordo com Bolsonaro, “tem certas regiões aqui, focos de incêndio, que existe, que vai existir quase todo o ano, que é o caboclo, é o índio que taca fogo, se ele não tacar fogo... é a cultura dele, aí ele não vai ter o que comer no

<sup>226</sup> Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA) é uma agência do governo federal dos Estados Unidos responsável pela pesquisa e desenvolvimento de tecnologias e programas de exploração espacial.

<sup>227</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD\\_tuRPY](https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD_tuRPY). Acesso em: 02 abr. 2024.

<sup>228</sup> Idem anterior, a partir do 10 min 55 s.

dia seguinte"<sup>229</sup> e que “o tamanho da Amazônia é maior que a Europa toda, não tem como você fiscalizar”. No vídeo, o ex-mandatário também diz que em seu governo foi criada uma medida provisória para tratar da Regularização Fundiária, que permitiria detectar por satélite a localização dos focos de incêndio em matas e florestas, mas que o Parlamento não teria levado o projeto adiante para votação. No entanto, ressaltamos que desde o início dos anos 1960, o Brasil possui o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)<sup>230</sup> que, entre outras atividades, faz o monitoramento de queimadas e do desmatamento no país, via imagens de satélite. Apesar disso, Bolsonaro não mencionou o órgão em nenhum momento durante a *live*, desconsiderando também os diversos alertas<sup>231</sup> emitidos pela instituição brasileira sobre o risco de incêndios descontrolados na Amazônia naquele período.

No que se refere à polêmica, a postagem já chamava a atenção dos usuários pelos temas tratados na gravação (expressos, inicialmente, pelo texto verbal do tuíte), sobretudo por estarmos, à época, em um dos períodos mais críticos da pandemia no país. Contudo, a deslinearização enunciativa (Paveau, 2021) foi fundamental para que os internautas tomassem conhecimento da posição do governo em relação aos temas abordados durante a *live*. Naquele momento em que o Brasil vivia o drama dos primeiros meses da emergência sanitária, diversas ações do governo federal contribuíram com a desinformação sobre a doença, resultando no aumento da escala de contaminação e óbitos, incluindo comunidades indígenas de diversas partes do país. Ao insistir na hidroxicloroquina como tratamento para o novo coronavírus, apesar de todas as indicações contrárias de especialistas, Bolsonaro reforçou a polêmica em torno do negacionismo científico, dividindo a população brasileira em campos antagônicos: defensores da ciência (e, conseqüentemente, das medidas de proteção contra a doença, como por exemplo, o distanciamento social e o uso de máscaras de proteção) *versus* bolsonaristas e negacionistas (não apenas da ciência como também da gravidade da própria pandemia).

A partir disso, identificamos que o discurso polêmico promovido pelo então presidente sugere uma polarização (Amossy, 2017) entre o posicionamento adotado

---

<sup>229</sup> Idem anterior, a partir do 12 min 18 s.

<sup>230</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br>. Acesso em: 02 abr. 2024.

<sup>231</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/06/05/pesquisadores-do-inpe-e-cemaden-alertam-para-incendios-em-proporcoes-descontroladas-na-amazonia.ghtml>. Acesso em: 02 abr. 2024.

pelo governo de turno e a postura defendida pela comunidade científica, agências reguladoras de saúde e parte da população, contrárias ao uso de medicamentos sem a devida comprovação para tratar a covid-19. Do mesmo modo, ao abordar os incêndios na Amazônia e os povos indígenas, Bolsonaro polarizou o discurso, apelando para dados aleatórios que seriam, segundo ele, fornecidos pela Nasa, sem especificar, no entanto, o local no qual o suposto estudo havia sido publicado, tampouco mencionar, ao menos, como ter acesso ao documento.

Ainda em relação ao discurso polêmico, em um primeiro momento, o ex-mandatário negou as queimadas em território amazônico, ao afirmar que o mapa não apresentava áreas em vermelho. Em seguida, ao responsabilizar os indígenas pelos incêndios florestais, Bolsonaro reforçou a polêmica em torno do tema, ignorando não apenas as queimadas provocadas pela ação de garimpeiros e grileiros na região, como todo o conhecimento ancestral de proteção e restauração de florestas, da biodiversidade e de recursos naturais que os povos originários possuem, colocando-os na posição de responsáveis pelos incêndios e, conseqüentemente, pelo desmatamento do bioma. Para completar, ele utilizou ainda o vocábulo “índio” para referir-se à população indígena da Amazônia, demonstrando uma visão eurocêntrica, colonizadora e estereotipada, que não contempla as diferenças linguísticas e culturais dos povos originários, indo de encontro, inclusive, a manuais de Comunicação e Estilo do próprio governo federal<sup>232</sup> sobre o uso da denominação.

Dessa forma, identificamos que o ex-presidente se apresentou, no tuíte 5, como Proponente (Amossy, 2017) do negacionismo científico, tanto em relação aos povos tradicionais e à devastação da Amazônia pelas queimadas criminosas – provocadas, em grande parte, pela invasão de garimpeiros e pela exploração ilegal da floresta, conforme explicitado ao longo desta pesquisa – como pela indicação irresponsável de um medicamento sem a devida comprovação para tratar o coronavírus. Ademais, Bolsonaro utilizou o discurso polêmico como estratégia de posicionamento (Amossy, 2017) para promover pensamentos conservadores e reacionários sobre os temas citados na *live*. Nesse caso, a persuasão não tenta convencer a um Oponente, mas aos Terceiros, que representam o público (não apenas a base eleitoral do ex-presidente, mas também uma outra parcela da sociedade conectada).

---

<sup>232</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/indio>. Acesso em: 04 abr. 2024.

Quanto ao *ethos* tecnodiscursivo, o tuíte 05 apresenta uma cenografia digital (Maingueneau, 2020) de Bolsonaro como fiador da pseudociência, em que ele, mais uma vez, utilizou sua posição de autoridade e liderança para promover um discurso anticientífico junto a valores conservadores. No que diz respeito ao nível iconotextual da cenografia digital (Maingueneau, 2020), o tuíte está em formato composto, formado por texto verbal e um *hiperlink*, que aparece como tecnopalavra e miniatura de vídeo – ambos são elementos clicáveis, que levam o internauta a outros espaços da *web*. Na dimensão reticular interna, a postagem apresenta os elementos próprios do Twitter/X – imagem de avatar, nome de usuário, texto verbal e botões de relacionabilidade, enquanto a externa é caracterizada pelo *link* do YouTube, que convida o usuário a acessar a *live* do ex-presidente nesse outro ecossistema (nesse caso, em função da limitação de caracteres da própria plataforma, à época, o compartilhamento de vídeos permite aos enunciadores digitais a divulgação de conteúdos mais longos, que não poderiam ser postados em outro formato além do *hiperlink*). Na referida postagem, o enunciador digital político @jairbolsonaro também indicou a construção de um *ethos* forte e saliente (Maingueneau, 2020), colocando-se contra a ciência, os povos originários e a preservação da Amazônia. Além disso, discursos prévios do ex-presidente em relação aos temas tratados na *live* evocam na população pontos de vista anteriormente divulgados por ele sobre a promoção da hidroxicloroquina como solução para a covid-19, bem como o negacionismo das mudanças climáticas e da devastação das florestas brasileiras.

Dessa forma, o tuíte 5 reforçou o discurso polêmico já praticado por Bolsonaro sobre a descrença na pesquisa científica, a negação da devastação dos territórios amazônicos e o desrespeito às populações originárias do Brasil. A partir do exposto, asseguramos que, nessa postagem, o ex-presidente revelou um *ethos* ideológico identificável (Maingueneau, 2016), assumindo-se como porta-voz do negacionismo científico e, ao mesmo tempo, contrário aos direitos básicos dos povos da floresta e de seus territórios, sobretudo a Amazônia.

#### 4.9 Análise do tuíte 6: Salles fala sobre Amazônia

O tuíte 6, produzido pelo enunciador digital político @rsallesmma, foi publicado dia 26 de setembro de 2020, às 21h56min, e divulga um trecho de entrevista concedida por ele, conforme mostra a Figura 36:

Figura 36 – Tuíte 06 @rsallesmma



Fonte: @rsallesmma<sup>233</sup> (2020).

A postagem da figura 6 está em formato composto, com texto verbal e um vídeo, inserido na postagem como uma mídia; nesse caso, não há elemento de deslinearização, já que não se trata de um *hiperlink*, mas de um excerto de material audiovisual integrado à postagem como um arquivo. O vídeo apresenta um recorte de uma entrevista de Salles sobre a Amazônia, com 2 minutos e 05 segundos de duração, concedida a um veículo de comunicação não identificado no trecho por ele selecionado. O *post* contou com 448 respostas, dois mil retuítes, nove mil curtidas e foi salvo como favorito por 46 contas. Antes de darmos segmento à análise, lembraremos alguns fatos relacionados à pandemia e à temática ambiental na época em que a postagem foi publicada.

Nesse período, o país havia ultrapassado o número de 100 mil mortes causadas pela covid-19 – ou por intercorrências da doença – e vivia um momento delicado da pandemia, especialmente pela flexibilização do isolamento social em

<sup>233</sup> Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1310020436168761345>. Acesso em: 08 dez. 2021.

diversas cidades e pelos crescentes casos de aglomeração da população, muitos desses incentivados pelo próprio ex-presidente<sup>234</sup>. Inclusive, a esse respeito, Bolsonaro seguiu sua agenda de visitas a diversos estados e, mesmo contrariando medidas sanitárias, participou de inúmeros eventos públicos sem utilizar equipamentos de proteção, como máscara ou luvas, além de promover a concentração de pessoas e entrar em contato direto com apoiadores, com toques nas mãos e no rosto de diversos indivíduos<sup>235</sup>.

Em relação aos povos originários, ainda no começo de agosto de 2020, o Supremo Tribunal Federal (STF) referendou uma decisão cautelar<sup>236</sup> para que o governo Bolsonaro adotasse medidas de contenção ao avanço da covid-19 nas comunidades indígenas, seguindo uma solicitação da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) e de mais seis partidos políticos (PSB, PSOL, PCdoB, Rede, PT, PDT), que apresentaram falhas e omissões da gestão bolsonarista no combate ao coronavírus em diversos territórios<sup>237</sup>. Entre as principais medidas deferidas pelo STF estavam a criação de barreiras sanitárias, a retirada de invasores (especialmente dos territórios amazônicos) e a apresentação de um plano de enfrentamento à doença específico para as comunidades indígenas.

Setembro também foi um mês com aumento expressivo nas queimadas no Pantanal e em territórios da Amazônia, em comparação com períodos anteriores. De acordo com dados divulgados pelo Inpe<sup>238</sup>, esse foi o mês com maior quantidade de incêndios detectados por satélite, em 2020, com mais de 50 mil focos ativos somente nos territórios da Amazônia Legal. Lembramos que, à época, a cobertura midiática em torno dos incêndios na região foi intensa, não apenas pelos números recordes<sup>239</sup>, como também pela postura adotada pelo governo de turno<sup>240</sup>, de negar a situação e as mudanças climáticas. Ademais, no começo de setembro de 2020, a fumaça das

---

<sup>234</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/07/7-de-setembro-tem-aglomeracoes-e-bolsonaro-com-criancas-sem-mascaras.htm>. Acesso em: 22 abr. 2024.

<sup>235</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/18/sem-mascara-bolsonaro-provoca-aglomeracao-em-viagem-ao-mato-grosso.htm#:~:text=Sem%20m%C3%A1scara%2C%20Bolsonaro%20provoca%20aglomera%C3%A7%C3%A3o,%2F09%2F2020%20%2D%20UOL%20Not%C3%ADcias>. Acesso em: 22 abr. 2024.

<sup>236</sup> Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=448997&ori=1>. Acesso em: 02 maio 2024.

<sup>237</sup> Idem anterior.

<sup>238</sup> Disponível em: [https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/estatisticas/estatisticas\\_estados/](https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/estatisticas/estatisticas_estados/). Acesso em: 22 abr. 2024.

<sup>239</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/09/em-14-dias-do-mes-amazonia-ja-tem-mais-queimadas-que-em-todo-setembro-do-ano-passado.shtml>. Acesso em: 02 maio 2024.

<sup>240</sup> Idem anterior.

queimadas em diferentes pontos da Amazônia foi tamanha que chegou a encobrir a Capital Manaus, formando uma extensa nuvem pela cidade<sup>241</sup>.

Voltando à postagem, em um primeiro momento, o usuário é apresentado ao tuíte pelo texto verbal “Amazônia” e pelo vídeo, que aparece pausado inicialmente. Contudo, para ter acesso a esse conteúdo (e à íntegra do tuíte), o internauta precisa iniciar o vídeo para assistir ao material. Sendo assim, para demonstrar a construção tecnodiscursiva de Salles na referida postagem, destacamos dois segmentos da fala do ex-ministro durante a entrevista. São eles:

Graças ao presidente Bolsonaro que nós estamos finalmente discutindo como é que vamos cuidar e tomar conta da Amazônia. Mas não estamos falando só do aspecto ambiental, que é muito importante, nós estamos falando no âmbito do governo, das pessoas. O que que nós vamos fazer pra aqueles 23 milhões de brasileiros, pessoas, seres humanos, que foram deixados pra trás pelos governos de esquerda, enquanto a dona Marina Silva, Minc, toda essa turma, viajava pela Europa ganhando trofeuzinho de sustentabilidade, os brasileiros ‘tavam’ passando fome lá na Amazônia [...] <sup>242</sup>.

Então pela primeira vez o presidente Bolsonaro tá colocando essa discussão em cima da mesa e dizendo ok, como é que nós vamos cuidar da Amazônia? Quem vai trazer o desenvolvimento econômico sustentável pra essa região? Gerar emprego, investimento... não é distribuir dinheiro pra acadêmico fazer pesquisa que nunca termina, ONG fazer seminário na Europa pra discutir a Amazônia. É criar emprego lá, o pequeno empreendedor, o médio, o grande. Qual é a grande indústria farmacêutica que tá na Amazônia? Nenhuma. Qual é a grande indústria de cosmético ou que trabalha com a biodiversidade que tá na Amazônia? Nenhuma <sup>243</sup>.

De acordo com os excertos extraídos do vídeo, identificamos, no tuíte 6, um discurso polêmico (Amossy, 2017) sobre a Amazônia, em que Salles ignorou os números sobre as queimadas apresentados por órgãos do próprio governo, agindo como se a devastação por incêndios criminosos não existisse naquele momento. Ao mesmo tempo, entidades de proteção ambiental, organizações não governamentais, pesquisadores, acadêmicos, líderes e órgãos globais alertavam para a urgência da preservação dos biomas brasileiros, chamando a atenção do mundo todo para a exploração desmedida da Amazônia, os recordes históricos de queimadas e a

---

<sup>241</sup> Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-20-fumaca-das-queimadas-encobre-manaus-09-09-2020/>. Acesso em: 02 maio 2024.

<sup>242</sup> Ver nota 213. A partir do 0:01 s.

<sup>243</sup> Ver nota 213. A partir do 0:43 s.

ausência de políticas efetivas no combate ao desmatamento das florestas. Entretanto, a discussão sobre a pauta climática não era novidade no governo Bolsonaro. Antes mesmo da pandemia, o ex-presidente chamou a pressão internacional por medidas de combate ao aquecimento global de "jogo comercial"<sup>244</sup>. Apesar disso, grande parte da população brasileira discordava do ponto de vista negacionista defendido pelo governo de turno. Prova disso é o que mostrou a pesquisa "Mudanças climáticas na percepção dos brasileiros 2021"<sup>245</sup>, desenvolvida pelo Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio (ITS-Rio). De acordo com o estudo, 81% dos entrevistados consideravam o aquecimento global uma questão importante (em 2020 esse índice foi de 78%). Além disso, 96% das pessoas consultadas afirmaram acreditar que o aquecimento global já estava em curso (em 2020 eram 92%) e, tanto em 2020 quanto em 2021, 77% responsabilizaram a ação humana pelas mudanças do clima<sup>246</sup>.

Dessa forma, o discurso polêmico (Amossy, 2017) promovido por Salles no vídeo que compõe o tuíte 6 reforçou a segmentação da sociedade em grupos antagônicos, opondo, mais uma vez, a ciência e os defensores da preservação do meio ambiente contra bolsonaristas e negacionistas da crise climática. Ao dicotomizar o seu posicionamento naquele período em comparação com governos anteriores, o enunciador digital @rsallesmma polarizou (Amossy, 2017) ainda mais as posições sobre o tema, assumindo o papel de Proponente da devastação da Amazônia, colocando-se a favor da exploração das florestas, sobretudo quando minimiza pesquisas científicas sobre o tema e defende a instalação de indústrias em locais que deveriam ser de preservação ambiental.

Além disso, em nenhum momento o ex-ministro fez referência aos povos da floresta<sup>247</sup> como indígenas, povos originários ou mencionou outras populações tradicionais do bioma, tais como ribeirinhos, quilombolas, seringueiros, agricultores familiares, piaçabeiros, peconheiros etc. Em vez disso, Salles denomina "aqueles 23 milhões de brasileiros" como "pessoas" e "seres humanos". A fala do ex-mandatário

---

<sup>244</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/12/15/bolsonaro-diz-que-pressao-sobre-mudanca-climatica-e-jogo-comercial.htm>. Acesso em: 02 maio 2024.

<sup>245</sup> Disponível em: <https://itsrio.org/pt/publicacoes/mudancas-climaticas-na-percepcao-dos-brasileiros-2021/>. Acesso em: 02 maio 2024.

<sup>246</sup> Idem anterior.

<sup>247</sup> Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/#:~:text=Embora%20n%C3%A3o%20t%C3%A3o%20conhecidas%20como,pia%C3%A7abeiros%2C%20peconheiros%2C%20e%20outros>. Acesso em: 02 maio 2024.

expõe uma tentativa de invisibilizar a identidade dos diferentes povos que habitam os territórios amazônicos, bem como da própria floresta, que abriga conhecimentos tradicionais de uma população etnicamente diversa. Desse modo, o enunciador político digital @rsallesmma demonstrou o empenho em persuadir não a um Oponente, mas aos Terceiros (representados por uma parte da sociedade conectada), para que aderissem à tese defendida por ele de que o governo Bolsonaro se preocupava com a Amazônia, que os estudos científicos sobre a região supostamente não davam retorno e que esses territórios deveriam ser explorados para gerar renda, inclusive, a grandes empreendedores.

No que diz respeito ao *ethos* tecnodiscursivo, a fala de Salles expôs a cenografia digital (Maingueneau, 2020) de um fiador do negacionismo climático e científico, mostrando-se também contrário aos povos originários, à medida em que não os reconhece como tal. No nível iconotextual da cenografia digital (Maingueneau, 2020), o tuíte estava em formato composto, produzido com texto verbal e um vídeo, inserido na própria postagem como uma mídia. Contudo, para ter acesso ao conteúdo do material audiovisual, o usuário deve clicar na tela. Já na dimensão reticular, a postagem possui os elementos internos próprios do ecossistema Twitter/X (imagem de avatar, nome de usuário, texto verbal e botões de relacionalidade), além do vídeo, que pode ser visualizado sem que o internauta tenha que sair da plataforma, já que se trata de uma mídia e não de um *hyperlink*.

No tuíte em questão, Salles demonstrou a construção de um *ethos* forte e saliente (Maingueneau, 2020), reforçando um posicionamento conservador e neoliberal, conforme discursos anteriores promovidos por ele. Asseveramos, portanto, que no tuíte 6, o enunciador político revelou um *ethos* ideológico identificável (Maingueneau, 2016), manifestando-se abertamente contra a pesquisa científica, a preservação da Amazônia e as culturas e saberes dos povos indígenas e da floresta.

#### 4.10 Análise do tuíte 7: Bolsonaro promove campanha antivacina

O tuíte 7, produzido pelo enunciador político digital político @jairbolsonaro, foi publicado dia 21 de outubro de 2020, às 10h39min, e divulgava o posicionamento do governo em questão sobre a vacina contra a covid-19, conforme mostra a Figura 37:

Figura 37 – Tuíte 07 @jairbolsonaro



Fonte: @jairbolsonaro<sup>248</sup> (2020).

O *post* está em formato simples, composto apenas por texto verbal. Conforme vemos na postagem, o enunciador digital político @jairbolsonaro optou por ampliar o enunciado primeiro por meio de um comentário para, assim, complementar a sua manifestação tecnolinguageira, procedimento sinalizado pelo verbo “continua”, entre parênteses, ao final do tuíte. Nesse caso, para fins analíticos, iremos considerar a totalidade da produção tecnodiscursiva, representada tanto pelo tuíte do enunciado de origem, como pela ampliação realizada pelo próprio autor (comentário ou resposta, como é conhecido no Twitter/X). O *post* contou com uma interação de 44 mil respostas, 43 mil retuítos, 76 mil curtidas e foi salvo por 491 contas, enquanto o comentário teve nove mil respostas, 11 mil retuítos e 45 mil curtidas.

Antes de darmos sequência à análise, faremos uma breve contextualização dos principais acontecimentos relativos à temática vacinação naquele momento histórico

<sup>248</sup> Disponível em: <https://x.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537>. Acesso em: 03 jul. 2024.

específico. Aproveitamos, também, para ressaltar que, no período em que o referido tuíte foi produzido, o país havia ultrapassado o número de 159 mil mortes por covid-19, com mais de cinco milhões de indivíduos infectados pelo vírus<sup>249</sup>.

A batalha sobre as vacinas, no Brasil, teve início em junho de 2020, quando o então governador de São Paulo, João Doria, anunciou uma parceria entre o laboratório chinês Sinovac e o Instituto Butantan, maior produtor de vacinas e soros da América Latina, para a transferência de tecnologia e produção local de um imunizante (naquele momento, os testes com a chamada CoronaVac estavam em andamento). Dessa forma, seria possível produzir milhões de doses com entrega para o primeiro semestre de 2021<sup>250</sup>. A partir disso, principalmente diante da apatia do governo federal em relação à covid e à compra de vacinas para a doença, outros governadores anunciaram a negociação diretamente com os laboratórios para garantir a aquisição dos imunizantes. Contudo, problemas diplomáticos do Brasil com outros países, especialmente Índia e China, dificultaram as tratativas.

Já no dia 20 de outubro de 2020, o então ministro da Saúde e militar da ativa, Eduardo Pazuello, comunicou que o governo federal havia acertado a compra de 46 milhões de doses da CoronaVac e que, tão logo fossem aprovadas pela Anvisa, seriam distribuídas para todo o país, para aplicação via Sistema Único de Saúde (SUS). No entanto, no dia seguinte a esse comunicado, o ex-presidente Jair Bolsonaro anunciou que os processos de compra de qualquer vacina seriam cancelados. Nas palavras dele: “já mandei cancelar, o presidente sou eu, não abro mão da minha autoridade [...], até porque estaria comprando uma vacina que ninguém está interessado nela, a não ser nós”<sup>251</sup>. Ainda de acordo com o ex-mandatário, “Toda e qualquer vacina está descartada. Tem que ter uma validade da Saúde e uma certificação por parte da Anvisa também”<sup>252</sup>.

---

<sup>249</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/30/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-30-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2024.

<sup>250</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contra-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2024.

<sup>251</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/21/bolsonaro-cancela-acordo-por-coronavac-nao-abro-mao-da-minha-autoridade.htm>. Acesso em: 23 maio 2024.

<sup>252</sup> Idem anterior.

Tal posicionamento governista em relação à negativa na compra de vacinas para a covid-19 foi reforçado pelo ex-presidente no tuíte 07, conforme o texto extraído da postagem:

#### A VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA

- Para o meu Governo, qualquer vacina, antes de ser disponibilizada à população, deverá ser **COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE e CERTIFICADA PELA ANVISA.**

- O povo brasileiro **NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM.** (continua)<sup>253</sup>.

Ao nominar a Coronavac como “VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA”, Bolsonaro reduz a ciência e a pesquisa científica em torno da fabricação do imunizante a uma questão política, com base em divergências que o então presidente possuía tanto com o ex-governador de São Paulo, quanto com a República Popular da China (o que causou, inclusive, problemas diplomáticos para o Brasil). No tuíte em questão, fica evidente o destaque que o enunciador digital político @jairbolsonaro dá a algumas palavras e frases por meio do uso da caixa alta, tais como “COMPROVADA CIENTIFICAMENTE PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE”, “CERTIFICADA PELA ANVISA” e “NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM”. Relembramos que, segundo as práticas de escrita digital, o uso de letras maiúsculas representa um “grito da língua falada” (Silva, 2017), o que revela uma ação intencional do autor em evidenciar determinados trechos para captar a atenção dos usuários, ainda que essa maneira de “falar em voz alta” em ambientes digitais não seja bem-vista pelos internautas.

O enunciador digital político @jairbolsonaro também utilizou o pronome possessivo “meu” para assinalar que aquela era a sua gestão e que, por isso, em seu governo, as decisões sobre a vacina da covid-19 seriam tomadas por ele, em uma clara demonstração de poder e abuso de autoridade. Interessante observar também que o ex-presidente optou por não aderir à compra da vacina, naquele momento, com a justificativa de que o fármaco não possuía comprovação científica no país e que, por isso, não valeria a pena o investimento em sua aquisição. Entretanto, relembramos que, ainda em março de 2020, Bolsonaro anunciou<sup>254</sup> que o governo usaria o laboratório do Exército Brasileiro para produzir cloroquina, medicamento amplamente

<sup>253</sup> Disponível em: <https://x.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537>. Acesso em: 03 jul. 2024.

<sup>254</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/governo-usara-laboratorio-do-exercito-para-produzir-cloroquina>. Acesso em: 03 jul. 2024.

difundido por ele em diferentes momentos da pandemia, mesmo sem nenhuma eficácia comprovada, conforme demonstrado nas análises dos tuítes 1 e 5. A esse respeito, vale ressaltar que, apenas no período entre março e junho de 2020, o governo Bolsonaro gastou mais de R\$1,5 milhão de reais na produção de cloroquina, contrariando, inclusive, o ministro da Saúde à época, Henrique Mandetta<sup>255</sup>, que não estava de acordo com a decisão. Também cabe destacar que o Laboratório do Exército chegou a ser investigado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) para averiguar se houve gestão de risco na decisão de aumentar a produção e distribuição de um medicamento sem a devida comprovação de que traria benefícios para tratar a covid-19<sup>256</sup>.

Ademais, ao manifestar que “o povo brasileiro NÃO SERÁ COBAIA DE NINGUÉM”, Bolsonaro não se implica pessoalmente a esse grupo, demonstrando um não pertencimento à maioria da pirâmide social brasileira – aqui não se trata de um “nós”, no sentido coletivo de inclusão e participação de todos, mas de um “eles”. Nesse sentido, o ex-mandatário também se excluiu do conjunto de brasileiras e brasileiros que seriam vacinados, reforçando sua postura negacionista em relação à imunização.

No que se refere aos recursos tecnodiscursivos utilizados pelo enunciador digital político @jairbolsonaro, no tuíte em questão, identificamos a ampliação do discurso fonte por meio do seguinte comentário:

“- Não se justifica um bilionário aporte financeiro num medicamento que sequer ultrapassou sua fase de testagem.

- Diante do exposto, minha decisão é a de não adquirir a referida vacina”<sup>257</sup>.

Nesse caso, a escrita foi ampliada por um comentário relacional (Paveau, 2021), produzido pelo próprio autor do tuíte, para reforçar a posição governista exposta na postagem, de que o então presidente não compraria as vacinas desenvolvidas pela Sinovac e que essa era uma decisão sua, na posição de maior autoridade do país.

---

<sup>255</sup> Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/gasto-de-r-15-mi-com-cloroquina-pelo-exercito-nao-teve-aval-do-ministerio-da-saude-diz-mandetta/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

<sup>256</sup> Idem anterior.

<sup>257</sup> Disponível em: <https://x.com/jairbolsonaro/status/1318909799505985537>. Acesso em: 03 jul. 2024.

Quanto à polêmica, o enunciador digital político @jairbolsonaro tentou desqualificar e enfraquecer seus adversários, representados no tuíte pelo ex-governador João Doria e pela República Popular da China, país do laboratório Sinovac (que não foi nominalmente citado no *post*). A manifestação “VACINA CHINESA DE JOÃO DORIA” representou um esforço do ex-presidente em deslegitimar os envolvidos na postagem, de modo a confundir a sociedade a respeito da CoronaVac, por meio do apelo a um argumento científico de não aprovação do imunizante pelos órgãos de Saúde brasileiros. Nesse tuíte, o então presidente também reforçou a polêmica em torno da expressão “vírus chinês”, utilizada ainda no começo da pandemia por um de seus filhos, Eduardo Bolsonaro, à época deputado federal pelo estado de São Paulo, e por outros ativistas de direita, para copiar a maneira como o ex-presidente estadunidense, Donald Trump, fazia referência ao novo coronavírus<sup>258</sup>.

O tuíte 7 também evidenciou uma dicotomização (Amossy, 2017) entre o posicionamento de Bolsonaro, contrário à compra da vacina, frente à informação divulgada pelo então ministro Pazuello, de que o Brasil iria adquirir 46 milhões de doses da CoronaVac e que sua distribuição seria feita assim que fosse aprovada pela Anvisa. Identificamos, portanto, a presença de posições contrárias, marcada pelo choque de opiniões excludentes. Nesse caso, convém lembrar que, no discurso polêmico, nem sempre haverá uma interação direta entre as partes envolvidas; os discursos circulam, portanto, sem ordenamento. Assim, observamos que a manifestação monogerida (Amossy, 2017) promovida pelo enunciador digital político @jairbolsonaro revelou que ele toma a palavra para refutar tanto a negociação promovida por seu adversário político, João Doria, como a decisão anunciada pelo ministro militar Eduardo Pazuello<sup>259</sup> de adquirir o imunizante chinês, de modo a ratificar o seu posicionamento contrário àquela vacina, além de evidenciar para a sociedade o poder de mando que possuía enquanto presidente da República. Ao radicalizar o debate, o ex-presidente também reforçou a impossibilidade de chegar a qualquer acordo relacionado à compra das vacinas.

---

<sup>258</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251>. Acesso em: 03 jul. 2024.

<sup>259</sup> Para complementar, a título de informação: neste mesmo dia 21 de outubro de 2020, o ex-presidente concedeu entrevista à emissora Jovem Pan e voltou atrás, dizendo que mesmo sendo aprovada pela Anvisa, a CoronaVac não seria adquirida pelo seu governo. Nas palavras do ex-mandatário: "Com a China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá". Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4883906-bolsonaro-diz-que-nao-comprara-vacina-chinesa-mesmo-se-aprovada-pela-anvisa.html>. Acesso em: 04 jul. 2024.

Para complementar, a título de informação: nesse mesmo dia, 21 de outubro de 2020 – data em o tuíte foi publicado, o ex-presidente concedeu entrevista à emissora Jovem Pan<sup>260</sup> e voltou atrás, dizendo que mesmo sendo aprovada pela Anvisa, a CoronaVac não seria adquirida pelo seu governo. Nas palavras do ex-mandatário: "Com a China, lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá". Bolsonaro também declarou que se tratava de uma decisão pessoal e que, para ele, a “vacina chinesa” não transmitiria segurança para a população. A esse respeito ressaltamos que, de acordo com a CPI da Covid, realizada em 2021, o governo Bolsonaro recusou 11 ofertas para a compra de vacinas contra a covid-19<sup>261</sup>. Desse total, seis negações foram à Coronavac, produzida pelo laboratório Sinovac. Ainda segundo a comissão parlamentar, a gestão bolsonarista também recusou três ofertas de 70 milhões de doses da vacina Pfizer/BioNTech, que poderiam ter sido entregues ainda em dezembro de 2020<sup>262</sup>. O relatório da CPI informou também que o governo federal começou a receber as primeiras propostas dos laboratórios em maio de 2020 e que a demora na vacinação contribuiu para a gravidade e letalidade da doença no país<sup>263</sup>.

No que concerne ao *ethos* tecnodiscursivo de Bolsonaro, a cenografia digital do tuíte foi expressa pelos componentes iconotextuais próprios do ecossistema, como imagem de avatar e o texto verbal do *post* – de acordo com a limitação de caracteres que a plataforma permite, dividido entre uma postagem e um comentário. A esse respeito, é importante ressaltar que o destaque em caixa alta ao título e a alguns outros segmentos do tuíte pelo enunciador digital político @jairbolsonaro, representou, para além da falta de etiqueta, algum grau de irritação ou mesmo certo descontrole por parte do ex-mandatário<sup>264</sup>. Reiteramos que esse “grito virtual” não é bem visto na *web*, especialmente quando se trata de uma postagem produzida por uma figura tão importante como um presidente da República, posição da qual se

---

<sup>260</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4883906-bolsonaro-diz-que-nao-comprara-vacina-chinesa-mesmo-se-aprovada-pela-anvisa.html>. Acesso em: 16 maio 2020.

<sup>261</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2021/04/27/cpi-da-covid-governo-bolsonaro-recusou-11-vezes-ofertas-para-compras-de-vacina.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2024.

<sup>262</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57286762>. Acesso em: 16 maio 2024.

<sup>263</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/07/22/nao-tinha-para-vender-bolsonaro-mente-sobre-atraso-em-compra-de-vacina.htm>. Acesso em: 23 maio 2024.

<sup>264</sup> Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/teclado/28844-caps-lock-a-historia-da-tecla-mais-berrante-de-todas.htm>. Acesso em: 22 ago. 2024.

espera certa formalidade e decoro, mesmo em ambientes digitais. Já em relação aos componentes reticular interno e externo, a postagem não apresenta *hiperlinks*, tecnopalavras, nem faz menção a nenhum perfil daquele ecossistema – operações que permitiram ao internauta sair daquela página e migrar para outros espaços.

Quanto à saliência do *ethos* tecnodiscursivo, o tuíte 7 revelou uma manobra produzida pelo enunciador digital político @jairbolsonaro para engambelar os tuiteiros: enquanto “evocava a ciência”, exigindo que a CoronaVac fosse aprovada pelos órgãos de saúde do país, promovia uma disputa ideológica com o então governador de São Paulo, João Doria, com a China e sua população, e também com a própria comunidade científica, ao colocar em dúvida a qualidade do imunizante desenvolvido em parceria entre o Instituto Butantan e o laboratório Sinovac. Entretanto, bastava uma busca rápida na internet e no próprio Twitter/X de Bolsonaro (como mostram os tuítes 1 e 5 deste capítulo, em que o ex-presidente indicou medicamentos sem comprovação científica para tratar a covid-19) para rememorar sua postura negacionista em relação às vacinas e à pandemia. Identificamos, também, nesse tuíte, um esforço do enunciador digital político @jairbolsonaro em exibir um *ethos* de chefe para a sociedade, ao reforçar que a decisão pelo cancelamento da compra do referido imunizante foi apenas dele (à época, a maior autoridade do país). A partir disso, na referida postagem, o ex-presidente se assumiu como fiador da pseudociência, revelando não apenas uma desconfiança em relação aos cientistas e às instituições de pesquisa, como também sua preferência em valorizar crenças pessoais e teorias da conspiração acerca das vacinas, a exemplo do que ocorreu com outros representantes da extrema direita pelo mundo<sup>265</sup>. Somente em relação à CoronaVac foram diversas as manifestações públicas produzidas pelo então presidente Bolsonaro contrárias ao imunizante<sup>266</sup>.

Salientamos que, historicamente, a transferência de tecnologia para a vacinação em massa é uma constante entre laboratórios de todo o mundo, e que o sistema de vacinação brasileiro, por meio do Programa Nacional de Imunizações (PNI), vinculado ao Sistema Único de Saúde (SUS), possui reconhecimento

---

<sup>265</sup> Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/poderes-impuros/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

<sup>266</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/veja-10-vezes-em-que-bolsonaro-criticou-coronavac-24843568>. Acesso em: 24 ago. 2024.

internacional<sup>267</sup>. Segundo o próprio Butantan<sup>268</sup>, a CoronaVac, produzida em parceria entre o Instituto brasileiro e o laboratório Sinovac, foi utilizada em mais de 40 países desde junho de 2020, quando seu uso emergencial foi autorizado pela OMS. No entanto, sua liberação foi autorizada pela Anvisa somente em 17 de janeiro de 2021. Importante ressaltar que até maio de 2021, a CoronaVac foi utilizada em cerca de 80% das aplicações contra a covid-19 no país<sup>269</sup>.

Ademais, além de promover desinformação e uma desconfiança em relação à efetividade do referido imunizante, o enunciador digital político @jairbolsonaro preferiu capitanear um conflito político em detrimento da vacinação em massa contra a covid-19, em um momento crítico do alastramento do vírus no país. Também percebemos que os argumentos apresentados pelo ex-presidente para justificar o cancelamento do acordo de compra do imunizante, no referido tuíte, mostraram-se forjados no discurso científico para mascarar a verdadeira intencionalidade de Bolsonaro: provocar uma disputa política para tirar o foco da ciência e, assim, fortalecer o discurso antivacina no país.

Por fim, o enunciador digital político @jairbolsonaro também revelou, nesse tuíte, a construção de um *ethos* ideológico forte e identificável, refletindo a imagem de um político filiado à extrema direita e negacionista, que viu na divisão da sociedade uma oportunidade para distrair a população a respeito de um tema tão sensível ao país como a emergência sanitária da covid-19 e a imunização em massa da população.

#### 4.11 Análise do tuíte 8: Salles apresenta conceito governista de bioeconomia para a Amazônia

O tuíte 8, produzido pelo enunciador digital político @rsallesmma, foi publicado dia 27 de fevereiro de 2021, às 12h06min, e divulga um trecho de entrevista concedida por ele ao programa Pânico, da emissora Jovem Pan, conforme mostra a Figura 38:

---

<sup>267</sup> Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/pni-50-anos-entenda-por-que-o-programa-brasileiro-de-vacinacao-e-referencia-internacional-em-saude-publica>. Acesso em: 22 ago. 2024.

<sup>268</sup> Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-vacina-do-butantan-e-da-sinovac-ja-e-usada-em-mais-de-40-paises>. Acesso em: 03 jul. 2024.

<sup>269</sup> Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/04/03/interna\\_nacional,1253451/coronavac-corresponde-a-80-das-vacinas-aplicadas-ate-o-momento-no-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/04/03/interna_nacional,1253451/coronavac-corresponde-a-80-das-vacinas-aplicadas-ate-o-momento-no-brasil.shtml). Acesso em: 03 jul. 2024.

Figura 38 – Tuíte 08 @rsallesmma



Fonte: @rsallesmma (2020). Captura de tela realizada pela autora em 08 dez. 2021.

O tuíte 8 está em formato composto e apresenta os seguintes elementos: texto verbal, com uma breve descrição da participação de Salles no programa Pânico, da Jovem Pan; um *hiperlink*, que redireciona os internautas ao canal do ex-ministro no Youtube, ecossistema em que ele disponibilizou um trecho da entrevista (com 3 minutos e 51 segundos de duração); menção ao usuário @YouTube (conta oficial da plataforma de vídeos na rede social Twitter/X); e uma imagem estática, representada pela captura de tela da participação de Salles no referido programa. A postagem contou com uma interação de 61 respostas, 352 retuítes e duas mil curtidas, sendo salva por dois usuários. Antes de darmos sequência à análise, lembraremos alguns acontecimentos importantes relacionados à pandemia, aos povos indígenas e à temática ambiental no período histórico em que o tuíte foi publicado.

Fevereiro de 2021 foi, até aquele momento, o segundo mês mais letal da pandemia no país, com o total de 30.484 óbitos<sup>270</sup>. Nesse período, o Brasil registrava mais de mil mortes por dia, com recordes nos estados de Minas Gerais, Rondônia e Roraima. De acordo com médicos e pesquisadores<sup>271</sup>, a circulação de novas variantes do vírus, o desinvestimento em saúde pública e ciência, a desinformação a respeito da doença, a demora na aquisição de vacinas, além da flexibilização da pandemia, contribuíram para que o Brasil chegasse ao colapso de seus sistemas de saúde, a exemplo do que já vinha ocorrendo desde dezembro de 2020, quando passamos por um novo pico de contaminações e mortes, além do trágico cenário vivido em Manaus, em janeiro de 2021, com a falta de oxigênio aos pacientes internados pela doença<sup>272</sup>.

O alto índice de letalidade da covid-19 atingiu também os povos indígenas, proporcionalmente mais infectados do que a população em geral<sup>273</sup>. Na Terra Indígena Yanomami, localizada nos estados do Amazonas e Roraima, onde há intensa atividade ilegal de desmatamento, grilagem e garimpo, famílias inteiras foram contaminadas pelo vírus<sup>274</sup>. Imersas em um grave cenário epidemiológico, as populações originárias ainda tiveram que lidar com a precarização do atendimento à saúde, o abandono da gestão federal e com a propagação de notícias falsas sobre as vacinas e supostas medicações sem eficácia comprovada como tratamento para a doença. Ainda em 2020, o Fórum de Lideranças Yanomami e Yekweana alertou sobre a falta de ações coordenadas para o combate ao vírus na região e a crescente tomada de seus territórios por invasores<sup>275</sup>, que se tornaram um dos principais vetores de transmissão da covid-19. Com a campanha #ForaGarimpo e #ForaCovid, o grupo buscou engajar a sociedade não indígena para pressionar as autoridades a adotarem medidas contra os invasores e em defesa de suas populações e do meio ambiente.

---

<sup>270</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/01/brasil-tem-30484-mortes-por-covid-19-em-fevereiro-2o-maior-numero-em-toda-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2024.

<sup>271</sup> Idem anterior.

<sup>272</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/25/documentos-mostram-que-mais-de-30-morreram-nos-dois-dias-de-colapso-por-falta-de-oxigenio-em-manaus.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2024.

<sup>273</sup> Disponível em: [https://institutoiepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjwlbU2BhA3EiwA3yXyu4tXnCVoESTCdwJhXJO5wN7gHlK05wzYAXIX--sB2aSSUdSAxNqDJxoCeYAQAvD\\_BwE](https://institutoiepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwlbU2BhA3EiwA3yXyu4tXnCVoESTCdwJhXJO5wN7gHlK05wzYAXIX--sB2aSSUdSAxNqDJxoCeYAQAvD_BwE). Acesso em: 22 ago. 2024.

<sup>274</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/11/terra-yanomami-familias-inteiras-com-covid-onde-o-garimpo-esta-fora-de-controle>. Acesso em: 24 ago. 2024.

<sup>275</sup> Idem anterior.

No que se refere à Amazônia, fevereiro de 2021 foi um mês com intensa atividade ilegal de exploração dos recursos naturais: foram registrados<sup>276</sup> 179 quilômetros quadrados de desmatamento, o que representou um aumento de 74% em relação a fevereiro de 2020. Os estados com maior índice foram Pará, Roraima, Mato Grosso, Amazonas e Rondônia. Em relação às florestas degradadas houve um aumento de 38% em comparação com o ano anterior.

Retomando a postagem produzida pelo anunciador digital político @rsallesmma, observamos, inicialmente, o texto verbal que compõe o *post*, com os dizeres:

Cuidar dos mais de 23 milhões de brasileiros da Amazônia. Preservação, prosperidade e bioeconomia. Só com roda e berimbau, não resolve. Entrevista: Ricardo Salles participa do programa Pânico na Jovem Pan.

O texto verbal do tuíte demonstrou o posicionamento do ex-ministro em relação à Amazônia e a sua população: ele citou a bioeconomia e os “23 milhões de brasileiros” habitantes daquele território, sem fazer referência aos povos indígenas e outras populações da floresta, como quilombolas, ribeirinhos, seringueiros etc.<sup>277</sup>, ao encontro do que manifestou no tuíte 6, em que também mencionou apenas a cifra com a quantidade de habitantes da região, sem nomeá-los como tal. Com isso, Salles ignorou, mais uma vez, a identidade das diversas populações tradicionais da Amazônia, evidenciando uma estratégia colonial para descaracterizar a condição de indígena e de povos da floresta e, assim, retirar direitos desses grupos<sup>278</sup>, reconhecidos e amparados pela legislação brasileira.

Além disso, o enunciador digital político @rsallesmma manifestou que para desenvolver a “preservação, prosperidade e bioeconomia” na Amazônia, “só com roda e berimbau, não resolve”, fazendo alusão à Roda de Capoeira, um Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Importante ressaltar a relevância social e histórica da modalidade para o país, já que ela “expressa a história de resistência negra no Brasil,

<sup>276</sup> Disponível em: <https://imazon.org.br/publicacoes/boletim-do-desmatamento-da-amazonia-legal-fevereiro-2021-sad/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

<sup>277</sup> Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/#:~:text=Embora%20n%C3%A3o%20t%C3%A3o%20conhecidas%20como,pia%C3%A7abeiros%2C%20peconheiros%2C%20e%20outros.> Acesso em: 22 ago. 2024.

<sup>278</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade-em-saude/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 24 ago. 2024.

durante e após a escravidão”<sup>279</sup>. Isso vale para o berimbau, instrumento de raízes africanas que representa a riqueza de suas tradições musicais. Para completar, o advérbio “só” revela a intenção de reduzir a importância da prática nos territórios amazônicos, evidenciando não apenas a ignorância do ex-ministro em relação à cultura popular, como também o seu preconceito às crenças, práticas e rituais afro-brasileiros e tradicionais.

Entre os recursos tecnodiscursivos mobilizados pelo enunciador digital político @rsallesmma, no tuíte 8, identificamos a deslinearização enunciativa (Paveau, 2021), representada pelos elementos *hiperlink* do YouTube, que redireciona os internautas para a entrevista, disponibilizada no canal de Salles na plataforma de vídeos, e pela menção ao perfil @YouTube (permite ao usuário acessar essa outra conta no Twitter/X). Esse movimento tecnodiscursivo possibilita a saída do discurso-fonte (tuíte) para o discurso-alvo (entrevista), de modo a oportunizar ao tuiteiro o acesso a um novo conteúdo. O *link* também configura uma ampliação (Paveau, 2021) do discurso primeiro, já que prolonga tanto a enunciação como também a atividade de leitura do escreitor.

A partir do exposto, mesmo que o internauta já tenha indícios sobre a postura do ex-mandatário em relação aos temas citados na postagem, é fundamental assistir ao vídeo para compreender a integralidade do discurso promovido pelo então ministro. Para complementar nossa análise, apresentaremos, a seguir, a transcrição do trecho da entrevista disponibilizada por Salles em seu canal no YouTube:

O que que eu acho que é o grande caminho tributário pra Amazônia? Você vê alguns amigos aí do Joel Pinheiro da Fonseca falando da bioeconomia da Amazônia. A verdade é o seguinte: o Lula era presidente da República, Marina, a grande ídola do Pinheiro da Fonseca, era ministra do Meio Ambiente, e esses caras não fizeram bioeconomia na Amazônia. Eles tinham maioria no Congresso, situação orçamentária invejável, um baita de um alinhamento político com os governadores da região na época, o cara aprovava tudo que ele queria no Congresso e não fizeram a bioeconomia na Amazônia. Que grande empresa de bioeconomia tá na Amazônia, grande indústria cosmética, farmacêutica? Então o pessoal, “ah, o potencial da floresta em pé”. Perfeitamente, um baita potencial. O que que virou business da bioeconomia? E por que que não virou, dentre outras razões, por que que não virou business? Porque essa turma não gosta de setor privado. Essa turma gosta de pegar recurso de organismos internacionais e pagar financiamento de pesquisa que nunca termina,

---

<sup>279</sup> Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/66/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

seminário sobre temas que não levam nada a lugar nenhum, e alguns fazem alguns bons trabalhos, mas a maioria não gosta de setor privado, e você não vai desenvolver o mercado de bioeconomia pra incorporar 23 milhões de brasileiros que vivem na Amazônia com base em roda de berimbau.

Você tem que fazer investimento na bioeconomia em escala. Pequenos, médios e grandes empreendimentos de bioeconomia, que gerem emprego, que gerem rendimento. E esse aspecto, a gente falou no começo do programa, que os americanos são muito pragmáticos. É business. Business de sustentabilidade na bioeconomia da Amazônia. Atrair empresas. Quais são os grandes laboratórios farmacêuticos, quais são as grandes empresas de cosmético, de transformação de alimentos, que nós vamos incentivar pra ir pra a Amazônia? Como é que você incentiva essa turma pra tá lá? Zero imposto, zero imposto. Não vou citar o nome, vocês pesquisam aí, as empresas de cosmético que falam da Amazônia...

*[Neste momento, Emílio Surita, um dos apresentadores do programa, faz uma intervenção citando a empresa Natura].*

Onde é que é a fábrica da Natura? É em Cajamar, aqui em São Paulo. Onde é que é a fábrica do Boticário? Se eu não tô enganado é no Paraná. Quer dizer, por que que esses caras não estão na Amazônia? Eles têm linhas lá, eles têm, ajudam, eles têm trabalhos lá, mas a fábrica, os cinco mil, não sei quantos mil empregos que eles têm, tão aqui em Cajamar, no entorno de São Paulo. Então você tem que gerar cinco mil empregos pro amazônida, pro cara lá, porque se ele não tiver emprego lá, a única coisa que ele tem pra fazer é cortar árvore e fazer garimpo ilegal. Então, você tem que levar e nós temos que destravar os óbices pra isso, levar a bioeconomia de verdade. Não o discurso da bioeconomia. O discurso da bioeconomia tá aí faz 20 anos. (SALLES, Ricardo, 2021, 3 min 52 s.)<sup>280</sup>.

O vídeo que integra o tuíte 8 revelou um discurso abertamente favorável à exploração econômica da Amazônia, com base em preceitos propagados pelo neoliberalismo<sup>281</sup>, tais como desregulação, privatização, ausência de proteção social, estímulo à iniciativa individual etc. Tal posicionamento foi apoiado pelos apresentadores do programa, que fizeram coro ao discurso do ex-ministro. A esse respeito, é importante ressaltar que a emissora Jovem Pan possui estreita relação com o bolsonarismo<sup>282</sup> e com a direita política brasileira, sendo investigada, inclusive, por reproduzir informações falsas sobre o presidente Lula durante a campanha

<sup>280</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YWiHsn5IFRU>. Acesso em: 24 ago. 2024.

<sup>281</sup> Disponível em: <https://www.bresserpereira.org.br/works/smallpapers/94-99FimTriunfalismoNeoliberal.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

<sup>282</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/como-a-jovem-pan-virou-a-voz-do-bolsonarismo.shtml>. Acesso em: 24 ago. 2024.

presidencial de 2022<sup>283</sup>. Cabe salientar, ainda, que o tema devastação da Amazônia simplesmente não fez parte do trecho selecionado pelo ex-ministro para compor o seu tuíte, apesar do aumento das queimadas na região no período em que a postagem foi produzida.

O discurso polêmico (Amossy, 2017) em torno do tema já estava evidenciado pelo enunciador digital político @rsallesmma no texto verbal do tuíte, mas foi reforçado com o vídeo de divulgação da entrevista. Ao apresentar a bioeconomia como um “caminho tributário para a Amazônia” sem mencionar nenhum plano para a recuperação do bioma, Salles deixou claro que o lucro estava acima da manutenção e recuperação das florestas para aquele governo. Além disso, o ex-ministro mencionou a gestão de Lula como presidente, com Marina Silva à frente da pasta ambiental, dizendo ainda que “essa turma não gosta de setor privado” e “essa turma gosta de pegar recurso de organismos internacionais e pagar financiamento de pesquisa que nunca termina, seminário sobre temas que não levam nada a lugar nenhum [...]”, revelando um confronto dicotomizado entre a visão bolsonarista de bioeconomia e manutenção das florestas, em comparação com as ações promovidas pelas gestões petistas anteriores. Com isso, o enunciador digital político desencadeou uma polarização (Amossy, 2017), estabelecendo uma divisão social entre grupos antagônicos: de um lado estavam o governo bolsonarista, que representava o negacionismo científico e ambiental, e que defendia o lucro e a exploração das florestas, contra defensores do meio ambiente, pesquisadores e a gestão petista. A polarização também foi evidenciada por Salles no trecho “você não vai desenvolver o mercado de bioeconomia pra incorporar 23 milhões de brasileiros que vivem na Amazônia com base em roda de berimbau”, denominados pelo ex-ministro propositadamente como “brasileiros”, de forma a invisibilizar a identidade desses grupos, como se não fossem sujeitos de direito. Há também, no tuíte 8, uma desqualificação (Amossy, 2017) dos adversários do ex-ministro, representados na postagem pelas figuras do presidente Lula e Marina Silva e, igualmente, das universidades, da pesquisa científica brasileira e dos povos tradicionais, no esforço de deslegitimar as gestões petistas, a ciência e a cultura ancestral do país.

---

<sup>283</sup> Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/tse-abre-investigacao-contra-jovem-pan-por-isonomia-a-pedido-de-lula,15e1ec2e956993cf31af384d52d16cba9acri6k8.html>. Acesso em: 24 ago. 2024.

A polarização (Amossy, 2017) foi, mais uma vez, manifestada pelo enunciador digital político @rsallesmma no trecho “então você tem que gerar cinco mil empregos pro amazônida, pro cara lá, porque se ele não tiver emprego lá, a única coisa que ele tem pra fazer é cortar árvore e fazer garimpo ilegal”, em que ele responsabilizou as populações originárias pela devastação do bioma. Importante recordar que, em ainda em fevereiro de 2020, o próprio governo Bolsonaro levou à votação, no Parlamento, o Projeto de Lei n. 191/20<sup>284</sup> que previa regularizar a mineração e a produção de energia elétrica em Terras Indígenas. Com a pandemia de covid-19, as invasões às TIs tiveram um aumento significativo, com a intensificação da violência e das violações aos direitos dos povos originários. Somente na TI Yanomami, em 2021, foram contabilizados mais de 20 mil invasores, entre garimpeiros, madeireiros, caçadores, pescadores e grileiros<sup>285</sup>.

O tuíte 8 evidenciou, portanto, o papel de Salles como Proponente da exploração da Amazônia e do negacionismo ambiental, no intuito de dialogar com as bases bolsonaristas e com alguns setores econômicos da sociedade, como o agronegócio. O apelo à polarização, nessa postagem, representou uma estratégia argumentativa utilizada pelo ex-mandatário para influenciar o seu público e, ao mesmo tempo, desprezar órgãos de pesquisa, cientistas, indígenas e a própria pandemia, apesar da grave situação sanitária enfrentada pelo país naquele período. Do mesmo modo, ficou evidente o empenho do então ministro em desconstruir e desterritorializar os povos tradicionais, em nome de uma política ecocida e anti-indigenista.

Quanto ao *ethos* tecnodiscursivo da postagem em questão, o enunciador digital político exibiu uma cenografia digital (Maingueneau, 2020) que o caracteriza como fiador do negacionismo científico e climático, evidenciando um completo descompromisso com as pautas ambientais e dos povos indígenas. No nível iconotextual da cenografia digital (Maingueneau, 2020), o tuíte apresentou uma imagem estática, representada pela captura de tela da entrevista concedida pelo ex-ministro. Em relação ao nível reticular interno (Maingueneau, 2020), o *post* dispôs dos elementos próprios do ecossistema Twitter/X, tais como imagem de avatar, nome de usuário, texto verbal e botões de relacionalidade, além da menção ao perfil

---

<sup>284</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/634893-projeto-do-governo-viabiliza-exploracao-de-minerios-em-terras-indigenas/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

<sup>285</sup> Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/08/relatorioviolencia2021/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

@YouTube, que possibilita ao internauta acessar esta outra conta, na mesma plataforma. Já o reticular externo (Maingueneau, 2020) é manifestado pelo *hiperlink*, que pode levar o usuário a uma nova página, em outro ecossistema (nesse caso, a entrevista disponível no perfil de Salles na rede social YouTube).

Salles manifestou, no tuíte 08, a construção de um *ethos* forte e saliente (Maingueneau, 2020), em que assumiu um caráter polêmico, provocador e negacionista, ao encontro de outras manifestações públicas produzidas por ele anteriormente. Sua postura antiambiental e anticientífica, contrária aos povos da floresta e à preservação da Amazônia revelou um *ethos* ideológico identificável (Maingueneau, 2016), de um político assumidamente de extrema direita, que prefere explorar comercialmente os biomas brasileiros a proteger o patrimônio ambiental do país. Por fim, o enunciador digital político @rsallesmma tornou evidente o descaso com os saberes tradicionais e com a sobrevivência dos povos indígenas, quilombolas e outras comunidades originárias, demonstrando uma postura incompatível com o cargo de ministro do Meio Ambiente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Pois, repetindo as palavras de um ancestral, ele dizia: ‘Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro’”.*

*(Ailton Krenak, 2020a)*

Nesta tese de doutorado, buscamos compreender a ocorrência de alguns fenômenos determinantes para a política contemporânea, como a participação de autoridades, parlamentares e lideranças no Twitter/X, a polêmica pública nas redes e a construção da imagem de si em contexto digital, a partir de um dos principais acontecimentos históricos deste século: a pandemia do coronavírus. Desse modo, concentramo-nos em investigar a instalação da polêmica nos tuítes do ex-presidente Jair Bolsonaro e do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, relacionados aos temas covid-19, Amazônia e povos indígenas, durante os primeiros 12 meses da emergência sanitária no Brasil. Para tanto, em termos de objetivos específicos, buscamos: a) evidenciar os recursos tecnodiscursivos mobilizados pelos sujeitos Jair Bolsonaro e Ricardo Salles para se enunciar, enquanto personalidades políticas, na rede social digital Twitter/X; b) investigar como se instaura a polêmica enquanto modalidade argumentativa, a partir de tuítes dos representantes mencionados; c) identificar e analisar as características do tuíte político e a constituição do *ethos* tecnodiscursivo de Jair Bolsonaro e Ricardo Salles, no Twitter/X; d) analisar discursos de contra-argumentação ao tuíte governamental que se opunha à legislação de proteção dos biomas amazônicos e dos povos da floresta, através de uma ressignificação tecnodiscursiva.

As discussões fomentadas nesta pesquisa tiveram como base a Análise do Discurso Digital (Paveau, 2013a, 2013b, 2017, 2021), a polêmica como modalidade argumentativa (Amossy, 2017; Mouffe, 2005), o *ethos* tecnodiscursivo (Longhi, 2013) em diálogo com o *ethos* testado pela internet (Maingueneau, 2016, 2020) e a ressignificação tecnodiscursiva (Paveau, 2019a, 2019b) e (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021). Também trouxemos autores com diferentes abordagens sobre os estudos com *corpora* digitais, como Recuero (2014; 2016), Santaella (2021) e Di Felice (2021). A partir disso, assumimos, neste trabalho, uma perspectiva pós-dualista

e ecológica da linguagem, considerando o Twitter/X como um ecossistema essencial para a comunicação e o debate político na história recente do país.

Em relação à ADD, a partir do nosso objeto de análise, propusemos uma ampliação do termo enunciador digital, desenvolvido por Marie-Anne Paveau (2021), visando contemplar os perfis políticos participantes do Twitter/X, uma vez que compreendemos esses indivíduos como usuários diferenciados, que compartilham das mesmas práticas sociais, valores e discursos tanto no digital como no *offline* (ao contrário de um internauta anônimo ou mesmo de outras figuras públicas que não possuem responsabilidade com o exercício do poder). Diante do exposto, sugerimos o termo enunciador digital político para fazer referência aos representantes públicos com atuação nas RSD, não apenas para marcar uma diferença em relação a outros usuários, mas, principalmente, por considerarmos que esses perfis são utilizados para ampliar manifestações discursivas e fortalecer identidades já constituídas fora do digital.

Como tuiteiras e usuárias de diferentes plataformas sociais de interação, vivenciamos a crise sanitária também de maneira conectada e, assim, presenciamos o surgimento de diferentes momentos discursivos relacionados à gestão da pandemia pelo governo bolsonarista, que tiveram intensa repercussão na mídia e nas RSD, tais como: (i) promoção de medicamentos sem eficácia comprovada para tratar a covid-19; (ii) defesa do enfraquecimento de normas ambientais que protegem os biomas e os povos originários; (iii) discurso anticientífico em relação às vacinas; (iv) negligência em relação à pandemia e ao desmatamento das florestas. Para além desses temas, evidenciamos que o primeiro ano da emergência sanitária no país foi marcado por diversos outros momentos, que vão desde a negação da gravidade da covid-19, passando pelo desmonte da legislação ambiental, recordes de desmatamento da Amazônia, colapso dos sistemas de saúde no Brasil, até o genocídio de populações indígenas e da floresta, conforme demonstrado no decorrer desta tese.

A partir de nossas análises, verificamos que os enunciadores digitais políticos @jairbolsonaro e @rsallesmma utilizaram diferentes recursos tecnolinguageiros na composição de seus tuítes, com destaque para a ampliação por deslinearização enunciativa (Paveau, 2021). Essa estratégia tecnodiscursiva possibilita ao escreitor o compartilhamento de conteúdos que ultrapassam os limites técnicos da plataforma, de modo a prolongar o discurso primeiro, como ocorreu nos tuítes dos ex-mandatários, com o compartilhamento de *hiperlinks*. Enquanto Bolsonaro divulgou, no Twitter/X, o

acesso a uma de suas *lives*, transmitida originalmente ao vivo em seu canal no YouTube, o ex-ministro compartilhou trechos de entrevistas concedidas a programas da mídia, disponibilizadas em distintos ecossistemas.

Tendo em vista a imprevisibilidade dos tecnodiscursos, compreendemos que, nas produções digitais nativas, o escritor não segue um percurso fixo de leitura, sendo impossível projetar não só o comportamento dos internautas (Paveau, 2021) como também prever se eles irão acessar ou não conteúdos que levam a outros ambientes da internet, como sugerem os *hiperlinks* das postagens analisadas. Contudo, conforme observamos nos tuítes de Bolsonaro e Salles ampliados pela deslinearização enunciativa, a compreensão do *post* político não se limita às informações presentes naquela produção unicamente, sendo fundamental a saída do discurso fonte (tuíte) em direção ao discurso-alvo – no caso desta pesquisa, vídeos em outras plataformas ou sites – para a completa percepção da produção tecnolinguageira.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar a influência dos algoritmos no comportamento tecnolinguageiro dos usuários, já que a circulação dos discursos *online* e o nosso agir na rede dependem de uma seleção realizada previamente pela programação dos diferentes ecossistemas digitais. Assim, a disseminação e a própria viralização de conteúdos nos espaços virtuais ocorrem independentemente da qualidade ou mesmo da veracidade da produção, como bem presenciemos durante a pandemia e em períodos eleitorais recentes. Por isso, convém trazer à discussão a urgente necessidade de uma regulação para as grandes corporações de tecnologia (também chamadas de *big techs*), que dominam o mercado digital em todo o mundo, não somente para evitar a propagação de notícias falsas, mas também para garantir a responsabilização dos internautas e das próprias empresas, que permitem a circulação de conteúdos sem nenhuma verificação. A esse respeito, o Parlamento brasileiro tentou pôr em votação o Projeto Lei 2630/2020, conhecido como “PL das fake news”, justamente com a intenção de frear práticas ilícitas na internet. No entanto, o projeto foi arquivado pela bancada conservadora do Senado Federal, sob a alegação de censura. Com a mesma finalidade, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou, em 2024, o documento “Princípios Globais para a Integridade da Informação”<sup>286</sup>, com o objetivo de proteger a sociedade conectada, sobretudo em

---

<sup>286</sup> Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/272319-onu-lan%C3%A7a-princ%C3%ADpios-globais-para-integridade-da-informa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 11 set. 2024.

relação à desinformação e aos ataques de ódio, que têm causado cada vez mais conflitos políticos, além de ameaçarem direitos humanos e democracias em diversas partes do mundo.

Ao longo desta pesquisa, também demonstramos a funcionalidade técnica e escritural de alguns outros elementos concernentes ao discurso digital nativo, com destaque para as RSD, bem como observamos as variadas operações tecnolinguageiras disponíveis em distintos ecossistemas. Enquanto usuárias dessas plataformas, acompanhamos diariamente a circulação de diferentes discursos acerca dos temas em discussão pela sociedade conectada, participamos de mobilizações digitais, compartilhamos nossas visões de mundo, enfim, utilizamos esses espaços também para manifestar algumas de nossas práticas sociais. Dessa forma, no que tange à investigação de discursos digitais, destacamos a importância de o pesquisador conhecer os sistemas e plataformas que serão pesquisadas, já que somente assim será possível desenvolver uma análise legítima.

Em relação à polêmica, durante o primeiro ano de pandemia no Brasil, constatamos que Bolsonaro e Salles aproveitaram-se da *web* social para promover discursos favoráveis ao governo de turno, compartilhando também informações sobre a covid-19, decisões políticas e até agendas públicas, conforme fez o ex-presidente Jair Bolsonaro, apesar das restrições de circulação e outras medidas de prevenção à doença, como o distanciamento social, o uso de máscaras de proteção etc. Ademais, ainda na etapa inicial de seleção do *corpus*, observamos que os enunciadores digitais políticos @jairbolsonaro e @rsallesmma também utilizaram esses espaços para a difusão de discursos enganosos, anticientíficos e negacionistas em relação à emergência sanitária, às vacinas, ao desmatamento da Amazônia e aos povos indígenas. A partir disso, nesse cenário, direcionamos nosso olhar aos perfis de Bolsonaro e Salles no Twitter/X, devido à importância do ecossistema para as discussões públicas da atualidade (pelo menos, até o bloqueio da rede social no Brasil)<sup>287</sup> e, essencialmente, pela relevância da plataforma para o debate político contemporâneo.

Assumimos, portanto, ao encontro do que preconiza Amossy (2017), que o dissenso é parte fundamental dos debates democráticos e que a polêmica é

---

<sup>287</sup> O Twitter foi bloqueado no Brasil dia 31 de agosto de 2024, após descumprir ordens judiciais. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/08/31/rede-social-x-suspensa-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

caracterizada precisamente pela oposição de discursos. No entanto, reiteramos que a garantia da livre circulação de argumentos divergentes não pode ser utilizada como pretexto para a difusão de informações falsas, discursos de ódio, intolerância etc. Em relação à crise sanitária, a população teve que lidar não somente com o vírus, mas também com a disseminação de *fake news*, muitas delas promovidas pelo próprio governo federal, conforme demonstramos ao longo desta pesquisa. Constatamos, assim, que a polêmica pública fomentada por Bolsonaro e Salles nos primeiros 12 meses de pandemia, no Twitter/X, teve como base a desinformação e o descrédito na ciência e na herança ancestral das populações originárias.

Identificamos, nos seis tuítes governamentais analisados, que o dissenso foi manifestado a partir de discursos polêmicos (Amossy, 2017) promovidos pelos enunciadores digitais políticos @jairbolsonaro e @rsallesmma, de maneira monogerida, sem que estivessem face a face com posições contrárias, diferentemente de uma interação polêmica, em que o debate ocorre de maneira simultânea. Em relação às marcas argumentativas da polêmica, encontramos a polarização, a dicotomização e a desqualificação do outro, com destaque para a primeira categoria citada, com maior ocorrência em nosso *corpus*.

Em vista disso, constatamos que o enunciador digital político @jairbolsonaro revelou-se, nos tuítes analisados, como Proponente do negacionismo científico, de acordo com a ordem cronológica de publicação dos seus tuítes: primeiramente com a promoção de medicamentos sem eficácia comprovada para tratar a covid-19 (março de 2020), depois culpabilizando comunidades indígenas pela devastação e queimadas criminosas na Amazônia (julho de 2020) e, por fim, manifestando-se contra a vacina e a pesquisa científica (outubro de 2020). Nessa direção, o enunciador digital político @rsallesmma evidenciou-se como Proponente do afrouxamento de leis ambientais, assumindo um discurso antiecológico frente à pasta do Meio Ambiente. Do mesmo modo, o ex-ministro colocou-se contrário à ciência e à pesquisa científica, ao ignorar estudos sobre o desmatamento da maior floresta tropical do mundo e as ameaças às vidas indígenas e dos povos da floresta, principalmente por colocar-se a favor da exploração ilegal em seus territórios. Os tuítes de Salles, em ordem cronológica de publicação, trataram dos seguintes temas: passar a boiada em normas ambientais (maio de 2020), desenvolvimento da Amazônia, sem mencionar o desmatamento e as queimadas recordes na região no período em que a postagem foi publicada (setembro de 2020) e, no último, tratou da exploração econômica do bioma,

incentivando a instalação de indústrias na região, ignorando, mais uma vez, os índices de devastação das florestas e a alta mortalidade de indígenas pela covid-19 (fevereiro de 2021).

É importante destacar também que tanto Bolsonaro como Salles, em seus tuítes, apresentaram enorme resistência em denominar os povos originários como tal. O então presidente usou os termos “índio” e “caboclo” para referir-se à população amazônica, quando afirmou que eles seriam os responsáveis pelos incêndios naqueles territórios. Nesse mesmo caminho, o ex-ministro referiu-se aos habitantes do bioma como “23 milhões de brasileiros”, demonstrando o desprezo à riqueza cultural, histórica e linguística das mais de 180 etnias que vivem no bioma. O não reconhecimento dos povos originários, de seus territórios e legado, escancara o projeto colonial de apagamento das identidades indígenas promovido pela gestão bolsonarista, sobretudo durante a pandemia, período em que a omissão e a violência praticadas contra essas populações foram ainda mais severas. Para além da polêmica sobre um presidente e um ministro do Meio Ambiente não utilizarem a nomenclatura adequada, a não referência aos povos indígenas revela também uma política de invisibilização destes grupos, para que seus direitos não sejam reconhecidos e garantidos pelo poder público. Desse modo, reiteramos que as crises social, política e ambiental vividas pelas populações originárias do Brasil foram agravadas, ainda mais, durante a pandemia, com as políticas anti-indigenistas promovidas por Bolsonaro e Salles.

Ao longo desta tese, vimos também que as polêmicas públicas podem transcender o simples conflito, dando espaço para reações e confrontações diversas. Além de uma resposta que conteste o argumento apresentado pelo oponente, é possível subverter um enunciado afrontoso, transformando-o em uma manifestação coletiva e reparadora (Paveau; Lourenço; Baronas, 2021). Com base nisso, a fim de evidenciar a resignificação tecnodiscursiva no Twitter/X, selecionamos dois tuítes de resposta à declaração de Salles sobre aproveitar o foco da mídia na pandemia para flexibilizar a legislação vigente e modificar regramentos. Enquanto usuárias da plataforma e pesquisadoras do discurso digital, testemunhamos o surgimento da *hashtag* “#BoiadaNãoVaiPassar” (e suas variações) em tempo real, como oposição e resposta ao posicionamento governista. Evidenciamos, portanto, o caráter revolucionário da tecnopalavra “#BoiadaNãoVaiPassar”, que possibilitou a ampliação da aliança militante em torno da defesa do meio ambiente e dos povos originários,

produzindo um movimento de contestação e resistência frente ao discurso bolsonarista. Assim, embora nossa análise esteja centrada nos discursos polêmicos promovidos por Bolsonaro e Salles no primeiro ano da pandemia, optamos por incluir esta pequena amostra da ressignificação em contexto digital, justamente para asseverar como uma agressão polêmica foi transformada em resposta política de luta e resistência diante do avanço conservador e ecocida daquela gestão.

Entretanto, apesar da mobilização digital contrária ao governo de turno e da intensa cobertura midiática sobre diferentes acontecimentos durante a pandemia, a boiada infelizmente passou. No Twitter/X, Bolsonaro e Salles propagaram discursos negacionistas e anticientíficos para justificar o desmonte dos sistemas de proteção ambiental, alteraram normas, enfraqueceram órgãos de fiscalização e proteção, deixando as populações originárias desassistidas durante a maior crise sanitária deste século. Vimos também que a impunidade contra crimes cometidos em Territórios Indígenas foi naturalizada por esta gestão. De acordo com o relatório “Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2021”<sup>288</sup>, publicado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), medidas promovidas pelo governo federal, à época, fomentaram conflitos e danos aos patrimônios dos povos da floresta. Durante a pandemia, ações criminosas como incêndios em aldeias e a venda de lotes em territórios ancestrais (inclusive pela internet) foram intensificadas. De acordo com o relatório, a própria Funai, sob comando bolsonarista, autorizou e certificou propriedades privadas sobre territórios indígenas ainda não homologados. Além disso, houve um aumento nos conflitos fundiários devido ao avanço de atividades como a pecuária e o garimpo ilegal. Como diz Krenak (2020a, p. 111), “os povos originários ainda estão presentes neste mundo não porque foram excluídos, mas porque escaparam [...]”.

Ainda assim, apesar desse “desgoverno” e, mais recentemente, de Elon Musk como ativista da extrema direita, enfatizamos a importância do dissenso para as democracias, uma vez que somente pela possibilidade da ampla circulação de discursos é possível debater politicamente questões de interesse público, propondo outras perspectivas para causas comuns e de interesse social. Contudo, reforçamos que a liberdade de expressão possui limites e que as sociedades não podem, em

---

<sup>288</sup> Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-violencia-povos-indigenas-2021-cimi.pdf>. Acesso em: 11 set. 2024.

hipótese alguma, tolerar a disseminação de discursos que pregam mentiras, violência, ódio, preconceito, ataques à democracia e outras formas de usurpação do poder político. Também reconhecemos o papel fundamental da ressignificação em contexto digital para as sociedades conectadas, como uma ferramenta significativa de resposta, organização social e luta por direitos coletivos na contemporaneidade.

No que diz respeito à imagem de si dos enunciadores digitais políticos @jairbolsonaro e @rsallesmma, consideramos tanto as informações dispostas nos respectivos perfis do Twitter/X, incluindo o conjunto oferecido pelo ecossistema, como foto do avatar, imagem de capa, descrição da “bio” etc. quanto os próprios tuítes, de acordo com as análises realizadas neste estudo. Compreendemos, portanto, que o *ethos* tecnodiscursivo de Bolsonaro e Salles foi constituído pela totalidade da manifestação tecnolinguageira daquele ecossistema, não sendo possível analisar as postagens de maneira isolada. Assim, para alcançarmos maior profundidade na averiguação da imagem construída pelos referidos representantes públicos no Twitter/X, tentamos relacionar a noção de *ethos* tecnodiscursivo desenvolvida por Longhi (2013), focada no tuíte político e nas restrições do ecossistema, com o *ethos* testado pela internet de Maingueneau (2020).

Considerando o Twitter/X como um espaço (ainda) de renovação do discurso político tradicional (Longhi, 2013), especialmente em função das possibilidades e limites técnicos da plataforma, assumimos o tuíte como um tecnogênero de discurso (Paveau, 2021) que só pode ser constituído como tal em ambiente *online*. À luz dessas informações, constatamos que os enunciadores digitais políticos @jairbolsonaro e @rsallesmma revelaram, em seus perfis e tuítes, a construção de um *ethos* tecnodiscursivo forjado na autoridade de suas posições institucionais – com todas as implicações que este comportamento pode trazer, uma vez que ambos são formadores de opinião junto ao seu público – para promoverem discursos conservadores, anticientíficos e negacionistas sobre os temas covid-19, Amazônia e povos indígenas, totalmente alinhados com as políticas defendidas e promovidas pela extrema direita política. Também identificamos um *ethos* forte e saliente (Maingueneau, 2020), manifestado ideologicamente pelo conservadorismo e pelo pouco apreço às instituições públicas, à medida que reforçaram posicionamentos neoliberais favoráveis à exploração econômica das florestas e, ao mesmo tempo, contrários à ciência, à preservação dos biomas e à manutenção das vidas indígenas.

Diante do exposto, confirmamos a hipótese lançada na introdução deste trabalho, de que o então presidente Jair Bolsonaro e o ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles constituíram suas imagens, no Twitter/X, alicerçados na polêmica pública, promovendo tecnodiscursos anticientíficos e negacionistas sobre covid-19, Amazônia e os povos indígenas, durante os primeiros 12 meses de pandemia no país. A polarização foi utilizada por ambos como ferramenta política para intensificar a divisão da sociedade e, assim, endossar o discurso conservador, preconceituoso e hostil em relação à pesquisa científica e às populações originárias do Brasil. No Twitter/X, a performance bolsonarista promovida por Bolsonaro e Salles ganhou alcance, promovendo impactos duradouros no mundo real. Ao encontro disso, destacamos a constatação de Brum (2022, p. 373-374):

Na pandemia de covid-19, Bolsonaro usou duas estratégias: deixou as terras indígenas abertas para a entrada do vírus e, ao mesmo tempo, estimulou sua invasão por garimpeiros, madeireiros e grileiros. O crime de genocídio é evidente. Não morreram apenas pessoas, mas uma parte significativa da resistência. Como os mais velhos são mais frágeis diante do vírus, vários anciões tomaram. Eles tinham liderado a luta contra a destruição de seus povos. Eram também guardiões da memória coletiva, da cultura e do conhecimento ancestral. Em alguns casos, eram os últimos falantes de sua língua. Em outros, como Aruká Juma, eram o último ancião de um povo.

Isto posto, ressaltamos a relevância social desta tese, que busca promover uma reflexão crítica sobre os conteúdos gerados por representantes públicos nas redes sociais, sobretudo em relação a temas sensíveis ao país, como a manutenção das florestas e o respeito às vidas dos povos originários. Também temos como objetivo destacar os elevados níveis de degradação da Amazônia, que está à beira de alcançar um desequilíbrio irreversível, o chamado ponto de não retorno, além de somarmos forças à luta indígena pelo reconhecimento dos territórios ancestrais e, especialmente, contra a aprovação do marco temporal. Ao encontro do que preconizamos na introdução desta pesquisa, é preciso rememorar as recentes tragédias provocadas pela gestão Bolsonaro e Salles para que elas nunca mais se repitam. No que diz respeito às nossas contribuições teóricas, esperamos auxiliar pesquisas futuras que tratem de *corpora* digitais políticos, além de contribuir com a formação e capacidade analítica de indivíduos comprometidos com os direitos dos povos originários e a proteção dos biomas brasileiros.

Salientamos que não iremos superar a emergência climática com um orçamento estrangido pela acumulação financeira, sob um modelo econômico voltado para a exportação e a agricultura em larga escala, que acaba por exaurir recursos hídricos e biomas inteiros. Menos ainda se a devastação das leis ambientais seguir avançando, colocando o lucro imediato de poucos acima do bem comum e do patrimônio coletivo existente nos recursos não renováveis. Esta pesquisa defende o desenvolvimento do país de forma sustentável. Não compactuamos com o atual modelo de exploração promovido pelos grandes latifúndios, que consomem os recursos da terra, disseminam venenos, incendiam florestas e incentivam a mineração a céu aberto. Nosso futuro depende de uma aliança da sociedade civil com os povos originários, na defesa de seus direitos e dos territórios ancestrais. O momento é agora.

Já nos encaminhando para o fim, não poderíamos terminar esta tese sem antes mencionar três eventos pelos quais passamos ao longo desta jornada, para além da pandemia. O primeiro, em 2022, foi o anúncio do fechamento do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, nota 6 pela Capes. Por decisão da universidade, este e outros 11 cursos de diferentes áreas do conhecimento terão suas atividades encerradas em 2026. Por mais que essa decisão esteja atrelada a questões econômicas da instituição, a educação, a ciência e a pesquisa não são mercadorias. A boiada passou, o financiamento público da ciência diminuiu e os impactos causados por esse encerramento serão irreparáveis para toda a comunidade acadêmica e científica. O segundo foi a enchente no Rio Grande do Sul, em 2024, ocorrida nos meses finais de escrita desta tese. Se o negacionismo científico e ambiental não tivessem sido normalizados pela gestão anterior, talvez as “tragédias” climáticas anunciadas pudessem ser evitadas. O terceiro e mais recente é representado pelas queimadas criminosas no Pantanal e na Amazônia. Mais uma vez, vemos reflexo da boiada passando e deixando seus rastros de morte e destruição.

Concluimos, por ora, ressaltando que a má gestão pública pode causar danos irreversíveis para as sociedades, como vimos e vivemos especialmente durante a pandemia, com Bolsonaro e Salles no poder. Os conflitos pelos direitos ambiental e indígena, manifestados nas redes sociais, assim como a luta pela preservação dos biomas brasileiros, representam apenas uma parte da mobilização social. É mais que urgente nos unirmos, em todas as esferas, contra exploradores, agressores, grileiros,

assassinos e aqueles que atacam os direitos ancestrais. A sobrevivência da Amazônia e dos povos originários representa o presente e o futuro de todas e todos nós.

Salve, Pindorama! O Brasil é Terra Indígena.

## REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Dante. Wajngarten, Pfizer e Butantan confirmam demora do governo para comprar vacinas. *In*: AGÊNCIA Senado. Brasília, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/28/wajngarten-pfizer-e-butantan-confirmam-demora-do-governo-para-comprar-vacinas>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. **O espírito da floresta**: a luta pelo nosso futuro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

“ALEMANHA acima de tudo”, um verso e um passado sombrio. *In*: CARTA Capital. São Paulo, 23 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/alemanha-acima-de-tudo-um-verso-e-um-passado-sombrio/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

ALESSI, Gil. Salles vê “oportunidade” com coronavírus para “passar de boiada” desregulação da proteção ao meio ambiente. *In*: El País Brasil. São Paulo, 22 maio 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-22/salles-ve-oportunidade-com-coronavirus-para-passar-de-boiada-desregulacao-da-protecao-ao-meio-ambiente.html>. Acesso em: 25 abr. 2022.

AMADO, Guilherme. ‘Brasil está em negacionismo com caráter racista, misógeno e homofóbico deste governo’, analisa Ricardo Lísias. *In*: O Globo/Época. Rio de Janeiro, 27 jun. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/brasil-esta-em-negacionismo-com-carater-racista-misogino-homofobico-deste-governo-analisa-ricardo-lisias-24502748>. Acesso em: 22 fev. 2024.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

ANGENOT, Marc. A retórica da qualificação e as controvérsias de rotulagem. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (EID&A)**. Ilhéus, n. 18, p. 151-170, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2283>. Acesso em: 24 out. 2022.

ARUGUETE, Natalia. ¿Twitter acrecienta la polarización política? **BPolitics**. Buenos Aires, n. 2, p. 22-25, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/38207986/Natalia\\_Aruguete\\_Twitter\\_acrecienta\\_la\\_polarizaci%C3%B3n\\_pol%C3%ADtica\\_pdf](https://www.academia.edu/38207986/Natalia_Aruguete_Twitter_acrecienta_la_polarizaci%C3%B3n_pol%C3%ADtica_pdf). Acesso em: 02 jan. 2024.

BARONAS, R. L.; COSTA, J. L. De Maingueneau a Amossy: notas de leitura em torno da noção de polêmica. **Polifonia**, [S. l.], v. 26, n. 43, p. 49–67, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8219>. Acesso em: 03 jul. 2022.

BARONAS, Roberto L.; COSTA, Julia L.; PONSONI, Samuel. Os tecnografismos a partir da hashtag #EleNão. **Discurso & Sociedad**. v. 13(3), p. 515-533, 2019.

Disponível em:

<http://www.dissoc.org/es/ediciones/v13n03/DS13%283%29Leiser%20et%20al.pdf>.

Acesso em: 30 ago. 2023.

BARONAS, Roberto. Ressignificação discursiva em diferentes contextos: linguística popular e ludolinguístas. **Porto das Letras**, Tocantins, vol. 7, n. 4, p. 104-128, 2021. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/issue/archive>. Acesso em: 08 out. 2022.

BOLSONARO insiste em 'tratamento precoce' contra Covid-19 mesmo sem comprovação; não há medicamentos para prevenir a doença, mostram estudos. *In*: G1. Rio de Janeiro, 15 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precoce-sem-comprovacao-contr-a-covid-estudos-mostram-que-nao-ha-prevencao-contr-a-doenca-com-ajuda-de-medicamentos.ghtml>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BOLSONARO, Jair. [**Divulgação de live sobre covid-19 e outros temas**]. Brasília, 23 jul. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em:

<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1286494268509556736>. Acesso em: 09 nov. 2023.

BOLSONARO, Jair. [**Perfil**]. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em:

<https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 08 dez. 2020.

BOLSONARO, Jair. [**Tratamento da covid-19**]. Brasília, 25 mar. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em:

<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242881753162940419>. Acesso em: 24 out. 2023.

BOLSONARO, Jair. [**Vacina chinesa de João Doria**]. Brasília, 21 out. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em:

<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1320132151690645504>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BOLSONARO, Jair. **Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro – 23/07/2020**. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (38 min 19 s). Publicado pelo canal Jair Bolsonaro. Disponível em:

BORGES, André. Funai executa menos de 1% dos recursos de combate à covid entre indígenas. *In*: Estadão. São Paulo, 20 jul. 2021. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,funai-executa-menos-de-1-dos-recursos-de-combate-a-covid-19-entre-indigenas,70003784257>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Nota Técnica sobre Cloroquina e Hidroxicloroquina**. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/arquivos-noticias-anvisa/830json-file-1>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BRASIL completa três meses sem ministro da Saúde definitivo. *In*: CARTA Capital. São Paulo, 15 ago. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/brasil-completa-tres-meses-sem-ministro-da-saude-definitivo/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Artigo 5º. Dos direitos e garantias fundamentais. Dos direitos e deveres individuais e coletivos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso

BRASIL. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Programa Queimadas. **Monitoramento dos Focos Ativos por Região**. Disponível em: [https://terrabilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/estatisticas/estatisticas\\_estados/](https://terrabilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/estatisticas/estatisticas_estados/). Acesso em: 22 abr. 2024.

BRASIL poderia ter sido primeiro do mundo a vacinar, afirma Dimas Covas à CPI. *In*: Agência Senado. Brasília, 27 maio 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BRUM, Eliane. **Banzeiro òkòtó**: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BUTLER, Judith. **Excitable speech**: a politics of the performative. London/New York: Routledge, 1997. *E-book*.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; LIMA, Nelci Vieira. Argumentação e Polêmica nas Redes Sociais: o Papel de Violência Verbal. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan./abr. p. 86-97, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/8004>. Acesso em: 03 jul. 2022.

CALDAS, Júlia K. [**Perfil**]. Twitter: @jurubeba\_jc. Disponível em: [https://twitter.com/jurubeba\\_kc](https://twitter.com/jurubeba_kc). Acesso em: 12 ago. 2024.

CALIXTO, Larissa. Amazônia: 73% do desmatamento para garimpo aconteceu em áreas protegidas. *In*: CONGRESSO em Foco. Brasília, 22 ago. 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/meio-ambiente/amazonia-73-do-desmatamento-para-garimpo-aconteceu-em-areas-protetidas/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

CANAL GOV. **Pronunciamento Oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro**. [S. l.: s. n.], 24 mar. 2020. 1 vídeo (5 min 13 s.). Publicado pelo canal CanalGov. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>. Acesso em: 08 dez. 2021.

CASEMIRO, Poliana. Pesquisadores do Inpe e Cemaden alertam para risco de incêndios em 'proporções descontroladas' na Amazônia. *In*: G1. Vale do Paraíba e Região, 05 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/06/05/pesquisadores-do-inpe-e-cemaden-alertam-para->

incendios-em-proporcoes-descontroladas-na-amazonia.ghtml. Acesso em: 02 abr. 2024.

CAVALCANTI, Cristiane R. S.; AZEVEDO, Azevedo. O movimento parafrástico de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” X “Deutschland Über Alles”.

**Policromias – Revista de estudos do Discurso, Imagem e Som**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jan./abr., p. 51-64, 2022. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/49295>. Acesso em: 22 fev. 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2017.

CONFIRMADA a primeira morte indígena por coronavírus no Ceará. *In*: BRASIL de Fato. São Paulo, 11 maio 2020. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/11/confirmada-a-primeira-morte-indigena-por-coronavirus-no-ceara>. Acesso em: 24 abr. 2022.

CORONAVAC, vacina do Butantan e da Sinovac, já é usada em mais de 40 países. *In*: BUTANTAN. São Paulo, 20 set. 2021. Disponível em:

<https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-vacina-do-butantan-e-da-sinovac-ja-e-usada-em-mais-de-40-paises>. Acesso em: 03 jul. 2024.

CORONAVÍRUS: veja a cronologia da doença no Brasil. *In*: G1. Rio de Janeiro, 06 abr. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 08 maio 2022.

CREVELS, Christian. Povos Indígenas denunciam governo brasileiro à ONU por paralisação de demarcações e descaso frente à pandemia. *In*: CONSELHO Indigenista Missionário (CIMI). Acre, 27 abr. 2021. Disponível em:

<https://cimi.org.br/2021/04/povos-indigenas-denunciam-governo-brasileiro-a-onu-por-paralisacao-de-demarcacoes-e-descaso-frente-a-pandemia/>. Acesso em: 13 maio 2022.

DI FELICE, Massimo. **A cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2021.

DI FELICE, Massimo; TORRES, Juliana C.; YANAZE, Leandro K. H. **Redes digitais e sustentabilidade**: as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Annablume, 2021.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Gabriel. “Deus, Pátria, Família”: de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro? *In*: UOL. São Paulo, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/deus-patria-familia-lema-de-bolsonaro-tem-origem-fascista-entenda.htm>. Acesso em: 29 fev. 2024.

DISSENSO. *In*: **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dissenso/>. Acesso em: 10 set. 2022. em: 14 dez. 2021.

ESTUDO atesta discurso negacionista de Bolsonaro nos primeiros seis meses de pandemia. *In*: JORNAL da USP. São Paulo, 17 ago. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-atesta-discurso-negacionista-de-bolsonaro-nos-primeiros-seis-meses-de-pandemia/>. Acesso em: 04 jan. 2022.

FÁVERO, Bruno.; RIBEIRO, Amanda; MENEZES, Luiz F.; PACHECO, Priscila. Bolsonaro nega orientações da ciência e distorce informações para minimizar pandemia. *In*: AOS Fatos. São Paulo, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-nega-orientacoes-da-ciencia-e-distorce-informacoes-para-minimizar-pandemia/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

GOMES, Wilson. *et al.* A campanha on-line de Barack Obama em 2008. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, v. 17, n. 34, 2009, p. 29-43. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/29344/19108>. Acesso em: 03 jul. 2022.

GORTÁZAR, Naiara G. Desmatamento na Amazônia é o maior em 15 anos, e Governo é acusado de esconder dados da COP26. *In*: EL País Brasil. São Paulo, 18 nov. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-19/desmatamento-na-amazonia-e-o-maior-em-15-anos-e-governo-e-acusado-de-esconder-dados-da-cop26.html>. Acesso em: 08 jul. 2022.

GORTÁZAR, Naiara G. Sem controle da pandemia, Brasil se torna ameaça mundial. *In*: EL País Brasil. São Paulo, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2021-03-25/sem-controle-da-pandemia-brasil-se-torna-ameaca-mundial.html>. Acesso em: 25 abr. 2022.

GUAJAJARA, Sonia. [#BoiadaNãoVaiPassar]. 25 maio 2020. Twitter: @GuajajaraSonia. Disponível em: <https://twitter.com/GuajajaraSonia/status/1265021260989333507>. Acesso em: 11 jan. 2023.

HADDAD, Galit. **Ethos prévio e ethos discursivo**: o exemplo de Romain Rolland. *In*: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, p. 145-165, 2016.

HAMMERSLEY, Martyn. *Methodological philosophies. What is Qualitative Research?* London: **Bloomsbury Academic**, p. 21–46, 2013. Disponível em: <https://www.bloomsburycollections.com/book/what-is-qualitative-research/ch2-methodological-philosophies>. Acesso em: 24 out. 2022.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista

no final do século XX. *In*: TADEU, Tomaz (org). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2 ed., p. 33-118, 2009. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4945399/mod\\_resource/content/1/LIVRO%20Antropologia%20do%20Ciborgue.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4945399/mod_resource/content/1/LIVRO%20Antropologia%20do%20Ciborgue.pdf). Acesso em: 10 set. 2022.

[https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD\\_tuRPY](https://www.youtube.com/watch?v=oVIJD_tuRPY). Acesso em: 09 nov. 2023.

HISTÓRICO da pandemia de COVID-19. *In*: ORGANIZAÇÃO Pan-Americana de Saúde (OPAS). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 18 jul. 2022.

HUSSON, Anne-Charlotte. Les hashtags militants, des mots-arguments. *In*: **Revista Fragmentum**. Santa Maria, n. 48, jul-dez., p. 106-127, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/23295>. Acesso em: 24 set. 2022.

INDÍGENAS denunciam Bolsonaro por 'crime contra a humanidade e genocídio' no Tribunal Penal Internacional de Haia. *In*: G1. Rio de Janeiro, 09 ago. 2021.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/natureza/amazonia/noticia/2021/08/09/indigenas-denunciam-bolsonaro-por-crime-contra-a-humanidade-e-genocidio-no-tribunal-penal-internacional-de-haia.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2021.

INDÍGENAS foram mais infectados pela COVID-19 e tiveram menor cobertura vacinal. *In*: INSTITUTO de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé). 26 jul. 2022.

Disponível em: [https://institutoiepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjwlbu2BhA3EiwA3yXyu4tXnCVoESTCdwJhXJO5wN7gHlkO5wzYAXIX--sB2aSSUdSAxNqDJxoCeYAQAvD\\_BwE](https://institutoiepe.org.br/2022/07/indigenas-foram-mais-infectados-pela-covid-19-e-tiveram-menor-cobertura-vacinal/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwlbu2BhA3EiwA3yXyu4tXnCVoESTCdwJhXJO5wN7gHlkO5wzYAXIX--sB2aSSUdSAxNqDJxoCeYAQAvD_BwE).

Acesso em: 22 ago. 2024.

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LÍSIAS, Ricardo. **Diário da Catástrofe Brasileira**. Ano I: o inimaginável foi eleito. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

LONGHI, Julien. Essai de caractérisation du tweet politique. **HAL**. L'information grammaticale, Peeters Publishers, 2013, 136, p. 25-32. Disponível em:

<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00940202>. Acesso em: 03 jul. 2021.

LOURENÇO, Julia. Da ferida linguística à ressignificação discursiva: a bruxa e os feminismos no Brasil. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 1, e355, 2021. Disponível

em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/355/446>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MAGALHÃES, Ana; CAMARGOS, Daniel; JUNQUEIRA, Diego. Os interesses econômicos por trás da destruição da Amazônia. *In: REPÓRTER Brasil*. 24 ago. 2019. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2019/08/os-interesses-economicos-por-tras-da-destruicao-da-amazonia/>. Acesso em: 24 abr. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Retorno crítico sobre o ethos**. *In: BARONAS, Roberto; CARREON, Renata; MESTI, Paula (org)*. Análise do discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes. São Carlos: EdUFSCar, 2016, p. 13-33.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. **XXV Encontro da Compós**. Goiânia, 2016. Disponível em: [https://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos\\_Malini\\_2016.pdf](https://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf). Acesso em: 01 set. 2023.

MARICAS. *In: Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/maricas/>. Acesso em: 04 set. 2023.

MÍDIA NINJA. [**#BoiadaNaoVaiPassar**]. São Paulo, 25 maio 2020. Twitter: @MidiaNINJA. Disponível em: <https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1265031231282044928>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MINISTRO do Meio Ambiente defende passar “a boiada” e “mudar” regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. *In: G1*. Rio de Janeiro, 22 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MODELLI, Laís. Desmatamento na Amazônia na temporada 2020/2021 é o maior dos últimos dez anos, diz Imazon. *In: G1*. Rio de Janeiro, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/amazonia/noticia/2021/08/19/taxa-anual-de-desmatamento-na-amazonia-e-a-maior-do-ultimos-dez-anos-diz-imazon.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2022.

MODELLI, Laís. Ricardo Salles: 10 'canetadas' e polêmicas que marcaram a gestão no Meio Ambiente. *In: G1*. Rio de Janeiro, 23 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/06/23/ricardo-salles-10-canetadas-e-polemicas-que-marcaram-sua-gestao-no-meio-ambiente.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2022.

MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradução Fernando Curtti Gibin e Julia Lourenço Costa. **Revista Linguagem**. São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41. Disponível em:

<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826/476>. Acesso em: 04 set. 2023.

MOUFFE, Chantal. Por um modelo agonístico de democracia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 25, p. 11-23, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/7071>. Acesso em: 27 abr. 2022.

MUDANÇAS no Conama e a fragilização da proteção ao meio ambiente. *In*: CONSELHO Federal de Biologia (CFBio). Brasília, 20 out. 2020. Disponível em: <https://cfbio.gov.br/2020/10/20/mudancas-no-conama-e-a-fragilizacao-da-protecao-ao-meio-ambiente/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

NETTO, Paulo Roberto; GIRARDI, Giovana. Entidades repudiam declarações de Salles sobre 'passar a boiada'. *In*: UOL. São Paulo, 24 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/05/22/entidades-repudiam-declaracoes-de-salles-sobre-passar-a-boiada.htm>. Acesso em: 02 mar. 2024.

NICOLAV, Vanessa. O que passou na “boiada” de Ricardo Salles durante a pandemia? *In*: BRASIL de Fato. São Paulo, 09 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/09/o-que-passou-na-boiada-de-ricardo-salles-durante-a-pandemia>. Acesso em: 22 fev. 2024.

NOBRE, Marcos. **Ponto Final**: a guerra de Bolsonaro contra a Democracia. São Paulo: Todavia, 2020.

NÚMERO de usuários ativos diários monetizáveis do Twitter em todo o mundo do 1º trimestre de 2017 ao 2º trimestre de 2022. *In*: STATISTA. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/970920/monetizable-daily-active-twitter-users-worldwide/>. Acesso em: 21 set. 2022.

OLIVEIRA, Joana. Covid-19 se espalha entre indígenas brasileiros e já ameaça povos isolados. *In*: EL País Brasil. São Paulo, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-17/covid-19-se-espalha-entre-indigenas-brasileiros-e-ja-ameaca-povos-isolados.html>. Acesso em: 25 abr. 2022.

PASQUALE, Frank. A Esfera pública automatizada. **Revista Líbero**, n. 39, p. 16-35, 2017. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/10/A-Esfera-p%C3%BAblica-automatizada.pdf>. Acesso em: 03 set. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Orgs. COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. Campinas, SP: Pontes Editora, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. Genre de discours et technologie discursive. **Pratiques**. n.157-158, p. 7-30, 2013a. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pratiques/3533>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. La blessure et la salamandre. Théorie de la resignification discursive. **HAL**, Paris, 2019a. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667>. Acesso em: 14 jul. 2022.

PAVEAU, Marie-Anne; LOURENÇO, Julia; BARONAS, Roberto. **Ressignificação em contexto digital**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

PAVEAU. La resignification. Pratiques technodiscursives de répétition subversive sur le web relationnel. **HAL**, Paris, 2019b, Discours numériques natifs. Des relations sociolangagières connectées. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02145765/document>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. **HAL**. Revue Internationale de Sciences Humaines et Sociales Appliquées. p. 139-176, 2013b. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00859064/document>. Acesso em: 14 jun. 2021.

POLÊMICA. *In.*: **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/polemica-2/>. Acesso em: 10 set. 2022.

QUEM SOMOS (MÍDIA NINJA). Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**. São Leopoldo, vol. 16, n. 2, maio/agosto 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.01/4191>. Acesso em: 09 jul. 2022.

RECUERO, Raquel. O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-180, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/f5zQwgZkJwDXG9k4Yt6p7nf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 jul. 2022.

REDES sociais mais populares em todo o mundo em janeiro de 2022, classificadas pelo número de usuários ativos mensais. *In.*: STATISTA. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 21 set. 2022.

RIBEIRO, Maria Fernanda. Risco de extermínio: pandemia e governo Bolsonaro ameaçam indígenas isolados. *In.*: Repórter Brasil. São Paulo, 15 nov. 2021. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2021/11/risco-de-exterminio-pandemia-e-governo-bolsonaro-ameacam-indigenas-isolados/>. Acesso em: 13 maio 2022.

SALLES, Ricardo. [**Amazônia**]. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1310020436168761345>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SALLES, Ricardo. [**Bioeconomia na Amazônia**]. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1365679633279107075>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SALLES, Ricardo. [**Esclarecimentos sobre a frase “passar a boiada”**]. Brasília, 25 maio 2020. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1265053570715574272>. Acesso em: 28 out. 2023.

SALLES, Ricardo. [Perfil]. **Ricardo Salles**. Instagram: @ricardosallesmma. Disponível em: <https://www.instagram.com/ricardosallesmma/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SALLES, Ricardo. [Perfil]. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://www.twitter.com/rsallesmma/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SALLES, Ricardo. Pânico. **Entrevista com Ricardo Salles**. [Entrevista cedida a] Emílio Surita. [S. l.: s. n.], 27 fev. 2021. 1 vídeo (3 min 52 s). Publicado pelo canal Ricardo Salles. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YWiHsn5IFRU>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiperhíbridos** [Livro eletrônico]: linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021. *E-book*.

Seara, Isabel R. (2021). Ligações vertiginosas: violência verbal em ‘comentários’ nas redes sociais. **Calidoscópico**, 2021, p.385-397. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/23263/60748838>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SENADORES reprovam declarações de Bolsonaro sobre medidas para combater pandemia. *In*: AGÊNCIA Senado. Brasília, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/04/senadores-reprovam-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-medidas-para-combater-pandemia>.

SHALDERS, André. Passando a boiada: 5 momentos nos quais Ricardo Salles afrouxou regras ambientais. *In*: BBC Brasil. São Paulo, 1 out. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364652>. Acesso em: 08 maio 2022.

SILVA, Luciana Saratt da. **As reacentuações axiológicas da bandeira nacional e da camiseta da seleção**: os signos ideológicos como fonte identitária da direita brasileira. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9651>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SILVA, Sidnay; ALMEIDA, Terezinha. Quarentena. *In*: RODRIGUES, Fernanda; COSTA, Julia; BARONAS, Roberto (org.). **Enciclopédia discursiva da COVID-19**: o primeiro ano da pandemia no Brasil. São Carlos: EDUFSCar, 2022, p. 147-154.

SOUZA, Marilena; BARONAS, Roberto. Para além do funcionamento argumentativo da polémica anunciada por Paulo Guedes acerca das empregadas domésticas brasileiras. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1779-1806. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16791>. Acesso em: 30 mar. 2023.

VEJA os principais pontos da reunião ministerial que teve gravação divulgada pelo STF. *In*: G1. Rio de Janeiro, 22 maio 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/veja-os-principais-pontos-da-reuniao-ministerial-que-teve-gravacao-divulgada-pelo-stf.ghtml>. Acesso em: 09 abr. 2022.

VICARI, Stefano. Linguística popular, socioterminologia, autoridade: o caso dos fóruns de energia renovável. Tradução de Livia Maria Falconi Pires e Pâmela da Silva Rosin. *In*: **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 82-104, dez. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/17075>. Acesso em 27 jan. 2023.

VICARI, Stefano. Polémique de la vape et discours d'autorité entre influenceurs et discours institutionnels sur le WEB 2.0". **Argumentation et Analyse du Discours**. n. 26, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/5093>. Acesso em: 20 set. 2022.

VIRALIZAR. *In*: **Dicionário Priberam**. Disponível em:

<https://dicionario.priberam.org/viralizar>. Acesso em: 10 set. 2022.

ZANINI, Fábio. Pandemia e omissão do governo fizeram situação de indígenas piorar em 2020, diz relatório. *In*: Folha de São Paulo. São Paulo, 28 out. 2021.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/10/pandemia-e-omissao-do-governo-fez-situacao-de-indigenas-piorar-em-2020-diz-relatorio.shtml>. Acesso em: 13 maio 2022.

## APÊNDICES

ACCIOLY, Dante. Wajngarten, Pfizer e Butantan confirmam demora do governo para comprar vacinas. *In*: AGÊNCIA Senado. Brasília, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/28/wajngarten-pfizer-e-butantan-confirmam-demora-do-governo-para-comprar-vacinas>. Acesso em: 24 abr. 2022.

ADORNO, Luís; AMORIM, Felipe. Almoço coloca 30 pessoas próximas a infectado por coronavírus em observação. *In*: UOL, São Paulo, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/02/26/empresario-de-61-anos-e-o-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil.htm>. Acesso em: 24 abr. 2022.

AFFONSO, Julia. TJ de SP absolve ministro Ricardo Salles de condenação por improbidade administrativa. *In*: G1. São Paulo, 04 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/04/justica-de-sp-absolve-ricardo-salles-de-condenacao-por-improbidade-administrativa.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

ALÉM do X: veja 10 mudanças no Twitter sob o comando de Elon Musk. *In*: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/25/alem-do-x-veja-10-mudancas-no-twitter-sob-o-comando-de-elon-musk.ghtml>. Acesso em: 28 set. 2024.

AMANCIO, Nelly Luna *et al.* Poderes impuros. *In*: AGÊNCIA Pública. 10 jun. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/poderes-impuros/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

AMAZÔNIA - Os povos da Floresta. *In*: INSTITUTO Sociedade, População e Natureza (ISPN). Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/#:~:text=Embora%20n%C3%A3o%20t%C3%A3o%20conhecidas%20com%20o,pia%C3%A7abeiros%2C%20peconheiros%2C%20e%20outros>. Acesso em: 02 maio 2024.

AMORIM, Felipe. Bolsonaro diz que pressão sobre mudança climática é "jogo comercial". *In*: UOL. Brasília, 15 dez. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/12/15/bolsonaro-diz-que-pressao-sobre-mudanca-climatica-e-jogo-comercial.htm>. Acesso em: 02 maio 2024.

ANDRADE, Hanrrikson; ADORNO, Luís. 7 de Setembro tem aglomerações e Bolsonaro com crianças sem máscaras. *In*: UOL. São Paulo, 07 set. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/07/7-de-setembro-tem-aglomeracoes-e-bolsonaro-com-criancas-sem-mascaras.htm>. Acesso em: 22 abr. 2024.

ANDRADE, Rodrigo. Legislação enfraquecida. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ed. 304, jun. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/legislacao-enfraquecida/>. Acesso em: 13 maio 2022.

ANISTIA INTERNACIONAL BRASIL. **#[BoiadaNãoVaiPassar]**. Rio de Janeiro, 25 maio 2020. Twitter: @anistiabrasil. Disponível em: <https://twitter.com/anistiabrasil/status/1265039213147361280>. Acesso em: 19 maio 2022.

BARBOSA, Vanessa. Quem é Ricardo Salles, novo ministro do Meio Ambiente. *In*: Exame. São Paulo, 09 dez. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/quem-e-ricardo-salles-novo-ministro-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 24 out. 2022.

BERTONI, Estêvão. Qual a cronologia científica da cloroquina na pandemia. *In*: NEXO. São Paulo, 24 maio 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/05/24/qual-a-cronologia-cientifica-da-cloroquina-na-pandemia>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BOLSONARO é alvo de peneiras durante pronunciamento sobre o coronavírus. *In*: UOL. São Paulo, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/bolsonaro-e-alvo-de-peneira-durante-pronunciamento-sobre-o-coronavirus.htm>. Acesso em: 23 jan. 2024.

BOLSONARO, Jair. **[Agradeço ao Bóios]**. Brasília, 18 jan. 2024. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1748157151762088376>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BOLSONARO, Jair. **[Dia da Amazônia]**. Brasília, 05 set. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1748157151782099467>. Acesso em: 11 set. 2022.

BOLSONARO, Jair. **[Perfil]**. Brasília, 09 set. 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 09 set. 2022.

BOLSONARO, Jair. **[Portaria]**. Brasília, 26 mar. 2021. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1375524476448825346>. Acesso em: 30 mar. 2021.

BOLSONARO, Jair. **[Sexo nas escolas]**. Brasília, 16 out. 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1581495797828681728>. Acesso em: 20 out. 2022.

BOLSONARO, Jair. **BRASIL ACIMA DE TUDO! DEUS ACIMA DE TODOS!**. Brasília, 16 ago. 2022. Facebook: Jair Bolsonaro. Disponível em: [https://www.facebook.com/photo/?fbid=649886109822147&set=a.522422399235186&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/photo/?fbid=649886109822147&set=a.522422399235186&locale=pt_BR). Acesso em: 22 fev. 2024.

BRASIL soma mais de 159,5 mil mortos por Covid; casos confirmados têm 4º dia de alta e somam 5,5 milhões. *In*: G1. 30 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/30/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-30-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 fev. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Jair Bolsonaro Biografia**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BRASIL. CÂMARA dos Deputados. **Projeto do governo viabiliza exploração de minérios em terras indígenas**. Brasília, 06 fev. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/634893-projeto-do-governo-viabiliza-exploracao-de-minerios-em-terras-indigenas/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projetos de Lei e outras Proposições**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/buscaProposicoesWeb/resultadoPesquisa?numero=&ano=&autor=Jair+Bolsonaro&inteiroTeor=&emtramitacao=Todas&tipoproposicao=%5BP+EC++Proposta+de+Emenda+%C3%A0+Constitui%C3%A7%C3%A3o,+PLP++Projeto+de+Lei+Complementar,+PL++Projeto+de+Lei%5D&data=31/07/2018&page=false>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BRASIL. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). **Bioeconomia**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-bioeconomia#:~:text=Bioeconomia%20%C3%A9%20um%20modelo%20de,recursos%20f%C3%B3sseis%20e%20n%C3%A3o%20renov%C3%A1veis>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Brigada de Infantaria Paraquedista**. Missão, Visão e Valores. Disponível em: <https://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/missao-visao-e-valores>. Disponível em: <https://www.bdainfpqdt.eb.mil.br/missao-visao-e-valores>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **COVID-19 no Brasil**. Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/equidade-em-saude/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 24 ago. 2024.

BRASIL registra 10 mortes por covid em 24 horas e mais de 664 mil óbitos desde o início da pandemia. *In*: G1. Rio de Janeiro, 08 maio. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/05/08/brasil-registra-10-mortes->

por-covid-em-24-horas-e-mais-de-664-mil-desde-o-inicio-da-pandemia-media-movel-e-de-89-mortes-por-dia.ghtml. Acesso em: 08 maio 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

Capra, F. e Luisi, P.L. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2019. *E-book*.

CASTILHOS, Roniara de; RODRIGUES, Mateus; GOMES, Pedro Henrique. Coronavírus: brasileiros na China devem chegar ao país no sábado e cumprir quarentena em Anápolis. *In*: G1. Rio de Janeiro, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/04/coronavirus-brasileiros-na-china-devem-chegar-ao-pais-no-sabado-e-cumprir-quarentena-em-anapolis.ghtml>. Acesso em: 08 maio 2022.

CASTRO, Mariana. Terra Yanomami: "Famílias inteiras com covid onde o garimpo está fora de controle". *In*: BRASIL de Fato. Imperatriz, 11 fev. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/11/terra-yanomami-familias-inteiras-com-covid-onde-o-garimpo-esta-fora-de-controle>. Acesso em: 24 ago. 2024.

CENTRAL de Ajuda. *In*: TWITTER. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-x/types-of-posts#:~:text=Pessoas%20que%20usam%20a%20web,%2C%20mas%20n%C3%A3o%20escrevem%20os.&text=Defini%C3%A7%C3%A3o%20um%20post%20que%20contenha,precedido%20pelo%20s%C3%ADmbolo%20%22%40%22>. Acesso em: 26 fev. 2024.

CENTRAL de Ajuda. *In*: TWITTER. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/professional-account-policy>. Acesso em: 21 set. 2022.

CIPRIANI, Juliana. Bolsonaro pode manter slogan 'Deus acima de todos' no governo, decide Justiça. *In*: ESTADO de Minas. Belo Horizonte, 26 jul. 2019. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/07/26/interna\\_politica,1072615/trf4-bolsonaro-pode-manter-slogan-deus-acima-de-todos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/07/26/interna_politica,1072615/trf4-bolsonaro-pode-manter-slogan-deus-acima-de-todos.shtml). Acesso em: 22 fev. 2024.

CNS reforça posição da Fiocruz sobre uso da cloroquina em casos leves de Covid-19. *In*: CONSELHO Nacional de Saúde (CNS). Brasília, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1274-cns-reforca-posicao-da-fiocruz-sobre-uso-da-cloroquina-em-casos-leves-de-covid-19>. Acesso em: 02 abr. 2024.

COM frente ampla, Lula freia a extrema direita. *In*: UOL. 30 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2022/10/30/com-frente-ampla-lula-freia-a-extrema-direita.htm>. Acesso em: 04 jan. 2024.

COMITÊ da ONU conclui que Lava Jato violou garantias, privacidade e direitos políticos de Lula. *In*: G1. Rio de Janeiro, 28 abr. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/04/28/onu-divulga-decisao-sobre-acao-aberta-por-lula.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CORONAVAC corresponde a 80% das vacinas aplicadas até o momento no Brasil. *In: ESTADO de Minas*. 03 abr. 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/04/03/interna\\_nacional,1253451/coronavac-corresponde-a-80-das-vacinas-aplicadas-ate-o-momento-no-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/04/03/interna_nacional,1253451/coronavac-corresponde-a-80-das-vacinas-aplicadas-ate-o-momento-no-brasil.shtml). Acesso em: 03 jul. 2024.

CORONAVÍRUS. *In: ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde*. Disponível em: [https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjw48-vBhBbEiwAzqrZVHab\\_d8waquBKZd\\_hyBjqvaXdhbhZEs9HQS-15MxHfVz3Z8xCkZ-tBoC7kcQAvD\\_BwE](https://www.paho.org/pt/topicos/coronavirus?adgroupsurvey={adgroupsurvey}&gad_source=1&gclid=CjwKCAjw48-vBhBbEiwAzqrZVHab_d8waquBKZd_hyBjqvaXdhbhZEs9HQS-15MxHfVz3Z8xCkZ-tBoC7kcQAvD_BwE). Acesso em: 08 dez. 2021.

CUNHA, Ana Rita; MENEZES, Luiz Fernando. *In: AOS Fatos*. Bolsonaro chega a 1.000 declarações falsas ou distorcidas com 492 dias de mandato. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-chega-1000-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-com-492-dias-de-mandato>. Acesso em: 22 fev. 2024.

DEMISSÕES em massa, verificado pago, limite de leitura e mais: tudo que Elon Musk fez no Twitter até agora. *In: G1*. Rio de Janeiro, 09 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/09/demissoes-em-massa-verificado-pago-limite-de-leitura-e-mais-tudo-que-elon-musk-fez-no-twitter-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2023.

DIGITAL 2024: BRAZIL. *In: DATA Reportal*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 03 jul. 2024.

DIGITAL NEWS REPORT 2023 [Brazil]. *In: REUTERS Institute*. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/brazil>. Acesso em: 22 fev. 2024.

DIP, Andrea *et. al.* Elon Musk precisa de justificativa para fechamento do X/Twitter no Brasil, diz David Nemer. *In: AGÊNCIA Pública*. São Paulo, 24 ago. 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/08/elon-musk-precisa-de-justificativa-para-fechamento-do-x-twitter-no-brasil-diz-david-nemer/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

DIP, Andrea; LEVY, Clarissa; TERTO, Ricardo. Ion Musk e a extrema direita nas redes – com Estela Aranha. *In: AGÊNCIA Pública*. 19 abr. 2024. Disponível em: <https://apublica.org/podcast/2024/04/podcast-pauta-publica/elon-musk-e-a-extrema-direita-nas-redes-com-estela-aranha/>. Acesso em: 26 ago. 2024. Disponível em: <https://x.com/elonmusk/status/1829016043018190962>

DOCUMENTOS mostram que mais de 30 morreram nos dois dias de colapso por falta de oxigênio em Manaus. *In: G1*. Amazonas, 25 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/01/25/documentos-mostram-que-mais-de-30-morreram-nos-dois-dias-de-colapso-por-falta-de-oxigenio-em-manaus.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2024.

2 MOMENTOS em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. *In*: BBC News Brasil. São Paulo, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 24 abr. 2022.

É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos. *In*: G1. Rio de Janeiro, 16 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

EM 26 anos, Bolsonaro apresentou 171 projetos; dois foram aprovados. *In*: GZH. Porto Alegre, 23 jul. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/07/em-26-anos-bolsonaro-apresentou-171-projetos-dois-foram-aprovados-9850750.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

EM nova polêmica, Musk reverte moderação de conteúdo e gera reações no governo americano. *In*: INFOMONEY. 30 nov. 2022. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/em-nova-polemica-musk-reverte-moderacao-de-conteudo-e-gera-reacoes-no-governo-americano/>. Acesso em: 02 set. 2024.

ENDIREITA BRASIL. **[Perfil]**. São Paulo. Twitter: @endireitabrasil. Disponível em: <https://twitter.com/endireitabrasil>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Entenda a escalada de tensão entre Musk e Moraes, que pode derrubar o X no Brasil. *In*: G1. Brasília, 29 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/08/29/entenda-a-escalada-de-tensao-entre-musk-e-moraes-que-pode-derrubar-o-x-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ESTUDOS mostram que cloroquina não tem eficácia no tratamento do coronavírus; entenda as pesquisas. *In*: G1. Rio de Janeiro. 12 maio. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/12/estudos-mostram-que-cloroquina-nao-tem-eficacia-no-tratamento-do-coronavirus-entenda-as-pesquisas.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2024.

ESPECIALISTAS apontam desmonte na proteção do meio ambiente. *In*: AGÊNCIA Senado. Brasília, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/08/20/especialistas-apontam-desmonte-na-protECAo-do-meio-ambiente>. Acesso em: 25 abr. 2022.

EXCLUSÃO digital: Brasil ainda tem 36 milhões de pessoas sem acesso à internet, aponta pesquisa. *In*: EXTRA. Rio de Janeiro, 16 maio 2023. Disponível em: <https://extra.globo.com/brasil/noticia/2023/05/exclusao-digital-brasil-ainda-tem-36-milhoes-de-pessoas-sem-acesso-a-internet-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 03 set. 2023.

FALCÃO, Márcio. *In*: G1. 8 de janeiro: STF já condenou mais de 200 executores dos atos golpistas; penas chegam a 17 anos. Brasília, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/04/29/8-de-janeiro-stf-ja-condenou-mais->

de-200-executores-dos-atos-golpistas-penas-chegam-a-17-anos.ghtml. Acesso em: 24 ago. 2024.

FARIAS, Elaíze. Amazônia em Chamas 20: Fumaça das queimadas encobre Manaus. *In*: AMAZÔNIA Real. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-20-fumaca-das-queimadas-encobre-manaus-09-09-2020/>. Acesso em: 02 maio 2024.

FELLET, João. "Vírus chinês": como Brasil se inseriu em disputa geopolítica entre EUA e China sobre pandemia. *In*: BBC Brasil. São Paulo, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251>. Acesso em: 03 jul. 2024.

FONSECA, A. *et al.* Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (fevereiro 2021). *In*: INSTITUTO do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). 16 mar. 2021. Disponível em: <https://imazon.org.br/publicacoes/boletim-do-desmatamento-da-amazonia-legal-fevereiro-2021-sad/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

FREI BETTO. Bolsonaro e a religião. *In*: Frei Betto [site]. 31 ago. 2022. Disponível em: <https://www.freibetto.org/bolsonaro-e-a-religiao/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

FREITAS, Felipe. Twitter muda de nome, passa a se chamar X e aposenta o passarinho. *In*: TECNOBLOG. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2023/07/24/twitter-morre-mas-passa-bem-rede-social-agora-se-chama-x-e-muda-identidade-visual/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?", diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; "Sou Messias, mas não faço milagre". *In*: G1. Rio de Janeiro, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

GASPARINI, Cláudia. Por que o Twitter é tão popular entre os políticos? *In*: EXAME. São Paulo, 04 dez. 2013. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/por-que-o-twitter-e-tao-popular-entre-os-politicos/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

GUGELMIN, Felipe. CAPS LOCK: a história da tecla mais berrante de TODAS. *In*: TECMUNDO. 26 ago. 2012. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/teclado/28844-caps-lock-a-historia-da-tecla-mais-berrante-de-todas.htm>. Acesso em: 22 ago. 2024.

GULLINO, Daniel. Além da fraude em cartão de vacina, Bolsonaro é alvo de outras seis investigações no STF; veja quais. *In*: O Globo. 20 mar. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/03/20/alem-da-fraude-em-cartao-de-vacina-bolsonaro-e-alvo-de-outras-seis-investigacoes-no-stf-veja-quais.ghtml>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GULLINO, Daniel. Veja 10 vezes em que Bolsonaro criticou a CoronaVac. *In*: O Globo. Rio de Janeiro, 18 jan. 2021. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/politica/veja-10-vezes-em-que-bolsonaro-criticou-coronavac-24843568>. Acesso em: 24 ago. 2024.

HISING, Ederson. Rede social X é suspensa no Brasil após ordem de Moraes. *In*: G1. Rio de Janeiro, 31 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/08/31/rede-social-x-suspensa-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2024.

HOW many people come to Twitter for news? As it turns out, a lot. *In*: BLOG Twitter. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/topics/insights/2022/how-many-people-come-twitter-for-news](https://blog.twitter.com/en_us/topics/insights/2022/how-many-people-come-twitter-for-news). Acesso em: 21 set. 2022.

IDOETA, Paula A. A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da Covid. *In*: BBC News Brasil. 21 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 22 jan. 2024.

INDÍGENA/ETNIA. *In*: MANUAL de Comunicação da Secom [Estilo]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/indio>. Acesso em: 04 abr. 2024.

INVASÕES de terras indígenas tiveram novo aumento em 2021, em contexto de violência e ofensiva contra direitos. *In*: CONSELHO Indigenista Missionário. 16 ago. 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/2022/08/relatorioviolencia2021/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

JAIR Bolsonaro. *In*: BRASIL Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/jair-bolsonaro.htm#Resumo+sobre+Jair+Messias+Bolsonaro>. Acesso em: 01 mar. 2023.

JAIR Bolsonaro: "Sou preconceituoso, com muito orgulho". *In*: REVISTA Época. Rio de Janeiro, 02 jul. 2011. Disponível em: <https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI245890-15223,00.html>. Acesso em: 22 fev. 2024.

JOVENS de São Paulo fundam grupo para "endireitar" o país. *In*: FOLHA de SP. São Paulo, 11 mar. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1403201109.htm>. Acesso em: 22 fev. 2024.

JULHO foi mês mais fatal da pandemia de covid-19 no Brasil. *In*: UOL. São Paulo, 01 ago. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/08/01/julho-foi-mes-mais-fatal-da-pandemia-de-covid-19-no-brasil.htm>. Acesso em: 30 mar. 2024.

JUNQUEIRA, Diego. Gasto de R\$ 1,5 mi com cloroquina pelo Exército não teve aval do Ministério da Saúde, diz Mandetta. *In*: REPÓRTER Brasil. 25 jun. 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/06/gasto-de-r-15-mi-com-cloroquina-pelo-exercito-nao-teve-aval-do-ministerio-da-saude-diz-mandetta/>. Acesso em: 03 jul. 2024.

LACERDA, Nara. Vacina: Governo não pode excluir indígenas de áreas urbanas dos grupos prioritários. *In*: BRASIL de Fato. São Paulo, 16 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/16/vacina-governo-nao-pode-excluir-indigenas-de-areas-urbanas-dos-grupos-prioritarios>. Acesso em: 24 abr. 2022.

LAGO, Rudolfo. Meio ambiente: o que Bolsonaro fez para “passar a boiada”. *In*: CONGRESSO em Foco. 23 dez. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/meio-ambiente-o-que-bolsonaro-fez-para-passar-a-boiada/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

LANGLOIS, Jill. Morte de anciãos por covid-19 ameaça línguas indígenas do Brasil. *In*: NATIONAL Geographic. 18 nov. 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/11/morte-de-anciaos-por-covid-19-ameaca-linguas-indigenas-do-brasil>. Acesso em: 24 abr. 2022.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEÓN, Lucas P. Brasil, Austrália e Inglaterra: veja países onde Musk tem atritos. *In*: AGÊNCIA Brasil (EBC). Brasília, 29 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-08/alem-do-brasil-musk-tem-atritos-com-europeus-australia-e-inglaterra#:~:text=Controlada%20pelo%20multibilion%C3%A1rio%20Elon%20Musk,%2C%20a%20Venezuela%2C%20entre%20outros>. Acesso em: 01 set. 2024.

LEMONS, Branco. [Propina Bolsonaro]. São Paulo, 04 set. 2022. Twitter: @BrancoDaRadio. Disponível em: <https://twitter.com/BrancoDaRadio/status/1566555038398431239>. Acesso em: 05 set. 2022.

LIMA, Leanderson. Caos na Pandemia: Sem oxigênio, pacientes morrem asfixiados em Manaus. *In*: AMAZÔNIA Real. Amazonas, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/caos-na-pandemia-sem-oxigenio-pacientes-morrem-asfixiados-em-manaus/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

LINHA do tempo mostra os principais fatos da pandemia no Brasil. *In*: O Globo. Rio de Janeiro, 25 fev. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/linha-do-tempo-mostra-os-principais-fatos-da-pandemia-no-brasil-24897725>. Acesso em: 30 mar. 2024.

LULA Lá! Sem medo de ser feliz. *In*: FUNDAÇÃO Perseu Abramo. São Paulo. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/pt42anos/lula-la-sem-medo-de-ser-feliz/>. Acesso em: 28 set. 2022.

MACHADO, Maria Letícia; FREITAS, Rebeca. O primeiro ano de pandemia no Brasil em 43 eventos. *In*: NEXO Políticas Públicas. São Paulo, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2021/O-primeiro-ano-de-pandemia-no-Brasil-em-43-eventos>. Acesso em: 25 abr. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. In: MOTTA, Ana R.; SALGADO, Luciana (org). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, p. 11-29, 2008.

MAIS de um terço da população mundial não tem conexão com a internet, segundo a ONU. In: G1. Rio de Janeiro, 01 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2021/12/01/mais-de-um-terco-da-populacao-mundial-nao-tem-conexao-com-a-internet-segundo-a-onu.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2022.

MATTOS, Marcela. Tribunal Penal Internacional recebe denúncia da CPI contra Bolsonaro por crime contra a humanidade. In: G1. Rio de Janeiro, 10 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/02/10/cpi-da-covid-entrega-ao-tribunal-penal-internacional-denuncia-que-acusa-bolsonaro-de-crime-contra-a-humanidade.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MENEGASSI, Duda; BRAGANÇA, Daniele. Uma gestão marcada pelo autoritarismo, reestruturações, subversão de prioridades e falta de transparência de políticas públicas. In: O Eco. 23 jun. 2021. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/os-30-meses-de-ricardo-salles-a-frente-do-ministerio-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MERELES, Carla. Nacionalismo: o que é? In: POLITIZE!. 14 jun. 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/nacionalismo/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MORAES prorroga inquérito em que Bolsonaro é investigado por incitar o 8 de Janeiro. In: CARTA Capital. São Paulo, 05 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/moraes-prorroga-inquerito-em-que-bolsonaro-e-investigado-por-incitar-o-8-de-janeiro/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MOTA, Camila V. Coronavírus: o que a Ciência diz sobre o uso da cloroquina contra a covid-19. In: BBC News Brasil. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52067244>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MP pede afastamento de secretário do meio ambiente de Alckmin e indenização de 50 mi. In: BRASIL de Fato. São Paulo, 01 jun. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/06/01/mp-pede-afastamento-de-secretario-do-meio-ambiente-de-alckmin-e-indenizacao-de-50-mi>. Acesso em: 22 fev. 2024.

MUDANÇAS climáticas na percepção dos brasileiros 2021. In: INSTITUTO de Tecnologia e Sociedade do Rio (ITS). Disponível em: <https://itsrio.org/pt/publicacoes/mudancas-climaticas-na-percepcao-dos-brasileiros-2021/>. Acesso em: 02 maio 2024.

MUSK, Elon. **[Resposta ao STF]**. 29 ago. 2024. Twitter: @elonmusk. Movimento Endireita Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/endireitabrasil>. Acesso em: 24 out. 2022.

NASSIF, Luís. O movimento Endireita Brasil dentro do governo Alckmin. In: GGN. São Paulo, 03 mar. 2013. Disponível em: <https://jornalgn.com.br/politica/o-movimento-endireita-brasil-dentro-do-governo-alckmin/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

NOTA oficial da APqC sobre a indicação de Ricardo Salles para o cargo Ministro do Meio Ambiente. *In*: ASSOCIAÇÃO dos Pesquisadores Científicos do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.apqc.org.br/nota-oficial-da-apqc-sobre-a-indicacao-de-ricardo-salles-para-o-cargo-do-ministro-do-meio-ambiente/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

NOTA Pública: CNS considera que pronunciamento de Bolsonaro sobre coronavírus coloca em risco a vida de milhares de pessoas. *In*: CONSELHO Nacional de Saúde (CNS). Brasília, 25 mar. 2020. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1080-nota-publica-cns-considera-que-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-coronavirus-coloca-em-risco-a-vida-de-milhares-de-pessoas>. Acesso em: 08 maio 2022.

NÚMERO de mortes globais por Covid-19 pode ser três vezes maior do que os registros oficiais, indica estudo americano. *In*: PORTAL do Butantan. São Paulo, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/numero-de-mortes-globais-por-covid-19-pode-ser-tres-vezes-maior-do-que-os-registros-oficiais-indica-estudo-americano>. Acesso em: 12 mar. 2022.

OBAMA, Barack. **[Perfil]**. Twitter: @BarackObama. Disponível em: <https://twitter.com/barackobama>. Acesso em: 14 jun. 2022.

OLIVEIRA, Caroline. Salles afirma que "infelizmente" não conseguiu "passar a boiada". *In*: BRASIL de Fato. São Paulo, 09 fev. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/02/09/salles-afirma-que-infelizmente-nao-consegiu-passar-a-boiada>. Acesso em: 02 mar. 2024.

OLIVEIRA, Nelson; PIRES, Yolanda. Falta de normas claras e de ações coordenadas para distanciamento social prejudica combate à covid. *In*: AGÊNCIA Senado. Brasília, 09 abr. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/04/falta-de-normas-claras-e-de-aco-es-coordenadas-para-distanciamento-social-prejudica-combate-a-covid>. Acesso em: 30 mar. 2022.

OMS diz que cloroquina pode causar efeitos colaterais e não tem eficácia comprovada no tratamento da Covid-19. *In*: G1. Rio de Janeiro, 20 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/20/oms-recomenda-que-cloroquina-e-hidroxicloroquina-so-sejam-usadas-contr-a-covid-19-em-ensaios-clinicos.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2024.

O que foi o integralismo brasileiro: conheça o movimento de extrema-direita. *In*: POLITIZE! Disponível em: <https://www.politize.com.br/integralismo-brasileiro/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ORIGEM ambiental do agro. *In*: UOL. Economia. São Paulo. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/rastreabilidade-da-producao-agricola/#page5>. Acesso em: 14 jun. 2022.

OS pedidos de impeachment de Bolsonaro. *In*: AGÊNCIA Pública. Disponível em: <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/#:~:text=144%20aguardam%20an%C3%A1lise.-,Ao%20todo%2C%20mais%20de%201550%20pessoas%20e%20mais%20de%20550,pedidos%20foram%20arquivados%20ou%20desconsiderados>. Acesso em: 22 fev. 2024.

OS povos da floresta. *In*: INSTITUTO Sociedade, População e Natureza (ISPN). Disponível em: <https://ispn.org.br/biomas/amazonia/povos-e-comunidades-tradicionais-da-amazonia/#:~:text=Embora%20n%C3%A3o%20t%C3%A3o%20conhecidas%20com,o,pia%C3%A7abeiros%2C%20peconheiros%2C%20e%20outros>. Acesso em: 02 maio 2024.

PASSAR a boiada. *In*: FOLHA de S. Paulo. São Paulo, 24 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/05/passar-a-boiada.shtml>. Acesso em: 02 mar. 2024.

PEIRÓ, Patricia. “Bolsonaro acha que a mudança climática é coisa de ativistas que gritam”. *In*: EL País Brasil. São Paulo, 05 dez. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/30/internacional/1543584550\\_559566.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/30/internacional/1543584550_559566.html). Acesso em: 23 jan. 2024.

PEREIRA, Luiz C. O fim do triunfalismo neoliberal. *In*: BRESSER Pereira. jul. 1994. Disponível em: <https://www.bresserpereira.org.br/works/smallpapers/94-99FimTriunfalismoNeoliberal.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

Pesquisa A Cara da Democracia no Brasil. *In*: INSTITUTO da Democracia e da Democratização da Comunicação. Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.institutodademocracia.org/a-cara-da-democracia>. Acesso em: 21 set. 2022.

PINHEIRO, Lara. Brasil tem 30.484 mortes por Covid-19 em fevereiro, 2º maior número em toda a pandemia. *In*: G1. 01 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/01/brasil-tem-30484-mortes-por-covid-19-em-fevereiro-2o-maior-numero-em-toda-a-pandemia.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2024.

PNI 50 anos: entenda por que o programa brasileiro de vacinação é referência internacional em saúde pública. *In*: BUTANTAN. São Paulo, 13 set. 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/pni-50-anos-entenda-por-que-o-programa-brasileiro-de-vacinacao-e-referencia-internacional-em-saude-publica>. Acesso em: 22 ago. 2024.

POMBO, Bárbara. Por que Bolsonaro foi preso e por que ele saiu do Exército. *In*: VALOR Econômico. Rio de Janeiro, 02 set. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/09/02/por-que-bolsonaro-foi-presos-e-por-que-ele-saiu-do-exercito.ghtml>. Acesso em: 01 mar. 2024.

POR QUE Elon Musk fechou o X no Brasil? Entenda a escalada da tensão entre o bilionário e Alexandre de Moraes. *In*: BBC Brasil. 17 ago. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cvgev1295j7o>. Acesso em: 17 ago. 2024.

POTTER, Hyury. A trajetória política de Jair Bolsonaro. *In*: CARTA Capital. São Paulo, 26 out. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-trajetoria-politica-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

PREJUÍZO, perda de valor, menos usuários: os números do Twitter após a compra por Musk. *In*: ISTO É Dinheiro. 08 abr. 2024. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/prejuizo-perda-de-valor-menos-usuarios-os-numeros-do-twitter-desde-a-compra-por-musk/>. Acesso em: 26 ago. 2024.

PUTTI, Alexandre. Governo muda divulgação de dados do coronavírus e fala em números fantasiosos. *In*: CARTA Capital. São Paulo, 06 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/governo-muda-divulgacao-de-dados-do-coronavirus-e-fala-em-numeros-fantasiosos/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

RAMALDES, Dalva. Twitosfera: a expansão da ágora digital e seus efeitos no universo político. *In*: ASSOCIAÇÃO Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compolítica), 2009, São Paulo. **Anais eletrônicos**. Disponível em: [http://compolitica.org/novo/anais/2009\\_dalva\\_ramaldes.pdf](http://compolitica.org/novo/anais/2009_dalva_ramaldes.pdf). Acesso em: 14 jun. 2022.

REDES sociais chegam a 4 bilhões de usuários no mundo, segundo relatório. *In*: ISTO É. São Paulo, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/redes-sociais-chegam-a-4-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-segundo-relatorio/>. Acesso em: 21 set. 2022.

RELEMBRE frases de Bolsonaro sobre a covid-19. *In*: BBC Brasil. São Paulo, 07 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>. Acesso em: 22 fev. 2024.

REPÓRTER BRASIL. [Tuíte]. 2022. Twitter/X: @reporterb. Disponível em: <https://twitter.com/reporterb/status/1546830199756652545>. Acesso em: 22 fev. 2024.

RESENDE, Rodrigo. Relatório acusa governo federal de atraso na compra de vacinas e de negociações ilícitas no caso Covaxin. *In*: AGÊNCIA Senado. Brasília, 22 out. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/10/22/relatorio-acusa-governo-federal-de-atraso-na-compra-de-vacinas-e-de-negociacoes-ilicitas-no-caso-covaxin>. Acesso em: 27 abr. 2022.

RODA de Capoeira é mais novo Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. *In*: INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Brasília, 26 nov. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/66/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

RODRIGUES, Eduardo. TSE abre investigação contra Jovem Pan por isonomia a pedido de Lula. *In*: TERRA. São Paulo, 15 out. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/tse-abre-investigacao-contrajovem-pan-por-isonomia-a-pedido-de-lula,15e1ec2e956993cf31af384d52d16cba9acri6k8.html>. Acesso em: 24 ago. 2024.

RUDNITZKI, Ethel. Ex-executivo diz que Musk acabou com moderação no Twitter mesmo ciente do risco de violência no Brasil. *In*: AOS Fatos. 30 jun. 2023. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/musk-twitter-violencia-brasil/>. Acesso em: 02 set. 2024.

SAKAMOTO, Leonardo. Cena de culto à cloroquina mostra que ela se tornou símbolo do bolsonarismo. *In*: UOL. São Paulo, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/07/20/cena-de-culto-a-cloroquina-mostra-que-ela-se-tornou-simbolo-do-bolsonarismo.htm>. Acesso em: 22 jan. 2024.

SALLES, Ricardo. [**Liberalismo econômico**]. Brasília, 20 set. 2022. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1572194032973152257>. Acesso em: 20 set. 2022.

SALLES, Ricardo. [**Resposta à Anitta**]. Brasília, 23 fev. 2022. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1496442448112984070>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SALLES, Ricardo. [**Resposta à Anitta 2**]. Brasília, 23 fev. 2022. Twitter: @rsallesmma. Disponível em: <https://twitter.com/rsallesmma/status/1496582265299681281>. Acesso em: 24 fev. 2022.

SARDINHA, Edson. Bolsonaro é recordista de denúncias no conselho de ética da câmara. *In*: UOL. São Paulo, 05 ago. 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/pre-candidato-a-presidencia-bolsonaro-e-recordista-de-denuncias-na-camara/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SCHMIDT, Sarah. Os caminhos da desinformação nas redes sociais na pandemia. *In*: PESQUISA Fapesp. São Paulo, 07 out. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-caminhos-da-desinformacao-nas-redes-sociais-na-pandemia/>.

SEGUNDA onda de covid-19 no Brasil. *In*: UOL. Mundo Educação. São Paulo. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/doencas/segunda-onda-de-covid-19-no-brasil.htm>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SEM máscara, Bolsonaro provoca aglomeração em viagem ao Mato Grosso. *In*: UOL. São Paulo, 18 set. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/18/sem-mascara->

bolsonaro-provoca-aglomeracao-em-viagem-ao-mato-grosso.htm#:~:text=Sem%20m%C3%A1scara%2C%20Bolsonaro%20provoca%20a%20glomeracao%20em%20matos,%2F09%2F2020%20%2D%20UOL%20Not%C3%ADcias. Acesso em: 22 abr. 2024.

SHALDERS, André. MPF pede afastamento de Ricardo Salles do cargo de ministro do Meio Ambiente. *In*: BBC Brasil. Brasília, 06 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53315681>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro diz que não comprará vacina chinesa, mesmo se aprovada pela Anvisa. *In*: CORREIO Braziliense. Brasília, 22 dez. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4883906-bolsonaro-diz-que-nao-comprara-vacina-chinesa-mesmo-se-aprovada-pela-anvisa.html>. Acesso em: 16 maio 2020.

SOPRANA, Paula; PASSOS, Paulo; WIZIACK, Júlio. Como a Jovem Pan virou a voz do bolsonarismo. *In*: FOLHA de S. Paulo. São Paulo, 17 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/como-a-jovem-pan-virou-a-voz-do-bolsonarismo.shtml>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SPINA, Paulo R. Grupos políticos de direita e a participação nas eleições de 2018. **Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos**. v. 8, n. 3, set.–dez., p. 287-312, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Dell/Desktop/admagpol,+10.Livres+287-312.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF). **[Intimação a Elon Musk]**. Brasília, 28 ago. 2024. Twitter: @STF\_oficial. Disponível em: [https://x.com/STF\\_oficial/status/1828945594963873896](https://x.com/STF_oficial/status/1828945594963873896). Acesso em: 29 ago. 2024.

STF confirma anulação de condenações do ex-presidente Lula na Lava Jato. *In*: STF Notícias. Brasília, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=464261&ori=1>. Acesso em: 12 jun. 2022.

STF referenda medidas de enfrentamento da Covid-19 em terras indígenas. *In*: STF Notícias. Brasília, 05 ago. 2020. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=448997&ori=1>. Acesso em: 02 maio 2024.

TATEMOTO, Rafael. Lula é condenado sem provas a 9 anos por Moro; decisão não impede candidatura. *In*: BRASIL de Fato. São Paulo, 12 jul. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/07/12/lula-e-condenado-a-9-anos-de-prisao-por-sergio-moro-decisao-nao-impede-candidatura>. Acesso em: 12 jun. 2022. Tribunal Penal Internacional. Disponível em: <https://www.icc-cpi.int/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

This is a test of Twitter's new Edit Tweet feature. This is only a test. *In*: BLOG Twitter. Disponível em: [https://blog.twitter.com/en\\_us/topics/product/2022/twitter-new-edit-tweet-feature-only-test](https://blog.twitter.com/en_us/topics/product/2022/twitter-new-edit-tweet-feature-only-test). Acesso em: 21 set. 2022.

TRIGUEIRO, André; BISCHOFF, Wesley. Ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles vira réu em ação que apura exportação ilegal de madeira. *In*: G1. São Paulo, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/28/ricardo-salles-reu.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

TSE declara inelegíveis Bolsonaro e Braga Netto por abuso de poder no Bicentenário da Independência. *In*: TRIBUNAL Superior Eleitoral (TSE). Brasília, 31 dez. 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Outubro/tse-declara-inelegiveis-bolsonaro-e-braga-netto-por-abuso-de-poder-no-bicentenario-da-independencia>.

TWITTER testa aumento do limite de caracteres para 280. *In*: BLOG Twitter. Disponível em: [https://blog.twitter.com/pt\\_br/topics/product/2017/Twitter-testa-aumento-do-limite-de-caracteres-para-280#:~:text=O%20Twitter%20inicia%20nesta%20ter%C3%A7a,Tweets%20de%20at%C3%A9%20280%20caracteres](https://blog.twitter.com/pt_br/topics/product/2017/Twitter-testa-aumento-do-limite-de-caracteres-para-280#:~:text=O%20Twitter%20inicia%20nesta%20ter%C3%A7a,Tweets%20de%20at%C3%A9%20280%20caracteres). Acesso em: 21 set. 2022.

VACINAÇÃO contra a Covid começa em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal. *In*: G1. Rio de Janeiro, 19 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/01/19/vacinacao-contra-a-covid-comeca-em-todos-os-estados-brasileiros-e-no-distrito-federal.ghtml>. Acesso em: 25 abr. 2022.

VAZ, Tatiana. Grupo oferece R\$1.000 por hostilidade contra Ciro Gomes. *In*: EXAME. São Paulo, 02 abr. 2016. Disponível em: <https://exame.com/brasil/grupo-oferece-r-1-000-por-hostilidade-contra-ciro-gomes/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

VELOSO, Thássius. Elon Musk encerra operação do X/Twitter no Brasil e demite funcionários. *In*: TECNOBLOG. 17 ago. 2024. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/elon-musk-encerra-operacoes-do-x-twitter-no-brasil-e-demite-funcionarios/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

WATANABE, Phillippe. Em 14 dias do mês, Amazônia já tem mais queimadas que em todo setembro do ano passado. *In*: FOLHA de S. Paulo. São Paulo, 15 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2020/09/em-14-dias-do-mes-amazonia-ja-tem-mais-queimadas-que-em-todo-setembro-do-ano-passado.shtml>. Acesso em: 02 maio 2024.

ZIEGLER, Maria Fernanda. Saúde precária e postura anti-indígena exacerbaram mortes por COVID-19 na Amazônia, avaliam cientistas. *In*: AGÊNCIA Fapesp. 20 ago. 2021. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/saude-precaria-e-postura-anti-indigena-exacerbaram-mortes-por-covid-19-na-amazonia-avaliam-cientistas/36634/>. Acesso em: 24 abr. 2022.